

EDUARD HENRY LUI

**MEMÓRIA, ORALIDADE E ESCOLARIZAÇÃO: OS DISCURSOS
PRODUZIDOS SOBRE PRÁTICAS ESCOLARES E RELAÇÕES DE
AFETIVIDADE NA ESCOLA CONFSSIONAL BATISTA GRACIOSA
(1981-2003)**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação, linha de pesquisa em História e Historiografia da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio de Sá Machado Júnior.

CURITIBA

2016

Catálogo na Publicação
Cristiane Rodrigues da Silva – CRB 9/1746
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação – UFPR

Lui, Eduard Henry

Memória, Oralidade e Escolarização: os discursos produzidos sobre práticas escolares e relações de afetividade na Escola Confessional Batista Graciosa (1981-2003). / Eduard Henry Lui. – Curitiba, 2016.
265 f.

Orientador: Profº Drº Cláudio de Sá Machado Júnior.
Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

1. História Oral – Memórias. 2. Escolas Batista – Educação.
3. Escola Graciosa. I.Título.

CDD 370.981



PARECER

Defesa de Dissertação de Eduard Henry Lui para obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO. Os abaixo assinados, Prof. Dr. Cláudio de Sá Machado Júnior, Prof. Dr. Edilson Soares de Souza, Prof.ª Dr.ª Roseli Terezinha Boschilia, Prof. Dr. Marcus Levy Albino Bencostta, arguíram, nesta data, o candidato acima citado, o qual apresentou a seguinte Dissertação: "MEMÓRIA, ORALIDADE E ESCOLARIZAÇÃO: OS DISCURSOS PRODUZIDOS SOBRE PRÁTICAS ESCOLARES E RELAÇÕES DE AFETIVIDADE NA ESCOLA CONFSSIONAL BATISTA GRACIOSA (1981-2003)".

Procedida a arguição, segundo o Protocolo aprovado pelo Colegiado, a Banca é de Parecer que o candidato está Apto ao Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIÇÃO
Prof. Dr. Cláudio de Sá Machado Júnior	<i>Cláudio Jr.</i>	<i>Aprovado</i>
Prof. Dr. Edilson Soares de Souza	<i>Edilson S. Souza</i>	<i>Aprovado</i>
Prof.ª Dr.ª Roseli Terezinha Boschilia	<i>Roseli Boschilia</i>	<i>Aprovado</i>
Prof. Dr. Marcus Levy Albino Bencostta	<i>Marcus Levy</i>	<i>Aprovado</i>

Curitiba, 23 de maio de 2016.

Prof.ª Dr.ª Maria Rita de Assis César
Coordenadora do PPGE

Prof.ª Dr.ª Maria Rita de Assis César
Matrícula: 159085
Coordenadora do Programa de
Pós-Graduação em Educação

Aos presentes recebidos de Deus:

Dirceu Turra Lui (pai)
Maria de Lourdes Lui (mãe)
Camila Gasparin Santos Lui (esposa)
Júlia Fernandez Lui (filha)
Davi Santos Lui (filho)
Lucas Santos Lui (filho)

AGRADECIMENTOS

São poucas páginas perto do grande número de pessoas que contribuíram para a minha vida ao longo dessa jornada acadêmica. Teria muito a dizer. No entanto, deixo registrado apenas o meu muito obrigado por tudo que fizeram e que fazem por mim. Tenho todos no meu coração, na minha mente e minha memória.

Agradeço a grande equipe técnica que me auxiliou na elaboração de resumos, textos, correções, leituras, ideias, dicas etc. Não posso deixar de agradecer nominalmente a Martha Thiesen Schwinden que leu todo trabalho e me ajudou desde a primeira versão na revisão ortográfica e de estilo; pacientemente recebeu textos e mais textos praticamente em cima da hora de entrega. Ao grande parceiro Igor Debiasi Santos, que também contribuiu com suas ideias e conceitos, também, recebendo demandas desesperadas. Lilimar Weissmann que leu, criticou, elogiou e me ajudou a transformar o texto final. Antônio César Camargo Miranda, meu colega historiador, ex-aluno brilhante em história, auxiliou muito com nossas conversas sobre protestantes escravos, seu trabalho contribuiu muito em minha pesquisa. A querida Katherine Scott que me ajudou com a construção do abstract, bem como Priscila Célia Giacomassi em minha última versão.

Tenho muito a agradecer aos amigos do Colégio Graciosa, minha ex-casa, objeto de estudo e certamente um lugar abençoado onde tive o prazer de trabalhar por dez anos e me tornar um professor. A todos os professores, alunos e funcionários com quem tive a honra de conviver e em especial àqueles que se tornaram minhas fontes, seus depoimentos foram fundamentais para a construção desta dissertação. Professor Carlos Roberto Weidman, João Arthur Weidman Júnior, Rosimeri Speranseta, Eliseu Ferreira de Lima, professora Sueli Naime Krukli Sak, Leandro Bossardi, Kayra Maite Boaretto Farah e Sandra Mara Weidman, a todos vocês meu agradecimento mais que especial. À diretora da escola professora Vanelli Lopes Purin Sousa que prontamente me atendeu desde a minha primeira visita, sempre com sua

simpatia, educação e competência. Agradeço em especial *in memoriam* ao Pastor João Arthur Weidman que fundou a Escola Graciosa e passou a todos os que trabalharam e estudaram ali verdadeiros valores da fé cristã.

Ao meu orientador professor Dr. Claudio de Sá Machado Júnior, que encarou o desafio de desenferrujar alguém que estava há mais de dez anos longe do meio acadêmico. Agradeço aos meus colegas que entraram em 2014 na linha História e Historiografia e que ao longo das aulas, encontros e bate-papo contribuíram para a formação acadêmica. Especialmente agradeço ao meu colega Marcelo Silveira Siqueira que ao longo desses meses se tornou um amigo, juntos dividimos ideias, textos, lamentos, alegrias e construímos trabalhos que dialogam e se aproximam em muitos aspectos.

A todos os professores da linha História e Historiografia da UFPR, muito contribuíram com suas aulas, ideias, textos e com a impecável organização que demonstraram, um verdadeiro compromisso com uma educação de qualidade e excelência.

Ao meu amigo de longa data, Dr. Ederson Prestes Santos Lima, que me incentivou e ajudou nos momentos de desespero de entregar projetos e realizar as provas, sempre com palavras de ânimo e incentivo.

Aos amigos e colegas do Dom Bosco/Pearson onde iniciei o mestrado, o apoio dado por vocês, em especial à minha ex-chefe e amiga Heloisa Harue Takazaki que compreendeu e deu total apoio para que eu iniciasse essa jornada. Aos amigos e colegas do IFPR Campus Colombo que me acompanharam no final dessa jornada.

Aos meus filhos Júlia, Davi e ao pequeno Lucas, que chegou junto com o mestrado; são as três maiores razões da minha luta diária.

À minha querida esposa Camila. Sempre paciente, sempre com palavras de ânimo, coragem, incentivo, amor, carinho e cuidado. A minha parceira para todas as horas.

Finalmente agradeço a duas pessoas muito especiais, que viram em uma criança que talvez fosse parar em um orfanato a esperança e o futuro.

Nunca criaram sonhos para que eu protagonizasse, nasci no coração de dois gigantes que fizeram de tudo para que um dia eu fosse simplesmente feliz, com as minhas próprias escolhas. Dedico meu saber, meu esforço, minha formação a eles Dirceu e Lourdes, meus pais, meus amigos e minha inspiração.

À minha querida e amada avó Angelina, em sua memória e a herança que recebi em amor, bondade e principalmente, fé.

A Deus, que me proporcionou tudo isso e ainda mais.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar as narrativas de memórias de ex-alunos, professores e ex-professores da Escola Graciosa, instituição confessional protestante de educação básica, de origem leta, situada na cidade de Quatro Barras, região metropolitana de Curitiba, desde 1981. A instituição confunde-se com a existência da Igreja Batista situada no mesmo prédio e a ela integrada. O recorte cronológico de fundação da escola torna indispensável as considerações dos pressupostos que concernem aos domínios da história do tempo presente e de sua respectiva contextualização histórica no processo de reabertura democrática que marcou a historiografia brasileira neste momento. Por sua vez, a metodologia da história oral orienta à criação de um acervo de depoimentos de narrativas de experiências vividas na instituição escolar. Assim, para além de uma mera história institucional, e cabendo aos pressupostos da memória as bases para a construção do discurso histórico e da identidade, verifica-se como se constituíram esses discursos de memória, como apresenta, práticas e costumes imbricados à cultura escolar. Considera-se a seleção mnemônica da narrativa, privilegiando-se não somente as recordações sobre as práticas escolares, mas também as relações de afetividade rememoradas deste lugar. Quais similaridades e dissonâncias há entre os discursos produzidos sobre as memórias desta instituição de ensino? Como se produzem os discursos sobre comportamentos de adaptação e desvio de normas na escola cuja orientação pedagógica preservou a disciplina rígida, de base educacional cristã? Como os usos da memória, a partir deste estudo de caso, podem contribuir para a compreensão do conhecimento em história da educação no referido período? Nestes termos, verifica-se quais narrativas se fizeram presentes nas memórias sobre as experiências vividas na Escola Graciosa, preenchendo uma lacuna ainda incipiente no âmbito da história da educação batista.

Palavras-chave: Memórias escolares. História oral. Cultura escolar. Educação Batista. Escola Graciosa.

ABSTRACT

The present study intends to reflect on the uses of memory in the process of the construction of the historical narratives about the experiences at Graciosa School, which is a Protestant institution of primary education, located in Quatro Barras, near Curitiba, since 1981. The institution is confused with the existence of the Baptist Church located in the same building and it integrated. The time of the foundation of the school is essential to the assumptions concerned to the particular history at that moment and to its historical contextualization in the process of the reopening of the democracy which marked the history of Brazil. The methodology of oral history leads to the creation of a collection of narratives that works as evidences of the experiences lived within this institution. So, beyond an institutional history, and depending on memories to construct a historical discourse and identity, it is important to check the social practices and practices that were part of the discourse about the life experiences at Graciosa school, paying attention not only to the memories of the school practices, but also to the social and emotional relationships developed there. What similarities and discrepancies are there in the discourses produced about the memories of this school? How are the discourses on behaviors - regarding adaptation and transgression of rules - produced, taking in consideration the pedagogical orientation of the school that preserved the strict discipline of an educational Christian basis? How can the uses of memory, according to this case study, contribute to the understanding of the educational history at that period? Therefore, it is possible to indicate which narratives take place in the memories based on the experiences lived in Graciosa School, in this way filling the gap still incipient in the realm of Baptist education.

Key-words: School memories. Oral history. School culture. Baptist education. Graciosa School.

LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 1- FOTOGRAFIA DE JORNAL: RUA AQUIDABAN - CURITIBA - PR
- UM DOS LOCAIS ALUGADOS PARA SERVIR DE TEMPLO À
PRIMEIRA IGREJA BATISTA DE CURITIBA (ATUAL RUA
EMILIANO PERNETA), QUE PASSOU A SER,
POSTERIORMENTE, A SEDE DA FACULDADE DE DIREITO DE
CURITIBA E DO COLÉGIO NOVO ATENEU.
FONTE: ACERVO DA PRIMEIRA IGREJA BATISTA DE
CURITIBA..... 61
- FIGURA 2- FOTOGRAFIA DO TEMPLO PRÓPRIO DA PRIMEIRA IGREJA
BATISTA DE CURITIBA. RUA VISCONDE DE GUARAPUAVA -
CURITIBA - PR - FEVEREIRO DE 1936.
FONTE: ACERVO DA PRIMEIRA IGREJA BATISTA DE
CURITIBA..... 62
- FIGURA 3- FOTOGRAFIA DOS MISSIONÁRIOS JOÃO ARTHUR E NILCE
NEYDE WEIDMAN. PIONEIROS NO TRABALHO
EVANGELÍSTICO LETO NO LITORAL DO PARANÁ.
FONTE: ACERVO PESSOAL DE SANDRA MARA WEIDMAN
..... 64
- FIGURA 4- FOTOGRAFIA TIRADA EM 1970, COM PESSOAS EM FRENTE À
PRIMEIRA CASA DOS MISSIONÁRIOS EM QUATRO BARRAS,
JOÃO E NILCE NEYDE WEIDMAN. PRIMEIRA E.B.D. (ESCOLA
BÍBLICA DOMINICAL) ORGANIZADA PELA ESPOSA DO
MISSIONÁRIO.
FONTE: ACERVO PESSOAL DE SANDRA MARA WEIDMAN 73
- FIGURA 5 - FOTOGRAFIA TIRADA EM 1975. PRIMEIRO TEMPLO
EVANGÉLICO FUNDADO EM QUATRO BARRAS PELO PR.
JOÃO WEIDMAN. NESTE TERRENO SERIA FUNDADA A
ESCOLA GRACIOSA.
FONTE: ACERVO PESSOAL DE SANDRA MARA WEIDMAN 74

- FIGURA 6- FOTOGRAFIA DA FACHADA DO COLÉGIO GRACIOSA ATUALMENTE – QUATRO BARRAS-PR.
FONTE: ARQUIVO DO COLÉGIO GRACIOSA EM QUATRO BARRAS..... 75
- FIGURA 7- RECORTE DO JORNAL BATISTA PARANAENSE EXALTANDO A CRIAÇÃO DO JARDIM DE INFÂNCIA EM QUATRO BARRAS - 1981.
FONTE: ACERVO PESSOAL DA PROFESSORA SUELI NAIME KRUKLIS SAK..... 78
- FIGURA 8- FOTOGRAFIA DE DOCUMENTO QUE SOLICITA RELAÇÃO DE DOCUMENTOS NECESSÁRIOS AO PROCESSO DE AUTORIZAÇÃO DE FUNCIONAMENTO DE CLASSES PRÉ-ESCOLARES.
FONTE: ACERVO PESSOAL DA PROFESSORA SUELI NAIME KRUKLIS SAK..... 82
- FIGURA 9- FOTOGRAFIA TIRADA EM 1973, DA CONSTRUÇÃO DO PRIMEIRO TEMPLO BATISTA EM QUATRO BARRAS.
FONTE: ACERVO PESSOAL DE SANDRA MARA WEIDMAN.... 94
- FIGURA 10- FOTO DE RECORTE DA AGENDA DOS ALUNOS CONTENDO INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A DISCIPLINA.
FONTE: ARQUIVO DO COLÉGIO GRACIOSA EM QUATRO BARRAS..... 108
- FIGURA 11- FOTO DO DESFILE DE ABERTURA DAS GRACIMPÍADAS. DELEGAÇÃO CAMPEÃ DA GRACIMPÍADA DO ANO ANTERIOR. NÃO HÁ INFORMAÇÃO SOBRE A DATA.
FONTE: ACERVO PESSOAL DE SANDRA MARA WEIDMAN.....
..... 121
- FIGURA 12- FOTOGRAFIA DO MOMENTO DE PREMIAÇÃO DOS JOGOS. NÃO HÁ INFORMAÇÃO SOBRE A DATA.
FONTE: ACERVO PESSOAL DE SANDRA MARA WEIDMAN.....
..... 122

FIGURA 13- FOTOGRAFIA EM PRETO E BRANCO DA PRIMEIRA TURMA DA ESCOLA COM A PROFESSORA SUELI NAIME KRUKLIS.
FONTE: ACERVO PESSOAL DE SANDRA MARIA WEIDMAN

..... 123

FIGURA 14- FOTOGRAFIA DE RECORTE DO MANUAL DO PROFESSOR – 2012.
FONTE: ACERVO COLÉGIO GRACIOSA EM QUATRO BARRAS

..... 126

FIGURA 15- A FOTO REFERE-SE AO INÍCIO DA CONSTRUÇÃO DO PRÉDIO DA ESCOLA COM A PARTICIPAÇÃO DOS INTEGRANTES DA IGREJA E COLÉGIO. NA FOTO APARECEM (DA ESQUERDA PARA A DIREITA): JOÃO ARTHUR WEIDMAN JUNIOR, ATUAL DIRETOR FINANCEIRO DO COLÉGIO; HUGO SONNENBERG, ATUAL PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTORISTA; EURICO FERREIRA DE LIMA, ATUAL RESPONSÁVEL PELO SETOR DE REPROGRAFIA E MOTORISTA; PR. WALTERS FRICHEMBRUDERS, ATUALMENTE EM PORTUGAL; CARLOS ROBERTO WEIDMAN, ATUAL DIRETOR GERAL DO COLÉGIO E PASTOR DA IGREJA BATISTA EM QUATRO BARRAS; E O PEDREIRO MARCELINO PARZUTO.

FONTE: ACERVO PESSOAL DE SANDRA MARA WEIDMAN.....

..... 130

FIGURA 16- IMAGEM DE UM CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO DE UM CULTO COM A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS – 2012.
FONTE: ACERVO COLÉGIO GRACIOSA EM QUATRO BARRAS..

..... 135

FIGURA 17- FORMATURA DE TURMA PRÉ-ESCOLAR. GINÁSIO ESPORTE CLUBE PINHEIROS. NÃO HÁ INFORMAÇÃO SOBRE A DATA
FONTE: ACERVO PESSOAL DE SANDRA MARA WEIDMAN

..... 137

FIGURA 18- FOTO DE BILHETE QUE TRAZ O COMUNICADO AOS PAIS SOBRE UM MUSICAL DE ENCERRAMENTO DO ANO LETIVO
FONTE: ACERVO COLÉGIO GRACIOSA EM QUATRO BARRAS..

..... 138

FIGURA 19-ÚLTIMA SOLENIDADE DE FORMATURA DE 8º ANO PRESIDIDA PELO PASTOR JOÃO WEIDMAN. SEM INFORMAÇÃO DE DATA. FONTE: ACERVO PESSOAL DE SANDRA MARA WEIDMAN.....	139
FIGURA 20- FOTOGRAFIA DO CORAL DE PROFESSORES DA ESCOLA EM APRESENTAÇÃO PARA REUNIÃO COM OS PAIS – 1999. FONTE: ACERVO PESSOAL DE SANDRA MARA WEIDMAN.....	140
FIGURA 21- FOTOGRAFIA DO DESFILE CÍVICO POR OCASIÃO DO ANIVERSÁRIO DE QUATRO BARRAS FONTE: ACERVO PESSOAL DE SANDRA MARA WEIDMAN.....	141
FIGURA 22-CÓPIA DE COMUNICADO OFICIAL DA ESCOLA SOBRE VISITA A LAR DE IDOSOS. FONTE: ACERVO COLÉGIO GRACIOSA EM QUATRO BARRAS..	149

LISTA DE TABELAS E ESQUEMAS

- TABELA 1- SÍNTESE DE INFORMAÇÕES DAS FICHAS DOS ALUNOS.
FONTE: O AUTOR (2016) 87
- TABELA 2- RELAÇÃO DENOMINAÇÃO RELIGIOSA E QUANTIDADE DE
DOCENTES PERTENCENTES A CADA DENOMINAÇÃO
CRISTÃ.
FONTE: DIREÇÃO PEDAGÓGICA COLÉGIO GRACIOSA EM
QUATRO BARRAS 125
- ESQUEMA 1-RELAÇÃO DA IGREJA BATISTA EM QUATRO BARRAS
COM A CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA E DEMAIS
ASSOCIAÇÕES.
FONTE: O AUTOR (2016) 68
- ESQUEMA 2-RELAÇÃO DA IGREJA COM A ESCOLA QUANTO A SUA
ADMINISTRAÇÃO
FONTE: O AUTOR (2016) 111

LISTA DE ABREVIATURAS

- ABLB - Associação Batista Leta do Brasil
- CBB - Convenção Batista Brasileira
- CBP - Convenção Batista Paranaense
- CIEM - Centro Integrado de Educação e Missões
- EBD - Escola Bíblica Dominical
- EBF - Escola Bíblica de Férias
- EQUATORIAL- Faculdade Teológica Batista Equatorial
- HEC - Hospital Evangélico de Curitiba
- IBER - Instituto Batista de Educação Religiosa
- LBP - Lar Batista Paranaense
- PIB CURITIBA- Primeira Igreja Batista de Curitiba

PIB PARANAGUÁ- Primeira Igreja Batista de Paranaguá

PV - Palavra da Vida

RMC - Região Metropolitana de Curitiba

SEC - Seminário de Educação Cristã

STBSB - Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil

STBNB - Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 MEMÓRIAS DE UMA ESCOLA GRACIOSA	24
1.1 APRESENTAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	24
1.2 REVISÃO DE LITERATURA	29
1.2.1 História e tempo presente	29
1.2.2 Produções acadêmicas	32
1.3 AFETIVIDADE	34
1.4 MEMÓRIA E HISTÓRIA	41
1.5 METODOLOGIA DA HISTÓRIA ORAL	47
2 OS BATISTAS E A EDUCAÇÃO PROTESTANTE	54
2.1 ORIGENS BATISTAS	54
2.2 BATISTAS NO BRASIL	55
2.2.1 Batistas no Paraná	60
2.2.2 Trabalho batista em Quatro Barras (PR) – motivações	62
2.2.3 Vinculações da igreja de Quatro Barras com demais instituições batistas	66
2.3 OS BATISTAS E A EDUCAÇÃO	69
2.3.1 Educação batista e Escola Graciosa	71
2.4 HISTÓRIA DA ESCOLA GRACIOSA	75
3 OS PRIMEIROS PASSOS DA ESCOLA	80
3.1 CONFLITOS COM A CIDADE	91
3.2 ESCOLA IGREJA OU IGREJA ESCOLA?	110
4 MEMÓRIAS DE VIVÊNCIAS ESCOLARES	114
4.1 MEMÓRIAS DAS AULAS: O COTIDIANO ESCOLAR	115
4.2 MEMÓRIAS DAS GRACIMPÍADAS	120
4.3 MEMÓRIAS SOBRE O CORPO DOCENTE	123
4.4 MEMÓRIAS DOS ACAMPAMENTOS	131

4.5 MEMÓRIAS DOS CULTOS.....	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
FONTES	152
REFERÊNCIAS	154
SITES CONSULTADOS.....	161
DEPOIMENTO.....	162
ENTREVISTAS.....	165
ANEXOS	232

INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado perpassa as relações de um grupo étnico com sua religião, suas práticas e seus costumes, bem como a aplicação dessa cultura, com ideais e perspectivas no doutrinamento e na educação da comunidade na qual está inserido. Falamos da Escola Graciosa em Quatro Barras, uma escola confessional, de denominação Batista onde seus fundadores foram famílias de origem Leta.

Excetuando a origem de seus fundadores, a Letônia, talvez mais nenhum elemento chamasse a atenção e despertasse motivação extra para um olhar mais aprofundado sobre a Escola Graciosa, afinal, são inúmeras as escolas confessionais que estão em atividade há anos nas cidades brasileiras; capitais, interior, litoral e regiões metropolitanas.

O que chama a atenção na Escola Graciosa é, exatamente suas relações de afetividade, motivos de lembranças saudosistas e momentos de indignação e rejeição aos seus princípios, os quais recheiam os sentimentos daqueles que por ali passaram. Mais que construir uma narrativa sobre a origem e formação da escola, a presente dissertação utiliza-se de um método indiciário para compor as marcas que a escola deixou na vida daquela comunidade escolar.

Considerando os pressupostos da linha de pesquisa em História e Historiografia da Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR, a presente dissertação de mestrado caracteriza-se como um estudo de cunho histórico, cuja finalidade centramos no levantamento de dados a respeito das características gerais da Escola Graciosa. Pretendemos dessa forma verificar aspectos sobre as experiências sociais presentes nas narrativas que tangem as memórias escolares de ex-alunos, professores e ex-professores dessa instituição.

Para esta dissertação utilizamos especialmente o recurso da oralidade, optando seguir a metodologia da História Oral, resgatando memórias vivenciadas durante suas vidas na escola, quer como alunos ou funcionários.

Para isso consideramos o levantamento da documentação histórica, como normas e procedimentos padrões, tais como boletins informativos e fotografias, por exemplo. Além de buscarmos nas narrativas de memória a percepção identitária que esses sujeitos da comunidade escolar fazem sobre si.

Realizamos também um levantamento documental de acervo disponibilizado pela escola. Dentre esses documentos, destacam-se as seguintes fontes escritas: atas de oficialização da fundação da escola; projeto político e pedagógico; autorizações de funcionamento; reconhecimento dos cursos de 1º e 2º graus; matriz curricular; registros de alunos; manuais de aluno e professor; comunicados; cartas/depoimento de ex-alunos etc.

As fontes iconográficas, especialmente as fotográficas, trazem em seu conteúdo imagens dos fundadores, dos locais onde haviam estabelecido o trabalho missionário, das turmas de formandos, da construção da escola, dos professores, das confraternizações, das atividades de cunho religioso, civis e cotidianas. As fotografias foram recolhidas tanto na comunidade quanto nos arquivos da instituição.¹

Consideramos também a crítica externa e interna do material no que se refere às condições de produção, assim como o conteúdo das imagens, respectivamente, entrelaçando-o aos contextos humanos e às relações sociais tal como sugere LE GOFF (2013).

Para esta elaboração partiremos de alguns conceitos fundamentais, tais como a compreensão da relação da pesquisa histórica com o tempo presente; as questões relacionadas às definições de memória no âmbito das ciências humanas – considerando noções de lugar, individualidade e coletividade –, delineando-nos quando necessário a um estudo submetido ao método indiciário da história cultural.

O recorte temporal demarcado situa-se entre os anos de 1981, início da organização da primeira turma, ainda conhecida como Graciosa Clube Infantil e 2003, o qual se deu o falecimento do pastor fundador da igreja e da escola.

¹ A interpretação dessas imagens deve ser lida em consideração às condições da produção, seleção e preservação do material iconográfico (RAGAZZINI, 2001).

Esse fato foi selecionado, levando em consideração as significativas mudanças na administração e condução espiritual tanto da igreja como da Escola Graciosa.

Nesse recorte, por meio de narrativas de memórias escolares, observaremos algumas transformações ocorridas na vida de quem passou pela escola, bem como a sociabilidade estabelecida entre família fundadora da escola, professores, funcionários e alunos. Tomamos aqui “história do tempo presente” e “história recente”, dentre outros termos posteriormente citados, como sinônimos. Já os termos “história do presente”, “história próxima” e “história imediata” não se referem exatamente à mesma cronologia².

Conforme aponta Peter Burke (1992, p. 12) devemos fazer a história a partir de problemas, questões. Assim buscamos compreender como a escola poderia ter influência na formação cultural da sociedade local, inculcando hábitos e costumes ao segmento social que a frequentava, mesmo por meio da tolerância mútua, considerando possíveis conflitos com aqueles que não compactuavam com os mesmos preceitos religiosos.

Pretendemos perceber tal intento por meio da realização de entrevistas e sua posterior releitura e interpretação, contrapondo discursos e problematizando a noção de pertencimento ou não.

Verificamos a importância de a História manter diálogo com outras ciências sociais, tais como a Sociologia, Psicologia e outras pertencentes às Humanidades, partindo da interdisciplinaridade para a construção de uma narrativa específica no campo da História da Educação.

A afetividade surge no contexto da pesquisa como um princípio básico da relação do ser humano com o meio em que está inserido. Sabemos que as relações humanas são fundamentais e servem como condutoras dos comportamentos individuais. A afetividade, bem como a própria memória, defende Freire (1997, p. 82), faz parte do processo de aquisição do

² Segundo Chauveau e Tétart (1999), na obra *Tempo Presente*, esses três tempos históricos fazem parte de um tempo muito contemporâneo, que seria a partir do segundo terço do século XX.

conhecimento, elas contribuem para direcionar as pessoas. Assim, é fundamental considerar as emoções e os sentimentos, pois é por meio deles se que expressa a vida afetiva (SECCO, 2015, p. 36).

O conceito afetividade não é simples de ser tratado, ele possui sentido amplo e o senso comum lhe atribui sinônimos como: carinho, amizade, afeição, afeto etc. no entanto tal palavra pode adquirir diferentes significados (AMADO *et al.*, 2009), o sentido irá depender do contexto, e da construção teórica levando em consideração os modelos e padrões utilizados. Para Ribeiro (2010) o que dá sentido à afetividade é a forma como se expressam ou se frisam sentimentos e emoções.

Em síntese, concebemos afetividade como a forma que o ser humano organiza internamente e expõe seu tratar com as emoções e sentimentos, da sua capacidade de interagir com o meio em que vive. Não pretendemos aqui dar conta de todos os significados e teorias a respeito da afetividade, menos ainda traçar uma análise total das relações afetivas observadas nos entrevistados, nos limitamos apenas ao âmbito educativo e das relações que permearam diretamente a vivência na Escola Graciosa. Imbuídos desse raciocínio, utilizamos tal conceito para compreender de que forma tais relações afetivas desenvolvidas no contexto dos relacionamentos na Escola Graciosa, afetaram a vida particular dos entrevistados e como essa afetividade foi representada por eles em seus discursos, tanto no dito como no não dito.

Entendemos que esta dissertação de mestrado, pela lacuna verificada sobre os estudos a respeito da Escola Graciosa, tem muito a contribuir para com a área de História e Historiografia da Educação.

Esta pesquisa visa a fornecer elementos e abordagens que se apliquem especificamente ao estudo de escolas que apresentam perfil semelhante, dando subsídios para verificação de uma possível permanência do pensamento étnico e religioso nas narrativas de memórias escolares, caracterizando identidades específicas e, no caso institucional, formulando currículos, direcionamentos pedagógicos e proposições metodológicas de ensino.

Esta dissertação também analisa de maneira específica, conforme a disponibilidade de fontes, possíveis laços de sociabilidade entre participantes, remetendo a uma identidade específica em torno da instituição educativa. Nesses termos, desenvolveremos a pesquisa dentro dos seguintes preceitos:

- Por meio de memórias, marcas da instituição na vida daqueles que por ela passaram, salientando lembranças e percepções vivenciadas e selecionadas pelos indivíduos.
- Considerar questões relacionadas às origens da instituição, que remetem ao grupo específico de imigrantes letos, o qual utilizou, por sua vez, um princípio religioso para estabelecer as bases pedagógicas da escola.

Considerando que esta dissertação analisa as narrativas de memórias escolares de ex-alunos, professores e ex-professores da Escola Graciosa, torna-se importante compreendermos a concepção de memória individual e coletiva, com estudiosos como Maurice Halbwachs, Pierre Nora, Michel Pollak, Joel Candau e Jacques Le Goff.

As lembranças dos sujeitos envolvidos na Escola Graciosa possuem significativa importância; as recordações repassadas não pertencem apenas a si, mas a todo o grupo. Dessa forma, pretendemos utilizar a investigação oral, junto a esses sujeitos, com a finalidade de obter informações que possibilitem o entendimento da história da instituição, compreendendo significados, impressões e possíveis marcas nas lembranças daqueles que a frequentaram.

A presente pesquisa contrapõe as fontes orais ao discurso oficial criado sobre a Escola Graciosa. A partir dos depoimentos em forma de entrevistas, buscamos verificar ideais como ideias de sustentação e a forma como divergem da prática cotidiana e da memória daqueles que vivenciaram por anos a rotina escolar.

Os depoimentos caracterizam-se como fonte de destaque à pesquisa seguindo alguns dos pressupostos da metodologia da História Oral. Foram realizadas sete entrevistas sendo uma delas não presencial e sim pela ferramenta digital Skype. São eles: dois diretores, familiares do fundador da escola; a filha do fundador da escola, que hoje é funcionária da instituição; a primeira professora da turma de Jardim de Infância; uma ex-aluna que se

tornou professora e atual coordenadora do Ensino Fundamental 1; uma ex-aluna que não possui mais vínculo com a Graciosa, nem com a cidade; dois ex-alunos, um que participou da primeira turma da escola e atualmente é funcionário da instituição, e outro, profissional liberal, que estudou alguns anos na escola e atualmente possui três filhos matriculados nela.

A seleção dos entrevistados se deu a partir do critério inicial de participantes da escola desde sua fundação até o ano de falecimento do pastor João. Diante desse critério foram consultadas algumas pessoas, sendo que nem todas aceitaram ou tiveram disponibilidade de participar da pesquisa. Foram entrevistados três filhos do pastor João que moram em Quatro Barras e ainda atuam ativamente na escola. A primeira professora da escola, Sueli Krukliis, foi selecionada de acordo com o critério inicial. A ex-aluna Rosimeri Speranseta foi selecionada por ainda estar atuando na escola como coordenadora do Ensino Fundamental. Eliseu Ferreira de Lima trabalha na escola atualmente exercendo diversas funções, especialmente como motorista do transporte escolar, e foi selecionado por pertencer à primeira turma da escola. Leandro Bossardi foi indicação de Rosimeri Speranseta e se caracterizou por ter estudado na escola nos anos de 1990 e atualmente tem três filhos estudando lá. Finalmente, Kayra Boareto Farah foi selecionada a partir de investigações sobre ex-alunos da escola realizada nas redes sociais.

As entrevistas – gravadas a partir de um aplicativo de celular e transcritas posteriormente – foram elaboradas, seguindo basicamente um roteiro geral, como dados pessoais, relação com a escola, principais lembranças, principais decepções. As especificidades ocorreram conforme a singularidade do entrevistado, relativas à função, ao período de suas vivências na escola.

Optamos por buscar na História Oral, em diálogo com as demais fontes, recursos capazes de oferecer algumas respostas. Com o apoio da documentação escrita e iconográfica, pretendemos responder às questões colocadas ao longo desta introdução durante o desenvolvimento da pesquisa.

Reunimos também para esta tese um conjunto de referências e de fontes que auxiliaram a situar e compreender o objeto de estudo: uma escola

confessional batista, portanto, do ramo protestante³. Dessa forma, verificamos a produção historiográfica que tem como temática escolas confessionais e o emprego da metodologia desenvolvida no âmbito da história oral e da memória.

Analisando as produções que dialogam com as temáticas: memória, oralidade, escola confessional, foram selecionados alguns textos para auxiliar nessa trajetória. A partir deles verificamos os tipos de fonte, a metodologia empregada e as abordagens utilizadas para que se possa por meio desta pesquisa, aplicar essas experiências no estudo sobre as narrativas de memórias escolares da Escola Graciosa, no intuito de buscar responder a estas indagações:

- Quais foram as memórias selecionadas sobre a experiência escolar na narrativa de ex-alunos, professores e ex-professores da instituição de ensino batista?
- Como se deram as relações entre os alunos e a escola e sua doutrina?
- Que percepções de aproximação ou distanciamento ocorreram entre a experiência discente e a experiência docente?
- Como os depoentes compreendem o papel da Escola Graciosa na formação cultural e sua influência no cotidiano da cidade de Quatro Barras?

Para verificar as similaridades e dissonâncias que existem entre os discursos produzidos sobre as memórias dessa instituição de ensino, buscamos respostas para as seguintes questões:

- De que forma são produzidos os discursos sobre comportamentos de adaptação e desvio de normas na escola, cuja orientação pedagógica preservou a disciplina rígida de base educacional batista?
- Como os usos da memória, partindo deste estudo, podem contribuir para a compreensão do conhecimento em História da Educação no referido período?

³ Para alguns teóricos estudiosos da denominação batista, esses não se encaixam na conceituação protestante. No entanto não há coesão nesse pensamento. Posteriormente será trabalhado tal conceito. Para o momento, os batistas serão considerados uma vertente protestante.

Assim como proposta desenvolvida para dissertação de mestrado, e retomando a afirmativa de Michel de Certeau (2011, p. 29), esta pesquisa verifica quais práticas e costumes sociais se fizeram presentes nas vivências da Escola Graciosa, verificando quais hábitos e comportamentos foram selecionados pelas memórias desse segmento social escolar.

No primeiro capítulo abordamos algumas considerações que situam ao leitor os parâmetros teóricos e metodológicos, relacionados à memória pois estes alicerçam a pesquisa.

No segundo capítulo contextualizamos historicamente a presença da denominação Batista, passando por sua origem europeia e norte-americana à chegada ao Brasil, estabelecendo-se no Paraná e finalmente em Quatro Barras. Discorreremos sobre o início dos trabalhos evangelísticos Batista na cidade e situamos uma possível relação da etnia leta com os batistas no Paraná, considerando suas estratégias de evangelização.

No terceiro capítulo trataremos da reconstrução da escola a partir de relatos orais e fontes documentais obtidas, da fundação, das estratégias de aquisição, da escolha da localização, dos objetivos da escola e de sua função social no ambiente em que foi estruturada. Pretendemos tratar da ambientação e da relação dos membros da comunidade que fundaram a escola e demais habitantes da cidade de Quatro Barras, relacionando a Igreja com a escola, na medida em que toma forma e conquista sua estabilidade na região, bem como motivos em que a escola se sobrepôs à igreja que a fundou.

No quarto capítulo realizamos a apresentação e análise das práticas peculiares da escola e os contrastes com o senso comum praticado em outras instituições educacionais, bem como a formação do corpo docente, as estratégias de evangelização, os meios de propagar a doutrina. Abordamos elementos que a diferenciam das demais instituições da região e os elementos contrários e favoráveis vistos sob o ponto de vista da comunidade local.

Nas considerações finais procuramos correlacionar todas as informações da história da escola com as propostas teóricas escolhidas para elaboração da pesquisa.

Nos anexos apresentamos documentos que serviram de base comprobatória e entrevistas transcritas, às quais compõem o cerne da dissertação.

1 MEMÓRIAS DE UMA ESCOLA GRACIOSA

1.1 APRESENTAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

A escola na qual se desenvolve a presente dissertação chama-se Graciosa. Segundo o atual diretor e filho do fundador, Pr. Roberto Weidman, foi assim denominada porque nos primeiros anos era gratuita para a comunidade, oferecendo-se, portanto, o ensino “graciosamente”⁴. No entanto ao observarmos a cidade e seu entorno não podemos deixar de perceber que o uso do nome graciosa é comum na região, pois a principal atração turística é a Estrada da Graciosa⁵, fato esse que faz levar o nome a diversos comércios e instituições locais. A própria irmã de Pr Roberto, em depoimento afirma que:

Foi o Pr. João quem escolheu o nome Graciosa para a escola, pois a propriedade tem a sede em frente à Avenida D. Pedro II, antiga Estrada da Graciosa, a primeira a ligar o litoral do Paraná a Curitiba.⁶

O hino da Escola Graciosa⁷, com letra da professora Alice Purim e música de seu irmão, Pr Paulo Roberto Purim⁸, revela alguns ideais e propostas da escola:

Graciosa radiante e festiva
De pequenos e grandes com Deus
Ela ensina e aponta o caminho
Para a vida e vitória dos seus.

A Escola é bem mais que o estudo
É amizade, é ensino, é amor
Graciosa, Graciosa,
É a Escola do meu coração.

⁴ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 18 de março de 2015, por Carlos Roberto Weidman.

⁵ Estrada da Graciosa ou Rodovia PR-410, utilizada na antiga rota dos tropeiros em direção ao litoral do estado do Paraná. Liga o município de Quatro Barras às cidades de Antonina e Morretes. Nela se encontra o trecho mais preservado de Mata Atlântica do Brasil. Em 1993, parte do trecho da serra foi declarada pela Unesco como Reserva da Biosfera da Mata Atlântica.

⁶ Depoimento cedido a Eduard Henry Lui, em 4 de junho de 2015, por Sandra Mara Weidman.

⁷ O nome oficial nos dias atuais é Colégio Graciosa em Quatro Barras. No decorrer do trabalho utilizaremos apenas o nome que a instituição era chamada nos primeiros anos: Escola Graciosa.

⁸ Paulo Roberto Purim foi professor de inglês na Escola Graciosa em algumas ocasiões. É Publicitário, autor e tradutor de livros, não tem na docência sua atividade principal. Também é de família leta.

Os alunos e alunas caminham
Com a graça de Deus e o amor
De amigos, de pais, professores
A um futuro de sucesso e louvor.

Sob a luz e o ensino da Bíblia,
A Palavra viva e eficaz,
Seguiremos trilhando o caminho
De Jesus, da alegria e da paz.
(Hino Institucional da Escola Graciosa. Letra: Prof.^a Alice Purim)⁹

A Escola Graciosa, segundo seus princípios missionários, foi intitulada como detentora do saber, do bem viver e do sucesso. Fórmula que outras instituições escolares confessionais também perseguem, e na qual depositam esperanças de um futuro promissor sob esses cuidados. Podemos corroborar com a mensagem do hino, a observação de práticas e costumes experimentados socialmente na referida escola. Mas constatamos a inexistência de um estudo em âmbito acadêmico sobre a Escola Graciosa, carecendo-se de comprovações e análises, por exemplo, sobre os significados de hábitos e comportamentos imbuídos em sua cultura escolar.

Dessa forma, na linha do que afirma o historiador francês Michel de Certeau (2011, p. 80), “o historiador trabalha em cima de um material para transformá-lo em história”. Assim o ofício do historiador, sua percepção sobre as relações de um lugar — escolhido a partir de sua proposta de pesquisa —, a verificação de procedimentos e análise e elaboração de um texto deve implicar num diálogo com as possíveis relações com outros autores e, além disso, na verificação do não dito, que possui significativo poder de decisão, tanto quanto as leis oficiais elaboradas pelo grupo que representa o objeto em questão.

Fundada em 1981, a Escola Graciosa nasceu como Graciosa Clube Infantil, um departamento da Igreja Batista na própria cidade de Quatro Barras¹⁰, região metropolitana de Curitiba (estado do Paraná). No início era

⁹ Disponível em:

<http://www.colegiograciosa.com.br/index.php?option=com_k2&view=item&layout=item&id=17&Itemid=137>. Acesso em: 7 nov. 2015.

¹⁰ A cidade de Quatro Barras, situada no estado do Paraná, faz parte da Região Metropolitana de Curitiba (RMC). Pelo município passa a Estrada da Graciosa, que atravessa a Serra do Mar no trecho mais preservado de Mata Atlântica. Segundo o site da Prefeitura da cidade a etimologia do nome quatro barras tem origem geográfica, faz referência aos quatro cursos d'água (e fazem barra), derivados do Rio Curralinho, são eles: Canguiri, Timbu, Bracajuvava (atualmente Rio Cercado) e Capitanduva. A instalação oficial do município ocorreu em 9 de

apenas uma turma de crianças da tradicional Escola Bíblica Dominical¹¹ e paulatinamente se tornou a principal instituição de ensino daquela região. Ela foi a primeira instituição privada de ensino no município.

Muitas dessas escolas, que surgiram junto às igrejas, além de ensinar “a Palavra de Deus” e as lições doutrinárias com base nos textos da Bíblia, começaram a se transformar em classes de alfabetização. Esse fato mudou o perfil dos fiéis que frequentavam a igreja, fazendo as camadas populares ascenderem à condição da reduzida classe média baixa, que já fazia parte do corpo de membros (GARRIDO, 2006, p. 36).

Garrido (2006, p. 37) afirma que o aparecimento das primeiras instituições educacionais (confessionais protestantes) no Brasil deu-se pela necessidade de evangelizar e, também, como é o princípio de toda escola, promover o conhecimento. Mas podemos afirmar que para além dessa necessidade havia também o imperativo de atender aos filhos de missionários e demais protestantes brasileiros, que viviam em um contexto de escolas influenciadas pelo ensino religioso ministrado por padres, ainda antes da República.

Os colégios protestantes, que começaram a surgir a partir da segunda metade do século XIX no Brasil, proporcionaram mudanças significativas na história da educação brasileira, notórias até a atualidade.

A Escola Graciosa diferencia-se das demais instituições privadas e públicas, estabelecidas na região, pelo caráter religioso protestante tradicional, do qual, mesmo sob alguma resistência de líderes políticos e religiosos da cidade, preservou as convicções e abraçou o perfil tradicional protestante como principal estandarte, diferenciando-se de outras denominações evangélicas.

novembro de 1961. Sua população é de aproximadamente vinte mil habitantes, formada predominantemente por descendentes de italianos, portugueses, poloneses, alemães, e mais recentemente, migrantes sulistas e nordestinos.

¹¹ É costume herdado das tradicionais igrejas protestantes, desde o início da Reforma Protestante do século XVI, a preocupação com a educação dos jovens. Como cita Garrido (2006, p. 1), é de Martinho Lutero a frase “[...] ainda que não existisse alma, nem inferno, nem céu, seria preciso ter escolas para satisfazer nossas necessidades como habitantes deste mundo [...]”.

Os primeiros professores e diretores da escola pertenciam à etnia oriunda da Letônia¹², comunidade que migrou para o Brasil especialmente em decorrência da Primeira Guerra Mundial e, posteriormente, em fuga do regime comunista soviético que anexou a Letônia ao seu território.

Os imigrantes letos¹³ chegaram ao Brasil no final do século XIX, início do XX. Eram muitas as notícias que chegavam no Leste Europeu de que no sul do Brasil, especialmente Santa Catarina, havia facilidades de arrumar empregos e terras.

De Santa Catarina e São Paulo vieram os imigrantes ao Paraná, iniciando sua jornada pelo litoral. Como outros, a família Weidman, fundadores da Escola Graciosa, chegou ao estado com a clara percepção de que estavam aqui para pregar a Palavra de Deus.

A perseguição religiosa sofrida pelos pais e avós dos letos¹⁴, fundadores da Escola Graciosa, afetou diretamente esse povo. A aversão aos regimes comunistas ou qualquer aproximação de ideias socialistas marcaram o perfil e direcionamento dessa família na condução da escola.

É importante de início apresentarmos a família Weidman, que corresponde ao núcleo fundador da igreja e da escola: o pastor João Arthur Weidman – patriarca fundador da igreja e da escola foi pastor da Igreja em Quatro Barras desde o início das atividades até sua morte em 2003. Sua esposa Nilce Neyde Weidman acompanhou o marido em sua jornada como missionário. Seus filhos: Daniel Rodney Weidman é atualmente juiz e foi por vezes líder da Junta de Educação da Igreja, órgão responsável pela escola junto à assembleia da instituição religiosa; Carlos Roberto Weidman, atualmente pastor da Igreja Batista em Quatro Barras e também diretor-geral da escola; Sandra Mara Weidman é a única filha, fonoaudióloga de formação e

¹² A Letônia situa-se na margem oriental do Mar Báltico, noroeste da Europa. É um território de 64.610 km². Limitando-se a leste com Rússia e Bielorrússia, norte com Estônia e sul com Lituânia. A capital é Riga, localizada no golfo de mesmo nome.

¹³ Gentílico dos povos da Letônia, tais como letão, letoniano, letônico ou ainda lético. No entanto os próprios letonianos preferem ser chamados e se autodenominam letos, expressão que utilizaremos para nos referir a eles.

¹⁴ O termo leto ou letoniano vem de *lett*, que significa cavar a terra ou arar, deduzindo-se significar agricultor. Até o nome da moeda no passado era, e agora novamente se chama, latt. A língua leta é mais antiga que o latim ou o grego e suas bases não são encontradas nas línguas germânicas ou eslavas, apenas no sânscrito.

atua na escola como professora; João Arthur Weidman Júnior é atualmente o diretor financeiro da instituição. Os demais letos presentes no início dos trabalhos na escola são relacionados pelo Pastor Roberto Weidman:

Eduard: Além da tua família, vieram outros letos para ajudar no trabalho aqui em Quatro Barras?

Roberto: Então veio uma outra prima do meu pai, Ana Mucenieks, que está aqui ainda hoje, mas não trabalha mais na escola, está aposentada, embora continue ajudando na igreja. A família da Vanelli, ex-professora e atualmente diretora pedagógica, é também de origem leta; Alice Purim, prima também de Vanelli, aliás, Alice trouxe Vanelli. O próprio pastor (João) Purim; o pastor Walters, que hoje está em Portugal; Silmara, minha cunhada. Então há um bom grupo de letos aí.¹⁵

Além das pessoas citadas é importante incluirmos a primeira professora Sueli Naime Kruklis, que também era leta, mas por algum motivo escapou das lembranças do pastor Roberto.

Ao longo de seus 35 anos, a escola recebeu intensa colaboração humana, material e financeira de brasileiros, americanos, japoneses e outros, mas especialmente da comunidade batista leta, que se estabeleceu em Nova Odessa (SP), Urubici (SC), Varpa (SP) e Ijuí (RS), conforme relata o filho mais novo do pastor fundador:

[...] tinha um casal de missionário japoneses, que trabalharam por um bom tempo em Londrina, no Paraná e depois vieram para Curitiba. Eu não sei como é que meus pais chegaram até eles, não me lembro disso. Mas pastor Togamy e irmã Kimico e eles ajudaram bastante, eu me lembro de várias reuniões, feitas na casa desse casal em Curitiba. Na nossa própria casa, eles vinham também, conversavam; conheciam outras pessoas também, que trabalhavam na Secretaria de Educação do Estado, no Núcleo Regional e aí por meio deles então foi montado todo o plano educacional da escola, o Regimento, tudo de que precisava ser feito legalmente para a abertura do colégio. Então esse casal ajudou bastante e com certeza houveram outras pessoas também, que agora não consigo lembrar.¹⁶

O fato foi confirmado pelo ex-aluno e atual funcionário da escola, Eliseu Ferreira de Lima:

¹⁵ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 18 de março de 2015, por Carlos Roberto Weidman.

¹⁶ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 12 de setembro de 2015, por João Arthur Weidman Junior.

[...] Então, financeiramente eu lembro muito bem que vinha bastante ajuda do Japão, o pastor João era muito amigo do missionário japonês (sic). [...] pastor Togamy, isso, então vinha muita ajuda de lá e também quem sustentou muito aqui foi a missão leta, devido ao pastor João fazer parte da Igreja Leta, então, muita ajuda veio das igrejas Letas também.¹⁷

A fundação da escola, portanto, contou com a determinação do pastor João Weidman, aliada a ajudas externas, as quais compreendiam que a criação de uma escola em Quatro Barras seria uma ação missionária.

1.2 REVISÃO DE LITERATURA

1.2.1 História e tempo presente

Maria Cecília Souza (2000) afirma que a escola é um “lugar de memória”, muitos relatos e documentos foram reunidos para contar novamente a história da Escola Graciosa, no entanto, partimos para um relato baseado nas memórias de algumas pessoas que fizeram parte dessa história. Suas crenças, percepções e seus sentimentos auxiliaram na construção desse relato. Pessoas que se tornaram peças fundamentais para a articulação e desenvolvimento dessa dissertação que tenta articular suas vivências com os impactos na história de uma comunidade escolar.

Marc Bloch (2001, p. 55) conceitua a história como “[...] uma ciência dos homens no tempo”. O autor propõe compreendermos o papel que os homens ocupam no tempo, tal como “[...] o ogro da lenda. Onde fareja a carne humana, sabe que ali está a sua caça” (2001, p. 54). Como bem destacou o autor, não se trata do homem no singular, mas dos homens, no sentido de amplitude e diversidade.

¹⁷ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 9 de setembro de 2015, por Eliseu Ferreira de Lima.

Inevitavelmente, a história busca capturar toda e qualquer ação humana, suas consequências, seu impacto na sociedade. Em meio a isso, interpreta as possíveis rupturas e permanências de hábitos e tradições humanas. Seguindo essa linha, entendemos que o conhecimento e a ciência das ações humanas são fundamentais para a formação e organização do saber histórico; quer seja ele de um povo, um homem, uma civilização, religião ou escola, tal como nos propomos.

Não se pode deixar de lado a preocupação com o tempo histórico, também explicitado na definição de Bloch (2001, p. 55), pois “[...] esse tempo verdadeiro é, por natureza, um *continuum*. É também perpétua mudança.”

O historiador Lucien Febvre (Apud MAYNARD, 2010, p. 42) enunciou uma questão bastante pertinente e que parece bastante atual: “Um fato é certo: viver, para nós e para nossos filhos, será amanhã, e mesmo hoje, adaptar-se a um mundo perpetuamente instável”. Febvre realizou esse diagnóstico em 1946, quando a Segunda Guerra Mundial e suas feridas nem haviam começado a cicatrizar, expondo o quão difícil era pensar o mundo contemporâneo.

Marc Bloch (2001, p. 55) no clássico *Apologia da História*, lembrou-nos: “a incompreensão do passado nasce, em última instância, da ignorância do presente”. Nesses termos é importante refletirmos sobre o ofício do historiador, especialmente quando as memórias e demais fontes não se encontram em museus, mas distanciadas de bibliotecas, trancafiadas em gavetas ou esquecidas em arquivos. No entanto muitas vezes estão diante dele em seu cotidiano: telefonemas, e-mails e interação nas redes sociais. Evidencia-se, então, a necessidade de dialogar com a História do tempo presente.

O historiador, ao lidar com a categoria do tempo presente, enfrenta diversos desafios. Um deles advém de seu próprio meio profissional. Acreditamos que isso aconteça em virtude da forte herança das escolas do século XIX – no ideal da objetividade, conforme os padrões metódicos, apontava para que um de seus pressupostos e suas exigências fosse não se ocupar do presente.

Historiadores, em sua maioria arraigados a essa herança, elegeram a atualidade como uma espécie de tabu, e o passado recente foi escolhido como “algo para o qual não se olha” (MAYNARD, 2010, p. 1).

Uma das maiores dificuldades em tratar de tempos muito próximos é obter uma “lente” que nos possibilite observar e desenvolver tal análise. Podemos eleger uma “lente” que permita realizar tal tarefa de maneira satisfatória e significativa, a memória.

Nunca houve tantos meios para documentar e armazenar depoimentos e entrevistas que conduzem o estudo da memória como atualmente. Os mecanismos são inúmeros: filmadoras, gravadores de grande e pequeno porte, câmeras digitais, celulares e computadores servem de exemplos. Isso levando-se em conta quando essas ferramentas estão voltadas a entrevistas direcionadas e com o objetivo de se produzir algo especificamente apontado à pesquisa, pois também há imensa produção individual e espontânea que os mesmos recursos permitem, como redes sociais, blogs e tantas outras formas de capturar a memória do tempo presente.

A construção atual da memória depara-se com a aceleração imposta pelas novas tecnologias aos entrevistados. O mundo contemporâneo oferece possibilidades de interatividade por meio de inúmeras ferramentas fornecidas pela informática. Ao redor de cada um se manifestam expressões artísticas de toda essa aceleração cotidiana, seja na música, literatura, arquitetura, no cinema, entre outros.

Observamos, portanto, uma necessidade de transgressão para produzir uma história do tempo presente. Cabe ao historiador estabelecer prioridades, no sentido de buscar elementos capazes de ajudar a ressignificar o passado. O ato de escrever a história significa sempre empreender um esforço de reconstrução. Um processo que está sempre se renovando, por conseguinte, entendemos como problemático e indiciário. O suporte no qual se trabalha nessa tarefa está situado no cruzamento de saberes, jamais centrado em apenas um.

A história do tempo presente está em constante renovação. Contamos com a demanda social e, ao mesmo tempo, não a absolve da preocupação com aspectos étnicos. Não há um método específico, unicamente vinculado à história do tempo presente. Aquele que se debruça diante de tal tarefa está sujeito aos mesmos suportes e métodos dos demais pesquisadores.

Entendemos que a história do tempo presente é campo inacabado, formado com recortes, em contínuo refazer.

1.2.2 Produções acadêmicas

As produções de Marcus Levy Bencostta (1996), originárias do grupo de pesquisa *História da Educação: instituições, intelectuais e culturas escolares no Paraná (séculos XIX e XX)*, enquadram-se como indispensáveis para esta pesquisa. Damos especial destaque à obra *História da educação, arquitetura e espaço escolar* (2005). A publicação de *Ide por todo mundo: a província de São Paulo como campo de missão presbiteriana 1869-1892* (BENCOSTTA, 1996) também é especial pela proximidade da abordagem feita pelo autor. Em síntese, seu livro busca compreender a presença dos missionários presbiterianos na cidade paulista de Campinas.

Em paralelo, uma dissertação está sendo desenvolvida no Rio de Janeiro, que versa sobre a educação religiosa no meio Batista no início do século XIX, em artigo de Gisele Gonçalves Isaías Gomes chamado *Entrelaçando concepções de educação: a formação de professores na perspectiva do protestante e da Escola Nova no Rio de Janeiro na primeira década do século XIX* (GOMES, 2015). A autora analisa a trajetória de formação do Colégio Batista do Rio de Janeiro. É abordagem próxima e relevante para contribuir no presente texto.

As noções em torno da conceituação de arquivo escolar, por sua vez, são bastante amplas, tal como descrito por Serlei Maria Fischer Ranzi e Nádia G. Gonçalves (2010). No artigo abordam-se as fontes da escola e a pesquisa em *História da Educação: contribuições do acervo do Colégio Estadual do Paraná para o campo das disciplinas escolares*. Segundo as autoras, a escola produz em seu cotidiano diversos tipos de documentos e registros exigidos pela burocracia escolar. Além disso, pode-se encontrar no arquivo da escola outros tipos de documentos que excedem a determinação legal, como fotografias, jornais produzidos pelos estudantes, cadernos de alunos, recortes de jornais.

A Escola Graciosa, no entanto, sofre com as necessidades de espaço, não sendo compatível com as que realmente necessitaria para uma guarda adequada do seu acervo. Infelizmente, sabe-se que o arquivo histórico muitas

vezes é sacrificado em razão da busca de espaço físico para outras atividades escolares.

As fontes utilizadas nesta pesquisa, especialmente aquelas de caráter não oficial, além de parcas, não estão devidamente arquivadas e catalogadas. A grande maioria foi transformada em objetos de decoração, com atribuição muito individual de determinado valor histórico, guardada por professores, diretores, funcionários e principalmente em arquivos pessoais da família fundadora da Escola Graciosa.

A pouca literatura sobre educação/escolas batista foi abordada indiretamente em diferentes artigos que generalizam a educação confessional protestante. É mais comum encontrar textos onde a educação aparece como um apêndice da história de determinada instituição, diferente disto, encontramos mais comumente textos sobre educação nas denominações luterana, menonita ou presbiteriana. Em relação aos batistas o assunto encontra-se disseminado nas linhas e entrelinhas de estudos de outras religiões.

Um texto que chama a atenção pela proximidade das pesquisas foi o de Antônio César Camargo Miranda (2012), em sua monografia para a conclusão do curso de História, na UFPR. Ele trabalha justamente com a história dos batistas de origem eslava em Curitiba. De maneira particular, o texto é importante para dar alguns rumos a este trabalho, relacionando-o com alguns aspectos dos batistas letos que chegaram a Quatro Barras.

No que se refere às relações de protestantismo e educação, a obra de Stella Garrido (2005)¹⁸ faz uma rápida análise do projeto pedagógico do protestantismo no país.

A dissertação de mestrado de Francielly Barbosa (2010)¹⁹, desenvolvida a partir da linha de pesquisa do PPGE, aborda a identidade menonita expressa

¹⁸ GARRIDO, S. **A educação confessional protestante no Brasil**. 29 f. Monografia (Curso de História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Veiga de Almeida. Rio de Janeiro, 2005.

¹⁹ BARBOSA, F. G. **Para além da escola: identidade menonita e práticas socioeducativas** (Curitiba, 1934 - 1948). 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

em suas práticas socioeducacionais e também compõe os textos relevantes como auxílio.

Ainda sobre os protestantes e a educação, busca-se como fundamentação os textos de Lea Marcondes²⁰ (PUC-PR), Uipirangi Franklin da Silva Câmara²¹ (Universidade Metodista de São Paulo) e Edilson Soares de Souza²² (UFPR). A produção de GOMES (2015)²³ também contribui por tratar da educação batista no início do século XIX.

1.3 AFETIVIDADE

Tendo-se a necessidade de expor alguns conceitos sobre relações afetivas que influenciam de maneira significativa a análise das pesquisas relacionadas à Escola Graciosa, observamos que os depoentes trouxeram consigo uma carga emotiva bastante significativa e imbuída de valor afetivo, exercendo-a narrativa de suas lembranças e conseqüentemente no conteúdo de seus depoimentos.

A teoria apresentada por Henri Wallon (1971, p. 288) aborda a questão da afetividade afirmando que ela é a capacidade e a disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo e as reações e sensações podem ser agradáveis ou não, depende da situação em que ocorre.

Estudos da psicologia podem auxiliar nessa análise e elucidar os caminhos para uma interpretação dessa natureza. Dois autores aparecem com significativo valor para abordar o tema: Peter Gay, com seu livro *Freud para historiadores*, e Jeanne Marie Gagnebin, no artigo *Memória, história*,

²⁰ MARCONDES, L. *in*: EDUCERE, VII, 2007, Curitiba; EDUCAÇÃO CONFSSIONAL NO BRASIL: UMA PERSPECTIVA ÉTICA. 2007, Curitiba, **Congresso...** Curitiba: PUC-PR, 2007.

²¹ CÂMARA, U. F. da S.; SOUZA, E. S. de. Para uma compreensão do sagrado no protestantismo brasileiro em sua expressão contemporânea. **História**: Questões e debates. n. 43. Curitiba: Editora da UFPR, 2005.

²² SOUZA, E.S. **Diálogos (re)velados**: a trajetória e os discursos políticos-doutrinários dos batistas brasileiros. 165 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciência Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2008.

²³ GOMES, G. G. I. *Entrelaçando concepções de educação*: a formação de professores na perspectiva do protestante e da Escola Nova no Rio de Janeiro na primeira década do século XIX.

testemunho, que apresentou tema relevante na *História dos (re)sentimentos*, organizado por Bresciano & Naxara.

Peter Gay²⁴ (1989, p. 147-148) discute a possibilidade da aplicação da psicanálise no fazer historiográfico. Para o autor, a resistência de muitos historiadores quanto a essa questão é justificável, tendo em vista que “os registros que os historiadores freudianos, a começar pelo próprio Freud, têm compilado não inspiram muita confiança”²⁵; que não é possível psicanalisar os mortos e que o passado dos indivíduos e de sua coletividade não é um paciente.

Outros fatores que provocam crítica à psico-história advêm das hiperinterpretações e dos reducionismos, como “interpretar teorias políticas como reflexos puros de identificações sexuais ambíguas” (GAY, 1989, p. 149), cometidos por esses profissionais, ainda que, segundo o autor, sejam acidentes da história psicanalítica, e não sua essência: “O reducionismo parece ser um defeito tão constante dos psico-historiadores que os historiadores o veem entrelaçados com a sua própria estrutura, como uma falha inerradicável e fatal” (GAY, 1989, p. 149).

No entanto para Gay (1989, p. 149-150) ainda que “redução” seja um termo ofensivo, é um modo racional de diluir uma teoria em outra mais geral, prática científica bastante respeitável cuja legitimidade se ancora na “regra da parcimônia, a navalha de Occam, que ensina ao cientista que ele não deve multiplicar as leis e as teorias sem necessidade”²⁶.

A redução psicanalítica para Gay (1989, p. 150) não é um reducionismo, tendo em vista que pensamentos conscientes e eventos concretos podem ser explicados por meio de vontades ou conflitos em grande medida inconscientes. Além do mais, na prática historiográfica, só é possível afirmar que uma interpretação se tornou ingênua, saindo do campo da economia aceitável, após sua elaboração, exigindo análise de cada caso em particular.

²⁴ GAY, Peter. Freud para historiadores. Tradução de Osmyr Faria Gabbi Júnior. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

²⁵ Gay (1989, p. 147-148).

²⁶ Id., 149-150.

Não há nada que seja inerentemente implausível em uma explicação histórica que dê primazia aos fatores psicológicos. Como outros cientistas, o historiador anseia por oferecer uma explicação no lugar onde antes existiam duas, e isso apesar do comprometimento do historiador, cuidadosamente cultivado, pela diversidade. Tem sido a sua procura por um esquema explanatório preciso e claro que dirige os psico-historiadores para uma psicologia do id, deliberadamente primitiva, e insensível ao trabalho, feito pelo ego, de testar a realidade, e para degradar os atores históricos adultos a um feixe de sintomas infantis não resolvidos e persistentes. (GAY, 1989, p. 150).

Freud buscava submeter o caráter e a conduta do indivíduo às leis psicológicas que os subsumiam e determinar, simultaneamente, o que havia de singular em cada indivíduo. Como lembra Gay (1989, p. 150) a respeito de Freud: “Longe de destruir a celebração da variedade humana e da especificidade histórica, ele [Freud] teria trazido mais champanhe para comemorá-la”²⁷.

Ainda sobre Freud, Peter Gay (1989, p. 150) comenta, embora seus críticos o acusem de ser simples e dogmático ao recomendar a sexualidade como agente causal dos comportamentos humanos, esses mesmos críticos se escondem naquilo que chamou de “vaguidade resplandecente de uma causação múltipla”²⁸.

Sobre Freud, Gay (1989, p. 151) reconhecia que é uma variedade de causas (e não uma infinidade) que constrói os eventos históricos e que cada elemento na experiência histórica é passível de ser narrado como possuidor de uma variedade (e não uma infinidade) de funções: “Procurar a complexidade, historiador e psicanalista podem dizê-lo em uníssono, procurar a complexidade e domá-la”²⁹.

Valendo-se das noções freudianas, Peter Gay considera que o historiador pode descobrir temas que dizem respeito a fatores cruciais (ainda que excluídos no estudo histórico), a saber: infância, família, cultura de modo geral, fluxos libidinosos e agressivos etc., traços que ocupam a vida social e política. Nesse sentido, a psicanálise pode ajudar o historiador em sua prática:

A psicanálise oferece ideia e, na situação adequada, com as suas próprias restrições autoimpostas, até algumas técnicas que podem dar acesso inesperado a fantasias populares, a sonhos e lapsos e a outros atos sintomáticos, e a táticas defensivas que indivíduos e

²⁷ Gay (1989, p. 150)

²⁸ Id.

²⁹ Ibd., p. 151.

instituições utilizam de forma bastante involuntária. Alerta o historiador para documentos que, na ausência de suas teorias, são inúteis, silenciosos e despidos de sentido. (GAY, 1989, p. 151).

Sob o prisma da psicanálise, o historiador pode encontrar nas manifestações estéticas de uma sociedade (como romances, pinturas, poemas) o modo pelo qual essa sociedade busca solucionar (ou se recusa a reconhecer) temas que considera difícil de serem tratados abertamente.

Com as ferramentas da psicanálise, então, o historiador potencializa sua capacidade de interpretar o passado, os indivíduos separada e coletivamente, os eventos históricos, a religião e os mitos, por exemplo. A psicanálise certamente não é única ferramenta adicional ao trabalho do historiador. Ela pode atuar com outras áreas para uma compreensão mais global do passado.

Ao analisar um estudo sobre bruxaria do século XVII, de John Putnam Demos, Peter Gay (1989, p. 162) cita o historiador, o qual considera que:

Biografia, psicologia, sociologia, história: os quatro lados da bússola do estudioso, quatro perspectivas que examinam um único campo da experiência passada. Cada um deles captura uma parte, porém de nenhuma maneira o todo. Ver tudo isto a partir de lados *diferentes* é mover-se, pelo menos, de alguma maneira rumo a uma compreensão completa e definitiva. (GAY, 1989, p. 162).

Essa interação entre diferentes áreas para a compreensão do passado remete àquilo que se tem perseguido há algum tempo: a aspiração a uma história total, um ideal que não pode “implicar uma apresentação exhaustivamente detalhada de cada minuto que compõe um evento ou uma época, em todos os aspectos de seu meio e em todas as suas precondições que recuam até as brumas de tempos imemoriais” (GAY, 1989, p. 163). Pelo contrário, essa exigência de história total apoia-se mais em uma crítica da prática historiográfica oficial, em que a simples atenção a datas e a estudos de dinastias já não são mais suficientes. É nesse ponto que a história psicanalítica pode contribuir, incluindo “o inconsciente, e o incessante tráfico entre a mente e o mundo, no território legítimo de pesquisa do historiador” (GAY, 1989, p. 165), um profissional que, mesmo relutante na aplicação da psicanálise em sua prática, encontra usos para ela quando suas investigações sobre determinados temas falharam.

Ainda que com todos os riscos que pesam sobre a prática da psico-história já citados, a interação entre as áreas é promissora, como o próprio autor citou em diversos exemplos. Longe de querer ser um manual, a psicanálise pretende ser um *modo*, um *estilo* de ver o passado, compatível com todas as esferas do estudo historiográfico: militar, econômico, intelectual etc. Para concluir, é válido cita o pesquisador quando nos lembra que:

Ser persuadido por Freud necessariamente forçará os historiadores a mudarem, frequentemente, de forma drástica, o modo pelo qual fazem a história, irá forçá-los a abandonar convicções estimadas e a revisar as suas conclusões preferidas. Os riscos são imensos, as perspectivas de fracasso agourentas, as promessas de recompensa incertas. Mas o que acena ao final da jornada perigosa pode revelar-se merecedor de tudo: uma apreensão, mais sólida do que nunca, da totalidade da experiência humana. (GAY, 1989, p. 167).

Jeanne Marie Gagnebin³⁰ (2014) ocupa-se de questões políticas e éticas, tendo como base o pensamento de Walter Benjamin, mais especificamente de problemáticas tratadas pelo autor em dois ensaios: *Experiência e pobreza*, escrito em 1933, e *O narrador*, elaborado entre 1928 e 1935. Essas questões giram em torno do fim ou do declínio da narração tradicional, do fim das grandes narrativas.

Essas narrativas ou literatura de testemunho, lembra a autora, eram gêneros recorrentes do século XX, particularmente (mas não só), no contexto denominado por Hobsbawn³¹ (1996) como Era da Catástrofe, que engloba do início da Grande Guerra até o fim da Segunda Guerra Mundial. Ambos os ensaios, comenta Gagnebin,

[...] partem daquilo que Benjamin chama de perda ou declínio da experiência [...], isto é, da experiência no sentido forte e substancial do termo, que a filosofia clássica desenvolveu, que repousa sobre a possibilidade de uma tradição compartilhada por uma comunidade humana, *tradição* retomada e transformada, em cada geração, na continuidade de uma palavra transmitida de pai para filho. (GAGNEBIN, 2014, p. 84).

³⁰ In. BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

³¹ HOBBSAWN, E. **A era dos extremos**: o breve século XX. 1941-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Walter Benjamin retoma uma fábula de provável autoria de Esopo, na qual um pai, em seu leito de morte, confia um tesouro enterrado aos filhos, que após cavarem no local indicado percebem não haver tesouro algum, e que o pai lhes legou foi “uma preciosa experiência”, a qual seria a riqueza.

Walter Benjamin não trabalha o sentido moralizante da fábula (o valor do trabalho), mas enfoca que o essencial nessa fábula é que o pai fala do leito de morte e é escutado pelos filhos, ou seja, ressalta o ato de que algo, na história, é transmitido de geração a geração, “algo que transcende a vida e a morte particulares, mas nelas se diz; algo que concerne aos descendentes” (GAGNEBIN, 2014, p. 85).

A autora declara que Walter Benjamin insiste na perda da experiência que a fábula encena, perda que leva a outro desaparecimento, o dos modos tradicionais de narrativa. Para ele, as duas perdas vêm de fatores históricos, os quais culminaram com a barbárie da Grande Guerra e do processo que se estendeu a partir dela: “Os sobreviventes que voltaram das trincheiras, observa Benjamin, voltaram mudos. Por quê? Porque aquilo que vivenciaram não podia ser mais assimilado com palavras” (GAGNEBIN, 2014, p. 85).

Walter Benjamin reflete a respeito da memória traumática, sobre a vivência do choque. A respeito da incapacidade de a linguagem e a narração tradicional assimilarem tais experiências traumáticas, as quais cortam do indivíduo o acesso ao simbólico, à linguagem.

No primeiro texto, “Experiência e pobreza”, o pensador trata das consequências dessa pobreza de experiência nas artes contemporâneas, em que o “indivíduo burguês procura um refúgio contra o anonimato cruel da grande cidade” (GAGNEBIN, 2014, p. 86), numa tentativa de contrariar aquilo que seria a regra de ferro que dirige a vivência contemporânea: não deixar rastros. Nesse contexto, Walter Benjamin cita um poema de Brecht, em um contraponto à fábula de Esopo, em que o eu lírico menciona ter sido ensinado justamente a apagar seus rastros, claramente numa crítica a essa noção.

Em *O narrador*, Walter Benjamin se ocupa de outra questão: assim como constata o fim da narração tradicional, propõe outra narração, surgida “nas ruínas da narrativa, uma transmissão entre os cacos de uma tradição em migalhas” (GAGNEBIN, 2014, p. 88), nascida de uma injunção ética e política do pensamento do historiador Heródoto de não deixar o passado cair no

esquecimento. No entanto, essa nova narrativa não significa a construção de algo épico, que trate de grandes feitos ou personagens. Pelo contrário, o narrador imaginado por Benjamin é de caráter muito mais humilde.

Esse narrador sucateiro [...] não tem por alvo recolher os grandes feitos. Deve muito mais apanhar tudo aquilo que é deixado de lado como algo que não tem significação, algo que parece não ter nem importância nem sentido, algo com o que a história oficial não saiba o que fazer. O que são esses elementos de sobra do discurso histórico? A resposta de Benjamin é dupla. Em primeiro lugar o sofrimento, o sofrimento indizível que a Segunda Guerra Mundial devia levar ao cume na crueldade dos campos de concentração [...]. Em segundo lugar, aquilo que não tem nome, aqueles que não têm nome, o anônimo, aquilo que não deixa nenhum rastro, aquilo que não foi bem apagado que mesmo a memória de sua existência não subsiste [...]. (GAGNEBIN, 2014, p. 88).

Para Walter Benjamin, então, o papel do narrador e do historiador seria “transmitir o que a tradição, oficial ou dominante, justamente não recorda” (GAGNEBIN, 2014, p. 88). No entanto a autora alerta para o risco de tal rememoração sucumbir à ineficiência dos bons sentimentos, os quais não seriam o bastante para reparar o passado ou virar o que ela chama de celebração vazia, que seria prontamente confiscada pela história oficial. Assim, tais narrativas devem tender a lembrar “aquilo que ainda não teve direito nem à lembrança nem às palavras” (GAGNEBIN, 2014, p. 89) e tentar, com foco no presente e os olhos no passado, transformar este mesmo presente.

Gagnebin (2014, p.) lembra ainda outra história de transmissão e de morte, contada por Primo Levi, que durante a vivência em Auschwitz sonha com o momento da liberdade e conta os horrores pelos quais passou para um público que não lhe dá atenção, que não se interessa por sua narrativa, o que, obviamente, causa angústia naquele que narra a história.

A autora cita que esses “abusos da memória”, no entanto, carregam dois perigos: a fixação doentia pelo passado (diagnosticado por Nietzsche como sintomas de ressentimento) e “a identificação, muitas vezes patológica, por indivíduos, que não precisam nem ser os herdeiros diretos de um massacre, com um dos papéis da díade mortífera de algoz e da vítima: como se a busca de si tivesse de ser a repetição do (neo) nazi.” (GAGNEBIN, 2014, p. 90).

Por fim, Gagnebin reflete sobre a possibilidade de se criar um local deslocado desse círculo de fixação e identificação, sem que se deva pedir

desculpas por não ser herdeiro direto de um massacre. Para a autora, tal possibilidade se concretizaria em “restabelecer o espaço simbólico onde se possa articular [...] aquilo que não faz parte do círculo infernal do torturador e do torturado” (GAGNEBIN, 2014, p. 91), dando novamente um sentido humano ao mundo, tarefa que deveria ser cumprida pelos ouvintes/testemunhas, retomando o sonho de Primo Levi, que, apesar de tudo, não se levantam e se propõem a escutar o que lhe é transmitido:

Nesse sentido, uma ampliação do conceito de *testemunha* se torna necessária; a testemunha não seria somente aquele que viu com os próprios olhos, o *histor* de Heródoto, a testemunha direta. Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração importável do outro e que aceita que suas palavras *revezem* a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indivizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não o repeti infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente. (GAGNEBIN, 2014, p. 91).

1.4 MEMÓRIA E HISTÓRIA

Com a organização das sociedades com escrita ocorreu uma transformação da memória coletiva a partir do momento em que os homens passaram a inscrever sua história nos monumentos epigrafados. Outro avanço foi a capacidade de registrar os fatos em documentos escritos. O desenvolvimento dessa escrita estava associado ao desenvolvimento dos centros urbanos que, por sua vez, ampliaram as necessidades humanas.

Com base na língua escrita surgiu a criação dos exercícios de memória. Mesmo letrados, os gregos, por exemplo, preocupavam-se em praticar exercícios de memorização. Havia entre os gregos da antiguidade um enaltecimento à prática da memorização independentemente da escrita.

Fazendo observações sobre o período medieval, Le Goff³² (2013) aponta para a realidade europeia de dominação da Igreja, a qual exercia um monopólio intelectual que direcionava e orientava a memória coletiva. Tanto a

³² LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.

religião cristã quanto a judaica valorizavam a memorização como um dos sustentáculos de fé.

A memória ganhou, então, um status diferenciado a partir desse período, o que é perceptível pela ênfase do papel da memória no ensino, articulando oral e escrito, divisão das memórias coletiva em litúrgica e laica, desenvolvimento da memória dos mortos, entre outros exemplos. “Nesta época, saber de cor é saber” (LE GOFF, 2013, p. 412).

O idoso foi, para os homens medievais, o homem memória e portanto valorizado em sua cultura. A memória era transmitida de geração a geração e o escrito era apenas um suporte. Dessa forma surgiram os arquivos, que tinham a função de conservar a memória escrita.

Os estudos a respeito da memória na História são relativamente recentes. Especialmente nessa categoria, os historiadores do século XX, muitos que se sobressaíram nesta pesquisa, estão vinculados à Nova História. No entanto tantas outras correntes também se utilizam desse recurso, basta observarmos estudos da Nova Esquerda Inglesa ou mesmo as obras de autores como o italiano Carlo Ginzburg ou mesmo o inglês Edward Thompson que utilizam amplamente tais recursos em suas pesquisas.

Utilizamos como recurso metodológico o uso da memória de vivências pessoais na Escola Graciosa e o registro de suas impressões, para tanto, torna-se essencial buscarmos auxílio de outras ciências para (re)construirmos o conceito e aplicá-lo de forma significativa e relevante neste estudo.

Na perspectiva da Psicanálise, a memória teve avanços significativos. Freud desenvolveu pesquisas que afirmavam que o ser humano seleciona o que vai memorizar e que ela não é apenas um receptáculo de informações aleatórias. Dessa maneira, compreende-se que a memória é, de certa forma, seletiva. Freud remeteu-se a Platão, que afirmava que a ela é tal como um bloco de cera, onde nossas lembranças são impressas.

A memória tornou-se um objeto de estudo da História, especialmente no campo da História Oral, em que os estudiosos dessa área se esforçam em perceber as formas da memória e como atua na compreensão a respeito da relação passado/presente.

Observamos que temas relacionados à memória nos últimos tempos têm sido revitalizados e uma gama considerável de estudiosos buscam desenvolvê-

los (NORA, 1993, p. 8)³³. Sendo assim, observamos cinco autores que dialogam e que trouxeram importante contribuição para a estruturação do presente trabalho: Maurice Halbwachs³⁴, Pierre Nora, Michel Pollak³⁵, Joel Candau³⁶ e Jacques Le Goff³⁷.

Maurice Halbwachs³⁸, sociólogo que atuou no primeiro quartel do século XX, por exemplo, trabalhando com a distinção entre memória histórica e memória coletiva afirmou que onde existe uma história, existem muitas memórias. Para o autor, a memória assume um papel importante porque revela aquilo que foi vivido. Teóricos como Halbwachs (1990) e Pierre Nora (1993), que questionam a distinção entre memória e História e afirmam que são concepções inseparáveis.

Halbwachs (1990) afirma que a memória individual só existe a partir de uma memória coletiva. Todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo do qual fazemos parte, sejam sentimentos, ideias, reflexões, são de maneira inexorável inspirados pelo ele.

A memória individual, segundo o autor, refere-se a um ponto de vista sobre a memória coletiva. Esse olhar deve ser sempre analisado, levando em consideração o lugar ocupado pelo sujeito no grupo e através das relações mantidas com outros meios.

As lembranças podem, a partir da vivência de grupo, ser reconstruídas ou até mesmo simuladas. Halbwachs (1990, p. 77) afirma que a lembrança é uma imagem engajada em outras imagens e que podem ser simuladas a partir do contato do indivíduo com as lembranças de outros indivíduos, criando, assim, uma percepção histórica por meio do compartilhamento de memórias.

³³ NORA, P. Entre memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

³⁴ HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2013.

³⁵ POLLAK, M. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

³⁶ CANDAU, J. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.

³⁷ LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas, São Paulo : Editora da Unicamp, 2013.

³⁸ Maurice Halbwachs é sociólogo da escola durkheimiana. Estudou os problemas do nível de vida e da evolução das necessidades sociais. Segundo Halbwachs, existiriam tantas formas de viver e de se relacionar com os bens materiais quantos os grupos sociais. A conservação desses *modus vivendi* seriam conservados por meio de uma "memória coletiva". No entanto ela não impediria o acontecimento de mudanças nos grupos, diante de ocorrências nos contextos econômicos e sociais. Tal como Marc Bloch, o sociólogo teve sua vida abreviada no final da Segunda Guerra Mundial, quando foi executado num campo de concentração nazista.

A memória individual, portanto, não é isolada e frequentemente toma por referência elementos externos ao sujeito. Halbwachs (1990, p. 77) afirma também que a memória coletiva está pautada na continuidade. Deve ser vista sempre no plural: memórias coletivas.

Para Halbwachs (1990, p. 77) as fontes orais são tão relevantes e confiáveis quanto as escritas, e ambas devem ser estudadas e analisadas de maneira crítica, visando à confiabilidade e à cientificidade das informações.

Outro historiador que se dedicou ao tema memória, Pierre Nora³⁹ (1993), reflete sobre os princípios da história e da memória e as opções, tal como Halbwachs.

Para Nora (1993, p. 45), a memória é objeto da História e é filtrada por ela, o que impede diferenciações entre a memória coletiva e a memória histórica. Para esse autor, a memória já não existe, e tudo o que se considera memória é História. Resta, portanto, apenas lugares de memória.

Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados e monumentos, santuários são as marcas e testemunhos de uma outra época. São os rituais de uma sociedade sem rituais, sacralizações passageiras de uma sociedade que continuamente dessacraliza, sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo em uma sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos. (NORA, 1993, p. 45).

Michael Pollak (1989, p. 15)⁴⁰, por sua vez, compreende a memória de maneira diferenciada. Ele não vê as relações entre história e memória de maneira pessimista. Observando uma distinção entre memória oficial e o que chamou de memória subterrânea, numa alusão às camadas populares, entende que as memórias marginalizadas abriram caminhos e novas possibilidades no campo da História Oral.

Pollak (1989, p. 15) afirma que em momentos de crise essas memórias são subterrâneas e afloram, reivindicando a afirmação de sua identidade que, muitas vezes, por pertencer a um grupo minoritário, variavelmente encontram-

³⁹ Pierre Nora é um historiador francês membro do grupo da Nova História. Seus estudos abordam questões de identidade francesa, memória e ofício do historiador.

⁴⁰ Michael Pollak foi historiador e sociólogo. Nasceu na Áustria (1948) e defendeu sua tese sob orientação de Pierre Bourdieu. Desenvolveu pesquisas sobre as condições de vida nos campos de concentração através de entrevistas com sobreviventes. Estudou sobre o estilo de vida dos homossexuais e lançou a primeira pesquisa sobre a Aids na França, em 1985. Faleceu em 1992.

se marginalizadas; memórias “que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível e afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos exacerbados”.

Para Pollack (1989, p. 3-15), diferentes pontos de referência, que de certa forma estruturam a memória individual acabam inseridos na memória coletiva. Podem ser elencados monumentos, patrimônio arquitetônico e seus estilos, paisagens, datas, personagens históricos, tradições, costumes, folclore, músicas culinária e outros.

Pollak (1989, p. 15) também alerta para a categoria do não dito, afirmando que a memória também é feita daquilo que não é exposto, decorrendo-se dos motivos mais diversos: expor-se a mal-entendidos, de ser punido pelo que diz ou mesmo pela angústia de não ser ouvido.

Existem nas lembranças, de uns e de outros, zonas de sombra, silêncios, não ditos. As fronteiras desses silêncios e não ditos com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. (1989, p. 15).

A memória serve, portanto, como uma força de identidade que nos habilita a reconhecer, identificar e compreender as maneiras que a escola que nos propomos a estudar ainda marcam a vida daqueles que participaram, em algum momento, da história da instituição.

Ao fazer a análise a respeito de memória e identidade, Candau (2012, p. 24), por exemplo, propôs uma taxonomia referente à memória individual. Ele a divide em três tipos:

Protomemória – uma memória incorporada nos hábitos dos indivíduos. É uma memória imperceptível, aquela que ocorre sem que o indivíduo tenha consciência, como o andar de bicicleta ou os gestos realizados por uma pessoa ao cumprimentar outra;
Memória de alto nível – é a memória propriamente dita. Evocada de forma intencional ou não, de lembranças da própria vida ou do saber adquirido em sua experiência. É a memória que também é feita de esquecimento, tal como mencionado anteriormente;
Metamemória – aquilo que o indivíduo sabe ou pensa sobre a memória. (CANDAU, 2012, p. 21-23).

Entende-se, portanto, que tal classificação se aplica quando se trata de indivíduos. A protomemória, por exemplo, é inválida para se pensar em grupos ou sociedades. Isso porque não há uma única memória incorporada nas ações

de um grupo como um todo. Tratar de grupo ou sociedade só é possível, segundo Candau (2012, p. 24), utilizando o conceito da metamemória. Tal conceito aparece conjuntamente à ideia de uma memória coletiva, mas é preciso salientar que:

[...] é impossível admitir que essa expressão designe uma “faculdade”, pois a única faculdade de memória realmente atestada é a memória individual; assim, um grupo não recorda de acordo com uma modalidade culturalmente determinada e socialmente organizada, apenas uma proporção maior ou menor de membros desse grupo é capaz disso. (CANDAU, 2012, p. 24).

Nesse sentido, o uso do termo “memória coletiva” representa uma forma de memória supostamente comum ao grupo, geralmente usada como forma de reforçar sua identidade.

Seguindo as análises sobre memória e história, é importante verificar o que o historiador Jacques Le Goff⁴¹ (2013) defende sobre o tema. Ele aponta para a necessidade de diferenciar as sociedades de memória oral e as de memória escrita. Afirma que a memória tem um sentido amplo e quase irrestrito na fixação do comportamento das sociedades. Assim, apoiado nos estudos do antropólogo francês Leroi-Gourhan⁴² (1977), Le Goff (2013, p. 389) classifica a memória em três categorias:

Memória específica – responsável pela fixação dos comportamentos de espécies animais;
 Memória étnica – assegura a reprodução dos comportamentos nas sociedades humanas;
 Memória artificial – eletrônica em sua forma mais recente, que assegura sem recurso ao instinto à reflexão, a reprodução de atos mecânicos encadeados. (LE GOFF, 2013, p. 389).

Le Goff (2013, p. 389) afirma que a cultura das sociedades ágrafas possui enormes diferenças em relação às sociedades com escrita, no entanto, não são radicalmente divergentes. Ele afirma que os “homens memória” são os

⁴¹ Jacques Le Goff, historiador de ofício, nasceu em janeiro de 1924, em Toulon, na França. É considerado um dos maiores medievalistas do mundo. Seu trabalho se destaca especialmente nas últimas décadas, com o movimento da Nova História, a partir dos anos de 1970, exercendo grande influência no “fazer histórico”.

⁴² LEROI-GOURHAN, A. **Les voies de l'histoire avant l'écritures**. In J. LE GOFF & P. NORA (ORGS) **Faire de l'histoire**, I. Nouveaux problèmes. Paris : Gallimard, 1974.

responsáveis, nas sociedades sem escrita, pela manutenção das tradições do povo. Isso acaba por anular a necessidade de estratégias de memorização.

1.5 METODOLOGIA DA HISTÓRIA ORAL

A utilização da metodologia da História Oral recebeu muitas críticas de escolas históricas mais tradicionais. No entanto desde a Antiguidade historiadores como Tucídides e Heródoto utilizavam desse recurso para construir seus relatos. A negação dessa prática destacou-se principalmente a partir do século XIX, sob a influência da doutrina positivista, que valorizava sobretudo o documento escrito. “Considerava-se que o depoimento não poderia ter o valor de prova, já que era atribuído de subjetividade, de uma visão parcial sobre o passado e estava sujeito a falhas de memória” (ALBERTI, 2013, p. 25).

Le Goff (2013, p. 11) afirma que, paradoxalmente, hoje se assiste à crítica desse tipo de história em razão da vontade de colocar a explicação no lugar da narração. Mas ao mesmo tempo se presencia o renascimento da História – testemunho por intermédio de “retorno do evento” (NORA, 1993), ligado à nova mídia, ao surgimento de jornalistas dentre os historiadores e ao desenvolvimento da história imediata.

Com o avançar do tempo, a oralidade muitas vezes apreendida pelo suporte da entrevista ganhou status de documento. As desconfianças sobre esse tipo de metodologia, no entanto, persistem ainda no presente. Dentre as questões levantadas está a forma como o entrevistado concebe o passado e também de que modo sua percepção difere ou não de outros entrevistados.

Verena Alberti (2013, p. 24) afirma que o emprego da história oral só pode ser utilizado em pesquisas sobre temas recentes, até onde a memória do entrevistado alcance. Nesse sentido, Faria e Lobo (2013, p. 106) afirmam que “a importância da análise e preservação dessa história institucional, vinculada à dimensão das vivências individuais e memórias dos gestores da Educação nos oportuniza a recuperação e preservação de documentos, objetos e materiais que expressam momentos significativos do sistema público de ensino fluminense”.

Entende-se, portanto, que o objetivo da aplicação da história oral é fundamental para a sustentação de outros documentos existentes. Especialmente numa análise comparativa daquilo que a história oficial apresenta e as nuances, os detalhes e os testemunhos daqueles que vivenciaram os fatos.

Antonia Simone Coelho Gomes realizou uma pesquisa com recorte temporal datado do início da década de 2010, utilizando registros de memórias extraídos de cadernos de recordações de alunos da rede pública de Minas Gerais. Mesmo não realizando um trabalho com a História Oral, diretamente como recurso metodológico, percebemos um dos aspectos do uso da memória como fiel depositário do conhecimento do passado: “a memória está depositada nas outras pessoas, nas escritas, nas lembranças” (GOMES, 2011, p. 199). A autora cita Jacques Le Goff para auxiliar seu embasamento teórico:

O historiador Le Goff (1992) pode nos auxiliar sobre a questão da memória, quando afirma que as mutações das mentalidades se dão através da tomada de consciência das rupturas com o passado e da vontade coletiva de assumir as possíveis mudanças decorrentes do processo histórico. Para o autor, ‘A ruptura dos indivíduos e das sociedades com o passado, esta leitura não revolucionária, mas irreverente da história, talvez por estar impregnada de vida cultural e cotidiana constituem também e paradoxalmente um instrumento de adiamento, de mudança e de integração’. (LE GOFF apud GOMES, 2011, p. 199).

A autora Verena Alberti (2013, p. 24), em seu livro *Manual de História Oral*, traz uma definição para o conceito.

[...] diríamos que a história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. [...] Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc., à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam. (ALBERTI, 2013, p. 24).

É preciso destacar a diferença entre o uso dos termos “história oral” e “fonte oral”. Serlei Maria Fischer Ranzi (2007) aponta para essa diferenciação e se posiciona em relação ao uso dos termos:

No caso de fonte oral, há uma certa receptividade por parte de muitos historiadores no uso dessa terminologia da qual partilho, pois, a

história oral vem carregada de uma interdisciplinaridade que não inclui somente trabalhos de história. Para o historiador, essa fonte contribui para construir um discurso de interpretação histórica mais completo, mais rico, mais complexo, e não um produto historiográfico diferenciado e alternativo à história produzida com documentos escritos. (RANZI apud BENCOSTTA, 2007, p. 327).

Marc Ferro (1989) trabalha a concepção de como a memória das sociedades caminham ao lado da história dos historiadores e, de alguma forma, tenta chamar a atenção da sociedade sobre o que a historiografia oficial ou não oficial omite. Ferro chama isso de “contra-história”. É, portanto, a partir dos relatos orais das personagens que ocuparam funções oficiais, que elas conseguem não apenas encontrar a ordenação dos vestígios de um passado bastante recente e também dar início a uma releitura de tais vestígios, uma vez que “os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva” (LE GOFF, 2013, p. 426).

Certeau (2011, p. 29) afirma que “da reunião dos documentos à redação do livro, a prática histórica é inteiramente relativa à estrutura da sociedade”. Assim entendemos que toda produção historiográfica busca realizar e/ou dar sentido a algo pertinente ao grupo em que está inserido o historiador.

Nesse ponto, Certeau (2011, p. 48) afirma: “Mostrou-se que toda interpretação histórica depende de um sistema de referência; que esse sistema permanece uma ‘filosofia’ implícita particular; que, infiltrando-se no trabalho de análise, organizando-o à sua revelia, remete à ‘subjetividade’ do autor.” Com isso percebemos que as percepções do passado dos entrevistados se contrastam com a realidade do presente e elas produzem uma narrativa não isenta da vivência atual, mas sim pautada no hoje, trazendo elementos de comparação, mesmo que *não ditos* dessa forma.

A autora Sandra Cristina Fagundes de Lima (2009, p. 7), da Universidade de Uberlândia, afirma que:

Avaliamos que ao eleger do passado esses aspectos e construirmos as suas memórias, as nossas entrevistadas partiram de uma realidade na qual se inserem no presente, não mais como professoras, mas, sim, como pessoas que ouvem relatos da escola “moderna” como a antítese daquela que conheceram. Os alunos já não obedecem e muitos não são cordiais; a aula transcorre sem que se seja possível dedicar-se às questões voltadas para o conteúdo, pois boa parte do tempo é consumida em tentativas, às vezes

frustradas, de estabelecer um pouco de ordem no caos das salas lotadas. (LIMA, 2009, p. 7).

De forma semelhante, entendemos que nas narrativas sobre as memórias escolares, presentes na pesquisa desenvolvida sobre a Escola Graciosa, também foi identificada essa idealização em relação ao passado vivido. Nesse sentido, tanto a documentação escrita quanto a iconográfica auxiliam para a realização dessa análise.

O suporte de documentação escrita e iconográfica contribuem também para multiplicar as possibilidades de interpretação. No que se refere às escolas confessionais, observou-se maior escassez de trabalhos produzidos, sendo que a maior parte deles envolvem escolas de confissão religiosa católica. Quando envolvem as protestantes, os trabalhos privilegiam o final do século XIX, quando as igrejas protestantes históricas se estabeleceram no Brasil ou início do século XX.

A bibliografia referente ao protestantismo e à educação remete a autores tradicionais como Lutero e João Calvino. É complexo tratar do protestantismo sem analisar o clássico de Max Weber *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, obra em que o autor expõe que por meio do emprego do método e da pesquisa científica, uma das várias facetas do capitalismo ocidental, apresenta como principais características do sistema capitalista a organização racional do trabalho livre, a separação dos negócios da moradia familiar e a implementação da contabilidade racional, da qual se origina a classe burguesa ocidental, ligada estreitamente à divisão do trabalho. Esse clássico da sociologia é fundamental às bases do conceito de protestantismo que serão citados.

É importante acrescentar que o núcleo familiar fundador da escola mantém com muito cuidado e de forma nítida os valores tradicionais protestantes. Dentre eles manifestam-se as características calvinistas, relacionadas ao valor que é dado a temas como trabalho, poupança, disciplina, distanciamento de práticas festivas ditas “mundanas”, como carnaval, festas religiosas de caráter católico, entre outras. Isso fica claro no depoimento da filha do pastor João Weidman sobre a atividade laboral do pai e do irmão para além de suas obrigações formais:

Quando os dois policiais chegaram, foram atendidos pela sogra do Pr. João (a minha querida e saudosa vó Nair), pois o missionário estava trabalhando, puxando terra, com seu filho Roberto, para aterrar parte do que seria um novo cômodo para a casa⁴³.

Para Sandra Weidman, o fato de seu pai e seu irmão estarem sujos, trabalhando na terra, era fator de orgulho e correspondia aos princípios apreendidos na prática cotidiana com seus pais e familiares como valores de fé.

Alguns teóricos aparecem com conceitos que auxiliam a delimitar algumas abordagens pretendidas. Uma delas foi desenvolvida nos estudos de Certeau (2006). As proposições oriundas do historiador especialmente ao papel do historiador, às formas de abordagem e na afirmação de que não está isento, mas inserido num contexto.

Pierre Bourdieu⁴⁴ (1998) trata do capital cultural⁴⁵, bastante pertinente à análise desta pesquisa, visto que a escola em questão forma um nicho de atividades que privilegiam indivíduos, esses desfrutando de um capital cultural por eles valorizado, discurso religioso consoante à denominação. Não poucas vezes se observou desligamento ou mesmo intenção de afastar alunos que não compactuavam ou toleravam certas práticas valorizadas pela direção da escola.

Para Bourdieu (1998), a escola é um espaço de reprodução de estruturas sociais e de transferência de capitais de uma geração para outra. Essa estrutura social possui uma camada privilegiada, que se perpetua por meio daqueles que são bem-sucedidos na instituição, reproduzindo o status social de sua família, por exemplo. Observa-se tal análise sob o ponto de vista econômico, mas bem serve tendo por capital cultural os hábitos e as práticas

⁴³ Depoimento cedido a Eduard Henry Lui, em 4 de junho de 2015, por Sandra Mara Weidman.

⁴⁴ BOURDIEU, P. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

⁴⁵ Entende-se por capital cultural o conjunto de recursos, competências e apetências disponíveis e mobilizáveis em matéria de cultura dominante ou legítima. Pode existir em dois estados: incorporado, quando faz parte das disposições, do *habitus*, dos agentes; e objetivado, quando é certificado por meio de provas, atributos ou títulos, designadamente escolares. Como qualquer capital, ele confere poderes que propiciam diversas probabilidades de lucro (econômico, cultural, social ou simbólico) nos campos e mercados em que atua.

religiosas. Não é incomum os privilégios serem dados àqueles que detêm a mesma herança cultural religiosa.

Nitidamente em sermões, discursos e reuniões pedagógicas e com os pais, a escola os consideravam superiores ou “mais aptos” que os demais, criando um ambiente competitivo e reproduzindo estratificações, no caso, não econômicas e sociais, mas de caráter religioso. Esses aspectos não são nítidos, muito menos registrados em atas ou circulares, mas podemos ler nas entrelinhas certas práticas excludentes, por exemplo, quando o entrevistado Eliseu foi inquerido sobre a continuidade de seus estudos, depois de funcionário da escola, ele afirma que não pôde concluir a faculdade, porque não conseguia chegar a tempo e também pela instituição cobrar preço elevado para o curso que gostaria de concluir.

Eduard: Você terminou o segundo grau. Não pensou em seguir em frente?

Eliseu: É, na verdade eu até fiz um, fiz faculdade um ano de Educação Física, mas não...

Eduard: Não continuou... A área de que você gosta é essa... Ligada ao esporte.

Eliseu: É essa, ligada a esporte, mas não concluí.

Eduard: Não concluiu porque se decepcionou com o curso... Porque...

Eliseu: Na verdade, trabalhando na escola não tinha condições de chegar a tempo na faculdade e também por questão financeira também né, quando comecei a fazer era muito caro pra mim também, na parte financeira...⁴⁶

Questionamos a missão educadora de privilegiar a educação como baluarte e não permitir que um de seus funcionários, membro da igreja, não pudesse concluir seu curso pelos motivos expostos – chegar a tempo na escola e não poder pagar a faculdade. A situação fica velada e muitas vezes a “culpa” é retornada à própria pessoa que não se “interessou” em concluir o curso superior.

Neste sentido apontamos o estudo para questões relacionadas à afetividade. As relações afetivas desenvolvidas neste contexto está permeada por um discurso religioso. As decepções e frustrações são colocadas em um patamar espiritual onde os entrevistados, em sua maioria, não se apropriam ou

⁴⁶ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 9 de setembro de 2015, por Eliseu Ferreira de Lima.

culpam-se por eventualidades ocorridas em suas vidas, mas tudo é sublimado a um patamar espiritual onde se entende que determinados fatos, especialmente os desagradáveis, faziam parte da “vontade de Deus”, ou mesmo, de um sacrifício em “amor a Deus”, portanto, há poucos embates e poucos questionamentos quanto à instituição ou às pessoas que impuseram certas determinações.

Nos discursos produzidos pelos entrevistados isso não é facilmente perceptível, no entanto, o direcionamento de algumas falas notadamente se percebe que a “bênção”, a “graça” é alcançada quando os alunos se enquadram nos preceitos religiosos do colégio, conforme podemos observar quando questionamos sobre a realização dos sonhos do missionário fundador da escola:

Sim, os sonhos dos meus pais foram realizados, no sentido de que a comunidade de Quatro Barras vê a Igreja Batista de forma diferente, o ensino fundamentado na Palavra de Deus foi, está sendo ainda feito, o Evangelho está sendo pregado, difundido, vidas estão sendo alcançadas para Cristo, estão se arrependendo de seus pecados, entregando a vida a Cristo, então com isso realmente posso afirmar, os sonhos eles foram realizados plenamente.⁴⁷

Eliseu, ex-aluno e atual funcionário da escola, evidencia que o objetivo principal da instituição, assim que foi criada, era levar os dogmas e doutrinas, mesmo acima das intenções educacionais e pedagógicas:

[...] mas é que pessoas que entraram aqui trabalhar, não só professores, como funcionários em geral não têm essa ideia mais de que aqui é uma obra missionária ainda. Que o objetivo do pastor João até mesmo quando ele iniciou, com crianças carentes era essa, de pregar a Palavra de Deus, tão somente, não era nem tanto o ensino, mais pregar a Palavra de Deus.⁴⁸

⁴⁷ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 12 de setembro de 2015, por João Arthur Weidman Junior.

⁴⁸ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 9 de setembro de 2015, por Eliseu Ferreira de Lima.

2 OS BATISTAS E A EDUCAÇÃO PROTESTANTE

Compreender as ações pedagógicas e suas implicações na vida daqueles que frequentaram uma escola confessional passa por uma explanação da fé e doutrina dessa instituição. Como elegemos uma escola pertencente ao ramo cristão batista, devemos voltar nossos olhos às características e histórico desse grupo religioso. Portanto antes de prosseguirmos com as considerações específicas da Escola Graciosa, contextualizaremos a denominação batista a partir de suas origens em busca de uma melhor caracterização dessa denominação cristã.

2.1 ORIGENS BATISTAS

Percebemos a necessidade de traçar em linhas gerais a origem dos batistas até a chegada ao Brasil para entendermos a concepção de mundo e educação dos integrantes da Convenção Batista Brasileira (CBB). Para tal, apoiamo-nos na dissertação “Diálogos (re)velados: a trajetória e os discursos políticos-doutrinários dos batistas brasileiros”, de Edilson Soares de Souza (2008).

Retrocedamos ao começo do século XVII e observemos os movimentos religiosos que aconteceram no continente europeu, de modo mais específico na Inglaterra e na Holanda. A gênese desse grupo religioso é, de acordo com Souza (2008, p), resultado dos processos de transformações num contexto da Inglaterra pré-revolucionária e revolucionária envolta numa guerra civil que se deu nas camadas mais pobres da sociedade inglesa.

Souza (2008, p. 17) comenta: “as instituições religiosas da época experimentaram rupturas e novas adaptações, provocando o surgimento de novos grupos de confissão protestante”. Assim concebeu-se que os batistas começaram a ser mencionados na historiografia a partir da fundação de sua primeira Igreja, no início do século XVII, em Amsterdã.

Da Europa, muitos batistas migraram para a América do Norte, num contexto de formação das colônias americanas, em que se desenvolveram juntos às classes menos favorecidas.

Em virtude do contexto histórico da Guerra Civil norte-americana (1861-1865), houve novamente um movimento migratório de grupos batistas, incluindo como destino o Brasil:

As consequências do conflito social norte-americano também repercutiram no Brasil, pois se entende que foi num momento de transformações sociais nos Estados Unidos da América, caracterizado por limitações de oportunidades profissionais, que um contingente de religiosos migrou para o Brasil. (SOUZA, 2008, p. 18).

2.2 BATISTAS NO BRASIL

A junta de Richmond, ligada à Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, entendeu que o Brasil, apesar de estar dentro de um conjunto de nações tidas como cristãs por sua base católica, tinha a necessidade de ter acesso aos valores pregados pelos batistas e que houvesse a conversão de práticas que estavam longe de ser o puro ensinamento cristão.

Thomas Jefferson Bowen, em 1860, foi o primeiro evangelista a tentar desenvolver esse trabalho no país, mas enfrentou alguns problemas e teve seu projeto frustrado. Sua saúde estava debilitada e havia falta de organização em como proceder com a atividade.

Antes da chegada ao Brasil, Bowen esteve na África e conhecia o dialeto iorubá, oportunizando que estabelecesse interação com alguns escravos. Por conta disso foi preso e teve de voltar aos Estados Unidos (PEREIRA, op. cit., p. 67-69). O evangelista ficou apenas nove meses no país.

Depois da tentativa frustrada de Bowen, um grupo de batistas vindos da região sul dos Estados Unidos, fugidos da Guerra de Secessão (1861-1865),

instalaram-se principalmente em Santa Bárbara do Oeste, na província de São Paulo.

Para continuar com as práticas religiosas, o grupo fundou uma igreja (1871), mas os cultos eram dirigidos em língua materna: a inglesa. Para propagar a fé entre os brasileiros, a comunidade solicitou à Junta de Richmond a presença de missionários que pudessem se ocupar com esse trabalho (MIRANDA, op. cit., p. 9).

Com o movimento de chegada de imigrantes e a solicitação de pessoas capazes de propagar a fé e oferecer assistência espiritual na concepção batista aos brasileiros, a denominação foi instalando-se aos poucos e crescendo no Brasil.

O estadunidense Alexander Travis Hawthorne, após a Guerra de Secessão, dirigiu-se à região da Bahia, buscando fundar uma colônia. Na impossibilidade de o projeto concretizar-se, retornou aos Estados Unidos e começou a incentivar missionários batistas a vir ao Brasil.

Fruto da difusão de Hawthorne, o casal Willian Buck Bagby e Anne Luther Bagby veio ao Brasil, na década de 1880, dirigindo-se à colônia de Santa Bárbara, para estabelecer contato com os batistas lá fixados. Como o objetivo era trabalhar com os brasileiros, foram à cidade de Campinas (SP) para estreitar contato com a língua portuguesa.

O casal teve convívio com Antônio Teixeira de Albuquerque, ex-padre católico, que ao estudar a Bíblia no seminário teve entendimentos que o catolicismo não contemplava. Por passar a acreditar que o batismo devia ser por imersão, Albuquerque dirigiu-se à colônia de Santa Bárbara e foi batizado pelo grupo lá instalado.

Como detinha amplo conhecimento das escrituras, Albuquerque foi ordenado ao Ministério Batista, tornando-se um missionário da denominação. Zachary Clay Taylor, antes da vinda dos Bagby, tinha o desejo de vir ao Brasil e foi outro missionário que se somou ao grupo pioneiro de batistas.

Essas pessoas foram as responsáveis pela fundação da Primeira Igreja Batista genuinamente brasileira e voltada aos brasileiros, uma vez que havia missionários estadunidenses e presença de apenas um brasileiro.

Salvador (BA) foi o local escolhido para fundar a Igreja, pois a cidade, além de centro religioso, pela figura do arcebispo primaz estar presente e ser populosa, nenhuma denominação tinha qualquer trabalho no local. Na medida em que a comunidade foi crescendo, os missionários foram se separando e atingindo outros locais. Enquanto isso, outros evangelistas continuavam chegando e estabelecendo pontos de propagação de fé (MIRANDA, op. cit., p. 9-10).

O marco fundador das atividades batistas no Brasil é o ano de 1882, em decisão da assembleia convencional da CBB (1868), tendo como base “as ações que os missionários norte-americanos desenvolveram a partir da cidade de Salvador” (SOUZA, 2008, p. 18). A esse respeito, o autor aponta as controvérsias quanto ao estabelecimento dessa data, visto que a presença de grupos batistas é anterior a 1882, remontando ao final da década de 1850, no interior paulista.

Para SOUZA (2008, p. 19), “embora persistam algumas discussões – escassas e de pouco efeito – sobre o assunto, até o momento essa é a data oficial reconhecida pela CBB e por parte das igrejas a ela vinculadas”.

Com a vinda dos missionários norte-americanos, em 1881, o projeto de estabelecimento de igrejas do grupo na América Latina, sob a liderança dos batistas do sul dos Estados Unidos, ganhou força. Foi assim que a Igreja local da Bahia foi construída (1882), com pessoas já filiadas à Igreja Batista em Santa Bárbara d’Oeste, no interior de São Paulo.

SOUZA (2008, p. 34) comenta a escolha pela Bahia que se deveu por quatro fatores: grande população, que na época contava com 200 mil habitantes; grande povoamento da região e suas terras boas para o cultivo; ligação pelo mar com outros pontos importantes; falta de missionários de outras religiões.

A partir de 1882, da Bahia os batistas se espalharam por todo o território nacional, organizando igrejas, criando escolas de ensino fundamental e médio, constituindo seminários para preparar os líderes batistas brasileiros, edificando asilos e hospitais, num trabalho que permanece até o momento presente. (SOUZA, 2008, p. 34).

Após esse recorte histórico da trajetória desse grupo religioso em território brasileiro, Edilson Souza passa a tratar a respeito do pensamento dos batistas da CBB e sua concepção de mundo.

Para o autor, “a trajetória de um grupo pode ser reconstruída, não apenas pela percepção de suas polêmicas e o seu desejo de expansão, mas pela compreensão de como o grupo religioso formou o seu pensamento coletivo, revelando a sua concepção de mundo” (SOUZA, 2008, p. 37).

Assim, apoiando-se em Azevedo (2004), o autor comenta os religiosos batistas do Brasil que vieram nos Estados Unidos um modelo para implantação de sua doutrina e também uma estrutura de sociedade admirável, nação que fora concebida de acordo com os princípios do protestantismo.

Souza (2008) analisa o modo de pensar dos batistas brasileiros tendo como fonte a ata de organização da primeira Igreja na Bahia, apoiada no documento Confissão da Fé de New Hampshire, elaborado pelos batistas norte-americanos, que nos remete aos elementos constitutivos das Confissões de Fé, “documentos que estabelecem diferenças entre o pensamento dos grupos protestantes e o pensamento da Igreja Católica Romana” (SOUZA, 2008, p. 39), as quais sistematizam e auxiliam a compreender as crenças desses grupos religiosos. Em linhas gerais, de acordo com o autor, é possível sintetizar a concepção de mundo dos batistas da CBB nos seguintes pontos:

- A práxis desse grupo religioso se vincula às orientações estabelecidas na Confissão de Fé de New Hampshire. Ainda que tal documento revelasse a concepção religiosa de um contexto social diferente do brasileiro, os batistas decidiram adotá-lo por um período de 103 anos (1882-1985).
- Historicamente esse grupo quase nada se aproxima ou dialoga com a Igreja Católica, o que inclui, por exemplo, a não aceitação da ingerência

do papa com relação à interpretação da Bíblia. Ainda que a Reforma tenha trazido a liberdade na interpretação dos textos bíblicos, e conseqüentemente a concepção individual de como viver em sociedade, essa interpretação da Bíblia deveria passar pelo crivo da organização religiosa que autorizava o documento confessional, a fim de não criar cisões dentro do grupo.

- Entre outros aspectos, os batistas da CBB, apoiados na concepção dos batistas norte-americanos, acreditavam na constituição civil de governo, separando religião e Estado, ou seja, uma das assertivas da coletividade desse grupo, a qual o orienta diante da questão, é “o Estado deve ser leigo e a igreja livre”.

O autor continua sua análise a respeito da concepção dos batistas da CBB mencionando a elaboração, depois de décadas, da Declaração Doutrinária (aprovada em assembleia em 1985). Para o autor, no preâmbulo desse documento é possível “encontrar uma proposta de compreensão da identidade do grupo, segundo a percepção da CBB, pois o documento traz a seguinte afirmação” (SOUZA, 2008, p. 45):

[...] através dos tempos os batistas se têm notabilizado pela defesa destes princípios: 1) A aceitação das Escrituras Sagradas como única regra de fé e conduta; 2) O conceito de igreja como sendo uma comunidade local democrática e autônoma, formada de pessoas regeneradas e biblicamente batizadas; 3) A separação entre Igreja e Estado; 4) A absoluta liberdade de consciência; 5) A responsabilidade individual diante de Deus; 6) A autenticidade e apostolicidade das suas igrejas; 7) O início e a promoção da obra missionária nos tempos modernos, com vistas à comunicação do Evangelho até os confins da terra. (CBB apud SOUZA, 2008, p. 46).

A análise é encerrada levantando questões a respeito da Declaração Doutrinária de 1985, na qual, em suas palavras, “pode-se estabelecer um processo de continuidade na formação da identidade dos batistas entre os brasileiros; processo que se firma e se sustenta sobre os dois documentos confessionais” (SOUZA, 2008, p. 46).

2.2.1 Batistas no Paraná

A introdução da denominação Batista no Paraná ocorreu pelo litoral. Um grupo de evangelistas congregacionais saiu da cidade de Santos (SP) e dirigiu-se ao Rio Grande Sul para iniciar um ponto de pregação próprio. Ao passar por Curitiba (PR), o material evangelístico que possuía teria acabado e ele teria se separado.

Parte do grupo continuaria o trajeto, enquanto algumas pessoas voltariam para prover o material necessário. Samuel Pires de Mello, recém-convertido à fé batista, ficou encarregado da tarefa. Porém, antes de seu retorno, fez algumas reuniões evangelísticas na cidade litorânea de Paranaguá (PR) e retornou à cidade com sua família, iniciando uma igreja cristã (1903).

Declara o pastor Nivaldo Cavallari (2003, p. 36) em seu livro *Centenário de Fé* declara: “podemos afirmar que a chegada de Samuel Pires de Mello em 7 de setembro de 1902 foi o marco zero de nossa história, mas a organização da igreja se deu após os primeiros batismos em 12 de abril de 1903”.

Tal comunidade não tinha denominação religiosa, apenas prestava relatórios anuais ao grupo do qual Mello fazia parte em São Paulo. O grupo foi crescendo e atingindo outros pontos do litoral paranaense, chegando a realizar duas de suas reuniões em Curitiba.

Porém, por questões financeiras e de saúde, o evangelista Mello precisava que alguém desse continuidade à obra já feita. Como o grupo a que estava ligado não se comprometeu com a igreja existente, os batistas assumiram-na e, em 1910, teve-se a criação da Primeira Igreja Batista no estado do Paraná (MIRANDA, op. cit., p. 11).

O contínuo crescimento da comunidade fez com que atividades missionárias ao longo do litoral paranaense fossem ampliadas. Logo, outras igrejas batistas foram organizando-se e dando início ao projeto, enviando os missionários Manoel Virgínio de Souza e Robert Edward Pettigrew à Curitiba.

O contato desses dois pregadores fez com que houvesse a organização da Primeira Igreja Batista de Curitiba, na casa do evangelista Manoel Virgínio, em 1914. (MIRANDA, op. cit., p. 11).

FIGURA 1- FOTOGRAFIA DE JORNAL: RUA AQUIDABAN - CURITIBA - PR - UM DOS LOCAIS ALUGADOS PARA SERVIR DE TEMPLO À PRIMEIRA IGREJA BATISTA DE CURITIBA (ATUAL RUA EMILIANO PERNETA), QUE PASSOU A SER, POSTERIORMENTE, A SEDE DA FACULDADE DE DIREITO DE CURITIBA E DO COLÉGIO NOVO ATENEU.



FONTE: Acervo da Primeira Igreja Batista de Curitiba.

É possível perceber pessoas em trajes elegantes de domingo, homens usando ternos e o numeroso grupo de crianças. (Data indeterminada.)

O grupo expandiu-se, adquiriu um terreno para a construção do templo, inaugurado em 1924. Antes disso, a comunidade precisou alugar diferentes locais para a celebração dos cultos.

FIGURA 2- FOTOGRAFIA DO TEMPLO PRÓPRIO DA PRIMEIRA IGREJA BATISTA DE CURITIBA. RUA VISCONDE DE GUARAPUAVA - CURITIBA - PR - FEVEREIRO DE 1936.



FONTE: Acervo da Primeira Igreja Batista de Curitiba.

Observa-se novamente a clássica formação para fotografia na frente da igreja, revelando sua antiguidade pela própria grafia estampada – Igreja Batista. É possível perceber pessoas em trajes elegantes de domingo, homens usando ternos e bem ao centro há um militar em seu traje oficial. Chama a atenção o grande número de crianças, isso ocorre porque é a saída da EBD, e a participação infantil é muito intensa.

As atividades de propagação da fé continuaram a ser exercidas e, aos poucos, foram atingindo diversos pontos da cidade, com inauguração de várias outras igrejas ainda existentes.

2.2.2 Trabalho batista em Quatro Barras (PR) – motivações

O pastor João Arthur Weidman, enviado por um conjunto de igrejas batistas letas da região de São Paulo, estabeleceu-se no litoral paranaense na década de 1960, na região de Guaraqueçaba. Com o intuito de iniciar um trabalho de evangelização especificamente na região de Tagaçaba, litoral

paranaense, Weidman empregou várias ações missionárias na região, chegando a criar uma Igreja Batista, uma escola e um hospital⁴⁹. Após cerca de quinze anos, acreditou que Deus o dirigia para um trabalho em outra localidade, fixando residência na cidade de Quatro Barras (PR) em 1971.

Conforme relata seu filho, o também pastor Roberto Weidman (2015)

[...] meu pai começou a trabalhar lá (região da Alta Paulista) e enquanto trabalhava com o irmão Werner estudava no seminário. Mas nos finais de semana ou aos domingos, era evangelista naquela região. Então saía com o carro da serraria, numa região e outra, pregando o evangelho. Porém a Associação das Igrejas Batistas, vendo a seriedade e o comportamento dele resolveu convidá-lo para fazer uma visita ao Sul do Brasil a duas colônias letas: uma no Rio Grande do Sul outra em Santa Catarina.

No Rio Grande do Sul seria Ijuí, que é uma das primeiras colônias letas no Brasil; a segunda, Urubici, perto de São Joaquim. Depois ele iria ao litoral do Paraná, onde havia um casal de obreiros letos, o pastor João Pupols e irmã Alida Pupols. Então era para ir a Ijuí, Urubici, ao litoral do Paraná, respectivamente. No entanto ele resolveu inverter o roteiro: vir primeiro pro Paraná, depois para Urubici e por último Ijuí. Só que nem chegou a ir para Urubici ou chegou a conhecer Ijuí. Ficou aqui e, vendo a carência do local, observando o pastor Pupols, a irmã Alida já em idade avançada e os grandes desafios, porque o litoral do Paraná, especialmente a região de Guaraqueçaba, hoje ainda é carente, mas em 1950 era muito mais. [...]

Eu me lembro um pouquinho, quando eu nasci, né, então eu me lembro que não tinha estrada, luz elétrica, nada, era outro mundo realmente. Nós pegávamos o barco em Paranaguá, quatro horas subindo o Rio Tagaçaba, Baía das Laranjeiras, Rio Tagaçaba, até chegarmos em nossa casa. Não havia nada de modernismo, tudo muito precário, simples, muito, muito, assim antiquado mesmo. Lamparinas apenas, não havia nem lâmpião, nada, tudo muito primitivo, muito precário.⁵⁰

⁴⁹ Edição da entrevista cedida à Eduard Henry Lui, em 18 de março de 2015, por Carlos Roberto Weidman.

⁵⁰ Entrevista cedida à Eduard Henry Lui, em 18 de março de 2015, por Carlos Roberto Weidman.

FIGURA 3- FOTOGRAFIA DOS MISSIONÁRIOS JOÃO ARTHUR E NILCE NEYDE WEIDMAN. PIONEIROS NO TRABALHO EVANGELÍSTICO LETO NO LITORAL DO PARANÁ.



FONTE: Acervo pessoal de Sandra Mara Weidman.

Sandra, a filha mais nova do pastor fundador da escola revela sobre a fotografia:

Primeiro Missionário da Associação Batista Leta do Brasil e fundadores do trabalho Batista em Quatro Barras, através da Igreja Batista e Colégio Graciosa. Pr. João Arthur Weidman, juntamente com sua amada esposa Nilce Neyde de Almeida Weidman, dedicaram 15 anos evangelizando, construindo templos e escolas (Guaraqueçaba, Ilha Rasa, Tromomo, Tagaçaba, Potinga, outras ilhas e povoados) e dispensário Bom Samaritano, no Litoral do Paraná. Depois Deus os enviou a Quatro Barras onde não havia nenhuma Igreja evangélica.⁵¹

⁵¹Depoimento cedido a Eduard Henry Lui, em 4 de junho de 2015, por Sandra Mara Weidman.

Embora o discurso seja de caráter extremamente religioso, em que se atribui todas as ações à vontade divina ou mesmo a alguma revelação dos céus, por vezes verificamos nos relatos a conveniência e as necessidades bastante humanas, conforme segue o depoimento de Roberto Weidman.

Eduard: o que motivou a vinda da família para cá, seria o trabalho missionário?

Roberto: E também, porque o Daniel e eu chegamos na idade escolar, e lá [Quaraqueçaba] até hoje é muito carente. Naquela época, então, era muito mais, não havia escola. Então o Daniel e eu fomos morar com nossos avós no interior de São Paulo. Só que daí ficou aquela situação, nós só víamos os nossos pais nas férias e eu tinha 7 anos. Era uma situação bastante difícil, eu chorava muito, porque só via meus pais nas férias, mas, para estudar..., e eles sempre tiveram muito cuidado em relação ao estudo, então começaram a orar. Qual era a vontade de Deus? Que a família continuasse assim, separada? Os filhos lá no interior de São Paulo e eles ali no litoral, e naquela época era bem diferente do que é hoje, ir pro interior de São Paulo é questão de minutos de avião, [...] ⁵²

A cidade de Quatro Barras (PR) era ainda um jovem município ⁵³ quando o pastor João e sua família se estabeleceram na cidade. Um número pequeno de habitantes, conforme lembra Roberto Weidman, que recorreu aos seus conhecimentos de vários anos como professor de geografia:

Eduard: Consegue descrever mais ou menos como era a cidade?

Roberto: Tinha 5 mil habitantes, era muito pequenininha, chama-se Quatro Barras justamente porque só tinha 2 estradas, que formavam então 4 braços, a esquina, onde hoje tem o semáforo ali, então somente 2 ruas, a que vinha de Piraquara pra Campina Grande do Sul e a que vinha de Paranaguá para Curitiba, D. Pedro II, porque justamente o imperador passou aqui em frente, tinha até o pinheiro onde ele descansou, aqui pra frente... um pouco mais, lá tem até hoje um memorial feito pela Universidade Federal, entalhado na pedra, lembrando desse episódio. Então Quatro Barras era muito pequenininha, 5 mil habitantes em todo o município, não havia igreja evangélica aqui, então isso foi um fator que fez os meus pais pensarem em iniciar um trabalho no município, eles queriam justamente ir para um local onde não tivessem igrejas evangélicas. ⁵⁴

⁵² Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 18 de março de 2015, por Carlos Roberto Weidman.

⁵³ A instalação oficial do município de Quatro Barras deu-se de forma solene no dia 9 de novembro de 1961.

⁵⁴ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 18 de março de 2015, por Carlos Roberto Weidman.

As ações missionárias aconteciam na própria casa do pastor João e, aos poucos, algumas pessoas foram aderindo à fé que lhes era apresentada, fundando-se uma comunidade evangélica batista. Com o passar do tempo, o crescente número de fiéis tinha o desejo de participar das reuniões, houve a construção de um templo para melhor acomodação e desenvolvimento de ações religiosas. Os cultos aconteciam aos domingos. Durante o restante da semana o espaço ficava ocioso, surgindo em alguns frequentadores a ideia de ocupá-lo com outras atividades durante a semana.

2.2.3 Vinculações da igreja de Quatro Barras com demais instituições batistas

Os princípios religiosos e doutrinários permaneceram como principais estruturas e princípios da escola Graciosa, mesmo posteriormente, quando a igreja mantenedora desligou-se da CBP por motivos não doutrinários, mas de estilo de culto.

Em conversa individual com um dos entrevistados, que pediu para não gravar aquele momento, ele expôs que a escola e a igreja, que conduz a Graciosa, não se sentiam mais pertencentes ao estilo de culto que as igrejas batistas da convenção estavam adotando.

Num primeiro momento, uniram-se às Igrejas Batistas Regulares⁵⁵ e posteriormente desligaram-se, unindo-se apenas à Associação Batista Leta do Brasil (ABLB), tal como informa o pastor Carlos Roberto Weidman:

⁵⁵ Conforme o site oficial da Primeira Igreja Batista Regular do Rio de Janeiro, a descrição geral dessa fé é: “A Igreja Batista Regular é uma denominação cristã evangélica, de orientação batista mais conservadora e fundamentalista. A denominação ou movimento, como costumam chamar, foi fundada em 1932 quando foi organizada a General Association of Regular Baptist Churches (Garbc), por batistas que se separaram da Convenção Batista do Norte dos Estados Unidos, liderados por Howard C. Fulton. A separação deu-se devido ao liberalismo teológico que solapou as bases de todas as denominações desse país. No Brasil, o movimento chegou à Região Norte (1935-36), com os missionários William A. Ross e Edward Guy McLain, respectivamente. MacLain, ao chegar ao Brasil, instalou-se em Juazeiro do Norte (CE), onde deu início à Primeira Igreja Batista Regular do Brasil. No Nordeste, por meio dos missionários Carleton e Adelaide Mateus (1932), na cidade de São José de Mipibu (RN). Sua doutrina é bem mais conservadora do que a de outros batistas, pois são fundamentalistas e separatistas. Dependendo da congregação, pode variar em relação ao calvinismo ou ao arminianismo ou a nenhum dos dois. Entretanto os calvinistas representam o pensamento dominante do

Eduard: Pode-se dizer uma missão leta?

Roberto: Uma missão, pode-se dizer que sim, porque o início foi sustentado por uma missão leta. [...] ⁵⁶

A ABLB⁵⁷ está vinculada à Convenção Batista Brasileira (CBB), assim como a Convenção Batista Paranaense. Antes de prosseguirmos é importante decifrarmos essa relação da Igreja Batista em Quatro Barras com as demais igrejas batistas e suas respectivas convenções.

O esquema a seguir representa a relação da Igreja Batista em Quatro Barras com as demais associações batistas. Importante destacarmos que não há um caráter de subordinação ou centralização política, apenas unificação identitária e de cooperação mútua em projetos missionários e assistenciais. Existem outras agremiações que poderiam estar incluídas no gráfico, porém, o destaque ficou apenas para a relação da CBB com a ABLB e a CBP.

movimento. São pré-milenistas dispensacionalistas e, tenazmente, rejeitam o pentecostalismo e qualquer de suas expressões". Disponível em: <<https://batistaregular.wordpress.com/quem-somos>>. Acesso em: 4 nov. 2015.

⁵⁶ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 18 de março de 2015, por Carlos Roberto Weidman.

⁵⁷ ...Naquele mesmo ano (1950) aconteceu a primeira grande Conferência Missionária. Nascia assim a Associação Batista Leta do Brasil, que tem se reunido nas Igrejas em Varpa, Nova Odessa e na Capital em São Paulo; Urubici, SC; Ijuí, RS e Curitiba, PR. Permanece a ABLB com seu foco voltado para missões, pregação da Palavra de Deus, despertamento de vocações, valorização da música sacra, além do resgate de aspectos culturais com intercâmbios com a Letônia. Disponível em: <<http://www.batistasletos.com.br/quem-somos>>. Acesso em: 14 Abr. 2016.

ESQUEMA 1- RELAÇÃO DA IGREJA BATISTA EM QUATRO BARRAS COM A CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA E DEMAIS ASSOCIAÇÕES.



FONTE: O autor (2016).

As igrejas batistas⁵⁸ possuem como um de seus pilares a autonomia da igreja local, conforme a Declaração Doutrinária das Igrejas Batistas, artigo VIII: “As igrejas neotestamentárias são autônomas, têm governo democrático, praticam a disciplina e se regem em todas as questões espirituais e doutrinárias exclusivamente pelas palavras de Deus, sob a orientação do Espírito Santo”⁵⁹.

Não há um concílio ou presbitério que una as igrejas batistas e as submeta a um poder central. Isso implica tanto em questões jurídicas/financeiras, quanto espirituais. Por esse motivo, elas possuem significativas diferenças em suas conduções eclesiais, no entanto, devem manter uma linha mínima de concordância para continuarem dizendo-se Batistas da Convenção Batista Brasileira.

⁵⁸ Nos referimos às igrejas batistas ligadas à Convenção Batista Brasileira, a primeira e maior instituição Batista do Brasil.

⁵⁹ Disponível em: <<http://www.batistas.com/institucional/declaracao-doutrinaria>>. Acesso em: 4 mar. 2016.

Segundo SOUZA (2008, p. 47), o primeiro documento de caráter confessional dos batistas no Brasil foi elaborado nos Estados Unidos. Trata-se da Confissão de Fé de New Hampshire⁶⁰, datado de 1833, que representou os princípios norteadores da doutrina batista em seus primórdios. Ele está presente na Assembleia de organização da Primeira Igreja Batista no Brasil que se organizou na Bahia.

Ainda de acordo com SOUZA (2008, p. 47), as confissões de fé batistas foram elaboradas num contexto confessional primeiramente na Inglaterra, depois nos Estados Unidos e até que finalmente foi produzido um documento com base na cultura brasileira, a Declaração Doutrinária dos Batistas Brasileiros veio a se tornar uma realidade apenas em 1980.

2.3 OS BATISTAS E A EDUCAÇÃO

A educação sempre foi algo muito prezado pelos batistas. Evidenciada desde os primórdios da organização da denominação no Brasil, as igrejas vinham acompanhadas de uma estrutura de Escola Bíblica Dominical (EBD) que muitas vezes se tornavam o cerne de um projeto alfabetizador, tanto para adultos quanto para crianças.

Ensinar a palavra escrita abria caminhos para o ensino da Palavra de Deus, dessa forma, ambas instituições Igreja e Escola sempre estiveram muito relacionadas entre os batistas. É importante destacar o que a Convenção Batista Brasileira apresenta sobre seus conceitos a respeito de educação e escolas batistas espalhadas pelo Brasil. Em sua página oficial, eles traçam o seguinte histórico:

⁶⁰ Segundo SOUZA (2008) as confissões de fé são documentos que expressam as concepções e o pensamento de uma coletividade religiosa sobre a postura do adepto na sociedade onde está inserido.

Quem somos como Batistas

Somos um povo que vem de longe, com muitos nomes, de muitas perseguições, de muitas lutas, mas construindo uma bela história de fé, de doutrina e de princípios. [...]

Os Batistas e a Educação

A educação é uma marca visível do povo batista. Sua paixão pelo estudo da Bíblia desenvolveu o interesse pela educação religiosa, cultivada nas igrejas através das organizações de treinamento e da EBD. Os templos se tornaram verdadeiros complexos educacionais.

Com a Educação Religiosa veio a Educação Teológica. Inicialmente através de aulas dadas pelos missionários em suas casas, depois surgiram os Seminários: Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, organizado em Recife, PE, por Salomão Ginzburg, em 1.º de abril de 1902, e o Seminário Teológico Batista do Sul, fundado pelo missionário John Watson Shepard, na cidade do Rio de Janeiro, 1908.

A estes dois Seminários, foram agregados dezenas de outros espalhados por todo o país, com milhares de alunos.

A Educação chamada de geral, ou secular, teve a mesma origem, o desejo de abrir oportunidades para o estudo da juventude e de criar uma escola com capacidade para exercer influência sobre a sociedade brasileira.

O Colégio Taylor Egídio fundado em Salvador pela senhora Laura Taylor e pelo Capitão Egídio Pereira de Almeida foi o primeiro a vingar. Em 1922, ele foi transferido para a cidade de Jaguaquara, onde existe até hoje.

Depois dele, e por causa dele, vieram o Colégio Batista Brasileiro de São Paulo; Colégio Americano Batista do Recife; Instituto Batista Industrial em Corrente, Piauí; Colégio Americano, em Vitória; Colégio Batista Shepard no Rio de Janeiro; Colégio Batista Alagoano, em Alagoas; Colégio Batista Fluminense em Campos, RJ; Colégio Batista Mineiro, em Belo Horizonte. Além destes Colégios dezenas de outros foram organizados com a ajuda dos missionários ou por iniciativa de igrejas, Convenções estaduais e de particulares batistas. A contribuição dos batistas na área educacional é realmente notável, considerando tanto a qualidade quanto a quantidade. Hoje, perto de dois milhões de brasileiros já passaram pelas escolas batistas.

Ao longo de sua história de quase 150 anos, os batistas brasileiros têm primado por sua luta para implantar e desenvolver no país a verdadeira educação para a paz. Para tanto, mantêm estruturas educacionais voltadas para o preparo teológico e religioso de seus líderes e membros em geral, tendo em vista o objetivo de possibilitar a todas as pessoas o conhecimento e a prática da verdade cristã. Seus seminários oficiais (STBSB, STBNB, Equatorial, CIEM e SEC) e sua editora (Editora Convicção) cumprem com total eficácia o papel de qualificar os vocacionados e de preparar as igrejas para o enfrentamento do desafio de trazer todo homem à perfeição em Jesus Cristo. Os educandários batistas de ensino secular representam uma contribuição de reconhecida relevância na formação da infância, da adolescência e da juventude brasileiras. Os graves problemas que afligem a sociedade brasileira têm nos princípios, na filosofia e na ação educacionais dos batistas um caminho real para a concretização de soluções viáveis e duradouras.⁶¹

⁶¹ Página oficial da Convenção Batista Brasileira (CBB). Disponível em: <http://www.batistas.com/index.php?option=com_content&view=article&id=19&Itemid=12>. Acesso em: 4 nov. 2015.

É perceptível que a caminhada dos batistas, de sua origem aos dias atuais mantém uma coerência de ações e abordagens. Compreender a missão evangelizadora é fundamental para a compreensão dos caminhos que tomaram os batistas enquanto denominação.

Mesmo sem uma abordagem agressiva, intimidadora, os batistas lançam mão de diferentes estratégias para angariar adeptos. A criação de escolas pode ser entendida como uma dessas ações que viabilizam a aproximação com os possíveis novos adeptos da denominação.

2.3.1 Educação batista e Escola Graciosa

A Escola Graciosa imbuíu-se dos princípios lançados pelos batistas brasileiros. Nos seus primeiros anos, ela plantou a semente da construção de um importante empreendimento em prol da educação no município de Quatro Barras (PR).

Segundo a professora Sueli Krukliis, a primeira da Escola Graciosa, havia uma orientação no seminário de formação de obreiros batistas, o Iber⁶² (Instituto Batista de Educação Religiosa), para que as igrejas não ficassem restritas aos trabalhos nos fins de semana e que fossem ocupadas com atividades de interesse da comunidade⁶³. Segundo as palavras de Sueli Krukliis:

[...] aí quando eu voltei do Iber. Uma coisa que a gente estudava e ouvia bastante é que não tinha nenhum sentido as igrejas com templos, às vezes grandes, né, ficarem fechadas durante a semana, que certamente esses templos, essas instalações todas, salas usadas na Escola Bíblica Dominical poderiam e deveriam ser usadas também durante a semana para abençoar tanto a própria Igreja

⁶² Iber está vinculado à UFMBB (União Feminina Missionária Batista do Brasil). A sua origem está no Departamento Feminino do Colégio Shepard (Colégio Batista Brasileiro), no Rio, fundado em 1916, com o Curso de Obreiras, cujo funcionamento estava ligado diretamente ao Colégio, até 1941. Nesse ano surgiu, por solicitação da União Feminina, o Instituto de Treinamento Cristão para Moças (ITC), mudando o nome em 1965 para Instituto Batista de Educação Religiosa (Iber). Desde 1979 é filiado à Associação Brasileira de Instituições Batistas de Educação Teológica (Abibet) e oferece principalmente o Curso de Bacharel em Educação Religiosa e o curso de pós-graduação lato sensu na mesma área.

⁶³ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 9 de março de 2015, por Sueli Krukliis.

quanto a comunidade. E aí lá em Quatro Barras não tinha na época nenhuma pré-escola e então Deus colocou no meu coração esse desejo antes de eu sair do Iber, né? Quando eu viesse pra cá eu pudesse fazer isso, começar uma pré-escola.⁶⁴

Aliado aos sonhos e desejos da professora, havia um pedido da comunidade local para o estabelecimento de uma instituição de ensino para as crianças. Conforme o pastor Roberto relata:

[...] a diretora do Colégio Estadual, D. Ivone Kern, chegou para o meu pai e falou: “Pastor, olha, nós temos uma necessidade, nós não temos um Jardim de Infância no município e vocês tem lá as salas ociosas, durante a semana. Por que o senhor não cogita a ideia, pensa, leva em consideração essa ideia de..., considere a ideia de abrir uma escola”.⁶⁵

Assim, em 1981, foi criado o Jardim de Infância Graciosa Clube Infantil, que pretendia solucionar essas duas demandas. Funcionando igreja e escola, não apenas os moradores da cidade de Quatro Barras entraram em contato com a denominação Batista, bem como outras pessoas de outras regiões adjacentes foram atraídas para o local.

⁶⁴ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 9 de março de 2015, por Sueli Krukliis.

⁶⁵ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 18 de março de 2015, por Carlos Roberto Weidman.

FIGURA 4- FOTOGRAFIA TIRADA EM 1970, COM PESSOAS EM FRENTE À PRIMEIRA CASA DOS MISSIONÁRIOS EM QUATRO BARRAS, JOÃO E NILCE NEYDE WEIDMAN. PRIMEIRA E.B.D. (ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL) ORGANIZADA PELA ESPOSA DO MISSIONÁRIO.



FONTE: Acervo pessoal de Sandra Mara Weidman.

A fotografia externa a concretização da obra missionária, uma forma de registrar e, possivelmente divulgar aos “patrocinadores” os frutos de seu “investimento”⁶⁶. O pastor, de terno, com o filho no colo e a esposa ao lado transmitem a seriedade e comprometimento com a obra evangelística. A quantidade de crianças em relação aos adultos dá indícios que a aproximação mais eficiente é realmente por meio delas.

A casa, simples e pequena ao fundo demonstra a necessidade da construção de um lugar específico para a realização dos cultos e propagação do evangelho.

⁶⁶ Utilizamos os termos investimento e patrocinadores não em sentido pejorativo, apenas qualificando a ação de igrejas, particulares e entidades que veem na pregação do evangelho uma forma de garantir a Grande Comissão, dada por Cristo que é o “Ide por todo mundo e pregai o Evangelho” (Marcos 16:15). Para muitos, a contribuição é uma maneira de cumprirmos o “Ide”.

FIGURA5 - FOTOGRAFIA TIRADA EM 1975. PRIMEIRO TEMPLO EVANGÉLICO FUNDADO EM QUATRO BARRAS PELO PR. JOÃO WEIDMAN. NESTE TERRENO SERIA FUNDADA A ESCOLA GRACIOSA.



FONTE: Acervo pessoal de Sandra Mara Weidman.

A necessidade de uma construção adequada se concretiza com um singelo, mas belo templo.

Observando as legendas das figuras 7 e 8 percebemos que foi necessário um intervalo de, no mínimo, 5 anos para que se concretizasse a existência do templo e posteriormente da Escola Graciosa.

[...] o congelamento do gesto e da paisagem, (e porque não dizer, das individualidades) e, portanto, a perpetuação de um momento, em outras palavras, da memória: memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes, do fato social, da paisagem urbana, da natureza. A cena registrada na imagem não se repetirá jamais. O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível. (KOSSOY, 2003, p. 155).

Ao observarmos as imagens apresentadas anteriormente concordamos com Bencostta (2011, p. 400) que afirma:

[...] as fotografias consistem em testemunho e representação da escola primária em determinada época, pois revelam a um só tempo o modo de ser, mas também o de se conceber a escola; além de revelar formas determinadas de os sujeitos se comportarem e representarem seus papéis – professor, aluno, classe etc.

Por conta dos alunos que frequentavam a escola, que iam crescendo e conseqüentemente terminando as fases iniciais da educação, as famílias foram solicitando a abertura de novas turmas para que os filhos pudessem não só dar prosseguimento aos estudos, como também continuassem vinculados à escola.

FIGURA 6- FOTOGRAFIA DA FACHADA DO COLÉGIO GRACIOSA ATUALMENTE – QUATRO BARRAS-PR.



FONTE: Arquivo do Colégio Graciosa em Quatro Barras.

Fachada do Colégio Graciosa atualmente, em Quatro Barras. Igreja e escola. Assim ambas se confundem, pois possuem a mesma visão, o mesmo propósito e a mesma direção.

2.4 HISTÓRIA DA ESCOLA GRACIOSA

Quando nos voltamos para o microcosmo da Igreja em Quatro Barras, observamos que num primeiro momento, quando os trabalhos evangelísticos do pastor João Weidman se iniciavam na cidade, ele era mantido pela ABLB.

Assim fundou uma congregação, ou seja, uma igreja que está no início de suas atividades, que possui ainda dependência jurídica e financeira de outra instituição religiosa.

Nesse caso, a Congregação Batista de Quatro Barras (CBQB), liderada pelo pastor João, estava vinculada à Igreja Batista do Parolin, considerada, portanto, a igreja-mãe. Na ata da sessão extraordinária da CBQB do dia 8 de fevereiro de 1981, quando se propôs a criação do Graciosa Clube Infantil, assim foi descrita:

[...] a professora Sueli Naime Kruklis propôs fundar um Jardim de Infância, a ideia foi aceita por unanimidade pela Congregação (sic), a qual propôs escrever uma carta à Igreja Batista de Parolin, comunicando o fato, e solicitando auxílio moral, espiritual e financeiro. Por tratar de uma Instituição Cristã, não serão cobradas taxas pela matrícula.

(Ata da sessão extraordinária da Congregação Batista em Quatro Barras, 8 de fevereiro de 1981 – Anexo n. 1).

Essa relação se deu pela forte presença de letos, inclusive o pastor da época, na Igreja do Parolin, que apoiou o projeto e tinha conhecimento do trabalho do pastor João, o qual era missionário mantido pela ABLB.

O Graciosa Clube Infantil, portanto, foi oficialmente fundado em 1982⁶⁷ quando a Igreja em Quatro Barras ainda era uma congregação da Igreja Batista do Parolin, que por sua vez, pertencia ao conjunto de igrejas associadas à Convenção Batista Paranaense (CBP) e estava diretamente ligada à CBB. No entanto o Clube Infantil ficou vinculado à outra instituição da CBP.

Em 1984, quando a Congregação já havia se tornado Igreja Batista em Quatro Barras (IBQB) e, portanto, independente da Igreja Batista do Parolin, a IBQB, com o apoio do pastor Altair Prevedelo, líder da CBP no período e grande amigo do pastor João Weidman, concordaram em vincular a Escola ao Lar Batista Paranaense – orfanato que funcionou em Londrina, entidade ligada à Convenção Batista Paranaense, e estava desativado.

⁶⁷ As atividades da Escola iniciaram-se em 1981, no entanto, a formalização legal da escola se deu no ano seguinte.

A Convenção cedeu CNPJ do LBP para o início das atividades da Escola, uma vez que nem o Graciosa Clube Infantil e nem a Igreja Batista em Quatro Barras possuíam status de pessoa jurídica até aquele momento.

As relações com a CBP eram bastante amigáveis e estreitas quando da inauguração da escola. Em recorte do Jornal Batista Paranaense (1981), a professora Sueli Kruklis guardou as palavras do referido jornal ao tratar da criação do Jardim de Infância

FIGURA 7- RECORTE DO JORNAL BATISTA PARANAENSE EXALTANDO A CRIAÇÃO DO JARDIM DE INFÂNCIA EM QUATRO BARRAS - 1981.

Curitiba **BATISTA PARANAENSE** Página 3

JARDIM DE INFÂNCIA EM QUATRO BARRAS



A Congregação Batista em Quatro Barras que tem como pastor João Weidman, iniciou em março deste ano um Jardim de Infância. Usando as dependências da Educação Religiosa, está com 30 matriculados. É a dirigente a irmã Sueli Krukli, formada pelo IBER. Todo o trabalho está sendo mantido pela Congregação. Nenhuma criança paga qualquer mensalidade. No final de junho, por ocasião do encerramento do primeiro período poderão estar presentes quase todos os pais dos alunos no culto de encerramento do período. É uma porta aberta que a igreja está penetrando por ela. Parabéns Pr. João Weidman, irmã Sueli Krukli e Congregação de Quatro Barras. Temos propriedades tão caras para usarmos tão pouco tempo. Uma das experiências que muito gostei no Japão é que quase todas as igrejas batistas têm jardins de infância e com muita boa aceitação por parte das mães e pais dos alunos da igreja. É preciso são duas grandes necessidades que nossas igrejas poderiam fazer, além de muitas outras atividades usando nossas propriedades tão boas.

quem é organizado. Tem uma vista muito bonita, é colorido e alegre, com dois lago (lago Bonafide). Espetáculo em três horas condições de saúde, se possível, naturalmente, dentro do que proporcione bem estabulado.

BETEL - CURITIBA

A Igreja em Betel do Sr. Samuel Lages Netto tem 19000 membros batistas. Em janeiro levantaram para as Missões Locais Cr\$ 194.000,00. Foi levantada a oferta de Missões Nacionais de Cr\$ 51.000,00. No carnaval deste ano foi realizado um show com a Igreja batista, com muitos benefícios. Duas vezes a Igreja pelas várias atividades.

Dr. André Torres de Toledo

MANDAGUAÍ

A Igreja Batista de Mandaguai em sessão de 115 membros em um prazo de 60 dias a contar da data da publicação do Batista Paranaense, para que os membros assentes, que por motivos de lugar não têm igreja, que estão em falta igreja, para que se possam unir com a mesma, pois não constitui outro elemento interrelacionado. A lista consta de 20 pessoas. Assim as que estão faltando da igreja, as outras igreja, começaram a se reunir com a igreja de Mandaguai. Caixa Postal, 105.

Dr. Rodolpho Hertz - evangelista

COLORADO

Coloado é uma de Missões Locais. Lá está trabalhando o casal pr. Adalberto e Lenise Hertz em ocasião de 3 partes, Missões Locais, Nacionais e com a Associação de Noiva. Recebemos auxílio do pr. Adalberto Hertz que foram batizados 5 novos crentes, sendo que 2 foram até a casa e o desejo de se prepararem para serviços locais e Noiva. Também tem sido atendido o trabalho em Alto Alegre, onde os primeiros frutos estão sendo colhidos. Coloado conta agora com 12 membros.

NOVA ESPERANÇA COM NOVO PASTOR



FONTE: Acervo pessoal da Professora Sueli Naime Krukli Sak.

A Congregação Batista em Quatro Barras que tem como pastor João Weidman, iniciou em março deste ano um Jardim de Infância. Usando as dependências de Educação Religiosa, está com 30 matriculados. É a dirigente a irmã Sueli Krukli, formada pelo Iber. Todo o trabalho está sendo mantido pela Congregação. Nenhuma criança paga qualquer mensalidade. No final de junho, por ocasião do encerramento do primeiro período estiveram presentes quase todos os pais dos alunos no culto de encerramento do período. É uma porta aberta que a igreja está penetrando por ela. Parabéns Pr. João Weidman, irmã Sueli Krukli e Congregação de Quatro Barras. Temos propriedades tão caras para usarmos tão pouco tempo. Uma das experiências que muito gostei no Japão é que quase todas as igrejas batistas com Jardim de Infância e com muito boa aceitação por parte dos moradores próximos da igreja. E creche são duas grandes necessidades que nossas igrejas poderiam fazer, além de muitas outras atividades usando nossas propriedades tão boas. (JORNAL BATISTA, 1981)

Em 1986, em reunião administrativa do Lar Batista Paranaense (LBP), o Jardim de Infância e Pré-Escola Graciosa passou a se chamar Escola Graciosa – Ensino Pré-Escolar e de 1º Grau. A partir desse momento criou-se um CNPJ exclusivo da escola e esta desvinculou-se do LBP.

A partir de então a escola passa a ser entendida como um departamento da Igreja Batista em Quatro Barras e submetida a uma Junta de Educação, um conselho de membros da igreja, escolhidos para gerir a escola. Essa comissão escolhia diretores – pedagógico e financeiro – e resolvia questões relativas a cessão de bolsas de estudo, aquisição e/ou venda de bens, também funcionando como fiscalizadora da escola junto à igreja.

Característica das igrejas batistas, a autonomia da igreja local, aos poucos a Igreja Batista em Quatro Barras e juntamente a Escola Graciosa distanciavam-se da CBP e voltavam-se cada vez mais à ABLB. A escola, portanto, segue os rumos das igrejas batistas letas no Brasil.

No capítulo seguinte será tratada exatamente esta abordagem utilizada pelo pastor João Weidman e sua família chegando à cidade de Quatro Barras e o processo de implantação da igreja e em seguida da escola. Poderemos observar que esta abordagem evangelística não ocorrerá de maneira tranquila devida à resistência da cidade com a chegada dessa família leita batista.

3 OS PRIMEIROS PASSOS DA ESCOLA

A escola teve suas atividades iniciadas em 1981. Sua fundação foi uma demanda de pessoas da comunidade e especialmente um pedido político da diretora do Colégio Estadual, D. Ivone Kern, tal como declarou o filho do fundador, pastor Roberto Weidman:

E ele [pastor João, o fundador] então orando, pedindo a orientação de Deus, sentiu que deveria realmente começar um trabalho com escola. Então começou em 1981 com 18 alunos e sem cobrar nada, graciosamente. Os dois primeiros anos sem cobrar nada e ele ainda tinha a Kombi, ia buscar as crianças, levar as crianças, e Deus abençoou nesses dois primeiros anos e então sentiram que realmente deveria prosseguir, não só no jardim de infância, mas gradativamente ir implantando o ensino fundamental.⁶⁸

João Arthur Weidman Júnior, irmão do pastor Roberto, atual diretor financeiro da escola falou dessa forma sobre as motivações da abertura da escola:

Eu creio que um dos principais motivos que levaram a abertura da Escola Graciosa foi primeiro a resistência inicial da população de Quatro Barras à Igreja Batista, e como existiam salas de aula disponíveis, pelo menos três ou quatro salas de aula e uma professora também, recém-formada, houve a ideia de começar um trabalho com crianças da cidade pra que de uma certa forma passar o Evangelho para essas crianças e pra demonstrar que a Igreja Batista não era nenhuma seita ou alguma religião que viesse a influenciar negativamente a cidade. Então acho que o principal motivo foi isso, quebrar aquela resistência que existia[...]⁶⁹

No entanto a primeira professora da escola afirmou ter sido revelado a ela, fato que salienta como é forte a influência divina/religiosa para a tomada de decisões – a necessidade de se abrir uma escola em Quatro Barras:

⁶⁸ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 18 de março de 2015, por Carlos Roberto Weidman.

⁶⁹ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 12 de setembro de 2015, por João Arthur Weidman Junior.

[...] e aí lá em Quatro Barras não tinha na época nenhuma pré-escola e então Deus colocou no meu coração esse desejo antes de eu sair do Iber né, quando eu viesse pra cá eu pudesse fazer isso, começar lá uma pré-escola.⁷⁰

A professora e outros entrevistados pertencentes ao mesmo grupo religioso, entendem que os acontecimentos cotidianos são movidos pela mão de Deus. Por esse motivo a possibilidade de fundar uma escola em Quatro Barras é entendida por ela como uma revelação.

A escola era, no entanto, uma necessidade local e também um meio para que a igreja que ali se estabelecia pudesse expandir o trabalho missionário no sentido de evangelizar pessoas. Mesmo diante da possível contradição sobre quem teve primeiro a ideia de criar a escola, não necessariamente as versões são excludentes.

É fato que a professora Sueli foi importante, pois se preocupou em adquirir a documentação necessária junto à Secretaria de Educação do Estado. Ela declara isso em seu depoimento da seguinte forma:

Isso. Eu já sabia que eu não podia simplesmente abrir a porta e dizer “agora aqui tem uma escola”. Então eu sei que eu vim pra Curitiba e procurei fazer já desde o início né, uma coisa dentro da legalidade, então é até por isso que eu falei que houve esse tempo antes em que a gente vinha pra Curitiba e procurava tudo, tudo isso né, e quando começamos, começamos exatamente como tinha que ser.⁷¹

A professora Sueli ainda tem os papéis que buscou para a abertura formal da escola, como este da imagem seguinte.⁷²

⁷⁰ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 9 de março de 2015, por Sueli Kruklis.

⁷¹ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 9 de março de 2015, por Sueli Kruklis.

⁷² Documento escaneado e disponível nos anexos em tamanho adequado para leitura.

FIGURA 8- FOTOGRAFIA DE DOCUMENTO QUE SOLICITA RELAÇÃO DE DOCUMENTOS NECESSÁRIOS AO PROCESSO DE AUTORIZAÇÃO DE FUNCIONAMENTO DE CLASSES PRÉ-ESCOLARES.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ENSINO DE PRIMEIRO GRAU
GRUPO DE ORIENTAÇÃO TÉCNICO - PEDAGÓGICA
COORDENAÇÃO DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

RELAÇÃO DE DOCUMENTOS NECESSÁRIOS AO PROCESSO DE AUTORIZAÇÃO DE FUNCIONAMENTO DE CLASSES PRÉ-ESCOLARES

- 1-Ofício de Encaminhamento do Plano de Implantação do Ensino Pré-Escolar.
- 2-Declaração (conforme Modelo).
- 3-Prova de direito de uso do prédio(escritura ou contrato de locação).
- 4-Alvará de licença (Prefeitura).
- 5-Prova de existência do Ato de Criação do Estabelecimento. *ATA*
- 6-Planta baixa do edifício.
- 7-Fotografias:fachada, salas de aula, instalações sanitárias, cantina, biblioteca, área coberta, área de recreação infantil, material didático.
- 8-Estatuto da entidade mantenedora, devidamente inscrito no Registro Civil das Pessoas Jurídicas, se for o caso.
- 9-Firma individual ou Contrato Social, devidamente inscritos no Registro Público.
- 10-Prova de mandato da diretoria em exercício. *ATA*
- 11-Projeto de Regimento Escolar.
- 12-Plano Curricular(seguir roteiro do artigo 16 da Deliberação 020/78).
- 13-Termo de Compromisso quanto a responsabilidade financeira e garantia de remuneração aos professores.
- 14-Termo de compromisso da Direção:providenciar Corpo Docente com Especialização em Educação Pré-Escolar de acordo com a Deliberação 020/78.
- 15-Documentação do Corpo Docente (inclusiva da Direção):
 - Diploma de Curso Normal e Certificado de Especialização em Educação Pré-Escolar. *ATA*
 - Número da Cédula de Identidade
 - Número da Cédula eleitoral
- 16-Declaração individual dos professores aceitando o contrato para lecionar no Estabelecimento.
- 17-Comprovante de Imposto Sindical, no caso de Escola Particular(Sindicato de Escolas Particulares de 1ª e 2ª Grau-Av. Getúlio Vargas, 3333).

Obs.:Os documentos deverão ser numerados de acordo com o índice, rubricados pela IRE e colocados em pasta que evite extravio.O Estabelecimento deve conservar Cópia da Documentação.

FONTE: Acervo Pessoal da professora Sueli Naime Krukli Sak.

De acordo com a lista de Secretaria do Estado da Educação havia uma série de exigências para que efetivamente pudesse inaugurar a escola. Desde a necessidade de um estatuto da congregação mantenedora até fotografias das instalações, bem como alvará de licença expedido pela prefeitura. É nesse contexto que a ajuda externa do pastor Togami foi requisitada:

Eduard: Além de seu pai e sua mãe, quem mais ajudou na abertura da escola?

Weidman Junior: Então, tinha um casal de missionário japoneses que trabalharam por um bom tempo em Londrina, no Paraná, depois vieram para Curitiba, eu não sei como é que meus pais chegaram até eles, não lembro disso. Mas pastor Togamy e a irmã Kimico ajudaram bastante, eu me lembro de várias reuniões que eram feitas na casa desse casal em Curitiba, na nossa própria casa eles vinham também, conversavam, conheciam outras pessoas, que trabalhavam na Secretaria de Educação do Estado, no Núcleo Regional e aí através deles então foi montado todo o plano educacional da Escola, o Regimento, tudo que precisava ser feito legalmente para a abertura do colégio. Então esse casal ajudou bastante e com certeza houveram outras pessoas também que agora não consigo lembrar.⁷³

O casal de missionários japoneses é bastante lembrado pela família Weidman, amigos do pastor João de longa data, vieram de Londrina para auxiliar no trabalho missionário na região metropolitana. Posteriormente, quando retornam para o Japão onde o pastor Togamy assume a Primeira Igreja Batista de Tóquio, permanecem como figuras fundamentais na história oficial da escola. Muitas contribuições para a igreja e para a Escola Graciosa, que vinham do Japão, eram obra da articulação do pastor Togamy e esposa.

A declaração do pastor Roberto Weidman (inserta no capítulo 1, página 26, desta dissertação) ao ser inquerido sobre a participação de outros letos no início dos trabalhos na escola confirma o “esquecimento” de que a professora Sueli Kruklis, de origem leta, também ajudou na inauguração da escola, embora tenha lembrado de familiares, das famílias de Vanelli Purim e do pastor Valters.

⁷³ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 12 de setembro de 2015, por João Arthur Weidman Junior.

Eduard: Além da tua família, vieram outros letos para ajudar no trabalho aqui em Quatro Barras?

Roberto: Então, veio uma outra prima do meu pai, Ana Mucenieks, que está aqui ainda hoje, não está mais na escola, [por]que é aposentada, mas continua ajudando na Igreja. A família da Vanelli, diretora pedagógica atualmente, que é também de origem leta, ela foi professora, hoje diretora pedagógica. Alice Purim, prima também da Vanelli, aliás, a Alice que trouxe a Vanelli. O próprio pastor [João] Purim; o pastor Valters, que hoje está em Portugal, a Silmara, minha cunhada, então, um bom grupo de letos aí.⁷⁴

Não se evidenciou uma negação da participação da professora Sueli em conversa informal e não gravada. No entanto se percebe que seu papel ficou em segundo plano, apenas como uma professora da escola, que lecionou o primeiro ano e meio, em seguida licenciou-se, como ela mesma confirma:

Eduard: [...] por quantos anos, (...) ficou apenas uma turma e apenas a senhora como professora, a senhora lembra disso?

Sueli: [...] já no ano seguinte eu saí, acho que na metade do ano, é, eu fiquei grávida e aí, antes do final acho que antes do final do ano eu me afastei, porque tive uma gravidez de risco né, tive que ficar de cama durante muito tempo e então (...) passou a ser a Ana Bruck a professora.⁷⁵

Ficou evidente pelos discursos que não houve valorização das ações da professora Sueli e grande ênfase nos feitos do pastor João. Podemos atribuir isso não a um menosprezo, mas sim a prevalência de uma história oficial contada pela família Weidman, que permaneceu no controle administrativo da escola. A família Weidman manteve-se na direção da escola e mantém a história voltada aos feitos de seu patriarca.

Diante de todos os entrevistados, a ação mobilizadora do pastor João Weidman foi fundamental para o início da escola. Por meio de seu esforço e inspiração que a escola foi fundada. Sempre de maneira discreta, até o final de sua vida esteve acompanhando os trabalhos escolares e a condução espiritual do Graciosa. Leandro faz a seguinte menção da presença do pastor João na escola:

⁷⁴ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 18 de março de 2015, por Carlos Roberto Weidman.

⁷⁵ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 9 de março de 2015, por Sueli Kruklis.

Eduard: Qual o papel dele (Pr. João) ali na escola... o que que você lembra?

Leandro: Oh, da escola mesmo eu lembro muito pouco, tipo assim, eu acho que ele não se envolvia muito, ele andava pela escola conversando, mas a gente não tinha muito contato com o Pr. João, era mais os trabalhos dele mesmo...

Eduard: Com a igreja.

Leandro: É, com a igreja.⁷⁶

Eliseu, que teve um contato maior com o pastor, lê desta forma a sua presença:

Eduard: Quem dava essa aula (Ensino Bíblico) era alguém específico ou era a professora mesma?

Eliseu: Era a própria professora mesmo, e de vez em quando o pastor João também, ele cuidava muito dessa parte, mesmo com as professoras que trabalhavam na época, a preocupação dele era saber se as professoras estavam ensinando a Bíblia adequadamente. Então, volta e meia ele também dava algumas aulas[...]⁷⁷

Contando com ajuda intelectual e financeira externa, as atividades foram iniciadas. A precariedade dos primeiros momentos da escola evidencia-se nas entrevistas:

[...] O espaço em termos de área construída era muito pequeno antigamente, tinha só o templo, e um espaço bem reduzido, acredito que na época talvez umas duas ou três salas de aula, talvez. E ali se fazia tudo, tudo era ali. Mas lembrando de algum diferencial, é de que o colégio desde que iniciou aqui, nas primeiras turmas, o grande diferencial sempre foi, é, o ensino bíblico no caso, sempre foi essa. Essa é a memória que mais me marca lá do começo e quando alguém vem me perguntar como era o estudo, a primeira coisa que eu lembro eram das aulas bíblicas. Era das primeiras... da iniciação à Bíblia no caso, eu aprendi muito.⁷⁸

Também a primeira professora da escola afirma:

⁷⁶ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 15 de setembro de 2015, por Leandro Bossardi.

⁷⁷ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 9 de setembro de 2015, por Eliseu Ferreira de Lima.

⁷⁸ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 9 de setembro de 2015, por Eliseu Ferreira de Lima.

Então, eu me formei em 1979, no final do ano, e cheguei pra começar a trabalhar em Quatro Barras naquele finalzinho do ano de 1979, e aí, em 1980 nós começamos a trabalhar, preparar a documentação, preparar a comunidade, avisando, né, que nós teríamos uma escola e até mesmo preparando a igreja, que era uma igreja bem pequena, de interior né, então nós não tínhamos quase nada na igreja pra pensar em crianças, e aí os próprios jovens da igreja trabalharam nisso, preparando os móveis, brinquedos, tudo, então nós começamos numa sala atrás da igreja em 1981, a primeira turma de pré-escola e, no início eu era a única professora, e tinha uma, uma, a Teresinha que era zeladora da igreja, ajudava também, né, nas coisas ali com as crianças, no cuidado com as crianças, eu não lembro ao certo, talvez eu tenha isso anotado, mas eu sei que nós tínhamos mais de trinta alunos já [...]⁷⁹

A ex-aluna e atual coordenadora da escola, Rosimeri Speranseta, também fala de suas primeiras impressões da escola:

Eduard: [...] cinco aninhos, entrou aqui e o que você lembra dessa época, desses primeiros? É muito difícil você com cinco anos lembrar de alguma coisa né, mas das tuas lembranças mais remotas o que que você lembra?

Rosimeri: Ah eu lembro do espaço, como que era a escola, não era um prédio do jeito que é hoje, eu lembro de como que a gente fazia a formação da fila.

Eduard: Como era? Você pode descrever isso?

Rosimeri: Eu lembro que tinha areia no chão, e daí o pessoal gostava de ficar batendo o pé, isso é uma coisa que ficou né, bater o pé no chão só pra levantar aquele poeirão. E na época era tênis azul porque o nosso uniforme era azul.⁸⁰

Mesmo com o ambiente não totalmente adaptado às necessidades das crianças, o trabalho foi iniciado. Ainda levou alguns anos para as devidas adequações, uma vez que Rosimeri Speranseta estudou três anos após a abertura da escola. Havia, portanto, uma necessidade tanto da igreja em atingir suas metas e realizações quanto da própria cidade, que ainda não dispunha de instituição que oferecesse tal serviço.

Os primeiros alunos, segundo os depoimentos, eram na maioria carentes. No entanto permitiu-se aqui interpretar os documentos fornecidos pela professora Sueli Kruklis, que demonstram que as famílias, com raras

⁷⁹ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 9 de março de 2015, por Sueli Kruklis.

⁸⁰ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 20 de maio de 2015, por Rosimeri Speranseta.

exceções, possuíam profissões simples e modestas, mas não necessariamente eram carentes. Verificou-se isso com esta tabulação:⁸¹

TABELA 1: SÍNTESE DE INFORMAÇÕES DAS FICHAS DOS ALUNOS

INFORMAÇÕES FICHAS DE ALUNOS - GRACIOSA CLUBE INFANTIL					
NOME	PROFISSÃO DO PAI	PROFISSÃO DA MÃE	IRMÃOS	IDADE	OBSERVAÇÃO
Simone	Soldador	Do lar	3	4	Mora com a avó
Gelson	Laminador	Do lar	0	5	
Carla	Comércio	Do lar	2	5	
Adriana	Motorista	Do lar	2	3	
Iracema	Motorista	Do lar	6	4	
Leila	Comerciante	Do lar	1	3	
Ivan	Coletor	Do lar	1	4	
Sheila	Motorista	Telefonista	1	6	Mora com a avó
Alexandre	Comerciante	Do lar	2	3	
Patrícia	Radiotécnico	Do lar	2	6	
Fábio	Falecido	Professora	2	4	
Gisele	Comerciante	Do lar	2	2	
Andreia	Motorista	Do lar	1	3	
Fabiano	Empresário	Do lar	0	3	
Djalma	Não informado	Não informado	Não informado	5	
Margarete	Não informado	Não informado	Não informado	5	
Marcos	Não informado	Zeladora	1	4	
Paulo	Servente	Do lar	2	6	
Sandra	Lubrificador	Do lar	2	3	

⁸¹ Os documentos completos estão apresentados nos anexos.

Márcia	Proprietários de Restaurante	Cozinheira	6	5	
Anderson	Garçom	Do lar	1	4	
Carlos	Aux. mecânico	Costureira	4	4	
Leandro	Chácara	Do lar	1	5	
Andreza	Motorista	Do lar	1	4	
Adriana	Servente	Do lar	2	4	
Elza	Servente	Do lar	1	5	
Idivaldo	Pedreiro	Do lar	1	5	
Daniel	Comércio	Do lar	1	4	
Pedro	Laminador	Do lar	2	6	
Cintia	Carpinteiro	Do lar	1	5	
Maria	Motorista	Do lar	1	4	
Marcelo	Motorista	Não informado	2	3	
Rosilene	Bancário	Zeladora	0	5	
Stevão	Industrial	Do lar	1	4	
Kátia	Motorista	Professora	1	3	
Ronaldo	Servente	Doméstica	1	6	
Everson	Não informado	Não informado	Não informado	6	
Odivaldo	Motorista	Do lar	1	4	
Sineide	Borracheiro	Do lar	1	4	
Jeoceli	Operário	Do lar	5	4	
Eliseu	Operário	Do lar	5	6	
Jilmar	Motorista	Do lar	2	5	
Flávia	Motorista	Do lar	0	3	

FONTE: O autor (2016).

Entendemos que eram pessoas que possivelmente tinham poucas posses, moravam próximas à escola e, como não havia na cidade um serviço dessa natureza, acabavam unindo a necessidade à oferta do serviço sem cobrança.

A professora Sueli comentou a esse respeito:

Eduard: E o perfil desse aluno, como era esse aluno?

Sueli: Boa parte era carente, mas não só, eu me lembro que nós tínhamos, é, acho que um dos donos da empresa de ônibus que tinha aluno [filhos], então não eram só alunos carentes, outros alunos também, né. Mas muitos alunos com pais analfabetos e sem nenhum estudo, então a gente tinha assim essa diversidade.⁸²

Chama também a atenção a grande maioria das mães que assumiam apenas os trabalhos de casa. De 43 mães, apenas 8 declararam trabalhar fora: uma empregada doméstica; duas zeladoras; uma cozinheira; uma costureira; uma telefonista; duas professoras.

Dentre os pais, a profissão predominante era motorista, possivelmente da empresa de ônibus citada no depoimento. Outros dividem-se entre trabalhadores da construção civil, como carpinteiros, pedreiros e serventes; e trabalhadores da indústria, como laminadores e operários.

A não preocupação com a religião de origem da família surpreende. No entanto pode entender-se essa ausência de informação sob dois aspectos: por ser uma comunidade pequena em que todos se conhecem, seria uma informação dispensável e, como estavam tentando ganhar a simpatia da cidade, isso poderia contribuir; outro aspecto é que conheciam bem seus membros, sendo assim, sabiam quem era preciso evangelizar.

Pessoas que não participavam das atividades religiosas promovidas pela igreja viram a possibilidade de seus filhos serem ali educados. Desse modo, o que no início era apenas um Jardim de Infância, tornou-se uma Pré-Escola, em 1985.

⁸² Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 9 de março de 2015, por Sueli Krukliis.

Embora parecesse fácil, a aceitação de uma doutrina religiosa diferente da católica no seio da cidade não foi vista com bons olhos, e a perseguição religiosa foi constante. Muitos tinham curiosidade, mas faltava coragem de conhecer a nova igreja que se instalara na cidade.

Assim uniu-se a necessidade de ocupar o espaço vazio da Igreja durante a semana, com a demanda da comunidade por uma escola e os anseios do pastor João em levar o evangelho aos moradores. Não apenas um, mas dois entrevistados transmitiram as palavras do fundador sobre o início da obra missionária em Quatro Barras.

Segundo Roberto Weidman:

[...] então havia uma certa restrição por ser uma igreja evangélica, havia uma certa restrição, uma certa restrição em as pessoas virem até a igreja justamente porque achavam que era tudo igual. Quando começaram a colocar os filhos na escola e começaram a perceber que era um grupo diferente, que é um grupo mais ordeiro, mais silencioso, então começaram a gostar da escola e começaram a vir à igreja também. O meu pai costumava dizer: “as pessoas não entravam na igreja pela porta da frente, começaram a entrar pela porta dos fundos, que era a escola.”⁸³

Weidman Júnior, irmão do pastor Roberto, atribuiu a frase a sua mãe, Nilce Neyde:

Eu creio que um dos principais motivos que levaram a abertura da Escola Graciosa foi primeiro a resistência inicial da população de Quatro Barras à igreja batista, e como existiam salas de aula disponíveis, pelo menos três ou quatro salas de aula e uma professora também, recém-formada, houve a ideia de começar um trabalho com crianças da cidade pra que de uma certa forma passar o evangelho para essas crianças e pra demonstrar que a igreja batista não era nenhuma seita ou alguma religião que viesse a influenciar negativamente a cidade. Então acho que o principal motivo foi isso, quebrar aquela resistência que existia, tanto que minha mãe comentava, depois de um tempo, que as pessoas não entravam pelas

⁸³ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 18 de março de 2015, por Carlos Roberto Weidman.

portas da frente, mas entravam pelas portas do fundo, que era o colégio, que ficava nos fundos do templo, da igreja.⁸⁴

A professora Sueli Kruklis incorpora em seu discurso a ideia da frase:

[...] e os pais que começaram a entrar na igreja pela porta detrás, através da escola né, começaram a perceber que não era isso, e que não era esse o nosso objetivo, nosso objetivo nunca foi mudar a religião de alguém, e sim uma educação através dos princípios bíblicos e os pais começaram a perceber isso então logo eles se agilizaram e abriram uma escola na igreja católica também, não sei quanto tempo depois.⁸⁵

Ao incorporarem alunos das regiões circunvizinhas e pela continuidade dos estudantes que já estavam na instituição, séries subsequentes foram abertas gradativamente. Em 1994 houve o reconhecimento do curso de Primeiro Grau, quando a primeira turma de oitava série (atual nono ano) concluiu essa etapa.

A inexistência de Segundo Grau na cidade fez com que, novamente, os moradores da região especialmente os pais de alunos do então primeiro grau, solicitassem a abertura do curso (1995). Assim, a Escola Graciosa teve funções missionárias por atrair pessoas que não tinham um contato direto com a denominação Batista e de atendimento ao próprio grupo de fé, uma vez que a escola ocupava as dependências da igreja e começou suas atividades atendendo aos filhos dos seus membros e às crianças da região.

3.1 CONFLITOS COM A CIDADE

Eduard: [...] e em relação à cidade. Eu lembro de já ter ouvido, de quando eu trabalhava lá, de que houve uma certa hostilidade da cidade em relação à igreja e por consequência à escola.

Sueli: hum.

⁸⁴ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 12 de setembro de 2015, por João Arthur Weidman Junior.

⁸⁵ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 9 de março de 2015, por Sueli Kruklis.

Eduard: A senhora lembra de alguma coisa assim, que chamou atenção?

Sueli: Olha, não, é assim, eu sabia disso, dessa resistência e uma coisa que logo eles já se agilizaram para começar também alguma coisa na igreja católica pra impedir que, porque muitas famílias é, começaram a conhecer a igreja batista através da escola, através das crianças, e ver que não era aquilo que eles ouviam né, que não podia, que eram ruim, que iam, uma coisa assim, que a grande preocupação dos pais, é que iam, é, fazer tipo uma lavagem cerebral.⁸⁶

Como em todo lugar, a chegada de algo novo e diferente do status quo traz desequilíbrio e, muitas vezes, conflito. Não foi diferente a chegada dos missionários letos em Quatro Barras, uma cidade majoritariamente católica nos anos de 1970 e 1980.

Como já foi citado, a escola foi fundada especialmente no intuito de quebrar a má impressão que os moradores locais e seus representantes religiosos possuíam da igreja. No entanto a presença dos batistas letos na cidade permaneceu incomodando os moradores.

Para adquirir o terreno onde seria construído o templo e posteriormente a escola houve dificuldades, como relata Weidman Junior, filho mais novo do pastor João:

Eduard: Era muito intensa a perseguição⁸⁷ por parte dos católicos ao seu pai e conseqüentemente à igreja?

Weidman Junior: A maior dificuldade foi essa resistência inicial, tanto que ninguém queria vender terreno pro meu pai, quando ele começou a procurar terrenos na cidade e se identificando como pastor, ninguém o recebia, fechavam as portas, até que um senhor, bem no centro da cidade, acabou concordando em vender o terreno, tanto para o meu pai, construir a casa dele, um terreno pra ele e um terreno pra igreja também, que era do lado, eram dois terrenos juntos, então meu pai comprou um pra nossa residência e um pra igreja então a maior dificuldade foi essa resistência.⁸⁸

⁸⁶ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 9 de março de 2015, por Sueli Krukliis.

⁸⁷ Utilizou-se nas entrevistas o termo “perseguição” para adentrar ao assunto das dificuldades impostas por algumas pessoas da cidade que se posicionaram contrárias à instalação da igreja na cidade. É importante salientar que houve resistência, mas não se pode caracterizá-la como uma perseguição, houve sim resistência por parte de um segmento daquela sociedade, mesmo porque estaria sendo utilizado um termo muito forte e não propício para o contexto vivenciado na fundação da igreja em Quatro Barras.

⁸⁸ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 18 de março de 2015, por Carlos Roberto Weidman.

Conforme o depoimento de Sandra Weidman:

O início da construção do primeiro templo batista [capela] sob ameaças do grupo religioso dominante na cidade. O casal missionário – trocou o barco [usado no Litoral, pois lá não havia estradas na época] pela Kombi e continuaram anunciando o Evangelho. Quando o topógrafo [senhor Carlos] foi medir o terreno para a construção do templo ele disse que antes de fazer a medição do terreno queria dar um grande abraço no pastor João e parabenizá-lo. Contou que havia uma lei no município, assinada pelos moradores, de que nunca permitiriam nenhuma igreja evangélica se estabelecer na cidade (no centro). No dia da inauguração do templo, o culto foi realizado sob perseguição religiosa (desligaram a energia elétrica na cidade e houve procissão em frente ao templo).⁸⁹

Weidman Júnior utiliza o termo “perseguição” para alguns fatos ocorridos no início da fundação da Igreja Batista. Pode ter sido movido pela expressão utilizada também pelo entrevistador ao realizar a pergunta, mas cabe ressaltar que a resistência aos batistas que ali se estabeleciam não pode ser caracterizada como uma perseguição propriamente dita, mesmo porque está se falando de um período histórico em que não cabia mais uma perseguição tal como ocorrida em outras épocas. Entende-se, aqui, que houve resistência de alguns setores daquela cidade.

É importante refletir sobre as estratégias de resistência e tensão entre esses setores descontentes com o trabalho batista em Quatro Barras e os batistas. Teriam esses resistentes o poder e a influência de desligar a energia da cidade? E se tivessem, iriam prejudicar a todos, inclusive a si próprios com uma ação desta para incomodar a inauguração do pequeno templo? São questões postas para reflexão.

⁸⁹ Entrevista cedida por telefone a Eduard Henry Lui, em 4 de junho de 2015, por Sandra Mara Weidman.

FIGURA 9- FOTOGRAFIA TIRADA EM 1973, DA CONSTRUÇÃO DO PRIMEIRO TEMPLO BATISTA EM QUATRO BARRAS.



FONTE: Acervo pessoal de Sandra Mara Weidman.

Sandra Weidman também conta que o templo evangélico em Quatro Barras foi apedrejado várias vezes, em virtude da resistência por parte de alguns indivíduos à instalação do novo grupo religioso na cidade. Em suas palavras:

Dentro da capela, o missionário anuncia a Palavra de Deus. Sente que se as pessoas são impedidas de conhecer o Evangelho, entrando pela porta da frente da igreja (templo), então Deus permitirá que entrem pela porta dos fundos, através do estabelecimento de ensino/educandário. Visão para o futuro: incentivo à educação secular norteadada pela educação cristã.⁹⁰

Os conflitos, quer sejam de maneira direta, atacando o templo, nas rivalidades com o colégio da região, quer sejam no aspecto do imaginário, como relata Rosimeri Speranseta sobre o misterioso “pó mágico” que o pastor

⁹⁰ Entrevista cedida por telefone a Eduard Henry Lui, em 4 de junho de 2015, por Sandra Mara Weidman.

João colocava nas cadeiras da igreja com o fim de converter as pessoas, foram constantes. Segundo ela:

Todo mundo inventa coisa, fala coisa. Porque eu lembro que quando eu estudava aqui, surgiu a história de que o pastor João colocava pozinho nas cadeiras e nos bancos e daí transformava as pessoas.⁹¹

As credices eram muitas, o temor sobre o desconhecido criou ilusões, que muitas vezes ganhavam ares de verdade. WEIDMAN JUNIOR traz suas memórias dos primeiros anos da formação da igreja:

Eduard: Então a perseguição⁹² foi bastante intensa...

Weidman Júnior: Com relação à perseguição, realmente ela foi intensa nos primeiros anos, eu lembro que eu era ainda pequenininho, devia ter o que, uns seis, sete anos, algumas vezes aconteciam procissões que saíam da igreja católica e vinham caminhando com velas acesas até em frente à igreja e faziam as rezas, as cantigas deles e aí voltavam pra igreja católica. Nessas ocasiões eles apagavam as luzes da cidade, entravam em contato com a Copel lá e apagavam todas as luzes, meu pai, em dias de culto, geralmente quarta-feira à noite ou domingo à noite, meu pai sempre tinha os lampiões, e acendia então os lampiões na igreja e o culto acontecia normalmente; enquanto lá fora a procissão seguia o curso dela.⁹³

Mais uma vez se reflete sobre a possibilidade de os grupos descontentes com a instalação dos trabalhos batistas na cidade em ter acesso à Copel e, assim, desligar todas as luzes. Pode-se interpretar esse depoimento como uma lembrança um tanto alterada em relação ao que seria plausível de ter acontecido. Mais uma vez é enfatizado: desligar todas as luzes afetaria à nova igreja, mas também prejudicaria toda a cidade.

No início do trabalho evangelístico do pastor João em Quatro Barras a recepção foi muito truculenta, chegando a intimidar, colocando-o na cadeia. Sandra Weidman em seu depoimento conta que o pai frequentemente utilizava de seu veículo para levar enfermos ao Hospital Evangélico de Curitiba (HEC),

⁹¹ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 20 de maio de 2015, por Rosimeri Speranseta.

⁹² Idem ao comentário 87.

⁹³ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 12 de setembro de 2015, por João Arthur Weidman Junior.

isso era sua prática comum desde tempos de seu trabalho no litoral do Paraná, por esse motivo era bastante conhecido no HEC.

Dentre as pessoas que levou, estava uma mulher, mãe de um amigo do seu filho mais velho, Daniel. O pastor João foi chamado para ajudá-la, verificando seu estado, colocou-a imediatamente na Kombi e a levou para o HEC. Ela passou por cirurgia e se restabeleceu, na sequência passou a frequentar os cultos, convertendo-se ao evangelho pregado pelo missionário leito.

A história poderia parecer com um desfecho bastante positivo, no entanto, o marido não gostou da conversão da mulher e passou a hostilizar o pastor João, chegando a instigar o primo, que era delegado da cidade a pressionar o pastor. Em seu depoimento, Sandra Weidman conta desta maneira como ocorreu a prisão do pai:

[...] Mandaram chamar o papai João Weidman e disseram: “O senhor está preso! E deve nos acompanhar até a delegacia para prestar esclarecimentos”. O papai não reagiu. [...]. Entrou no jipe da polícia e foi levado à delegacia. Depois de algumas horas, papai voltou a pé para casa.

Pastor João Weidman contou que o delegado, Sr. “Chiquito”, disse que recebeu uma denúncia contra um tal pastor João, Batista. O denunciante afirmava que o missionário estava obrigando sua esposa a aceitar o Evangelho e isso não era admissível. O delegado, Sr. “Chiquito”, queria que Pastor João assinasse um documento onde estava escrito que ele se comprometia a nunca mais visitar e pregar o Evangelho em qualquer casa dos moradores de Quatro Barras. Pr. João Weidman disse que não assinaria, pois, foi justamente para isso, para anunciar o Evangelho do Salvador JESUS, que veio a Quatro Barras.⁹⁴

O pastor João ainda seria preso em outra ocasião por se recusar a parar de pregar o evangelho. Tais depoimentos causam orgulho aos membros da igreja em Quatro Barras e à família pois têm na figura do patriarca fatos ocorridos semelhantes ao dos apóstolos e do próprio Cristo, preso injustamente. Ao final do depoimento de Sandra Weidman vem a redenção, como num conto bíblico:

⁹⁴ Depoimento cedido a Eduard Henry Lui, em 4 de junho de 2015, por Sandra Mara Weidman.

[...] Anos mais tarde, o bisneto do ex-delegado Sr. “Chiquito”, foi matriculado na Escola Graciosa. [...] A mãe e a bisavó [...] foram batizadas biblicamente pelo pastor João [...] convidaram o missionário pr. João Weidman, família e igreja para realizarem, semanalmente, cultos de oração na residência onde moravam com o Sr. ‘Chiquito’ já muito idoso (doente e acamado). [...] o Sr. “Chiquito”, num dos cultos pede a palavra e diz que aceita a JESUS como Salvador de sua alma. Pediu perdão ao pastor João Weidman pelas prisões, pois, o (sic) fez na ignorância. [...]⁹⁵

O irmão de Sandra, João Arthur Weidman Júnior, e Eliseu, ex-aluno e membro da igreja também mencionam o ocorrido:

Eduard: De acordo com alguns relatos, no início do trabalho do seu pai na cidade, ele chegou até a ser preso por pregar o evangelho. Como isso aconteceu? O que levou o delegado de polícia a tomar tal atitude?

Weidman Júnior: Meu pai chegou a ser levado para a delegacia e mesmo foi detido por uma noite por estar transportando pessoas, ele tinha uma Kombi e ele trazia pessoas que moravam em locais mais distantes para o culto, para os trabalhos na igreja. E uma das pessoas que ouviu o evangelho era a esposa do delegado, se não estou enganado, e então meu pai foi chamado à delegacia pra prestar depoimento, porque estava agindo assim, e lógico, isso foi orientado por parte da igreja católica, que não concordava com o trabalho que estava sendo realizado na cidade.

[...]

Eduard: [...] a própria professora Larice já tinha falado que o pastor João chegou a ser até preso, você lembra por quê? É da tua época isso?

Eliseu: É, na verdade, ele foi preso mesmo, por causa de pregar a palavra de Deus só, tão somente por isso. Coisa errada não fazia...⁹⁶

É interessante observar os caminhos da memória, enquanto Sandra afirma que a pessoa diretamente envolvida era um primo do delegado, para Weidman Júnior era o próprio delegado e sua esposa. Destaca-se também o trecho em que Weidman Júnior afirma que as ações do delegado foram orientadas por parte da Igreja Católica. É preciso destacar que o direcionamento da Igreja Católica naquele período já é caracterizado por um discurso de tolerância e aceitação das religiões consideradas “irmãs”, em 1961 promulgado no Concílio Vaticano II. Possivelmente Weidman Júnior se referia a indivíduos isolados que pertenciam à irmandade católica e que se posicionavam contra a presença de protestantes na cidade.

⁹⁵ Idem.

⁹⁶ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 12 de setembro de 2015, por João Arthur Weidman Junior e Eliseu Ferreira de Lima.

Estudos que investigam a utilização da memória para elaboração de análise histórica apontam que as pesquisas resultam em memórias que evocam lembranças cotidianas, como castigos impostos, brincadeiras que ocorriam nos pátios e nas dependências da escola, os quais quase nunca fazem referências a acontecimentos históricos privilegiados pela historiografia. A memória coletiva acaba por dar uma identidade ao grupo, fundamentando-se em algum evento fundador, tornando os demais eventos de menor importância.

A noção de tempo é simplificada, reduzindo a “nossos dias, atualmente, hoje em dia” para se referir ao tempo presente e “antigamente, naquele tempo” para se referir ao passado. Geralmente ocorre também uma idealização do passado.

O esquecimento é um elemento importante da construção do discurso, pois de acordo com Joel Candau (2012, p. 9), “a memória é, acima de tudo, uma reconstituição continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo”. Entende-se que a memória é dinâmica, se refaz de acordo com a necessidade (TONKIN apud CANDAU, 2012).

Memória e identidade estão intrinsecamente ligadas. Dessa forma, a rememoração de fatos, sociabilidade e demais acontecimentos vividos pelos participantes da Escola Graciosa podem revelar aspectos identitários desses sujeitos.

Da mesma forma, entende-se que a memória individual pode vir a ser uma forma coletiva de memória e identidade. É possível fazer essa análise, utilizando conceitos e estudos antropológicos que trabalham articulando a natureza e o comportamento dos indivíduos:

[...] entrincheirada no ponto de passagem entre o indivíduo e o grupo, esforça-se em compreender, a partir de dados empíricos, como os indivíduos chegam a “compartilhar” práticas, representações, crenças, lembranças, produzindo, assim, em determinada sociedade, aquilo que chamamos de cultura. (CANDAU, 2012, p. 11).

Passados alguns anos de trabalho e dedicação, o perseguido pastor João tornou-se figura notória e benquista na cidade. Recebeu o título de cidadão honorário e por ocasião de seu passamento, a cidade inteira colocou-se em luto, em respeito à figura do fundador da Escola Graciosa.

Alguns outros episódios destacaram-se nas entrevistas:

Weidman Junior: [...]. Então acho que o principal motivo [iniciar a escola] foi isso, quebrar aquela resistência que existia; tanto que minha mãe comentava, depois de um tempo, as pessoas que não entravam pelas portas da frente, mas entravam pelas portas do fundo, que era o colégio, que ficava nos fundos do templo, da igreja.⁹⁷

Também o atual diretor da escola comentou a reação dos moradores da cidade com a instalação da Igreja e, posteriormente, da escola. No entanto ele apresenta isso de uma forma bem leve, passando a ideia de que foi tudo muito simples e sem grandes embates:

Eduard: Voltando a falar um pouquinho a respeito da cidade, você comentou haver uma demanda da diretora da escola local, pela criação de um jardim de infância, mas da sociedade quatro-barrense, vamos dizer, como foi a reação em relação à escola, à igreja primeiramente? A escola foi bem aceita ou houve dificuldades?

Roberto: Foi muito bem-aceita, porque quando se fala em evangélico então eles tinham uma visão daqueles grupos assim mais barulhentos e que às vezes gostavam de impor a vontade deles né; então havia uma certa restrição por ser uma igreja evangélica, havia uma certa restrição, uma certa restrição em as pessoas virem até a igreja justamente porque achavam que era tudo igual. Quando começaram a colocar os filhos na escola e começaram a perceber que era um grupo diferente, que é um grupo mais ordeiro, mais silencioso, então começaram a gostar da escola e começaram a vir à igreja também.⁹⁸

Eliseu Ferreira de Lima, aluno da primeira turma da escola, expõe de maneira mais explícita os conflitos existentes:

Eduard: E você disse que a tua família era da Igreja, Quatro Barras aqui, pensando em 1980, a maioria era católico...

Eliseu: Sim, nossa, muito.

Eduard: Como que era essa relação de vocês serem evangélicos, serem da Igreja Batista, com vizinhos, com comerciantes? Era tranquilo ou alguns não viam com bons olhos?

Eliseu: É, na verdade, como Quatro Barras era muito católica na época, então quem aceitava a Cristo era motivo de até mesmo de

⁹⁷ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 18 de março de 2015, por Carlos Roberto Weidman.

⁹⁸ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 18 de março de 2015, por Carlos Roberto Weidman.

perseguições aqui, assim como o pastor João foi perseguido na época, meu pai mesmo quando ele aceitou a Cristo até a própria empresa onde ele trabalhava queria mandar embora por causa disso.

Eduard: É mesmo?

Eliseu: Porque os donos eram católicos e tal, então quem não se encaixasse ali na [...] ⁹⁹

O trecho da entrevista revela que não apenas os missionários letos sofriam críticas e passavam por situações de resistência por parte de algumas pessoas contrárias ao trabalho batista na cidade, como também aqueles que seguiam a nova doutrina. Eliseu continua:

Eduard: [...] Tá, e você falou, o próprio pastor João foi perseguido. Você lembra de alguma coisa que ele contava?

Eliseu: Ah, várias vezes, chegamos a presenciar até, em horário de culto aqui, os católicos, a mando do papa, do padre, inclusive o padre mesmo comandando, eles vinham jogar pedra na hora do culto.

Eduard: É mesmo?

Eliseu: Ixi, muitas vezes.

Eduard: Vocês estavam aqui e...

Eliseu: Estávamos presentes no culto aqui e o pessoal passava jogando pedra, várias coisas, ixi.

Eduard: E vocês chegavam a dar parte ou não adiantava?

Eliseu: É, naquela época era complicado dar parte, porque o próprio delegado era contra também, então...

Eduard: E a Sandra comentou né, e a própria professora Larice já tinha falado que o pastor João chegou a ser até preso, você lembra por quê? É da tua época isso?

Eliseu: É, na verdade, ele foi preso mesmo porque, por causa de pregar a palavra de Deus só, tão somente por isso. Coisa errada não fazia...

Eduard: Não, com certeza. Mais por perseguição mesmo.

Eliseu: Perseguição, totalmente, totalmente perseguição. É, o padre mesmo falou que, quando o pastor João veio pra cá, de que não havia necessidade de fundar igreja evangélica aqui, porque já tinha igreja católica, então houve perseguição total mesmo. Lembro muito bem do padre, o padre Jaci ainda é vivo, ainda é vivo ele aí. Foi um dos que perseguiram bastante também, na época, né.

Eduard: Daí quando você foi pra outra escola, fazer o primeiro e segundo ano também havia essa pressão?

Eliseu: Também, também, os professores, a maioria católicos também, naquela época ainda não tinha ensino bíblico nas escolas, então era só aquilo, era só catolicismo e pronto. Nada que... eu mesmo ainda fui perseguido aí na quinta, sexta, sétima série muito pelos amigos ainda.

Eduard: É, de tirar sarro, e...

Eliseu: Tirar sarro, muitas coisas, muita. Até questão assim de filho mandar o pai bater no meu pai, coisas assim, perseguir mesmo.

Eduard: É mesmo?

⁹⁹ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 9 de setembro de 2015, por Eliseu Ferreira de Lima.

Eliseu: Hã, hã. Só que como meu pai era ruim, os Ferreira têm fama de ruim em Quatro Barras, então. (Risos)¹⁰⁰

Em se tratando da Escola as rivalidades permaneciam, e afloravam nos jogos interescolares não eram fenômenos recentes, vinham de tempos em que a Escola Graciosa ainda nem havia sido fundada. Posteriormente, as disputas continuariam nos jogos intermunicipais, como lembrou a ex-aluna Kayra Farah.

Eduard: E como era essa relação dos alunos do Graciosa em relação aos outros colégios, havia uma rivalidade?

Kayra: Muito, principalmente contra o Dom Orione né, sempre, acho que até hoje deve ter essa rivalidade lá. Tinha bastante rivalidade, mas assim, a gente era muito criança, hoje a rivalidade seria diferente do que a gente tinha na época né, a gente tinha de músicas, até porque a gente tinha medo, a gente não brigava na rua, mas a gente tinha bastante rivalidade contra o Dom Orione, era bastante. Aí a gente muitas vezes treinava com os estaduais, que tinha o estadual, não lembro o nome do estadual que tinha ali perto.

Eduard: Eu já vou lembrar, eu lembro, ou não. (Risos)

Kayra: Tinha a pracinha e era nessa rua aqui, como era o nome daquele colégio? Que eram quatro colégios que participavam, sempre eram os quatro, era o Graciosa, o Dom Orione e dois estaduais. E no começo a gente sempre ficava em quarto lugar, até porque a gente era muito pequeno, porque quando começou os jogos interescolares lá de Quatro Barras, a gente não tinha até o terceiro, muitas vezes a gente era até a oitava, sétima série, então a gente jogava com os grandões, tipo o pessoal muito grande, e a gente era tudo pequenininho, então claro que a gente perdia, óbvio, mas a gente não baixava a bola, no decorrer que a gente foi crescendo e se aperfeiçoando, primeiro a gente só levou bomba né, claro, no primeiro a gente só levou bomba, mas no decorrer dos anos, a gente foi crescendo, a gente treinava muito, então muitas vezes nem tinha treino, a gente ia pra escola pra ficar jogando na quadra, a gente combinava, a gente tinha muito esse acesso, não sei se hoje tem na escola esse acesso de poder ficar a tarde inteira jogando, então a gente tinha esse acesso na escola.¹⁰¹

Já o ex-aluno Leandro Bossardi, pai de dois estudantes da escola na atualidade, entendia que a rivalidade existente era saudável e fixava-se apenas no esporte:

¹⁰⁰ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 9 de setembro de 2015, por Eliseu Ferreira de Lima.

¹⁰¹ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 28 de abril de 2015, por Kayra Farah.

Eduard: [...] na época em que você estudava lá eram as Gracimpíadas já ou eram os Jogos Intermunicipais?

Leandro: Eram os Jogos Intermunicipais. Existia muita rivalidade entre as escolas, o Arlinda, o Dom Orione, o André Andreatta e praticamente a gente ficava o ano inteiro se preparando, treinando, que tinha uma rivalidade com um menino, tipo do Dom Orione: “Ah, porque eu vou ganhar de você esse ano...”. Então era gostoso aquela competição que existia. No nível bacana... Sem...

Eduard: No respeito...

Leandro: É, no esporte mesmo, na vontade de um ganhar do outro, mas sem... e existia um trabalho dentro do esporte no Colégio Graciosa. Treinamento, saía pra treinar, fora do período de aula, né. [...]eu acho que havia assim uma rivalidade esportiva, aquela vontade de ganhar do outro né. Mas eu acho que em termo assim de rivalidade, de pegar no pé, eu acho que não, essas coisas...¹⁰²

Leandro faz uma análise bastante voltada para aquilo que o incomoda atualmente na escola de seus filhos. Ele deixa claro que vê pouco interesse e pouca dedicação aos esportes, esta é sua maior crítica em relação à Graciosa, no entanto, não isenta os atuais alunos da responsabilidade, pois afirma que não há interesse:

Hoje eu acho que o ponto fraco da Graciosa seria isso, o esporte dela. Teve as Gracimpíadas, teve jogo de handebol que tinha 3 jogando, sendo que são 6 na linha, tinha 3 só [...] é muita bagunça, não tem mais respeito, pessoal não presta atenção em quem tá jogando, não sabem jogar, não tem noção nenhuma de handebol, não tem de vôlei, não tem de nada. Tem alguns que se destacam porque treinam fora, né...¹⁰³

A atual coordenadora e ex-aluna Rosimeri Speranseta comenta a rivalidade existente:

Eduard: Você lembra de alguma coisa que vocês faziam que de alguma maneira, enquanto escola, impactava na cidade? Esporte ou sei lá, alguma ação de solidariedade, eventos, marchas, sei lá, existia alguma coisa assim?

Rosimeri: Ah, a gente não era bem-visto quando tinha alguma coisa não, tinha jogos, nossa, o Colégio Graciosa era muitas vezes deixado de lado, ignorado.

Eduard: E por que isso? Qual era o fator?

Rosimeri: Acho que era a questão da cultura daqui mesmo...

Eduard: A cultura do colégio?

¹⁰² Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 15 de setembro de 2015, por Leandro Bossardi.

¹⁰³ Idem.

Rosimeri: Não, cultura da cidade. Sabe, cidade pequena? E tinha a igreja católica, criou-se o Dom Orione que era o... Rival, e que professava uma fé totalmente diferente né...

Eduard: Então você acha que essa questão religiosa era o elemento principal dessa...

Rosimeri: Ah, era... “os crentinhos tão vindo jogar..., crentinho joga?”

Eduard: Humm, então tinha essa...

Rosimeri: Tinha, tinha sim, e fora que era os filhinhos de papai, não sei o que, né...

Eduard: Com isso tinha a questão econômica...

Rosimeri: Econômica também.¹⁰⁴

Rosimeri levanta uma questão importante: na medida em que a escola cresce, deixa de ser gratuita, e a mensalidade não é a mais barata da região, ou seja, uma certa elite local passa a ser a frequentadora da escola. Portanto muito mais que as antigas rivalidades de caráter religioso, que prevaleceram nos primeiros anos da igreja e da escola, passou a haver o elemento econômico dos alunos da Graciosa como um fator de rivalidade.

Na entrevista com Eliseu, isso também foi apontado:

Eliseu: [...] a escola sempre participou dos jogos, né, quando começou na verdade os jogos aqui na escola eu fazia parte do Colégio Arlinda, jogava contra o Colégio Graciosa na época. [...] na verdade o Colégio Graciosa era o que era malvisto dentre todos os colégios, não só pelo Dom Orione, né. Então todos vinham em cima do colégio. Então como era muita, muita briga e tal.

Eduard: Mas era malvisto por conta de...

Eliseu: Financeiro.

Eduard: Porque achavam que o pessoal daqui tinha poder aquisitivo mais alto?

Eliseu: Isso, bem mais alto. Eles achavam que o pessoal era filhinho de papai e tal, os alunos eram mais, mais metidos, e tal, então eles queriam de alguma forma ou outra dar o troco no esporte. E era o que eles conseguiam, digamos assim, entre aspas, ganhar do colégio.

Eduard: E conseguiam?

Eliseu: Ah, o colégio nunca ganhou nada. O Graciosa, nunca, até mesmo porque os alunos não, não era que nem eu, por exemplo, [...]¹⁰⁵

A relação dos primeiros missionários batistas letos e a comunidade local da cidade de Quatro Barras foram tensas em alguns momentos. Isso ficou muito evidente ao saber que a comunidade católica tratou de criar uma

¹⁰⁴ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 20 de maio de 2015, por Rosimeri Speranseta.

¹⁰⁵ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 9 de setembro de 2015, por Eliseu Ferreira de Lima.

instituição de ensino para que, de certa forma, fornecesse outra opção aos seus fiéis. Assim foi criado o Colégio Dom Orione que, conforme escrito no site, foi assim fundado:

As primeiras raízes do Colégio Dom Orione apareceram no dia 6 de março de 1978 quando alguns alunos externos foram aceitos para frequentarem as aulas em nosso seminário, participando da Escola Vocacional Dom Orione.

A experiência foi boa enquanto durou. Por motivos particulares, no final do ano letivo de 1985, a Escola encerrou suas atividades e os seminaristas passaram a frequentar o "Colégio Estadual Arlinda Ferreira Creplive". Mas esta semente, mesmo parecendo morta por algum tempo, tornou-se como um broto com vontade de emergir novamente.

Entre a comunidade católica de Quatro Barras, havia um anseio muito grande para que se criasse uma escola particular, com ensino de qualidade e o cunho moral e dogmático próprio de uma Congregação Religiosa. Como havia poucos seminaristas e para atender aos pedidos de nossa população, no ano de 1990, o Pe. Leonildo Fernandes que era responsável pela Obra, começou os preparativos para criar a Escola Dom Orione.

Em fevereiro de 1991, a tão sonhada escola começou a funcionar. Era um começo meio difícil, meio frágil porque foram feitas acomodações, e tanto os seminaristas como os alunos externos iam se ajeitando e adaptando como era possível. O seminário tomou nova feição e mesmo com um início cheio de dificuldades, a sementinha crescia cheia de vigor e esperança. Novos rumos se abriam para a obra orionita de Quatro Barras.¹⁰⁶

Mesmo diante dos conflitos, igreja e escola permaneceram na cidade e aos poucos a comunidade foi aceitando e incorporando aquele núcleo às suas características. Um dos objetivos foi atingido: as pessoas da cidade compreenderam que os batistas letos eram diferentes das demais religiões ditas "crentes". Na realidade havia um profundo interesse dos fundadores da igreja em não ser comparado com os grupos pentecostais e neopentecostais que, aos poucos, chegavam na cidade.

Eduard: Em que momento vocês percebem que a comunidade local passa a respeitar e a aceitar a presença dos batistas na cidade?

Weidman Júnior: Eu não posso precisar assim em que momento aconteceu essa nova visão da própria comunidade em si, mas eu lembro que logo no começo do trabalho, nos anos iniciais, lá nos seus dez ou onze anos iniciais, a escola já estava funcionando, vinham missionários também dos Estados Unidos fazer trabalhos aqui no

¹⁰⁶ Disponível em: <http://www.colegiodomorione.com/hist_ria_do_col_gio.html>. Acesso em: 21 ago. 2015.

Brasil e passavam por aqui e em uma ocasião meu pai levou um dos missionários até a igreja católica, eles foram lá conversar com o padre, tentar fazer um bom relacionamento, inclusive, com a igreja dominante na cidade, mostrando que os batistas não estavam ali pra atingir ninguém ou ir contra a comunidade em si, nem contra a igreja em si, a igreja católica em si, mas sim estar levando o Evangelho, estar falando do Evangelho, pregando o Evangelho às pessoas para que eles possam conhecer Cristo e pela fé serem salvas e terem a convicção, a certeza da salvação que nós podemos ter conhecendo o Evangelho. Eu trabalhava, já trabalhava na prefeitura, tinha os meus dezoito, dezenove anos, ou um pouco mais, e trabalhando com o contador da cidade que teve dois filhos na Escola Graciosa, foi numa época em que várias empresas estavam vindo se instalar em Quatro Barras. Foi criado ali um plano diretor e instalação de indústrias, e então uma dessas indústrias vindo pra cá, a reunião foi na sala que eu trabalhava, e o contador aí me apresentou pros diretores daquela empresa como João, filho do pastor Weidman, da Igreja Batista, porque em Quatro Barras havia três grupos distintos de pessoas: os católicos, os batistas e os crentes; então, uma pessoa que teve os filhos na escola foi influenciado também pelo testemunho que foi dado e pode testemunhar isso. Eu vejo que não só dele, mas de várias outras pessoas, de que os batistas eram um povo diferente.¹⁰⁷

Pelas palavras de Weidman Júnior foi possível percebermos que não serem confundidos com os “crentes” era uma grande conquista e um marco de que haviam cessado as hostilidades.

Eliseu também evidencia essa dicotomia:

Eduard: Essa questão é sempre muito polêmica né, essa questão de aceitação. Quando que você sentiu que isso daí mudou assim, que já não era mais tão forte essa perseguição.

Eliseu: É, na verdade quando começaram a chegar outras igrejas evangélicas aqui. Daí quando a igreja católica viu que começou a crescer muito e aí eles já não tinham muito poder de...

Eduard: ...de controle.

Eliseu: ...de perseguição, ou de controle mesmo, então. Mas a igreja batista mesmo aqui foi muitos anos só né...

Eduard: Só tinha a batista e a católica.

Eliseu: Só, só a batista e... na verdade a gente nem conhecia outras denominações ali também. Então, como foi crescendo, foi, aí as outras igrejas viram que foi, que a igreja crescia e tal e a católica não conseguia derrubar, aí foram chegando outras né, daí foi fortalecendo. Tanto é que Quatro Barras hoje eu acredito que é mais, digamos entre aspas, evangélica do que propriamente católica. Devido a tantas igrejas que têm aí.¹⁰⁸

¹⁰⁷ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 12 de setembro de 2015, por João Arthur Weidman Junior.

¹⁰⁸ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 9 de setembro de 2015, por Eliseu Ferreira de Lima.

O pastor Roberto relata da seguinte forma:

Roberto: [...] quando se fala em evangélico então eles tinham uma visão daqueles grupos assim mais barulhentos e que às vezes gostavam de impor a vontade deles né; então havia uma certa restrição por ser uma igreja evangélica, havia uma certa restrição, uma certa restrição em as pessoas virem até a igreja justamente porque achavam que era tudo igual. Quando começaram a colocar os filhos na escola e começaram a perceber que era um grupo diferente, que é um grupo mais ordeiro, mais silencioso, então começaram a gostar da escola e começaram a vir à Igreja também.

Eduard: [...]. Você diria que o pastor João se realizou com esse trabalho aqui?

Roberto: Ah sim, ele era muito grato a Deus e houve um reconhecimento muito grande da comunidade, ele foi, não queria, mas por sugestão de um ex-prefeito ele recebeu o título de cidadão honorário da cidade, foi condecorado com esse título honorífico, justamente pelos bons serviços prestados à comunidade, e quando ele faleceu, a escola já estava né, num porte grande aí, tudo, e então muito reconhecido na cidade, quando ele faleceu, eu fui no carro fúnebre junto na frente, a polícia militar ia fechando as ruas da cidade pro cortejo passar, os lojistas, o comércio ia baixando as portas em sinal de respeito, então foi um reconhecimento muito grande. Onde ele ia, era muito bem recebido justamente pela maneira humilde, sincera, como ele levou o trabalho cristão tanto na igreja quanto na escola. Realizou-se sim, ficou muito agradecido a Deus por tudo que ele pode ver.¹⁰⁹

O pastor João cumpriu sua missão e conseguiu legar à cidade a Escola Graciosa, que permanece como uma referência na cidade e região. Evidenciamos que não existiu um antagonismo igreja/escola, e sim uma resistência por parte de alguns moradores da cidade que não admitiam a presença da escola/igreja de confissão protestante. De maneira geral, a igreja/escola obteve o reconhecimento de sua importância na cidade.

Por meio dos depoimentos foi possível observar a real existência de uma forte resistência de alguns indivíduos da cidade em detrimento da Igreja Batista e, por conseguinte, à Escola Graciosa. No entanto, esta pesquisa contou com os depoimentos de pessoas ligadas à escola, em um próximo fôlego de pesquisa é importante relatar as versões do “outro lado” de indivíduos da cidade que eram contra a instalação da Igreja Batista para que sejam cruzadas as informações.

¹⁰⁹ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 18 de março de 2015, por Carlos Roberto Weidman.

Os alunos atuais e principalmente os ex-alunos possuem um sentimento de pertencimento muito forte em relação à escola. Alguns, uma minoria, de acordo com as pesquisas relatadas pelo diretor financeiro, João Arthur Weidman Júnior, rechaçam completamente, acham a doutrinação invasiva e as regras de disciplina muito severas. Por outro lado, os pais, em maioria, aprovam e escolhem matricular os filhos na Escola Graciosa exatamente por esses motivos – doutrina e disciplina.

Eduard: Deixa eu te fazer uma pergunta. Você vai casar daqui pouquinho e, vai ter filhos, não sei, pretende? (Afirmção com a cabeça) com certeza colocaria eles pra estudar aqui? Sem sombra de dúvida?

Rosimeri: Hã, Hã, o meu irmão brinca às vezes né, que ele casou antes que eu, só que não tem nada ainda (risos) sete anos já, casado, e ele fala: “Olha, eu sofri lá, mas o meu filho vai pra lá, que lá que ele vai precisar”
[...]¹¹⁰

Eduard: Então se você tivesse a oportunidade hoje e morasse perto, você colocaria os teus filhos no Graciosa sem problema?

Kayra: Pensei em colocar, o mais velho eu já tinha visto, quando eu morava no Santa Cândida, que não era, era longe, mas não era assim tão longe né, eu pensei, eu fui até pra ver ele pra colocar, mas daí ia ficar, o deslocamento é muito complicado né.¹¹¹

Eduard: Por que você acha que a escola ainda é uma referência no município e região?

Weidman Júnior: Bom, como a escola sendo referência no município, justamente, eu vejo por causa dos pilares dela, a base na Palavra de Deus e a disciplina de estudo, de comportamento em si, então eu vejo que isso é o diferencial que a escola tem. E muitas pessoas criticam isso, a gente ouve de alunos que vêm os pais falam: “Ah, mas ele fala que aqui, as pessoas falam que aqui é muito rígido, muito rigoroso, aqui é um sistema militar”, aqui é assim, então, geralmente tem essa visão errada do que é disciplina, do que é educação do que é correção e quando vêm, aí não querem sair, quando vêm pra escola.¹¹²

Eduard: uma coisa que a maior parte das pessoas com quem eu converso lembram bastante que a disciplina era bem rígida...

Leandro: É, até hoje a disciplina é rígida, eu sei pelos meus filhos que estão lá, tem horas eu acho que é até demais pela...rigidez, uma coisa assim.¹¹³

¹¹⁰ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 20 de maio de 2015, por Rosimeri Speranseta.

¹¹¹ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 28 de abril de 2015, por Kayra Farah.

¹¹² Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 12 de setembro de 2015, por João Arthur Weidman Junior.

¹¹³ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 15 de setembro de 2015, por Leandro Bossardi.

Embora seja taxada de uma escola bastante rigorosa com disciplina, normas e orientações quanto a esse assunto não fogem muito do que outras escolas costumam exigir. É possível que o diferencial esteja na cobrança e fiscalização que é exercida constantemente pela direção e pelo corpo docente.

FIGURA 10- FOTO DE RECORTE DA AGENDA DOS ALUNOS CONTENDO INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A DISCIPLINA.



FONTE: Arquivo do Colégio Graciosa em Quatro Barras.

A figura 12¹¹⁴ é um recorte da agenda dos alunos atualmente, contendo informações gerais sobre a disciplina, documento que é lido com os discentes nos primeiros dias de aula de cada ano e os acompanha na agenda distribuída pela escola. Chama a atenção a proibição do *piercing*, tanto para meninos como para meninas.

Mas o Código Disciplinar da Escola vai além desta proibição; o capítulo IV trata das proibições e o Artigo 9º esclarece o que é vedado ao aluno:

¹¹⁴ As páginas das Informações Gerais existentes na agenda dos alunos está na íntegra no anexo 4.

1. namorar nas dependências do Colégio, no transporte escolar ou em qualquer evento promovido pela escola;
2. o uso do aparelho celular e câmera digital na escola e no transporte escolar;
3. entrar ou sair da classe sem permissão do professor;
4. entrar ou sair do Colégio sem permissão da direção/coordenação;
5. ocupar-se durante as aulas, em qualquer trabalho estranho a elas;
6. formar grupos e promover algazarras ou distúrbios nos corredores e pátio, bem como nas imediações do Colégio, durante o período das aulas e no seu início ou término;
7. impedir a entrada de colegas nas aulas ou incitá-los à ausência coletiva;
8. trazer literatura estranha às aulas, gravuras ou escritos imorais ou aparelhos eletrônicos não autorizados;
9. perturbar por qualquer modo o sossego das aulas ou a ordem do Colégio;
10. tratar com desrespeito qualquer funcionário do Colégio, autoridades ou visitantes;
11. danificar qualquer parte do edifício ou ainda danificar ou desviar qualquer peça de seu material e instalações;
12. promover manifestações coletivas ou nelas tomar parte, salvo quando convidado pela direção do Colégio ou por ele autorizado;
13. fumar, beber ou praticar qualquer ação viciosa dentro ou nas imediações do Colégio ou adentrar nele sob efeito das mesmas;
14. trazer consigo armas ou qualquer objeto perigoso;
15. tomar parte, dentro ou fora do Colégio, em manifestações ofensivas à moral da pessoa e de instituições;
16. praticar, dentro ou fora do Colégio, ato ofensivo à moral e aos bons costumes;
17. promover jogos, rifas, coletas ou campanhas de qualquer natureza sem a devida autorização da Direção;
18. distribuir boletins no recinto e nas imediações do Colégio e publicar jornais em que haja envolvimento do nome do Colégio, de professores ou de funcionários, sem autorização do Diretor;
19. Divulgar por qualquer meio de publicidade (inclusive internet, redes sociais e outros recursos), assuntos que envolvam a escola, colegas, professores e funcionários.
20. utilizar-se de livros, cadernos ou outros materiais de colegas sem seu consentimento;
21. distrair a atenção dos companheiros em aula;
22. escrever, nas paredes, no assoalho ou em qualquer parte do edifício ou móveis, palavras, desenhos ou quaisquer sinais;
23. entrar acompanhado de pessoas estranhas ao estabelecimento;
24. manter atitudes inadequadas fora da unidade escolar trajando o uniforme do Colégio;
25.
 - a) usar tatuagens, símbolos pagãos, bonés e cortes de cabelo extravagantes;
 - b) meninos – usar brincos, correntes, pulseiras, anéis, cabelos compridos ou pintados e *piercing*;
 - c) meninas (todas) – cabelos com tintura de cores extravagantes (fora do padrão Graciosa) e *piercing*;
26. usar mochilas ou peças do uniforme rabiscadas, sujas ou em mau estado de conservação. Quando isso ocorrer, estas devem ser substituídas.
27. mexer com pessoas na rua, mesmo que sejam conhecidas, quando estiver fazendo uso das conduções do colégio.
28. mascar chicletes nas dependências do Colégio;
29. jogar baralho e outros jogos de azar nas dependências do Colégio;

30. portar e/ou usar qualquer aparelho sonoro e eletrônico em sala de aula sem autorização da Direção (Não nos responsabilizaremos por danos ou perdas destes objetos).

31. comercializar qualquer produto no Colégio;
(Código Disciplinar do Colégio Graciosa em Quatro Barras).¹¹⁵

A disciplina é rígida e alguns itens do código demonstram a preocupação de utilização de símbolos ou objetos que denigram a fé cristã, como os itens 25; 29. Também desperta a atenção a proibição do namoro nas dependências não apenas da escola como também do transporte escolar e dos locais onde os alunos forem representando a escola.

Embora existam essas proibições, obviamente os alunos procuram burlar essas regras. Alguns alunos, com apoio dos pais, já tentaram minimizar, especialmente no que concerne ao corte de cabelo dos meninos ou ao uso de adereços como *piercing* e tatuagens. No entanto a direção da escola mantém firmemente essas proibições.

Para os casos de alunos que já venham com tatuagens, por exemplo, a recomendação é que não exponham aos demais alunos. Evidentemente isso não é mantido em segredo por muito tempo.

3.2 ESCOLA IGREJA OU IGREJA ESCOLA?

O que fica bastante evidente nas entrevistas e demais pesquisas realizadas sobre a Escola Graciosa é a união dos elementos que se referem à igreja e à escola¹¹⁶. Muitas vezes, e talvez para muitas pessoas que participam da comunidade Batista, é que a escola se sobrepõe à igreja; até mesmo a data de fundação da escola é anterior à data de fundação da igreja.

¹¹⁵ Código Disciplinar do Colégio Graciosa em Quatro Barras. Disponível na íntegra no anexo 5.

¹¹⁶ Pode parecer óbvio para muitas pessoas, mas é importante destacar a diferenciação que utilizamos nos conceitos de igreja e templo. Por igreja entendemos o grupo de pessoas que se reúnem e professam a mesma fé. Elas se reúnem num templo, ou seja, um local físico de culto. Portanto entendemos igreja como as pessoas e templo o local de culto dessas pessoas.

A estrutura política da escola, em seu estatuto, não aponta para essa interpretação. Ao contrário, a escola, em seu estatuto, é um departamento dentro da Igreja Batista. O pastor Roberto explicou essa relação.

Eduard: Aproveitando a tua fala, você pode explicar rapidamente como funciona a estrutura administrativa da escola?

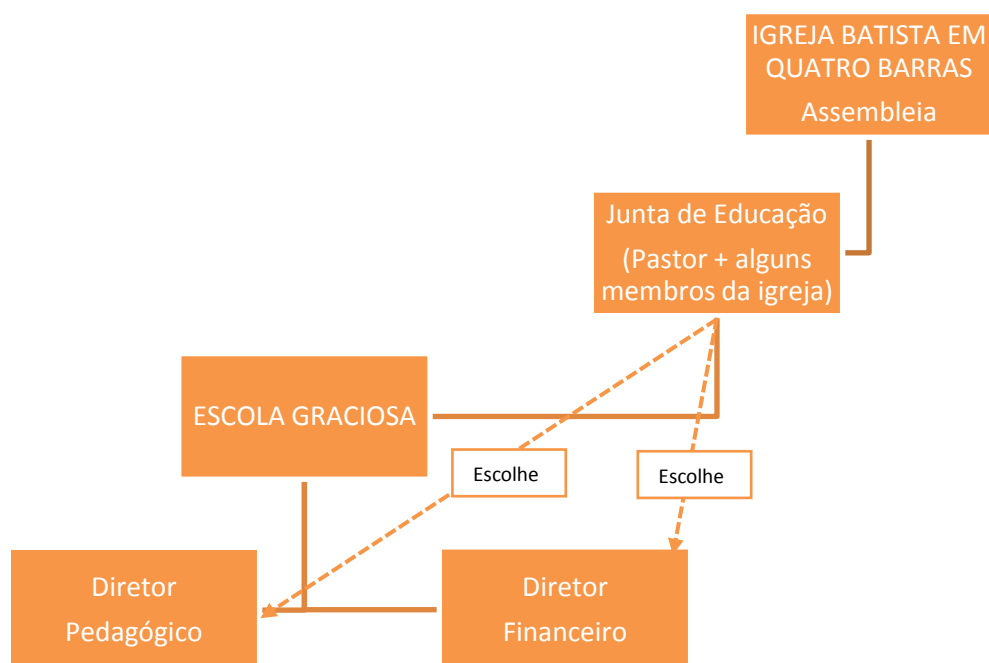
Roberto: Certo, então tem a igreja que é a mantenedora da escola, então tem a junta de educação, que é composta pelo pastor e pela diretoria da Igreja. Então, essa diretoria se reúne, essa junta se reúne todos os meses para tratar dos assuntos da escola e aí tem a direção da escola. Tem a direção administrativa e a direção pedagógica, que são subordinadas então à junta de educação.

Eduard: Que por sua vez é subordinada à assembleia da igreja.

Roberto: Que é subordinada à assembleia da igreja...¹¹⁷

Com ajuda de um esquema podemos entender melhor a hierarquia existente na Igreja Batista em Quatro Barras em relação à escola:

ESQUEMA 2- RELAÇÃO DA IGREJA COM A ESCOLA QUANTO A SUA ADMINISTRAÇÃO



FONTE: O autor (2016).

¹¹⁷ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 18 de março de 2015, por Carlos Roberto Weidman.

O que observamos é que apesar da estrutura organizacional, o poder de decisão fica centralizado na figura do pastor da igreja, em última instância, ele que decide os rumos da escola, as compras, vendas, a escolha dos diretores financeiro e pedagógico, pois segundo o Estatuto da Escola, é a Junta de Educação que tem poder decisório sobre a escola. Corroborar a isso ao poder do pastor em convocar a assembleia da igreja, instância esta que seria soberana.

De acordo com o Estatuto da Escola Graciosa em Quatro Barras (anexo 6), Capítulo II, parágrafo primeiro: Cada área de direção da ESCOLA será exercida por um diretor eleito pela JUNTA que fixará seu tempo de mandato, seu salário e responsabilidades.

Capítulo II, parágrafo quinto: As compras de equipamentos para a ESCOLA deverão ter o parecer aprovado pela JUNTA.

Capítulo III, artigo 14: Somente a JUNTA poderá decidir sobre a concessão de Bolsas de Estudo.

Capítulo IV, artigo 15: No caso de extinção da ESCOLA, automaticamente seus bens, direitos e obrigações, integrarão a totalidade dos bens pertencentes à IGREJA BATISTA EM QUATRO BARRAS, que os receberá independentemente de qualquer dispêndio ou ônus.¹¹⁸

Existe, portanto, uma tentativa de separação, ao menos juridicamente, da igreja e da Escola. Todavia, uma e outra se confundem, tanto no imaginário quanto na prática. A escola é uma extensão da igreja e é dela a principal fonte de renda da igreja, pois, atualmente, segundo Eliseu Lima, membro da igreja, com cerca de 120 a 130 pessoas fazendo parte da membresia da igreja.

Um número que, para as igrejas, geralmente contam com uma porcentagem grande de pessoas que estão apenas arroladas como membras mas que nunca aparecem. Sendo assim, é possível cortar de 25% a 30% deste número para saber quantos efetivamente frequentam e colaboram com a igreja.

Consideremos que haja 100 membros ativos, fica muito difícil manter o prédio, salário de funcionários, pastor e manutenção em geral da igreja apenas com o dízimo desses. Nesse sentido é possível que a maior parte dessas despesas sejam pagas pela escola.

¹¹⁸ O Estatuto da Escola Graciosa em Quatro Barras teve redação aprovada pela Assembleia da Igreja em 5 de agosto de 2001. Está disponível nos anexos.

Evidenciamos o fato não como crítica ou má intencionalidade, mas como exercício para pensar o quão vital é a escola para a existência da igreja, ou seja, pode se dizer que a escola mantém a igreja local.

Outro fator de extrema importância é sobre a condução filosófico-espiritual da escola. Após a morte do pastor João, a Igreja ficou um tempo sem pastor, até que assumiu o cargo o pastor Dionardo Lopes¹¹⁹, que havia sido criado como filho adotivo do pastor João Weidman.

No entanto, pouco tempo ficou na liderança o pastor Dionardo e em seguida assumiu o ministério da igreja o pastor Roberto Weidman, filho do fundador. Tanto a igreja quanto a escola, nesse período de vacância do pastorado, teve sua identidade abalada, a começar pela aproximação do pastor Dionardo com a Convenção Batista Regular.

É possível afirmar que a retomada do pastorado pela família Weidman, ancorados na figura do pastor João trouxe novamente, tanto à escola quanto à igreja, seus princípios e valores identitários originais.

Essas relações da igreja com a escola e vice-versa são bastante controversas. No entanto há uma unidade de pensamento através da família Weidman que mantém a estrutura em bom funcionamento. Pode-se questionar como ficam essas relações quando os Weidman não estiverem na direção-geral da escola, no entanto, isso não parece ser alvo de preocupações atuais, nem da família, nem da escola e também da igreja em Quatro Barras.

No capítulo seguinte vamos abordar as questões relacionadas ao microcosmo da escola, suas principais características e legados. A maneira que a escola deixou estampada na memória de seus ex-alunos, ex-professores e funcionários nas ações cotidianas de atividades escolares.

¹¹⁹ O pastor Dionardo Lopes formou-se pelo Seminário Batista Regular do Sul, em 1985. Tornou-se pastor da Primeira Igreja Batista Regular de Curitiba em 1986 e, em 1989, partiu para atividade missionária no Amazonas.

4 MEMÓRIAS DE VIVÊNCIAS ESCOLARES

A Escola Graciosa mantém sua filosofia de ensino pautado nas Escrituras Sagradas conforme interpretação pessoal de seus líderes, das convicções religiosas oriundas da Associação Batista Leta do Brasil e na inspiração dada pelo pastor João. Não segue nenhum dogma doutrinário estranho às igrejas batistas da CBB, ao contrário, conserva como um valor importante as normas e diretrizes batistas.

Existem entre os batistas uma valorização à educação, baseada em princípios bíblicos cristãos, no entanto, não há nenhuma documentação que estabeleça rigidamente como deve ser feita e que normas e princípios tomar além do bom uso da Bíblia. Em nota oficial no site da Convenção Batista Brasileira foi isto que encontramos sobre a educação:

[...] Os educandários batistas de ensino secular representam uma contribuição de reconhecida relevância na formação da infância, da adolescência e da juventude brasileiras. Os graves problemas que afligem a sociedade brasileira têm nos princípios, na filosofia e na ação educacionais dos batistas um caminho real para a concretização de soluções viáveis e duradouras.¹²⁰

Diante das falas, representações e documentações da escola podemos afirmar que ela possui parâmetros e princípios cristãos. Não há uma preocupação num doutrinamento batista e sim, cristão. Fato esse que agrega entre o corpo docente diversos grupos religiosos, não é o ideal de sua formação, não é o que pretendia o pastor João ao fundar a escola, ao contrário, gostaria que todos os professores fossem da própria igreja em Quatro Barras.

Em razão das exigências legais, a abertura foi inevitável, sendo assim, no mínimo o desejo era que o corpo docente fosse formado por evangélicos, e a mensagem propagada aos alunos fosse de caráter exclusivamente cristão, isto fica bem claro na fala de Weidman Júnior:

¹²⁰ Disponível em:

<http://batistas.com/index.php?option=com_content&view=article&id=37&Itemid=61>. Acesso em: 11 abr. 2016.

Os professores, desde o começo a ideia era que fossem batistas, dentro do meio batista é mais difícil encontrar também professores de todas as áreas então abriu-se também para outras denominações, mas que tem que entender que o colégio pertence à Igreja Batista e tem sua doutrina, tem sua forma de gerenciar o ensino educacional e religioso. Então eles têm que concordar e não, como o colégio não impõe a doutrina Batista nem outra doutrina no ensino, mas a Palavra de Deus, é direcionado justamente para ensiná-la, e não doutrina de alguma igreja. Os professores geralmente são contratadas no meio evangélico. Hoje nem todos, nós temos pelo menos uma professora que não é evangélica, mas a ideia é que se mantenha isso por um bom tempo.¹²¹

4.1 MEMÓRIAS DAS AULAS: O COTIDIANO ESCOLAR

No decorrer das entrevistas, poucos fatos foram lembrados pelos ex-alunos, referentes à sala de aula. As atividades cotidianas da escola não provocaram lembranças e/ou momentos de evocação. Foram muito marcantes os eventos ocorridos em paralelo às aulas, quer sejam brincadeiras, quer sejam castigos, festas e jogos. Alguns professores marcaram alguns desses alunos por eventos ocorridos fora do cotidiano da aula.

Kayra: Eu adorava a Jussara, a Jussara era de Matemática, eu odiava Matemática, mas gostava dela, gostava da Alice, muito da professora Alice. Das aulas assim eu lembro que, me chamavam muito a atenção o tempo todo (risos) era o que mais me chamava atenção... Muitas vezes ficava de castigo à tarde, tendo de reescrever, sabe aquela coisa, escreva cem mil vezes a mesma coisa... Era eu à tarde, cem mil vezes a mesma coisa. Às vezes eu nem tava no rolo, mas se eu tava perto já servia pra mim, entendeu, porque eu era tão bagunceira que, assim, gostava, Arte eu nunca gostei¹²², olha só que interessante, odiava Arte, eu gostava de Português.¹²³

Outros professores eram temidos e acabavam por se tornarem verdadeiras lendas entre os alunos.

¹²¹ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 12 de setembro de 2015, por João Arthur Weidman Junior.

¹²² Kayra atualmente é formada em Arte e atua como professora de Arte em escola privada em Curitiba.

¹²³ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 28 de abril de 2015, por Kayra Farah.

Leandro: Então, o Graciosa eu cheguei a ir no pré eu acho, alguma coisa assim, eu cheguei a ir algumas vezes, diz a minha vó, eu me comunico mais com minha vó, que eu convivi mais com minha vó que minha mãe trabalhava e estudava em Curitiba, que eu fugia pra não ir pra aula. (risos). Por causa, que diz que a Larissa (sic), eu tinha medo da professora Larissa (Larice), [...] E, eu não sei, na minha lembrança eu tenho umas castanhas lá que espinhava antigamente, mas eles contam que era por causa da Larissa (sic) que era muito brava.¹²⁴

Sempre houve o forte apelo evangelístico, dado como ênfase pelos ex-alunos em suas memórias às aulas bíblicas, que desde o início da escola foi o carro-chefe da instituição, elemento que ficou presente na memória ou que está atrelado ao imaginário atual daqueles que permanecem nela, especialmente como funcionários.¹²⁵ Ao observar o depoimento de Eliseu Ferreira de Lima, percebe-se que para ele a única aula marcante foi a de Ensino Bíblico.

Eduard: [...]. Você chegou, você nunca tinha ido pra uma escola, você tinha cinco pra seis anos, né... O que é que você lembra? Como era o espaço em que você foi estudar?

Eliseu: O espaço em termos de área construída era muito pequeno antigamente, tinha só o templo e um espaço bem reduzido, acredito que na época talvez umas duas ou três salas de aula, talvez. E ali se fazia tudo, tudo era ali. Mas lembrando de algum diferencial, é de que o colégio desde que iniciou aqui, nas primeiras turmas, o grande diferencial sempre foi, é, o ensino bíblico no caso, sempre foi esse. Essa é a memória que mais me marca lá do começo e quando alguém vem me perguntar como era o estudo, a primeira coisa que eu lembro eram das aulas bíblicas. Era das primeiras... Da iniciação à Bíblia no caso, eu aprendi muito.¹²⁶

Rosimeri Speranseta lembra dos momentos de oração que antecediam as aulas:

Eduard: Você consegue descrever como era o cotidiano de uma aula, de um dia de aula? Pense, sei lá, no primeiro ano do ensino médio, ou oitava série... Vocês chegavam na escola, e o que acontecia?

Rosimeri: Tinha devocional.

Eduard: O que é devocional?

Rosimeri: Na época a gente não tinha o livrinho ainda.

Eduard: Que livrinho?

Rosimeri: O livrinho de devocional, com vários versículos e pensamentos, histórias, sobre o tema do dia, daí cada professor fazia

¹²⁴ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 15 de setembro de 2015, por Leonardo Bossardi.

¹²⁵ É interessante que para os ex-alunos, que são atuais funcionários, o discurso de que as aulas bíblicas eram importantes e foram marcantes está sempre presente em seus depoimentos. No entanto para aqueles que foram alunos, porém não possuem o vínculo funcional com a escola essa ênfase bíblica não é tão evidente.

¹²⁶ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 9 de setembro de 2015, por Eliseu Ferreira de Lima.

mesmo sem isso. Depois de um tempo a gente passou a ter *O Mensageiro*, na época né, e agora já não é mais.

Eduard: E o professor da primeira aula fazia, depois fazia oração.

Rosimeri: Isso, na intenção de pedidos, se alongava na primeira aula, sempre o professor da primeira aula, daí depois, nas aulas seguintes tinha sempre a oração, não tinha a necessidade de fazer a devocional, mas sempre surgia um pedido de oração que causava alguma fala, umas conversas, porque eu via que a gente tinha necessidade de conversar, porque muita coisa a gente não conversava em casa, era uma outra época, outros tempos né, outra época. Então ali, nessa hora acabava se conversando, se envolvendo.¹²⁷

É possível afirmar que as aulas, mesmo das disciplinas do currículo básico, eram antecedidas por momentos de oração e reflexão, também chamado de devocional. Por muitos anos, os professores utilizaram um pequeno livro chamado *O Mensageiro*¹²⁸, com versículos bíblicos para cada dia da semana. Lia-se o mensageiro, em seguida se fazia uma oração, quando o professor achasse conveniente comentava algo ou algum aluno.

Para alguns alunos que não gostavam do momento religioso era motivo para criticar professores que “gastavam” tempo com devocional em detrimento à aula; queixa esta que não vingava, ao contrário, o docente era elogiado pela conduta. Não é de se admirar que as lembranças mais pungentes eram desses momentos, pois eles estavam presentes em quase todas as aulas e eram considerados fundamentais, mesmo acima dos conteúdos formais.

Tornou-se um grande ícone da Graciosa as aulas e treinos de Educação Física. Em determinado período da escola, o time de handebol destacou-se não apenas internamente quanto defendeu a instituição em competições interestaduais; conforme a lembrança de Kayra:

[...] a gente ia jogar lá à tarde, até pulava o portão pra ir lá jogar na escola (na escola estadual), verdade, a gente fazia tudo isso. Então a gente começou a se aperfeiçoar, até que a gente começou a participar de outros, daí a gente foi participar do de Curitiba, contra as

¹²⁷ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 20 de maio de 2015, por Rosimeri Speranseta.

¹²⁸ *O Mensageiro* foi originalmente inspirado num livreto na língua alemã chamado *Lebensbrotkalender*. O primeiro exemplar foi criado no ano de 1984, por um religioso chamado Peter Pauls. Ele consiste numa série de versículos bíblicos distribuídos pelos dias da semana no período de um ano. No verso de cada página, que corresponde a uma semana, há um texto pequeno para reflexão e/ou de testemunho. Ele é distribuído pela Associação Menonita Beneficente.

escolas de Curitiba, na época Positivo, Terceiro Milênio, Expoente, aí no Handebol, a gente participou do Internacional Cup que teve aqui, esse a gente participou também, mas isso faz, nem lembro que ano que foi, faz muito tempo, porque daí a gente teve uma evolução e a rivalidade sempre né, contra todos, o estadual nem tanto, mas contra o Dom Orione acho que era o maior. Eu não sei se tem ainda esses jogos lá?¹²⁹

Também, Rosimeri Speranseta lembra dos jogos, apesar de não ser seu ponto forte:

Rosimeri: E no começo a gente só perdia né, porque a gente não tinha muito treinamento, o pessoal lá de fora treinava mais. Eles tinham mais tempo pra isso, e aqui não, né. Aqui era tempo da Educação Física, aquele tempo contado e pronto...

Eduard: Hum hum, e quando isso começou a mudar? Ou nunca mudou, sempre foi o... O lanterninha?

Rosimeri: Não, depois mudou, a gente foi até pra Paranavaí, os meninos foram jogar handebol na final do paranaense, do estadual, olha, exatamente quando mudou eu não vou saber dizer, mas eu lembro que eu estudava ainda e nessa época entrou meu primo aqui, e ele era um dos jogadores que foi pra fora, junto, então deve ter sido, meu terceiro ano do Ensino Médio, ele devia estar na oitava série, sétima série.¹³⁰

Também Eliseu, muito simpático e atrelado aos esportes, mesmo sem ser aluno, gostava de participar e jogava com os alunos da escola. Ele lembra do período áureo do handebol na escola:

Eu acho que teve uma época, na época do pastor, do professor Marlus, que era o handebol que ele incentivava muito, que aí o colégio foi representar, até em nível de estado, a escola. Mas essa foi a única época que o colégio se dava bem em termos de esporte.¹³¹

De todos os entrevistados, Leandro Bossardi é o mais interessado pelos esportes, em toda sua entrevista ele deixa bem claro que o que mais lhe chamava a atenção eram os esportes, tanto que era sua grande motivação em estar estudando lá.

As dificuldades com notas, sua impaciência com as aulas era superada pelo gosto que tinha nos esportes. Quando deixou de ter a idade adequada

¹²⁹ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 28 de abril de 2015, por Kayra Farah.

¹³⁰ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 20 de maio de 2015, por Rosimeri Speranseta.

¹³¹ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 9 de setembro de 2015, por Eliseu Ferreira de Lima.

para participar das competições, ele deixou a Graciosa e foi para um colégio público onde, segundo ele, não tinha as mesmas exigências e cobranças de sala de aula.

Eduard: Qual, o que você gostava de jogar?

Leandro: Handebol.

Eduard: Handebol. A tua praia era o handebol.

Leandro: É que na época o futebol, o professor na época era o Marlus, e ele era, tipo ele não gostava do futebol, ela falava que o futebol era esporte de índio. Então ele ensinava muito, passava muito handebol, basquete, vôlei e atletismo. Então as duas coisas que eu mais me adaptei e gostava era o handebol e o atletismo. A gente saía fazer competição fora né, que ele levava a gente e dali ficou marcada a época do Graciosa no handebol.

A crítica ao futebol não era exclusiva do professor Marlus, essa era também a opinião do pastor João e dos demais membros da família, que não gostavam de esportes de uma maneira geral. Segundo Eliseu, eles entendiam que igreja e esportes não combinavam:

[...] agora a questão de esporte, não se tinha muito até mesmo porque o pastor João nunca gostou de esportes, né. Ele nunca... pra ele futebol era errado, assim, tudo isso veio com os letos. Os letos não tinham essa ideia de que o esporte poderia ser colocado dentro de uma igreja por exemplo ou usado em missões, alguma coisa assim. Então naquela época não se tinha muitos esportes assim.¹³²

Essa opinião, contrária aos esportes, demonstrava certa flexibilidade do pastor João em relação a alguns assuntos. Mesmo não gostando, quando a escola precisou se enquadrar, ele cedeu e fez do espaço que tinha para construções de salas por exemplo, um ginásio adequado para a prática esportiva na Graciosa, isso porque, em razão das proporções do terreno, não era possível construir um ginásio de grande porte.

A estratégia deu certo e uma das maiores característica lembrada pelos ex-alunos sobre a Escola Graciosa é exatamente o esporte, mesmo não sendo a menina dos olhos do pastor fundador.

¹³² Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 9 de setembro de 2015, por Eliseu Ferreira de Lima.

4.2 MEMÓRIAS DAS GRACIMPÍADAS

Os jogos foram algo marcante na Escola Graciosa e na vida dos ex-estudantes, tendo em vista que muitas vezes as competições interescolares no município geravam brigas e confusões, especialmente contra os alunos da Graciosa, a direção do colégio optou por encerrar sua participação, e como compensação, foram criadas as Gracimpíadas, uma semana de jogos internos, na qual cada turma escolhia um país para representar (em alguns anos foram escolhidos estados do Brasil) e competiam em diversas modalidades esportivas entre si.

O grande problema era sempre a superioridade dos mais velhos sobre os mais novos. Diante disso, foram criadas subdivisões em categorias como de 1º ao 4º ano do ensino fundamental, de 5ª à 8ª série (atuais 6º ao 9º ano respectivamente) e ensino médio. No entanto as chamadas “zebras” eram muito comentadas e celebradas ao longo do ano letivo.

O evento ganhava grandes proporções e uma bela produção com desfiles de apresentação das equipes, uniformes, volta olímpica com a tocha e premiação com direito a medalhas e troféus. Abertura e encerramento sempre eram eventos que a direção da escola aproveitava para transmitir uma mensagem de caráter religioso e cívico – cantava-se o Hino Nacional e o hino da escola.

Por anos, a prática foi contínua sofrendo algumas variações de acordo com as necessidades como: distribuição dos jogos em semanas diferentes para as turmas; redução do tempo do evento de uma semana para 3 dias; realização das Gracimpíadas fora de dias letivos etc.

FIGURA 11- FOTO DO DESFILE DE ABERTURA DAS GRACIMPÍADAS. DELEGAÇÃO CAMPEÃ DA GRACIMPÍADA DO ANO ANTERIOR. NÃO HÁ INFORMAÇÃO SOBRE A DATA.



FONTE: Acervo pessoal de Sandra Mara Weidman.

Delegação campeã do ano anterior (Data indeterminada). Os alunos apresentaram-se nas celebrações, caracterizados com roupas e adereços, remetendo-se ao país escolhido para representar. Essa imagem demonstra uma delegação de ensino médio com seu representante, carregando o troféu de vencedores da competição.

Percebe-se que existe uma crítica, por parte do grupo à rigidez religiosa da escola. A escolha do país, Jamaica, induz ao pensamento estereotipado que se faz do jamaicano e seu controverso e mais famoso ícone: Bob Marley. A apologia da maconha e da religião rasta por Marley podem ser lidos nos adereços do grupo – chapéu e transas. A crítica é minimizada com a faixa, ao fundo, na qual está escrito *Em Cristo somos mais que vencedores*.

As Gracimpíadas tinham um caráter catártico. Alunos e professores evidenciavam pensamentos e valores, que muitas vezes eram combatidos pela direção da escola. Mesmo velado, isso acabava sendo tolerado.

FIGURA 12- FOTOGRAFIA DO MOMENTO DE PREMIAÇÃO DOS JOGOS. NÃO HÁ INFORMAÇÃO SOBRE A DATA.



FONTE: Acervo pessoal de Sandra Mara Weidman.

Para garantir o equilíbrio entre mais velhos e mais novos, a vitória nos jogos não era fator determinante para levar o troféu de vencedor, outros quesitos pontuavam, às vezes até mais que os próprios jogos. Critérios como desfile, torcida, participação, limpeza do local que ocupavam e outras atividades davam à competição um brilho e tornava a revelação do grande vencedor um mistério até o momento da premiação.

Não foram poucas as vezes que turmas menores levaram o troféu, isso, claro, sob críticas e inconformismo daqueles que venciam as competições esportivas. Essas, aliás, em sua maioria não ocorriam na Escola, em virtude do pouco espaço e ginásio em tamanho reduzido.

Geralmente a celebração de abertura e encerramento e os jogos ocorriam, em sua maioria no ginásio do Sesi, local muito próximo da escola, as competições de atletismo normalmente ocorriam na PUC-PR ou mesmo no estádio do Pinheirão em Curitiba. Eram, sem dúvida, o grande evento da Escola Graciosa.

4.3 MEMÓRIAS SOBRE O CORPO DOCENTE

A história de qualquer escola está intimamente vinculada com a história de seu corpo docente. Na Escola Graciosa, a primeira professora, Sueli Krukliis, atribui a si a ideia e inspiração para fundar a escola. Da mesma forma, o pastor João Weidman, oficialmente fundador da escola, foi ao mesmo tempo administrador, motorista e professor nos primeiros anos da instituição.

FIGURA 13- FOTOGRAFIA EM PRETO E BRANCO DA PRIMEIRA TURMA DA ESCOLA COM A PROFESSORA SUELI NAIME KRUKLIS.



FONTE: Acervo pessoal de Sandra Maria Weidman.

Fotografia em preto e branco da primeira turma da escola com a professora Sueli Naime Krukliis. Segundo a catalogação de Sandra Weidman, data de 4 de março de 1981, ou seja, eram os primeiros meses da escola. Cruzando a informação com as entrevistas, podemos concluir que foi ocasião de algum evento especial, visto que há apenas 19 crianças na foto. A professora Sueli, no canto esquerdo, e outra pessoa adulta, talvez ajudante ou mãe de aluno. Nota-se também pela vestimenta, todos elegantemente vestidos, mas não trajam uniforme.

Vejamos o que diz Eliseu Ferreira sobre o uniforme:

Eliseu: É, nosso uniforme era azul e branco na época, a gente usava becas né, não era que nem hoje, camiseta, calça. Calça normal, mas a gente usava uma beca, uma beca branca, tipo uma camiseta branca só que com uma gravatinha azulzinha assim.

Eduard: Todo dia?

Eliseu: Todo dia. Esse era nosso uniforme, sempre, o colégio desde que foi fundado ele tem, teve um uniforme, então era nosso uniforme. Era azul e branco na época. Se não me engano, as meninas usavam uma saia, uma sainha, azul, azul-marinho e nós também, usava calça ou calção azul e becas brancas, brancas com laços azuis.¹³³

A intenção do pastor João e, posteriormente, de seus filhos diretores da escola João Arthur Weidman Junior e Carlos Roberto Weidman, era de que o corpo docente fosse exclusivamente da mesma fé e, se possível, da mesma Igreja, a Igreja Batista de Quatro Barras. Isso para evitar que ideias diferentes¹³⁴ tomassem conta. Fato esse que acabou sendo inevitável ao longo da história da escola.

No início das atividades da escola era apenas a professora Sueli e o pastor João que direcionavam as atividades. Poucos anos depois, a professora Sueli teve de sair da escola, por conta de uma gravidez de risco, conforme ela mesma conta:

Eduard: Hum... hum... É, por quantos anos, é, ficou apenas uma turma e apenas a senhora como professora, a senhora lembra disso?

Sueli: Eu não tenho cert... já no ano seguinte eu saí, acho que na metade do ano, é, eu fiquei grávida e aí, antes do final acho que antes do final do ano eu me afastei porque eu tive uma gravidez de risco, né? Tive que ficar de cama durante muito tempo e então começou com a, passou a ser a Ana Bruck a professora.¹³⁵

¹³³ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 9 de setembro de 2015, por Eliseu Ferreira de Lima.

¹³⁴ As ideias diferentes que tanto temiam os fundadores da escola eram concepções que fugissem do rito litúrgico tradicional. Por esse rito litúrgico pode-se entender as músicas tradicionais, a reverência, a disciplina e obediência; num culto sem muitas manifestações persistem hinos sóbrios, acompanhados de órgão ou piano e uma mensagem preparada centrada na explanação bíblica, sem profecias, manifestações espirituais, palmas e outros elementos, mais típicos de igrejas pentecostais e neopentecostais. Valores que eram vistos como legitimamente cristãos pela família fundadora e pela maior parte da comunidade leiga, que assim mantêm suas tradições religiosas. Especialmente as igrejas neopentecostais, que nas décadas de 1990 e 2000 se alastraram no país, eram vistas como aberração ao cristianismo pelos batistas mais tradicionais, entre eles a família Weidman. Em suas entrevistas, constantemente deixaram claro que a igreja do pastor João era diferente das outras que estavam chegando na cidade.

¹³⁵ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 9 de março de 2015, por Sueli Krukliis.

Na medida em que a escola foi crescendo, foram aumentando as necessidades. Foi preciso abandonar a prática filantrópica de atender as crianças da comunidade e a escola passou a ser paga. Dentre os motivos para a cobrança da mensalidade estava a chegada de professores que dependiam exclusivamente desse salário para sobreviver.

O crescimento da escola gerava uma certa insegurança. O grande temor era a chegada de ideias estranhas ao evangelho pregado pelo pastor João. O crescimento da escola não era um fator a ser buscado a qualquer preço, isso sempre ficou evidenciado nas palavras da direção.

Atualmente a escola tem seu quadro docente uma diversidade de denominações evangélicas. Maciçamente são professores oriundos de igrejas batistas, no entanto, causa até admiração a presença de uma docente católica, mas isso se deve à escassez de profissionais mais especializados.

A professora católica é formada em Física, uma disciplina em que as escolas encontram grande dificuldade em encontrar profissionais no mercado, ainda mais restringindo os nichos, como é o caso da então exigência de ser evangélica.

TABELA 2- RELAÇÃO DENOMINAÇÃO RELIGIOSA E QUANTIDADE DE DOCENTES PERTENCENTES A CADA DENOMINAÇÃO PROTESTANTE.

<i>DENOMINAÇÃO PROTESTANTE</i>	QUANTIDADE DE REPRESENTANTES
<i>Igreja Batista</i>	23 docentes
<i>Igreja Batista Regular</i>	5 docentes
<i>Igreja do Evangelho Quadrangular</i>	5 docentes
<i>Comunidade Cristã de Curitiba</i>	3 docentes
<i>Igreja Casa de Oração</i>	1 docente
<i>Igreja Assembleia de Deus</i>	1 docente
<i>Igreja Menonita</i>	1 docente

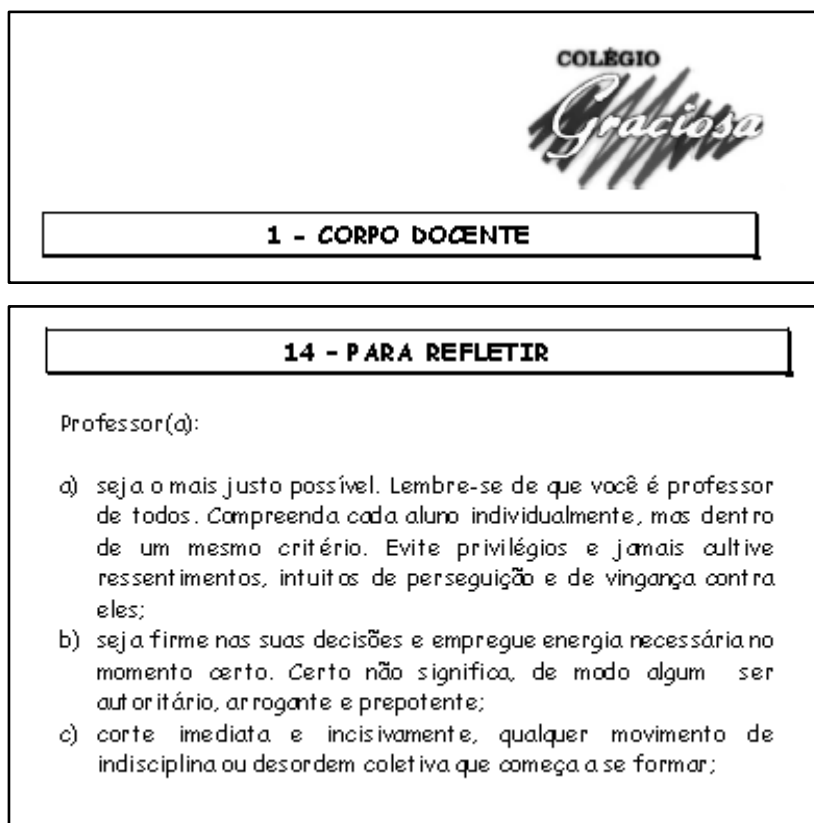
Atualmente há uma professora que professa a fé católica.¹³⁶

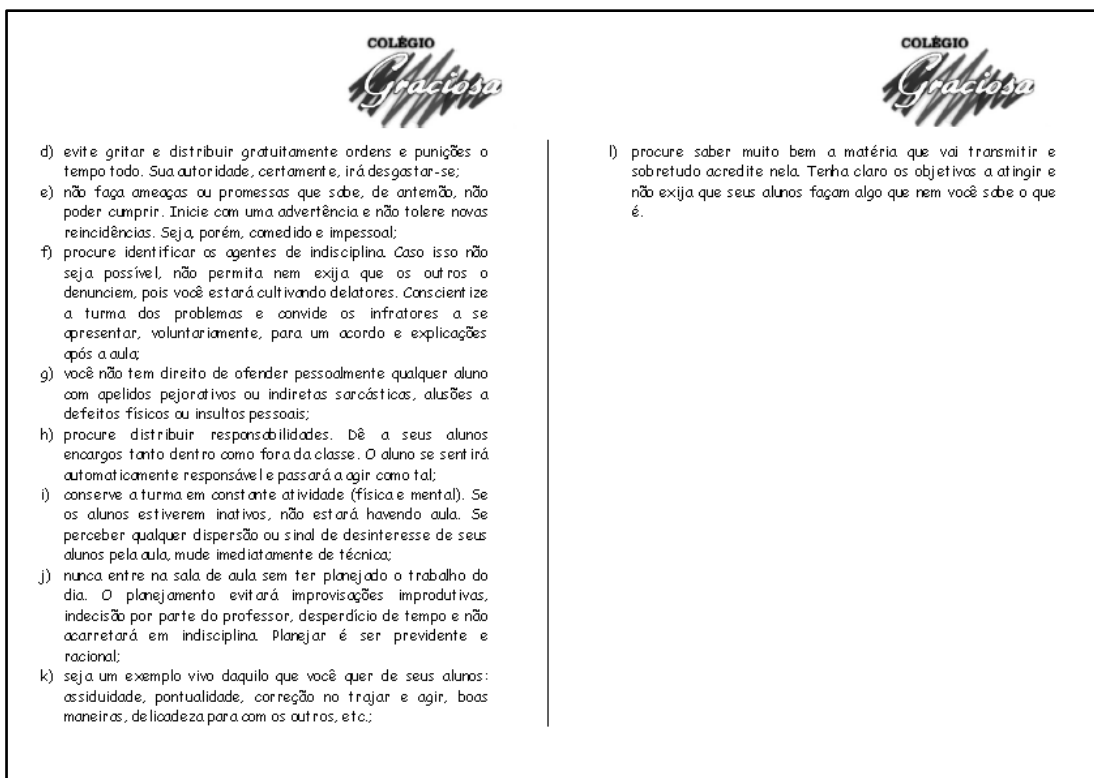
FONTE: Direção pedagógica Colégio Graciosa em Quatro Barras

¹³⁶ A professora católica não foi listada na tabela, que contemplou apenas as denominações evangélicas protestantes.

As normas da escola para o corpo docente foram organizando-se ao longo dos anos, elas estão expostas no manual do professor.

FIGURA 14- FOTOGRAFIA DE RECORTE DO MANUAL DO PROFESSOR - 2012





FONTE: Acervo Colégio Graciosa em Quatro Barras.

Recorte do *Manual do Professor*, disponível na íntegra no anexo 7. O trecho reflexivo apresenta uma série de conselhos a ser seguida pelos docentes. São orientações baseadas especialmente no bom senso do professor.

O corpo docente teve papel fundamental no desenvolvimento e fama da escola. Os professores, no princípio, nem sempre possuíam formação na área em que atuavam, mas faziam com grande desenvoltura e competência, ao menos aos olhos dos alunos:

Rosimeri: ... e a Alice, a Alice era pau pra toda obra né? Ela deu aula na terceira série pra mim; depois no Fundamental, ela deu aula de Biologia, só sei Biologia hoje por causa dela, no ensino médio, Biologia né? Mas daí no fundamental foi História e no ensino médio foi História. Inglês também no Fundamental, daí depois que veio o Hélio. Mas a Alice, o que ela pegava, ela sabia dar, ela tinha didática, não tinha formação pra Biologia.¹³⁷

Como afirmamos, para alguns as aulas vinham em segundo plano, gostavam e se identificavam com alguns professores:

¹³⁷ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 20 de maio de 2015, por Rosimeri Speranseta.

Kayra: [...]. Eu adorava a Jussara, a Jussara era de Matemática, eu odiava Matemática mas gostava dela, gostava da Alice, muito da professora Alice. Das aulas assim eu lembro que, me chamavam muito a atenção o tempo todo (risos) era o que mais me chamava atenção [...], Arte eu nunca gostei, olha só que interessante, odiava Arte, eu gostava de Português [...] eu adorava Educação Física.

Eduard: Era o Marlus que dava...

Kayra: Era o Marlus que, depois foi o Elton.¹³⁸

A proximidade dos alunos com os professores era um ponto especial no relacionamento; havia um clima familiar de aproximação, o simples fato de os professores serem chamados de tios; desde os das séries iniciais, e o hábito permaneceu até o Ensino Médio, mesmo sendo execrado pelas práticas pedagógicas atuais.

Kayra: Engraçado, a gente não chamava eles de professores, era tio, tanto que quando eu ver eles eu não vou saber chamar ele de outro nome que não seja tio Roberto, porque sempre foi assim. Hoje se teu aluno te chama de tio, você fala, não sou irmã da tua mãe, pra me chamar de tia. [...]. Engraçado eu chamo a Tia Larice, tudo era Tia, a Alice, até hoje, oi Tia Alice, tudo bem? Olha o meu tamanho gente, olha a minha idade, não tem mais idade pra chamar, afinal de contas hoje nós somos até colegas de profissão, mas Deus o livre, é o respeito que até hoje, [...]¹³⁹

Na Escola Graciosa, ser chamado de tio ou tia era motivo de aproximação e carinho, elementos que contribuía para as relações de afetividade dos alunos com os professores e conseqüentemente a escola.

Kayra: [...] a gente tinha acesso à casa deles. Não sei se os alunos de hoje têm essa possibilidade que a gente teve na época, né? De poder ir na casa dos diretores, poder frequentar a casa dos professores. [...] a gente teve tudo isso, de poder conversar, eu me lembro que o professor Marlus fazia café pra gente na casa dele com a Alice, na época ele morava com a Alice. Então tinha essa proximidade com o professor, hoje é mais difícil, a gente não vai levar aluno pra casa da gente. [...]¹⁴⁰

Essa aproximação, em casos isolados, abriu caminho para relacionamentos entre professores e alunos, motivo que causou escândalo e repulsa. O rigor do discurso religioso da escola muitas vezes foi colocado em

¹³⁸ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 28 de abril de 2015, por Kayra Farah.

¹³⁹ Idem.

¹⁴⁰ Idem.

xeque e questionado por muitos pais e pelos próprios alunos, utilizando tais fatos como argumentos de questionamento sobre a seriedade da escola. O fato é que isso nunca foi incentivado pela instituição, ao contrário, a direção sempre tomou medidas enérgicas para evitar e tratar tais casos.

No próprio *Manual do Professor*, o item 1.2.j especifica uma das proibições¹⁴¹ “Praticar atos libidinosos ou atentatórios aos bons costumes nas dependências do Colégio. Evite aproximações e situações de intimidade com os alunos”. E com ênfase ao versículo bíblico: “Abstende-vos de toda aparência do mal.” (I Tessalonicenses 5:22)

A maior parte dos alunos conseguia diferenciar a atitude isolada de um professor dos interesses e comportamento da escola. Ao relatar um caso de relacionamento de professor com uma aluna — um escândalo para aquele contexto religioso apregoadado pela escola — a entrevistada Kayra afirma:

Kayra: Não, até porque não foi a escola. Foi ele, não foi a escola em si. Foi o professor, né, a mesma coisa se eu faço alguma coisa na escola, a culpa não é da escola, a culpa é minha, né, não é? Foi a atitude dele, até porque ele se dizia tão... E eu era atentada na época, eu bebia, eu ia nas festinhas, eu bebia, eu fumava, eu era atentada, e daí ele dava lição de moral direto em mim, na frente de todo mundo, entendeu? [...]. Bebia escondido, mas e daí? E ele falava um monte, nossa, porque não sei o quê... Daí quando estourou isso... Que moral esse cara tem pra falar de mim? Eu pelo menos não sou casada, eu não... Eu bebo, eu fumo, não tô prejudicando ninguém, só tô prejudicando a mim, né, ele fez, podia ter sido pior pra escola, poderia ter sido, mas graças a Deus não foi, porque a escola, tanto que eu, se eu pudesse, colocaria meu filho lá. [...]¹⁴²

Os professores tinham um grande comprometimento com a escola; o discurso proferido sempre foi de que não era apenas um emprego e sim uma missão, e como missionários atuavam não apenas na atividade pedagógica como auxiliando em outras atividades comprometidas com o desenvolvimento da instituição.

A imagem a seguir corrobora com a visão transmitida pela direção da escola; a união de funcionários, professores e direção na construção do prédio que abrigaria salas de aula e templo. Fotografar esse momento foi uma forma de transmitir os valores do trabalho, da cooperação e do esforço individuais.

¹⁴¹ Manual do Professor disponível no anexo.

¹⁴² Id.

FIGURA 15- A FOTO REFERE-SE AO INÍCIO DA CONSTRUÇÃO DO PRÉDIO DA ESCOLA COM A PARTICIPAÇÃO DOS INTEGRANTES DA IGREJA E COLÉGIO. NA FOTO APARECEM (DA ESQUERDA PARA A DIREITA): JOÃO ARTHUR WEIDMAN JUNIOR, ATUAL DIRETOR FINANCEIRO DO COLÉGIO; HUGO SONNENBERG, ATUAL PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTORISTA; EURICO FERREIRA DE LIMA, ATUAL RESPONSÁVEL PELO SETOR DE REPROGRAFIA E MOTORISTA; PR. WALTERS FRICHEMBRUDERS, ATUALMENTE EM PORTUGAL; CARLOS ROBERTO WEIDMAN, ATUAL DIRETOR GERAL DO COLÉGIO E PASTOR DA IGREJA BATISTA EM QUATRO BARRAS; E O PEDREIRO MARCELINO PARZUTO.



FONTE: Acervo pessoal de Sandra Mara Weidman.

O momento da foto precisa ser destacado, pois, embora fosse uma realidade a participação dos professores e funcionários nas atividades da construção, a foto parece muito mais uma representação para o instante de registro. As roupas utilizadas pelos integrantes da foto não condizem com a realidade de roupas utilizadas por alguém que está no trabalho de construção. Destaque para o elemento central da foto, calças brancas sem nenhuma mancha da atividade ali representada.

Eliseu: Na verdade, como o colégio não tinha condições de pagar pedreiros por fora, na verdade, sempre a igreja esteve envolvida, na verdade professores, eu lembro tão bem, que professores e membros da igreja eram os pedreiros que construíram a escola, boa parte dela, né? É lógico que depois que ela foi crescendo aí faltava ali profissionais com capacidade para dar tal continuidade. Aí foi contratado pedreiros, mas no começo eram funcionários mesmo que faziam tudo...[...]. Ah, final de semana, mutirão direto. Em dias de aula mesmo.¹⁴³

4.4 MEMÓRIAS DOS ACAMPAMENTOS

Dentre as atividades da escola que se destacaram na memória daqueles que fizeram parte de sua história estão os acampamentos. Em datas específicas eram realizados acampamentos com os alunos, geralmente um por ano, que aguardavam ansiosamente por esse evento.

Os acampamentos ocorriam geralmente na cidade da Lapa, distante 90 quilômetros de Quatro Barras. O local específico para a atividade era chamado Acampamento Palavra da Vida, ou simplesmente PV, como era conhecido. O PV é uma entidade cristã voltada à evangelização de jovens através de acampamentos, música etc. Assim, o local é comumente locado para igrejas e entidades cristãs para realizar esse tipo de evento.

Leandro: Sim, os acampamentos do Graciosa eram muito bons, a gente ia pra Lapa... Isso, são coisas assim que ficam na lembrança até hoje assim...

Eduard: E o que é que tinha nos acampamentos?

Leandro: A gente fazia teatro, jogava, tinha brincadeira, momentos de orações lá dentro do templo, assim né, da Palavra, o teatro tratando sobre isso, né, [...] Ensino assim sobre família, essas coisas,

Eduard: Você acha que isso ajudou bastante na sua formação...

Leandro: Nossa, eu tenho muita saudade disso daí assim.¹⁴⁴

¹⁴³ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 9 de setembro de 2015, por Eliseu Ferreira de Lima.

¹⁴⁴ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 15 de setembro de 2015, por Leonardo Bossardi.

A escola tinha sua própria maneira de organizar e desenvolver as atividades no acampamento¹⁴⁵. Comumente havia um tema gerador que conectava tudo que acontecia naqueles dias. As pregações e estudos bíblicos, as músicas, os jogos e as refeições. Os alunos eram divididos em equipes que disputavam um prêmio simbólico no final da atividade.

A maior parte dos professores envolvia-se com o acampamento, ajudando na organização dos quartos, na elaboração de gincanas, na cozinha e nas escalas para limpeza que eram, muitas vezes, feitas pelos próprios acampantes.

Ao final do acampamento geralmente estavam todos exaustos, mas renovados, pois o ele também tinha certa função catártica, que trazia grande alívio aos participantes, os quais saíam daquela rotina rígida e muitas vezes ali acabavam entendendo o funcionamento da escola, tinham tempo de conversar com os professores e verificar que nem todos eram tão sérios e sisudos como podiam aparentar, até mesmo a relação com outros colegas mudava a partir desses acampamentos.

Eduard: O que chamava atenção nesses acampamentos, o que tinha nesses acampamentos?

Rosimeri: Ah, tudo que sempre tem em acampamento, gincana, dormir tarde, bagunça, os meninos indo cantar para as meninas, serenata, ah, ter que limpar depois a cozinha, que cada dia tinha uma escala, quem não tinha se dado bem durante o dia nas gincanas ficava com a cozinha à noite, essas coisas assim...¹⁴⁶

Os acampamentos tinham uma clara função evangelística também. Era nesse momento que alguns professores faziam orações com alunos, saíam para ler a Bíblia e orar em um monte próximo. Criava-se um clima de aproximação que facilitava a pregação religiosa.

Comumente o acampamento era encerrado com o chamado culto da fogueira. Era o momento que alguns alunos tinham para falar do que estavam

¹⁴⁵ Os acampamentos não eram compulsórios, era uma atividade extracurricular e ocorriam em finais de semana ou feriados. Os custos deste evento eram por conta dos participantes, que procuravam o mais cedo possível garantir presença.

¹⁴⁶ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 20 de maio de 2015, por Rosimeri Speranseta.

sentindo, passando, pretendiam fazer dali para a frente e muitas vezes se comprometiam com o evangelho. Alguns eram movidos pela emoção do momento, outros tantos, mantiveram essa convicção e permanecem na fé evangélica, mesmo que em igrejas diferentes da igreja da escola.

Além dos acampamentos, sempre foi comum a saída com alunos para atividades extraescolares. Frequentemente visitavam parques, exposições, museus, teatro. Houve um período em que o diretor de então, o pastor Roberto, levava os alunos que se destacavam em notas para um lanche no McDonald's.

Em outras ocasiões, a recompensa por notas boas vinha na forma de passeios, e aqueles que não atingiam o objetivo não eram poupados, ficavam mesmo de fora, como relembra Rosimeri:

[...] eu tava na terceira série, era aluna da Alice, e cada vez por bimestre os alunos com notas azuis tinham passeio; no primeiro bimestre da terceira série eu não fui nesse passeio que era na Coca-Cola e até hoje eu não fui na Coca-Cola, isso traumatizou. Sou traumatizada por isso, porque eu tinha tirado 6,3 em Matemática, e naquela semana seriam vários passeios fora da escola e eu não fui porque tive de ficar fazendo a revisão na escola.¹⁴⁷

Esse depoimento ressalta um momento marcante de decepção e que marcou profundamente a vida de Rosimeri. Mesmo tendo deixado de lado o ocorrido, em sua fala evidencia um ressentimento velado. Ela afirma que “é” traumatizada por isso e não colocou o sentimento no passado. Em sua fala ela coloca essa decepção no presente, marcante ainda hoje em sua vida.

A proximidade com a Serra do Mar e com a beleza da região fazia com que esporadicamente alguns professores saíssem com alunos para atividades de passeio na Serra. Não eram obrigatórias, tinham mais o sentido de passeio mesmo, no entanto, um triste episódio marcou a história da Escola Graciosa. Em um desses eventos um aluno sofreu um acidente no rio e veio a falecer.

A morte desse aluno foi talvez um dos acontecimentos mais tristes e traumáticos para a Escola Graciosa, como disse o pastor Roberto: “Como é

¹⁴⁷ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 20 de maio de 2015, por Rosimeri Speranseta.

difícil entregar aos pais o seu filho morto nos braços”. Esse fato, não é facilmente resgatado pelas memórias, é preciso buscá-lo cirurgicamente, com todo cuidado, pois essas lembranças foram compulsoriamente apagadas.

Rosimeri: Eu não lembro como que a gente veio parar aqui de volta, [...] tava todo mundo brincando, acho que devia ser depois do almoço que aconteceu isso dele mergulhar e não voltar e daí deram falta dele, daí todo mundo, que sabia nadar, tentava procurar, não achava, depois de um tempo acharam ele, tava preso, depois veio um laudo que tinha sido um problema cardíaco, por isso que daí ele tinha ficado e ficou preso nessa, com a correnteza que levou pra esse lugar. Eu lembro de nós saindo de lá, mas chegando aqui, porque é longe, em Quatro Barras, ou eu chegando na minha casa, eu não lembro, não lembro como foi, não sei que quem veio me buscar, não lembro Edu. Eduard: Isso apagou da tua memória.

Rosimeri: Apagou. Eu não sei, como é que, eu lembro depois assim que o pessoal falava que foi difícil da gente sair de lá e sair com o corpo ainda né.¹⁴⁸

As atividades externas da escola passaram a ser mais restritas, os passeios, menos corriqueiros e mais seletivos em relação ao local e tipo de atividade a ser desenvolvidas.

Dentre os sentimentos, ou ressentimentos, aqui expostos pode-se observar que os entrevistados, em maioria, optaram em enfatizar aspectos positivos. Poucos fatos relatados rememoram tristezas e decepções, à exceção do trauma de Rosimeri com sua ausência ao passeio da Coca-Cola e, aqui, com a morte do aluno Evandro.

Apenas Rosimeri relembra em seu depoimento esse fato. Um evento assim, tão marcante, certamente foi de conhecimento de todos os entrevistados. No entanto, o sentimento foi sufocado e quase não se fala mais sobre o ocorrido.

Rosimeri: Daí nisso já tava o bombeiro esperando pra trazer. Mas eu não lembro assim como que foi, eu sei que a gente ficou um tempão sem vir pra escola, deve ter dado uma semana ou 10 dias.¹⁴⁹

¹⁴⁸ Id.

¹⁴⁹ Id.

Rosimeri, ao ser questionada diretamente sobre o assunto, enfatiza que não lembra mais sobre muitas coisas que ocorreram naquele contexto, tanto no momento da morte quanto nos dias que sucederam e que implicaram em mudanças logísticas na escola, como colocar os alunos que estudavam junto com Evandro em outra sala de aula e suspendendo as aulas por alguns dias.

4.5 MEMÓRIAS DOS CULTOS

Os cultos ocorriam em ocasiões especiais. Era o culto de Páscoa, Dia das Mães, ocasiões formais de formaturas, aula inaugural de início de ano e as excepcionais quando ocorria falecimento de alguém ligado à escola. Quando mencionamos os cultos aqui estamos excluindo os cultos regulares existentes na Igreja que está ligada à escola. Esses cultos aconteciam regularmente nas quartas feiras à noite, domingo pela manhã e à tarde. Nos referimos aqui aos cultos promovidos pela Escola.

FIGURA 16- IMAGEM DE UM CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO DE UM CULTO COM A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS - 2012



FONTE: Acervo Colégio Graciosa em Quatro Barras.

Sempre muito sóbrios, os cultos davam ênfase à pregação da *Bíblia*. Quando a escola passou a ter o templo em seu prédio, o local era costumeiramente lotado pelas turmas de alunos e muitas vezes de pais, quando estes eram convidados ou homenageados. A capacidade do templo é de aproximadamente 300 pessoas.

As músicas eram sempre muito sóbrias, o instrumento em destaque era o piano, que estava à disposição, outros instrumentos eram desestimulados, inclusive o violão ou similares. Músicas animadas, que pediam palmas, não eram bem-vistas pela liderança da escola. Elas acabavam ocorrendo especialmente nos acampamentos, onde os alunos, vez ou outra, conseguiam levar para acompanhar as músicas sacras instrumentos como baixo, guitarra e até bateria – a grande vilã e totalmente indesejada.

Incentivava-se a criação de corais, tanto de alunos quanto de professores, que assim participavam dos cultos com canções sacras. A música é entre os letos uma presença sempre constante, muitos se dedicam profissionalmente à música, outros tantos, mesmo ocupados em outras atividades, desenvolvem o talento musical com grande afinco. Por esse motivo, nunca faltavam regentes e pianistas na Escola Graciosa.

Em especial, as formaturas e festas de final de ano, ocorriam nos primeiros anos fora da escola. Isso porque não havia como comportar tantas pessoas, portanto, era alugado um clube da cidade para os eventos. O processo de decoração e preparação do clube para as festividades era realizado pelos professores e alunos envolvidos. A esposa do atual pastor Carlos Roberto, professora Larice e a professora tia Alice, encarregavam-se de alimentar os voluntários.

Eduard: ...e das festas de final de ano? Como que eram? O que você lembra?

Rosimeri: Ai, pode falar mesmo? Da comida da tia Larice lá no clube (risos), porque eu metida como sempre né, eu já ia ajudar né, arrumar o salão, um clube né, que tinha ali em baixo.

Então eu vinha pra ajudar, eu e as outras meninas dessa turma. Tinham uns meninos que vinham também e tal. Então no final da tarde tinha o lanche, que era o bolo maravilhoso da tia Larice, a torta

de frango e o bolo de coco da tia Alice, então era só pra isso que a gente vinha (risos).

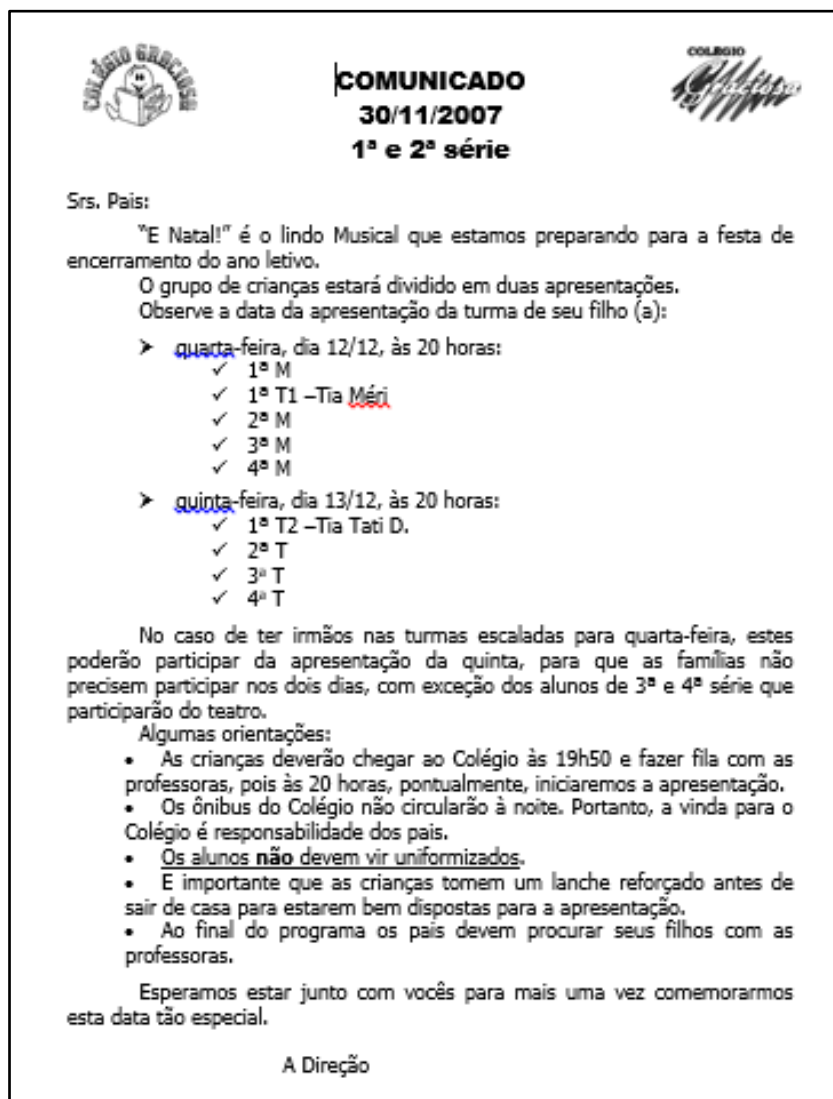
FIGURA 17- FORMATURA DE TURMA PRÉ-ESCOLAR. GINÁSIO ESPORTE CLUBE PINHEIROS. NÃO HÁ INFORMAÇÃO SOBRE A DATA.



FONTE: Acervo pessoal de Sandra Mara Weidman.

A disposição dos alunos e a tradicional beca branca com gravatinha azul, mencionada nas entrevistas, apresentam os formandos. Geralmente nesses eventos os estudantes apresentavam algumas canções e teatro.

FIGURA 18- FOTO DE BILHETE QUE TRAZ O COMUNICADO AOS PAIS SOBRE UM MUSICAL DE ENCERRAMENTO DO ANO LETIVO



FONTE: Acervo Colégio Graciosa em Quatro Barras.

Desde a fundação do colégio as festas de final de ano foram eventos importantes no contexto escolar e atraíam os moradores da cidade. Assim como em várias escolas é realizado o encerramento das atividades do ano letivo, acrescentando-se culto e apresentação das crianças cantando músicas sacras.

Com o passar dos anos e com o novo templo pronto muitas atividades passaram a ocorrer no próprio templo. Nem todas, pois o clima deveria ser sempre de solenidade e respeito. Ele não era usado quando a atividade

promovesse algum tipo de manifestação mais barulhenta. Essa era a orientação do pastor João e que foi seguida por seus sucessores.

As imagens a seguir ilustram bem as atividades desenvolvidas no templo.

FIGURA 19- ÚLTIMA SOLENIDADE DE FORMATURA DE 8º ANO PRESIDIDA PELO PASTOR JOÃO WEIDMAN. SEM INFORMAÇÃO DE DATA.



FONTE: Acervo pessoal de Sandra Mara Weidman.

As cerimônias, em geral, são momentos de visibilidade da escola para a comunidade de pais ou externos, assim, são acontecimentos privilegiados para o ato fotográfico.

Evidencia-se um importante rito de passagem. A turma utilizava beca com as cores da escola, recebia chapéus de formandos e era recepcionada por uma mesa diretora, formada pelo pastor da igreja, diretor da escola e paraninfo da turma. A solenidade era conduzida por professores que seguiam o ritual litúrgico à risca. As disposições revelam a hierarquização e o clima de solenidade.

FIGURA 20- FOTOGRAFIA DO CORAL DE PROFESSORES DA ESCOLA EM APRESENTAÇÃO PARA REUNIÃO COM OS PAIS – 1999.



FONTE: Acervo pessoal de Sandra Mara Weidman.

Evidencia-se o incentivo de traje formal. A intenção é a de apresentar à comunidade externa o senso de participação, ordem e da utilização de uma vestimenta sóbria e adequada a um culto religioso. Por algumas vezes, a direção da escola tentou implantar o uso de terno e gravata diariamente nas aulas, porém, a tentativa não teve sucesso dada a resistência de muitos docentes.

Muitas atividades eram realizadas e de uma maneira maior ou menor acabavam influenciando os alunos, envolvendo pais e caracterizando a escola na cidade. A escola participava de eventos como desfiles de Sete de Setembro ou Dia da Independência do Brasil, ou da comemoração do aniversário da cidade (9 de novembro).

FIGURA21- FOTOGRAFIA DO DESFILE CÍVICO POR OCASIÃO DO ANIVERSÁRIO DE QUATRO BARRAS.



FONTE: Acervo pessoal de Sandra Mara Weidman.

Momento do desfile cívico, por ocasião do aniversário de Quatro Barras durante a passagem das crianças da Escola Graciosa. "... a imagem compreende, portanto, um suporte material da memória" (BENCOSTTA. 2011). Diante da prefeitura da cidade e assistidas pela população, devidamente uniformizadas, ladeadas pelo pastor fundador e sua esposa remete quase que a um triunfo. Uma possível intencionalidade em transmitir num recorte formal que a escola, a igreja e o pastor venceram e se consolidaram na memória e história da cidade de Quatro Barras.

São muitos os fatos e histórias levantadas nas entrevistas, buscando nas memórias as possibilidades de análise e interpretação dessas informações, que podem ser realizadas sob diversos aspectos e maneiras diferentes de questionar as fontes.

Esta dissertação encerra com este quadro não plenamente fechado, mas abordando os aspectos julgados pelo autor como relevantes para as pesquisas trabalhadas na linha História e Historiografia da Educação. Abrem-se possibilidades de continuidade e acréscimo de estudos relacionados a essa

instituição, ou, com base nela, ampliar o debate para instituições com perfis semelhantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Graciosa, radiante e festiva” – o primeiro verso do hino da escola remete ao desejo de seus fundadores e participantes a respeito de sua história, sua marca na cidade de Quatro Barras e na vida daqueles que passaram pela instituição. Os discursos produzidos e analisados ao longo dessa dissertação apontaram para caminhos que no princípio não se imaginavam delinear.

A evidência dos achados, no processo de garimpagem das anotações, entrevistas e documentos em geral por vezes surpreenderam, outras se confirmaram, outras ainda apontaram para novos horizontes, os quais podem ser ainda melhor dilapidados.

As noções a respeito de memória, mencionadas por Maurice Halbwachs, Pierre Nora, Michel Pollak, Joel Candau e Jacques Le Goff foram responsáveis pela compreensão teórica mais específicas em torno do desenvolvimento desta dissertação.

Halbwachs (2013, p. 58-9) afirma que a memória individual não está isolada. Geralmente toma como referência pontos externos ao sujeito. A memória individual está apoiada num suporte relacionado às percepções produzidas pela memória coletiva e pela memória histórica.

Dessa maneira compreendemos que as lembranças produzidas pelos entrevistados compreendem lembranças que foram além de suas vivências, mas que trataram de percepções coletivas, compartilhadas não apenas por uma pessoa, mas que permeia todo o grupo.

O conceito de lugares de memória, tal como proposto por Pierre Nora (1993), também foi perceptível no sentido de que os entrevistados muitas vezes viam na escola um local que não apenas evocava flashes de seu passado, mas o local se consagrou como um suporte de suas lembranças, de um passado muitas vezes idealizado.

Em Pollak encontramos a categoria do não dito, como notas fantasmas numa sinfonia, aquilo que não é mencionado também revela as aspirações e mesmo temores. Alguns acontecimentos na história da Escola Graciosa foram silenciados, não por alguma ordem expressa mas pelo coletivo que optou em deixar certas lembranças silenciadas. O caso mais típico foi do acidente do aluno no rio que o levou à morte.

Apenas uma entrevistada comentou o trágico fato, sendo que todos ou quase todos os entrevistados, se não foram contemporâneos, vivenciaram o ocorrido. Mas aquela lembrança não era bem-vinda, dessa forma não era falada, não era comentada.

As memórias que buscamos trazer à tona foram memórias que segundo a classificação de Candau se encaixa na “Memória de alto nível”, ou seja, a memória propriamente dita. Ela foi evocada de forma intencional, de lembranças da própria vida ou do saber adquirido em suas experiências na Escola Graciosa. Essa memória que também é feita de esquecimento, tal como foi mencionado.

O idoso, segundo Jacques Le Goff, foi na Idade Média, o homem memória. Nos apropriamos aqui do termo para nos referir ao pastor João Weidman que teve esse papel, de guardar as memórias de sua família e de todas as suas ações como missionário e transmitiu isso aos filhos que puderam distribuir as informações.

Para além de guardar as memórias, a pessoa do pastor João tornou-se, tal como a definição de Nora, um lugar de memória. Entendemos que o fundador da instituição é o elemento identitário maior da Escola Graciosa. Seus valores e princípios nortearam e, mesmo após a sua morte, norteiam os rumos da instituição.

As vivências na Escola Graciosa produziram um conjunto memorialístico bastante interessante e profícuo na pesquisa, a respeito das experiências marcadas por ela. Podemos afirmar que sua presença foi profundamente marcante na vida das pessoas que por ali passaram, a ponto de suas memórias guardarem fatos e situações típicas daquele lugar de convivência. Um exemplo que podemos tomar é o de Kayra, ex-aluna, que de todos os entrevistados é a que se mantém mais distante da escola no presente.

Eduard: E você acha que muito do que teve lá, não estou falando em termos de disciplina, de tarefas, mas, moralmente falando... Você carregou isso.

Kayra: Sim, sim, carrego até hoje, carrego até hoje, umas coisas eu carrego, aquela coisa de orar, aquela coisa de “em nome de Jesus, amém”, até hoje eu utilizo a mesma forma, e não sou evangélica, não sou batista, sou espírita, e frequento, adoro uma missa... Uma, uma, como é que fala... Uma novena. Mas eu não rezo na forma que eles rezam, até hoje é “em nome de Jesus, amém”, até hoje faço dessa

forma, isso, até hoje isso eu carrego...Influenciou né, nisso influenciou, claro, né, a escola. Tenho saudades, muitas saudades da escola, muitas saudades dos colegas, dos amigos, tenho, claro, quem não tem saudades da escola? Então eu adorava estudar, foi muito positivo na minha vida...¹⁵⁰

Para muito além das expectativas formais de sala de aula, as lembranças deixadas carregam as marcas da sociabilidade, convivência, espiritualidade. Mesmo não sendo algo com que se enfatize na vida pessoal de cada entrevistado, a religiosidade da escola foi marcante e se tornou fundamental no processo de reconhecimento e identificação com a instituição.

Eliseu: Mas lembrando de algum diferencial, é de que o colégio desde que iniciou aqui, nas primeiras turmas, o grande diferencial sempre foi, é, o ensino bíblico no caso, sempre foi essa. Essa é a memória que mais me marca lá do começo e quando alguém vem me perguntar como era o estudo, a primeira coisa que eu lembro eram das aulas bíblicas.¹⁵¹

Não poderia ser diferente, uma vez que a missão principal da escola era a evangelização, muitas vezes acima do ensino formal:

Eliseu: Que o objetivo do pastor João até mesmo quando ele iniciou, com crianças carentes era essa, de pregar a Palavra de Deus, tão somente, não era nem tanto o ensino, mais pregar a Palavra de Deus. Então eu digo que hoje me mantém aqui é o amor pela obra missionária mesmo, é claro que o salário também tudo, mas eu acredito, ainda tenho em mente de que eu ainda tenho esse colégio como uma obra missionária. Pregação da Palavra de Deus, muitos alunos se convertendo, muitos pais hoje, pais de alunos que estão aqui hoje, fazem, são membros da igreja, hoje ainda. Então o que me prende aqui mesmo é isso.¹⁵²

Essa preocupação em transmitir o evangelho é uma marca, uma característica muito forte entre os batistas, especialmente entre os letos que se orgulham de serem uma das três maiores forças missionárias entre os batistas. A própria vida do pastor João Weidman foi guiada no intuito de cumprir a missão evangelizadora a que tinha se proposto desde jovem.

¹⁵⁰ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 28 de abril de 2015, por Kayra Farah.

¹⁵¹ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 9 de setembro de 2015, por Eliseu Ferreira de Lima.

¹⁵² Id.

Poderia ser outro meio, mas o escolhido foi a transmissão do evangelho por meio de uma escola. Obviamente, como nem todos os integrantes, alunos em especial, não partilhavam da mesma fé, essa questão doutrinadora tornou-se um elo ao mesmo tempo que forte, marcante, um elemento de críticas e posições desafiadoras por parte de alguns alunos. Assim caminhou a Escola Graciosa, no intento de cumprir sua missão evangelizadora e trazer o conhecimento científico e acadêmico aos alunos.

A postura evangelística da escola não prejudicou sua posição no transmitir o saber secular. As entrevistas apontaram que grande parte dos alunos seguiu carreira acadêmica, alcançando sucesso profissional. Dos quatro ex-alunos entrevistados, duas são professoras e um dos rapazes sonha em ser professor ainda, apenas Leandro abraçou a carreira empresarial do pai.

Algo que nos motivou a entrevistar Leandro Bossardi foi exatamente o senso de continuidade que ele viu na Escola Graciosa ao colocar seus filhos para estudarem lá; esse é um dos indícios de que a experiência foi positiva, mesmo diante das críticas, reclamações sobre a disciplina excessiva. Percebe-se que tudo isso, no discurso dos entrevistados, torna-se como um grande motivador do sucesso da escola.

As vivências na Escola Graciosa, permeadas pelas lembranças daqueles que passaram por ela e como se deu essa relação, estão presentes nas narrativas de memórias de ex-alunos, professores e ex-professores. Embora em um curto período de tempo, vale lembrar que a escola tem apenas 35 anos, tratar das lembranças de quando estudavam na instituição ou trabalhavam lá, ou mesmo, lembrar do início dos trabalhos provocou grande emotividade por parte dos entrevistados.

Pensamos inicialmente sobre as similaridades e dissonâncias existentes entre os discursos produzidos sobre as memórias dessa instituição de ensino e verificamos que grande parte dos depoimentos enfatizaram aspectos comuns que se complementavam ou traziam para determinados fatos uma informação a mais que enriquecia o debate.

Uma aparente dissonância surgiu quanto à ideia sobre se fundar uma escola, o aspecto foi levantado a partir do depoimento da professora Sueli, que se considera a idealizadora e os depoimentos ditos oficiais, defendidos pela família Weidman, que consideram o pastor João Weidman o mentor da escola.

Debate este que concluímos não haver discursos dissonantes e sim, um prevailecimento da História oficial da escola, daqueles que se mantêm na liderança. A professora, no entanto, não desmerece a figura do patriarca da família Weidman, ao contrário, confirma sua importância no contexto da fundação da escola.

Outra questão que propusemos inicialmente foi como se produzem os discursos sobre comportamentos de adaptação e desvio de normas na escola cuja orientação pedagógica preservou a disciplina rígida, de base educacional cristã. Concluímos nesse ponto que os momentos de maiores tensões em se tratando de desvio comportamental ou mesmo adaptação às rígidas normas escolares foi atribuir tais “incidentes” a casos isolados, não se percebeu nas entrevistas uma culpabilidade sendo entregue à escola, mas sim, aos indivíduos que por vezes falharam.

Poder falar dessas lembranças causou grande satisfação, como enfatiza João Arthur Weidman Júnior em suas palavras finais na entrevista:

Eduard: Para encerrarmos a entrevista: que tipo de sentimento você percebe ao falar e lembrar de acontecimentos da escola?

Weidman Júnior: Eu fiquei bem contente em ter o convite seu, Edu, para essa entrevista e lembrar, poder lembrar aí alguns fatos, alguns acontecimentos desde o começo da escola. É gostoso quando a gente pensa, para um pouquinho, pensa no que aconteceu, no que a gente viveu, no que foi experimentado e é gostoso lembrar de que fiz parte, ou faço parte ainda deste trabalho[...]¹⁵³

Kayra afirma que os melhores anos de sua vida ela passou na Escola Graciosa e Rosimeri Speranseta não pretende deixar de trabalhar lá. Os laços que uniram algumas pessoas à instituição foram bastante significativos.

O pastor Roberto, sucessor do pastor João Weidman, também se encontra num momento de grande satisfação em relação à escola.

Eduard: Qual o seu principal sentimento em relação à Escola Graciosa?

Roberto: Somente gratidão. Maravilhado, surpreso, a cada dia eu e Larice oramos em casa, em nosso culto doméstico, e agradecemos: “Senhor, nós ficamos surpresos com o que tem feito aqui”. Somente sentimento de gratidão, agradecer a Deus pelas pessoas que aqui trabalham, pelos alunos que aqui estudam, pelos familiares, pelo

¹⁵³ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 12 de setembro de 2015, por João Arthur Weidman Junior.

impacto da escola na comunidade. Somente agradecer a Deus, é surpreendente.¹⁵⁴

Ao analisar as fontes, foi possível observar os laços de sociabilidade entre os participantes da escola, quer sejam ex-alunos, funcionários ou professores, remetendo a uma identidade específica em torno da instituição educativa. É possível acrescentar que as relações se tornaram duradouras e mesmo tendo pontos de discordância a ênfase maior dos laços afetivos prevaleceram.

Em se tratando da relação da instituição com a comunidade que a cerca, especificamente a cidade de Quatro Barras¹⁵⁵, o pastor João Weidman atendeu inicialmente ao pedido de abertura de um Jardim de Infância, mas no geral, na história da instituição, não houveram maiores aproximações da escola com a cidade. As participações em eventos públicos ocorriam, mas nem sempre a escola atendeu ao chamado. Rosimeri Speranseta comenta isso:

Eduard: Eu lembro na época que eu tava aqui era (os desfiles) mais para os pequenos e era meio que facultativo...

Rosimeri: Meio facultativo, daí tem uns dois anos que nós não participamos mais, [...] ¹⁵⁶

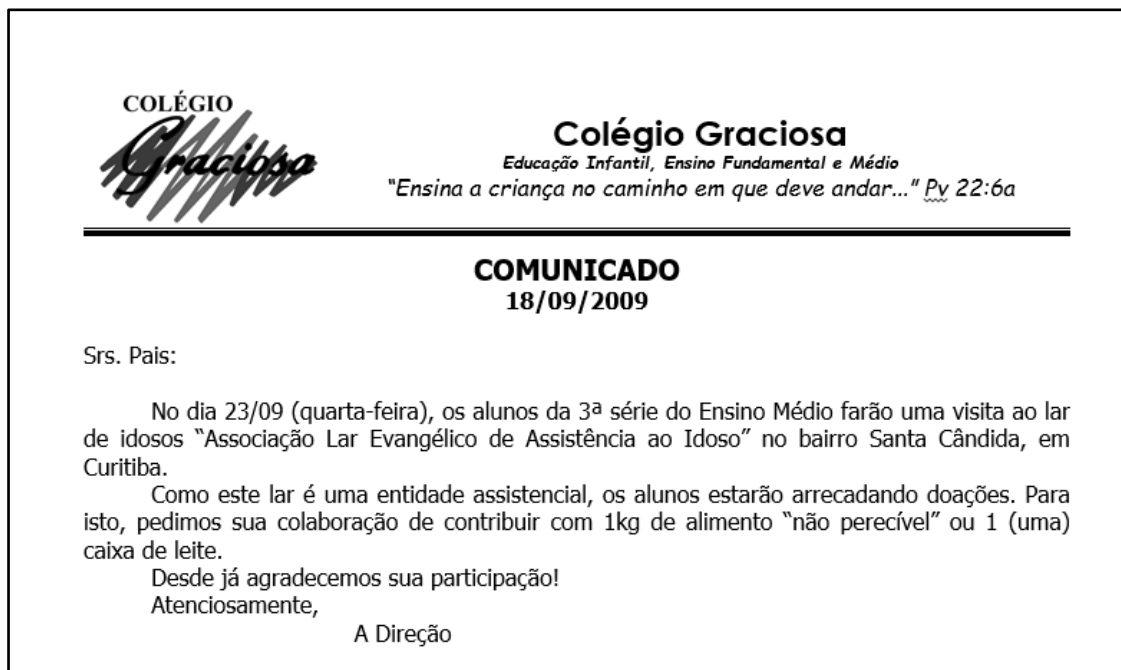
As ações da escola restringem-se a igreja local e a algumas entidades evangélicas conforme observamos no comunicado seguinte:

¹⁵⁴ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 18 de março de 2015, por Carlos Roberto Weidman.

¹⁵⁵ É importante salientar que a comunidade que forma a escola vai muito além da cidade de Quatro Barras. A comunidade Graciosa compreende muitos alunos e ex-alunos das cidades de Piraquara, Pinhais, Curitiba, Colombo e Bocaiúva do Sul.

¹⁵⁶ Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 20 de maio de 2015, por Rosimeri Speranseta.

FIGURA 22-CÓPIA DE COMUNICADO OFICIAL DA ESCOLA SOBRE VISITA A LAR DE IDOSOS.



FONTE: Acervo Colégio Graciosa em Quatro Barras.

Essa ação do ano de 2009 atingiu um lar evangélico no Santa Cândida em Curitiba. Podemos imaginar que existem entidades na cidade de Quatro Barras com características semelhantes, no entanto, evidencia-se que a ação da escola localmente não é muito explorada.

Possivelmente não há relação dos conflitos da escola/igreja com a comunidade em seus princípios. Embora a rixa tenha acontecido, as relações tenham se tornado ásperas, em especial entre os católicos e a igreja batista ou mais especificamente, o pastor João Weidman, evidenciou-se que foram situações superadas.

Primeiro pelo fato evidente da chegada de outras congregações e igrejas que em muito mais desafiavam a “ordem” vigente, e também porque a escola demonstrou não pretender ceifar no campo alheio. Nesse quesito, a pregação do Evangelho assume diferentes nuances:

- Pensamos que um resquício do pensamento calvinista perpassa pela liderança da Igreja Batista em Quatro Barras, a questão de que os salvos inevitavelmente vão achegarem-se à igreja, não necessitando de ações mais agressivas, além daquelas que estão internalizadas na cultura da igreja local para a conversão dos fiéis. Obviamente essa é

uma percepção pessoal, baseada nas falas e observação dos padrões comportamentais da igreja.

- Os discursos sobre comportamentos de adaptação e desvio de normas na escola, cuja orientação pedagógica preservou a disciplina rígida, de base educacional batista, foram produzidos pela liderança da escola como algo que estava nos “planos de Deus”, portanto, seguindo esse raciocínio, a liderança do colégio e da Igreja depositam em seu discurso de fé que as alterações comportamentais e as falhas e desvios ocorreram em virtude da vontade permissiva de Deus e que cabe aos homens corrigir e seguir em frente.
- As memórias selecionadas sobre a experiência escolar na narrativa de ex-alunos, professores e ex-professores da instituição de ensino recaíram especialmente nas questões relacionadas a atividades extrassala de aula. Amizades, relacionamentos, jogos, brincadeiras, momentos de descontração em acampamentos ou festas; tudo isto construiu uma estrutura memorialística marcante na vida dos entrevistados, especialmente naqueles que foram alunos da escola. Experiência diferenciada da família do fundador da escola, em que o ponto de destaque das memórias era sempre as ações e comportamentos do pastor João Weidman.
- As relações entre os alunos e a escola e sua doutrina eram mais tranquilas do que supúnhamos no início da pesquisa. Imaginávamos que essas questões seriam cruciais para desenvolver uma narrativa recheada de querelas e insatisfações ou mágoas, ao contrário, o elemento religioso que permeia toda a estrutura escolar no Graciosa é um dos elementos revisitado pelas memórias com muito carinho e nostalgia.

Através dos usos da memória, partindo deste estudo de caso, pudemos contribuir para a compreensão do conhecimento em História da Educação no sentido de explorarmos uma gama variável de temas, relacionados especialmente a aspectos de vivências dessa escola. As questões que unem as características de uma escola confessional de denominação batista também

inauguram uma possibilidade de ampliação do tema, visto que o assunto é raro e pouco explorado ainda pela academia.

Entendemos que muitos outros aspectos poderiam ser levantados e avaliados para a composição deste estudo, todavia, o tempo adequado para tais explorações não é o adequado para a devida atenção. Deixamos aqui o espaço aberto para outros pesquisadores, a fim de que prosseguirem utilizando as fontes já levantadas ou mesmo numa possível continuação deste estudo.

Enfatizamos a importância do estudo dos hábitos, tradições e comportamentos no contexto de uma escola confessional para a História da Educação. Entendemos que a realidade atual aponta para os novos rumos que a educação está tomando e que a ampliação de escolas confessionais é evidente, estando dessa forma, passíveis de análise, crítica e ponderações.

Dessa maneira, espera-se que a presente pesquisa realizada na linha História e Historiografia da Educação tenha encontrado, junto aos seus pares, mais um elemento de composição de tão profícuo assunto. Que o tema relacionado às escolas confessionais componha o cenário de instituições de ensino, pela linha estudada possa gerar ainda mais discussões e levantar novos problemas e abordagens.

FONTES

Acervo Colégio Graciosa em Quatro Barras

Acervo da Primeira Igreja Batista de Curitiba

Acervo pessoal de Sandra Mara Weidman

Acervo pessoal da professora Sueli Naime Kruklis Sak

Ata da assembleia extraordinária da Congregação Batista em Quatro Barras para abertura de um Jardim de infância (1981)

Ata da assembleia da Igreja Batista em Quatro Barras de constituição da Escola Graciosa em Quatro Barras (1992)

Depoimento cedido a Eduard Henry Lui, em 4 de junho de 2015, por Sandra Mara Weidman.

Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 09 de março de 2015, por Sueli Naime Kruklis Sak.

Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 18 de março de 2015, por Carlos Roberto Weidman.

Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 28 de abril de 2015, por Kayra Farah.

Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 20 de maio de 2015, por Rosimeri Speranseta.

Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 9 de setembro de 2015, por Eliseu Ferreira de Lima.

Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 12 de setembro de 2015, por João Arthur Weidman Junior.

Entrevista cedida a Eduard Henry Lui, em 15 de setembro de 2015, por Leandro Bossardi.

Estatuto da Escola Graciosa em Quatro Barras (2006)

Fichas de alunos

Fotografia / Acervos pessoais

Lista de documentação para abertura de Jardim de Infância

Periódico Jornal Batista

Projeto político e pedagógico (2011)

Resolução de autorização da Escola Graciosa 369/87 (1987)

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

AMADO, J.; FREIRE, I.; CARVALHO, E. *et al.* O lugar da afetividade na relação pedagógica: Contributos para a formação de professores. **Revista Sisífo-Ciências da Educação**, n. 8, p.75-86, jan./ abr. 2009.

AZEVEDO, I. B. de. **A celebração do indivíduo**: a formação do pensamento batista brasileiro. Piracicaba: Unimep; São Paulo: Exodus, 1996.

BARBOSA, F. G.. **Para além da escola**: identidade menonita e práticas socioeducativas (Curitiba, 1934 - 1948). 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

BÍBLIA sagrada. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2003. Nova Versão Internacional em Língua Portuguesa.

BLOCH, M. **Apologia da história**: ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENCOSTTA, M. L. A. *et al.* **Ide por todo o mundo**: a província de São Paulo como campo de missão Presbiteriana 1869-1892. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

_____. *et al.* **Memórias da educação**: Campinas (1850-1960). Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

_____. (Org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. (Org.) **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Memória e cultura escolar**: a imagem fotográfica no estudo da escola primária de Curitiba. *História* (São Paulo), v. 30, n. 1, 2011, p. 397-411.

BOURDÉ, G.; MARTIN, H. **As escolas históricas**: da Idade Média aos nossos dias. Lousã, Portugal: Publicações Europa-América, 2012.

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRANDAO, H. H. N. **Introdução a Análise do Discurso**. Campinas SP: Editora Unicamp, 2012.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

BURKE, P. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

CALVINO, J. **As institutas da religião cristã**: edição especial com notas para estudo e pesquisa. Tradução de: OLIVETTI, Odayr. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

CÂMARA, U. F. da S.; SOUZA, E. S. de. Para uma compreensão do sagrado no protestantismo brasileiro em sua expressão contemporânea. **História: Questões e debates**. n. 43. Curitiba: Editora da UFPR, 2005.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CAVALLARI, N. **Centenário de fé: história da Primeira Igreja Batista de Paranaguá**. Paranaguá: AD Santos, 2003.

CERTEAU, M. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

CHARTIER, R.. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHAUVEAU, A., TÉTART, P. **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

FARIA, L.; LOBO, Y. Memórias e discursos: a escola fluminense pós-fusão (1975-1983). **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, n. 4 , jan./dez. 2005.

FEBVRE, L. **História**. MOTA, Carlos G.(Org.). 2 ed. São Paulo: Ática, 1992.

FERRO, M.. **A história vigiada**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FRANK, R. **Questões para as fontes do presente**. In: CHAUVEAU, Agnès, Tétart, Philippe. **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p.103-118.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**. São Paulo: Olhos d'água, 1997.

FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GARRIDO, S. **A educação confessional protestante no Brasil**. 29 f. Monografia (Curso de História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Veiga de Almeida. Rio de Janeiro, 2005.

GAY, Peter. **Freud para historiadores**. Tradução de Osmyr Faria Gabbi Júnior. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GOMES, A. S. C. Relicários ou cadernos de recordação: suportes de memória, testemunhos de amizade. **Cadernos de História da Educação** — V. 10, num1. Jan/Jun. 2011.

HACK, O. H.. **Protestantismo e educação brasileira**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 2000.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2013.

HOBSBAWN, E. **A era dos extremos: o breve século XX. 1941-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KOSSOY, B. **Historia e Fotografia**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

KREUTZ, L. Escolas étnicas na história da educação brasileira: a contribuição dos imigrantes. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2005. v. 2.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas, São Paulo : Editora da Unicamp, 2013.

LEROI-GOURHAN, A. **Les voies de l'histoire avant l'écritures**. In J. LE GOFF & P. NORA (ORGS) **Faire de l'histoire**, I. Nouveaux problèmes. Paris : Gallimard, 1974.

LIMA, S. C. F. de. História e memória das professoras das escolas rurais em Uberlândia-MG (1936-1950). **Educação em Perspectiva**. Viçosa, 2012, v. 3.

MARCONDES, L. *in*: EDUCERE, VII, 2007, Curitiba; EDUCAÇÃO CONFSSIONAL NO BRASIL: UMA PERSPECTIVA ÉTICA. 2007, Curitiba, **Congresso...** Curitiba: PUC-PR, 2007.

MAYNARD, D. C. S.. **História, memória e horas extremas**: reflexões sobre o tempo presente. Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, Ano 5, Nº18, Rio, 2010 [ISSN 1981-3384]

MIRANDA, A. C. C. **Batistas eslavos em Curitiba**: religião e etnicidade. 58 f. Monografia (Curso de História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

NOGUEIRA, M. A. N.; Catani, A. (Org.). **Pierre Bourdieu**. Escritos em Educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

NORA, P. **Entre memória e História**: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

NÓVOA, A.. Inovações e histórias da educação. In: **Teoria & Educação**. Dossiê História da Educação. Porto Alegre: Pannomica, n. 6, 1992.

PEREIRA, J. dos R. da S.. **História dos Batistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Juerp; 2001.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.

_____. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992.

RAGAZZINI, D. Para quem e o que testemunham as fontes da história da Educação? **Educar em Revista**. Dossiê História da Educação: instituições, intelectuais e cultura escolar. Curitiba, Editora da UFPR, n. 18, 2001.

RANZI, S. M. F. Fontes orais: história e saber escolar. **Educar em Revista**. Curitiba, n. 18, 2001, p. 29-42.

_____. Memória das disciplinas escolares: possibilidades de uma aproximação. In: BENCOSTTA, M. L. (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2007.

RANZI, S. M. F.; GONÇALVES, N. G. As fontes da escola e a pesquisa em história da educação: contribuições do acervo do Colégio Estadual do Paraná para o campo das disciplinas escolares. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, mar. 2010.

_____. **Memória e história das disciplinas escolares**: possibilidades de uma aproximação. In. BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. (ORG). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo : Cortez, 2007.

RIBEIRO, M. L. A afetividade na relação educativa. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 403-412, jul./set. 2010.

RONIS, O. **Uma epopeia da fé**: história dos batistas letos no Brasil. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1974.

SECCO, D.M.E.G. **A afetividade e o esporte escolar**: um estudo com técnicos e atletas de basquetebol de 13 a 15 anos, 299f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

SOUZA, M. C. C. C. **A Escola e a Memória**. Bragança Paulista: IFAN-CDAPH. Editora da Universidade de São Francisco/EDUSF, 2000.

SOUZA, E. S. de. **Cristãos em confronto**: Brasil 1890-1960. Curitiba: CRV, 2014.

_____. **Diálogos (re)velados**: a trajetória e os discursos políticos-doutrinários dos batistas brasileiros. 165 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciência Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2008.

_____. Os Batistas no Brasil: as confissões de fé e a liberdade de consciência. **Via Teológica**. Curitiba, número 16 vol. I. Pp 45-58. Junho de 2008.

SOUZA, R. M. S. de. **Deutsche schule**: a escola alemã de Curitiba: um olhar histórico (1884-1917). 268 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2006.

WALLON, H. **As origens do caráter da criança**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.

WEBER, M.. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 2001.

SITES CONSULTADOS

<http://www.batistas.com/>

<http://www.batistasletos.com.br/>

<http://batistasparana.org.br/>

<http://www.colegiograciousa.com.br/>

<http://www.ciem.org.br/>

<http://www.pibcuritiba.org.br/>

<http://www.sbhla.org/>

<http://www.quatrobarras.pr.gov.br/>

<http://www.colegiodomorione.com>

<https://batistaregular.wordpress.com/>

<https://acampamento.pvparana.com.br>

DEPOIMENTO

Escritos e encaminhados por Sandra Mara Weidman

Prenderam meu papai João Weidman em Quatro Barras

A Junta de Obreiros da Associação Batista Leta do Brasil consentiu que o seu primeiro missionário, pr. João Weidman, saísse do campo missionário no Litoral do Paraná para começar do zero ou iniciar um trabalho missionário numa cidade onde não houvesse nenhuma Igreja Batista.

Assim, depois de conhecer algumas cidades na região metropolitana de Curitiba que ainda não tinham nenhuma Igreja Batista como, Campo Largo, Campina Grande do Sul e Quatro Barras e, certificando-se de que em Quatro Barras haveria vaga na escola estadual para seus filhos estudarem o missionário pr. João e sua amada esposa Nilce Neyde entenderam que DEUS estava confirmando QUATRO BARRAS como a cidade onde deveriam residir e estabelecer um novo Campo Missionário Batista.

Foi ela, a mamãe Nilce Neyde, inclusive, que se lembrou de Quatro Barras... Pois, quando casaram, o ônibus que os levou de Curitiba até Paranaguá, utilizando a Estrada da Graciosa, passou por Quatro Barras e na ocasião todos os pés de caqui estavam muito bonitos, carregados de frutas maduras e, isso deixou uma boa impressão em Neyde. Ela também falou para o esposo que a cidade estava num local alto e isso era muito bom!

Bom, apesar de fixaram residência em Quatro Barras a missão leta exigiu que o pr. João Weidman ainda dedicasse todo final de semana, durante um ano, atendendo todas as Igrejas organizadas no Litoral. E assim foi. Durante a semana o pr. João Weidman, esposa e filhos visitavam as famílias em Quatro Barras e região e, aos sábados, ele atendia as Igrejas do Litoral Paranaense.

Conforme as pessoas conheciam o missionário pr. João Weidman e família mais interessadas ficavam pelo Evangelho. Um dos colegas de Daniel Rodney Weidman, o filho mais velho do casal de missionários, foi impactado pelo testemunho do jovem. A tia de Denai (o colega de Daniel) estava bastante enferma. Então, o tio do rapaz veio até a residência da família Weidman e perguntou pelo pastor que orava pelas pessoas. A amada esposa, Nilce Neyde, disse que o pastor estava atendendo às Igrejas no Litoral, mas, assim que chegasse iriam visitar a enferma e ver o que poderiam fazer para socorrer.

De fato, quando o missionário, o esposo, pr. João Weidman chegou, Nilce Neyde contou sobre o pedido do tio do colega de Daniel e lá foi o pr. João para

a visita e saber da condição da enferma. Como a mulher “gritava” de muitas dores, o casal de missionários explicou aos da casa que, se permitissem, levariam a enferma até o Hospital Evangélico de Curitiba. Dado o consentimento da família, o pr. João levou a enferma, em sua Kombi, até o H.E.C. onde era conhecido e amigo do então diretor-geral do Hospital, o Dr. Daniel Eg (in memória). Lá no hospital Evangélico o pr. João Weidman era chamado de Assistente Social, pois, levava tantas pessoas enfermas, do Litoral, de Quatro Barras e região. A mulher doente precisou passar por cirurgia para retirada de muitas pedras na vesícula. Depois, retornou para casa totalmente restabelecida. Como gratidão e reconhecimento, solicitou ao pr. João Weidman e família que realizassem, semanalmente, cultos de oração em sua humilde residência. Algumas semanas se passaram e a mulher, entendendo o plano de salvação, aceitou a JESUS CRISTO como seu Salvador. O esposo não gostou nenhum pouco. Não aceitou. Ao contrário, como era primo do Delegado de Polícia de Quatro Barras, foi até a delegacia para denunciar que o pr. João estava obrigando sua esposa a se converter. Como, na cidade de Quatro Barras, as pessoas não poderiam aceitar o Evangelho por causa de uma tal lei a esse respeito, o delegado mandou dois policiais até a casa do pr. João Weidman para o prenderem. Quando os dois policiais chegaram foram atendidos pela sogra do pr. João (a minha querida e saudosa vó Nair), pois, o missionário estava trabalhando, puxando terra, com seu filho Roberto, para aterrar parte do que seria um novo cômodo para a casa. A vó Nair disse que o papai não tinha feito nada de errado, não tinha prejudicado ninguém para ser preso. Ela ficou muito brava. Na época, eu estava com três anos de idade. Os policiais não quiseram saber. Mandaram chamar o papai João Weidman e disseram: “O senhor está preso! E deve nos acompanhar até a delegacia para prestar esclarecimentos”. O papai não reagiu. Saiu do jeito que estava com a roupa suja de terra. Entrou no jipe da polícia e foi levado à delegacia (hoje, no local da delegacia, há uma farmácia). Depois de algumas horas, papai voltou a pé para casa.

Pastor João Weidman contou que o delegado, Sr. “Chiquito”, disse que recebeu uma denúncia contra um tal pastor João, Batista. O denunciante afirmava que o missionário estava obrigando sua esposa a aceitar o Evangelho e isso não era admissível. O delegado, Sr. “Chiquito”, queria que o pr. João assinasse um documento onde estava escrito que ele se comprometia a nunca mais visitar e pregar o Evangelho em qualquer casa dos moradores de Quatro Barras. Pr. João Weidman disse que não assinaria, pois, foi justamente para isso, para anunciar o Evangelho do Salvador JESUS, que veio a Quatro Barras. Também, pediu para o delegado chamar o denunciante para esclarecer o que estava acontecendo. Verificada a verdade, o pr. João foi solto, mas sob a ameaça de que não poderia convidar as pessoas para a Igreja Batista senão seria preso novamente. Isso realmente aconteceu algum tempo depois, pelo

mesmo motivo. Mas DEUS sabe como agir para a Salvação das almas perdidas no pecado!

Anos mais tarde, o bisneto do ex-delegado Sr. “Chiquito”, foi matriculado na Escola Graciosa. Conheceu e levou pra casa as Boas Novas da Salvação. A mãe e a bisavó (esposa do Sr. “Chiquito”) entenderam o maravilhoso plano de salvação e aceitaram a JESUS CRISTO como Salvador. Ambas foram batizadas biblicamente pelo pastor João, fazendo parte do Rol de Membros da Igreja Batista em Quatro Barras. Como gratidão e reconhecimento, convidaram o missionário pr. João Weidman, família e Igreja para realizarem, semanalmente, cultos de oração na residência onde moravam com o Sr. ‘Chiquito’ já muito idoso (doente e acamado).

“GRAÇAS A DEUS, POIS, PELO SEU DOM INEFÁVEL.” (II CORÍNTIOS 9.15)

Enquanto eram realizados os cultos de oração o sr. “Chiquito” ouviu o pastor João pregando sobre o maravilhoso e transformador poder Evangelho de CRISTO, que liberta a todos de todo o pecado e concede Vida. Vida Eterna! Não podendo resistir mais, o Sr. “Chiquito”, num dos culto pede a palavra e diz que aceita a JESUS como Salvador de sua alma. Pediu perdão ao pastor João Weidman pelas prisões, pois, o fez na ignorância. Como bom e fiel servo de CRISTO, o missionário já o havia perdoado e estava imensamente feliz com a conversão do perseguidor ao Evangelho. Apesar de pedir para ser batizado biblicamente o Sr. “Chiquito” não o foi por causa do acometimento da doença e debilidade física. Em pouco tempo, partiu salvo para a eternidade, para estar seu Salvador, JESUS CRISTO! Mais uma alma salva por DEUS pelo intermédio de um servo fiel. Em Quatro Barras!

ENTREVISTAS

ENTREVISTA COM SUELI KRUKLIS

09 de Março de 2015

Entrevistador: Eduard Henry Lui (E)

Entrevistada: Prof. Sueli Krukliis (S)

E: Bom dia, Dona Sueli.

S: Bom dia.

E: Nós vamos conversar um pouco sobre a sua história com o Colégio Graciosa, e pra começar queria ouvir um pouco da senhora, seu histórico, como que foi sua infância, quem foram seus pais...

S: Então, sou de origem leta, meus avós, tanto maternos quanto paternos, vieram da Letônia. E... O nome dos meus pais, Leons Krukliis e a Dona Naime Krukliis, éramos seis irmãos, eu sou a única filha mulher. Aí, desde pequena que eu aprendi, eu sou a segunda mais velha, eu aprendi com meus pais que eu podia e eu devia ensinar os meus irmãos mais novos, então, eu já cresci aprendendo a ensinar já dentro de casa, inclusive fui a primeira professora do Karlis, meu irmão caçula, ele não conseguiu vaga na escola na idade certa, quando completou sete anos e aí meu pai me responsabilizou de ensiná-lo a ler e escrever. Eu tinha na época mais ou menos catorze anos.

E: Catorze anos...

S: de idade e realmente fiz isso, ensinei ele a ler e escrever, aí no ano seguinte ele conseguiu vaga na escola e entrou direto no segundo ano já, né, então, e aí eu aprendi a amar isso, o ensino né, e ensinei outras pessoas também, uma pessoa também que, algumas vizinhas que não sabiam ler nem escrever.

E: A sua cidade era...

S: Curitiba...

E: Curitiba mesmo, nasceu aqui.

S: Nasci e cresci em Curitiba.

E: hum hum.

S: E, e aí eu estudei o magistério aqui em Curitiba e depois fui para o Rio de Janeiro estudar no Instituto Batista de Educação Religiosa, fiz um curso superior de pedagogia cristã.

E: É o IBER, né?

S: É o IBER, exatamente, e depois trabalhando já na prefeitura de Curitiba eu fiz Magistério Superior pela Universidade de Ponta Grossa, num convênio, é, com uma Universidade, uma universidade on-line. eu não lembro.

E: Ah, sim.

S: eu não lembro, eu tenho toda a documentação.

E: Hum, hum.

S: E depois fiz pós-graduação em, Educação Especial.

E: Ah, certo. A senhora podia falar um pouquinho, nós vamos voltar um pouquinho atrás, a senhora comentou comigo que seus pais vieram da Letônia, em que ano, a senhora lembra das histórias que eles contavam? Qual foi o motivo que eles vieram pra cá?

S: Os meus avós que vieram...

E: Ah, os seus avós, desculpa.

S: Eles vieram por causa da guerra e do comunismo que, eles tinham uma vida muito difícil lá e vieram junto com muitos letos pra Varpa, no estado de São Paulo. Ela era ainda bem jovem, mais adolescente né, quando veio pro Brasil. E lá mesmo, na colônia leta ela conheceu e se casou com meu avô.

E: Seu Avô... e... A senhora poderia falar um pouquinho sobre essa relação dos letos com a religião Batista, ou...é, protestante de uma maneira geral?

S: A maioria dos letos que vieram e que viveram na colônia Varpa eram evangélicos e eu, o quanto eu sei, eu conheci eu fui visitar várias vezes, nem tinha lá outro tipo de igrejas, e... assim, uma coisa que a gente percebia e que eu aprendi desde pequena, sempre foram muito tementes a Deus. E, é uma coisa que hoje, já com cinquenta e sete anos de idade, eu sou muito grata a Deus por essa oportunidade né, de ter crescido entre pessoas realmente tementes a Deus tanto dos meus avós, o que eu só conheci a minha avó paterna, convivi bastante com ela, a minha avó materna faleceu quando eu tinha acho que cinco anos de idade. Eu lembro muito vagamente dela. Os meus avôs morreram quando eram jovens ainda né, bem. Então assim, eu só conheci mesmo, convivi bastante com a Nathalia, minha avó, e assim, eles sempre foram muito firmes nisso. Meu pai era caminhoneiro, ficava muito tempo fora de casa, é... Mas era muito temente a Deus e embora não tivesse muito estudo ele tinha estudado acho que só até o terceiro ano, era um homem muito sábio porque ele estudava muito a Bíblia, e também como a, tanto quanto minha avó, e sempre procurou criar os filhos, é... No caminho de Deus e com muita integridade e é isso que eu vejo até hoje, meus irmãos, são homens íntegros, tementes a Deus e também, assim com famílias bem constituídas, sem, graças a Deus né, isso talvez nem seja relevante mas, nunca houve um caso de divórcio, de separação, nem nada disso, dentro da família e assim...

E: É relevante sim.

S: São famílias sólidas que criam os seus filhos dentro dos caminhos de Deus.

E: Que bom. A senhora falou que a senhora foi a professora de seu irmão mais novo. Os seus irmãos tiveram formação superior?

S: Sim, O meu irmão mais velho é pastor, trabalhou muitos anos como diretor do Instituto Haggai e mora nos Estados Unidos, ele fez o seminário e um curso superior e formou-se em Inglês pelo..., em Londres, eu não tô lembrada no momento. Ele, o Davi e o Karlis, é, três dos meus cinco irmãos estudaram lá. O Karlis também tem formação superior, em administração. O Davi, eu acredito que não fez curso superior, não tenho certeza disso e o Marcos, que morava lá, que trabalhou na Igreja de Quatro Barras também, ele só teve formação do Ensino Médio.

E: Vou pausar.

E: Dona Sueli, quando a senhora se aproximou da região de Quatro Barras, como que aconteceu a sua chegada ali e a ideia de fundar uma escola?

S: Os meus pais conheciam o pastor João Weidman, já desde antes deles trabalharem em Quatro Barras, quando eles moravam e trabalhavam ainda no Litoral do Paraná, e, sempre quando eles vinham a Curitiba eles iam na minha casa, a minha mãe costurava pros filhos do Pastor João Weidmann, pras crianças né, ela era costureira, aí então ela sempre fazia as roupinhas e aí então sempre quando eles vinham pra Curitiba eles iam lá em casa, então eu já conhecia através da minha mãe, depois o meu irmão mais velho já adolescente, ele começou a fazer o seminário e trabalhou como seminarista em Quatro Barras... Já na, no início...

E: Já existia a Igreja...

S: Não, era o início da congregação, do trabalho ainda né, ainda era como congregação. Então a gente ia com meus pais lá e foi assim que eu conheci e Deus colocou no meu coração depois, quando eu já era maior, esse desejo e eu comecei a trabalhar em Quatro Barras, antes de ir pro IBER, aí quando eu voltei do IBER, eu já voltei, lá no IBER uma coisa que a gente estudava e ouvia bastante é que não tinha nenhum sentido as igrejas com templos, às vezes grandes, né, ficarem fechadas durante a semana, que certamente esses templos, essas instalações todas, salas usadas na Escola Bíblica Dominical poderiam e deveriam ser usadas também durante a semana para abençoar tanto a própria Igreja quanto a comunidade. E aí lá em Quatro Barras não tinha na época nenhuma pré-escola e então Deus colocou no meu coração esse desejo antes de eu sair do IBER né quando eu viesse pra cá eu pudesse fazer isso começar lá uma pré escola.

E: A senhora lembra mais ou menos que ano que a senhora estudava lá no IBER?

S: Eu... vc pode pausar?

Pausa, a professora foi buscar documentos.

S: Então, eu me formei em 1979, no final do ano, e cheguei pra começar a trabalhar em Quatro Barras naquele finalzinho do ano de 1979, e aí, em 1980 nós começamos a trabalhar, preparar a documentação, preparar a comunidade, avisando, né, que nós tínhamos uma escola e até mesmo preparando a Igreja, que era uma Igreja bem pequena, de interior, então nós não tínhamos quase nada na Igreja pra pensar em crianças, e aí os próprios jovens da Igreja trabalharam nisso, preparando os móveis, brinquedos, tudo, então nós começamos numa sala atrás da Igreja em 1981, a primeira turma de Pré-Escola e, no início eu era a única professora, e tinha a Teresinha que era zeladora da Igreja, ajudava também no cuidado com as crianças, eu não lembro ao certo, talvez eu tenha isso anotado, mas eu sei que nós tínhamos mais de trinta alunos já, nesse, nesse primeiro...

E: Trinta alunos? No início...

S: É, no início.

E: Oficialmente a escola dá o ano de 1983 como fundação, que acredito que é quando saiu toda a documentação né?

S: Hum hum. Isso mesmo.

E: Mas então a senhora está dizendo que em 81 já havia uma turma, e quando vocês iniciaram o trabalho, já de início o objetivo era atender a comunidade da Igreja e a comunidade da cidade.

S: Hum hum

E: Nunca foi apenas para a Igreja.

S: Não, não, já de início, é pode ser que seja 83 mesmo, porque é, como eu falei são tantos anos, que é possível que seja realmente 83. Porque, eu posso olhar, eu sei que eu tenho em algum lugar, fichas de alunos, depois eu confirmo isso pra você, mas como eles tem dados históricos, né, através de atas, então é possível que tenha sido mesmo.

E: O objetivo do nosso trabalho é trabalhar com memória mesmo então a senhora não se preocupe se a data não for precisa, né, porque daí como a senhora mesma disse, depois com a documentação a gente vai, a gente faz esse levantamento, não se preocupe em relação a precisão das datas, então...

S: Na ocasião nós tínhamos poucos, acho que quatro ou cinco crianças da Igreja, a maior parte eram crianças da comunidade e é, crianças mais carentes, porque na época os alunos não pagavam absolutamente nada.

E: Era gratuito.

S: Hum hum.

E: Então a própria Igreja pagava o seu salário ou a senhora não tinha salário?

S: Eu recebia sim, da própria Igreja.

E: Hum hum, e em relação à cidade. Eu lembro de já ter ouvido, de quando eu trabalhava lá, de que houve uma certa hostilidade da cidade em relação à Igreja e por consequência a escola.

S: hum hum,

E: A senhora lembra de alguma coisa assim, que chamou atenção?

S: Olha, não, é assim, eu sabia disso, dessa resistência e uma coisa que logo eles já se agilizaram para começar também alguma coisa na Igreja Católica pra impedir que, porque muitas famílias é, começaram a conhecer a Igreja Batista através da escola, através das crianças e, e ver que não era aquilo que eles ouviam né, que não podia, que eram ruins, que iam, uma coisa assim, que a grande preocupação dos pais, é que iam fazer tipo uma lavagem cerebral.

E: Lavagem cerebral.

S: Lavagem cerebral, alguma coisa nas crianças, e os pais que começaram a entrar na Igreja pela porta de trás, através da escola né, começaram a perceber que não era isso, e que não era esse o nosso objetivo, nosso objetivo nunca foi mudar a religião de alguém, e sim uma educação através dos princípios bíblicos e os pais começaram a perceber isso então logo eles se agilizaram e abriram uma escola na Igreja Católica também, não sei quanto tempo depois...

E: Hã hã, que é o Dom Orione.

S: Isso.

E: Então o Colégio Graciosa é anterior ao Dom Orione.

S: Sim, não tinha nada na época, na cidade.

E: Nem escola estadual ou municipal.

S: Não, não.

E: Pré-Escola.

S: Pré-escola, é até possível que já tivesse né, eu também não tenho esse dado com segurança, é, eu acredito que já, porque os, lembro se não já na época, logo em seguida é, uma escola pública lá, mas de Ensino Fundamental...

E: Fundamental.

S: Não Pré-Escola. E na época o nosso era apenas Pré-Escola.

E: Hum hum, é, por quantos anos, é, ficou apenas uma turma e apenas a senhora como professora, a senhora lembra disso?

S: Eu não tenho cert... já no ano seguinte eu saí, acho que na metade do ano, é, eu fiquei grávida e aí, antes do final acho que antes do final do ano eu me afastei porque eu tive uma gravidez de risco, tive que ficar de cama durante muito tempo e então começou com, passou a ser a Ana "Brisht" a professora.

E: E ainda com uma única turma?

S: Sim.

E: É, quando vocês começaram a escola, o que que vocês imaginavam do futuro dela? O que vocês pretendiam, era ter uma escola de Pré-Escola até Ensino Médio como ela é hoje ou tinha uma função mais evangelística mesmo.

S: É, sim, que aumentasse sim, que talvez eu não pensasse na época ainda em Ensino Médio, é, mas que aumentasse sim, e que sempre no meu coração o propósito sempre foi o de abençoar a comunidade e em especial as pessoas que não tivessem condições de pagar uma escola particular e que tivessem um ensino de boa qualidade, então essa sempre foi a intenção do meu coração, né de que, continuasse sendo uma escola mantida pela Igreja e atendendo a qualquer aluno.

E: E quando mudou isso, a senhora sentiu alguma decepção, ou a senhora entendeu que era uma necessidade [esse] a escola se tornar particular, paga.

S: A princípio eu acho que me decepcionei um pouco, depois entendi que é necessário que crescimento e transformação sempre são necessários.

E: Hum hum, é... Bom, a senhora mais ou menos falou que a escola atendia a comunidade local, principalmente a comunidade mais carente, né, então o perfil dos alunos, mais ou menos em torno desses trinta alunos eles eram filhos de pais que moravam ali em Quatro Barras e que provavelmente trabalhavam na região ou em Curitiba e era tempo integral ou não?

S: Não.

E: Apenas meio período.

S: Meio período.

E: E o perfil desse aluno, como era esse aluno?

S: Boa parte era carente, mas não só, eu me lembro que nós tínhamos, é, acho que um dos donos da empresa de ônibus que tinha aluno [filhos], então não eram só alunos carentes, outros alunos também, né. Mas muitos alunos com pais analfabetos e sem nenhum estudo, então a gente tinha assim essa diversidade.

E: Então havia uma diversidade, [é] deles... Quais eram as maiores dificuldades da escola naquela época?

S: Acho que falta de condição financeira, né, a gente sempre tinha que criar as coisas, não era uma época em que a gente podia dizer: “precisa disso, daquilo, vamos comprar”. A gente precisava criar muitas coisas. Então eu acredito que essa era a maior, a maior dificuldade. Havia uma união muito grande das igrejas, da, dentro da Igreja, e como eu falei, um envolvimento da Igreja como um todo, dos jovens procurando ajudar naquilo que fosse possível, da família do pastor em especial, eu morava, nessa época, numa casinha ali junto com a família do pastor, então, recebi sempre todo apoio do pastor João, ajudando em tudo.

E: Hã hã. A senhora lembra a época, o que tava acontecendo? Eu falando assim, a grosso modo, lembro que era... Foi o final da ditadura, veio a abertura política, e eu lembro, lembro... Mais no sentido de ter lido, mas era uma época de inflação muito intensa. Nós vivíamos pacotes econômicos...

S: Exatamente.

E: De que forma essa política do país influenciava no dia a dia da escola?

S: Assim, só é que mais na questão, é, financeira mesmo, na parte inflacionária, mas é, eu recebia apoio da Secretaria de Educação em Curitiba, treinamento e até mesmo material, da Secretaria de Educação aqui. Então mesmo sendo uma escola de confissão Batista, eu tinha esse apoio, então...

E: A Convenção Batista de alguma forma auxiliou nesse momento?

S: Não que eu me lembre.

E: Hum hum, o treinamento então era da Secretaria de Educação.

S: Isso.

E: Vocês buscaram esse convênio?

S: Sim, a gente, antes, eu não lembro exatamente o que e aonde eu fui...

E: Ah, foi a senhora que foi atrás?

S: Isso. Eu já sabia que eu não podia simplesmente abrir a porta e dizer agora aqui tem uma escola. Então eu sei que eu vim pra Curitiba e procurei fazer já desde o início né, uma coisa dentro da legalidade então é, até por isso que eu falei que houve esse tempo antes em que a gente vinha pra Curitiba e procurava tudo, tudo isso né e quando começamos, começamos exatamente como tinha que ser.

E: Perfeito, e... Essa ajuda que, na verdade a escola estava ajudando a cidade. Isso era percebido, isso, houve algum tipo de reconhecimento formal da cidade ou isso só veio acontecer apenas anos mais tarde?

S: Na minha época não, mas assim, por parte dos pais havia sim um reconhecimento muito grande, do valor da Igreja, do valor do trabalho que estava sendo feito na Igreja, isso por parte de todos os pais a gente percebia e recebia todo carinho todo o retorno, como eu falei, apesar de alguns serem analfabetos, eles demonstravam um carinho, gratidão, abriam as portas da casa pra gente, a gente podia alcançar as famílias mesmo.

E: Professora, quais eram os maiores princípios da escola?

S: É, o ensino, o ensino secular, dentro dos princípios e padrões bíblicos, dos padrões de Deus pra vida, e eu sempre tive na minha, na minha mente e no meu coração a certeza de que se existe uma chance, uma possibilidade de um mundo melhor, esse mundo melhor começa dentro de uma escola, então esse foi sempre o objetivo do meu coração, trabalhar na vida das crianças, isso tanto no Colégio Graciosa como em todos os lugares onde eu trabalhei, onde eu ensinei, eu sempre parti desse princípio.

E: Perfeito, e a senhora entende que esses princípios foram mantidos?

S: Entendo que sim, pelo menos assim, o quanto eu o conheço... Muitas coisas mudaram e nem todas aconteceram de acordo com, o que eu sonhei para o Colégio Graciosa ou que eu planejei. Mas, como a gente já falou anteriormente, eu reconheço que foram mudanças necessárias e até porque são pessoas diferentes, Deus trabalha de forma diferente, usa de forma diferente, eu esqueci de falar mas, é, eu saí então do Colégio Graciosa quando eu estava grávida e aí nós mudamos para Curitiba, eu trabalhei durante alguns anos na Escola Aldeia Betânia, que também é uma escola Evangélica, e, depois eu voltei e trabalhei mais alguns anos, também eu não sei te dizer, eu posso procurar isso, mas trabalhei durante anos novamente no Colégio Graciosa, posteriormente...

E: Também com turmas de Pré-Escola.

S: É, na época eu cheguei a trabalhar inclusive com segunda série do Ensino Fundamental, mais com, com Pré-Escola. Eu sei que meu último ano lá eu trabalhava com Jardim 1. É, então com os pequeninos mesmo.

E: A senhora saiu por conta de aposentadoria ou por conta de ter entendido que seu tempo ali tinha terminado?

S: Você pode parar (a gravação) por favor?

E: Professora Sueli, estamos caminhando pro final dessa entrevista, e eu queria saber da senhora, qual é o seu sentimento em relação à escola hoje? Suas lembranças, sua memória...

S: É um sentimento de grande alegria e gratidão a Deus. Quando eu comecei aquele trabalho eu jamais podia imaginar que essa escola no futuro seria bênção na educação dos meus próprios filhos, tanto o André quanto o Thiago saíram do Colégio Graciosa e passaram muito bem no vestibular da UFPR, então a escola foi uma bênção muito grande na vida dos meus filhos, da minha própria família, e eu me alegro muito e sou muito grata a Deus em ver a forma como a escola continua sendo especial na vida de muitos alunos, tanto em Quatro Barros como hoje também em Curitiba, muitos alunos de Curitiba vão pra lá e eu só posso humildemente agradecer a Deus pela oportunidade de ter participado dessa história e ver hoje um trabalho tão grande e tão especial na vida de tanta gente através daquilo que começou tão pequenininho, há anos atrás e permanece firme até hoje.

E: Tá certo, muito obrigado professora.

ENTREVISTA COM **Pr. CARLOS ROBERTO WEIDMAN**

18 de Março de 2015

Entrevistador: Eduard Henry Lui (E)

Entrevistado: Carlos Roberto Weidman (R)

E: Boa tarde, professor Roberto. Nós vamos começar então essa entrevista que tem objetivo de criar uma série documental pra falar a respeito da Escola Graciosa, sua importância sua influência nessa comunidade, nessa sociedade. Nós vamos começar então voltando um pouquinho no tempo e conversar um pouco a respeito dos batistas letos, mais especificamente sua família, como chegaram ao Brasil? O que você ouviu dos seus pais, dos seus avós?

R: Muito bem, então, depois da Primeira Guerra Mundial houve um movimento de aviamento espiritual na Letônia, então as igrejas começaram a crescer, expandir-se, mas eles perceberam que a situação lá na Europa, especialmente no Leste Europeu, iria ficar bastante complicada devido ao avanço do comunismo ali na Rússia e como a Letônia é um país bastante pequeno e estratégico pra Rússia inclusive, porque é banhado pelo Mar Báltico e não congela no inverno, devido à corrente quente do Golfo e então banha ali o Golfo de Riga e não congela, já os portos da extinta URSS eles congelavam no inverno, então os letos já perceberam ali que seriam alvos de invasão Russa porque no passado já a Letônia tinha sido anexada ao Império Russo, então orando, pedindo direção de Deus, vários letos já tinham vindo para o Brasil, ainda antes da Primeira Guerra Mundial, e um líder Batista lá, presidente da Convenção Batista da Letônia, ele veio ao Brasil e visitou várias colônias aqui no Brasil: Santa Catarina, Rio Grande do Sul; e viu a possibilidade de expansão do trabalho aqui: terras boas, clima mais quente também, então começou a orar e sentiu que deveria vir para o Brasil, e nisto..., pode me interromper...

E: Sim, essa seria uma primeira leva de imigrantes?

R: ...leva de imigrantes, isto, exatamente, então ele sentiu que deveria vir pra cá mas ele era muito bem quisto pela comunidade Batista lá, e aí então ele, ao mencionar que estaria vindo para o Brasil, um grande movimento surgiu também, sentindo o que poderia acontecer na Letônia, que de fato veio acontecer depois, a anexação à Rússia, então sentiram que deveriam vir pra cá, orando sentiram a mão de Deus dirigindo que deveriam vir para o Brasil. Então, naquela ocasião vieram dois mil letos e os meus avós vieram também no final de 1922 início de 1923. E fixaram-se lá no interior de São Paulo, na região da Alta Paulista, hoje município de Tupã.

E: Então, ali vieram seus avós...

R: Meus avós, isso.

E: E eles já vieram com... Já eram Batistas.

R: Já eram Batistas, o meu bisavô era, o pai do meu avô, era já pastor Batista na Letônia.

E: Ah, sim. Podemos afirmar que a religião Batista ela é predominante na Letônia?

R: Não, não é, predominante são os Luteranos.

E: Tem uma forte influência alemã.

R: Muito, muito grande a influência alemã, porque a Letônia era ora anexada ao Império Russo, ora à Alemanha. Então a influência alemã foi bastante grande.

E: Até mesmo, acredito que nos nomes, é...

R: Nos nomes, o meu sobrenome mesmo, Weidman, é alemão.

E: Você sabe o significado?

R: Homem do campo.

E: Homem do campo, bonito... (risos) E o pastor João? Como foi a infância dele?

R: Então ele cresceu no interior de São Paulo, ali na região de Limeira, no município de Limeira, converteu-se aos treze anos de idade e logo cedo já começou a sentir que Deus o estava chamando para o ministério, aí então ele foi para a região da Alta Paulista lá, nesta colônia leta para onde meus avós tinham ido inicialmente, e lá tinha então um Instituto Bíblico, um seminário, formado justamente por descendentes de letos, ou mesmo obreiros letos, e então meu pai foi pra lá e enquanto estudava lá começou a trabalhar com um irmão de origem leta também, que tinha vindo para o Brasil antes de 1922, irmão Werner Grinberg, que tinha uma grande serraria lá em Inúbia Paulista, então meu pai começou a trabalhar lá e enquanto trabalhava com o irmão Werner estudava no seminário, mas nos finais de semana, domingos, ele era evangelista, naquela região, então saiu com o carro da serraria, numa região e outra, pregando o evangelho. Mas, aí a Associação das Igrejas Batistas, vendo a seriedade dele, o comportamento dele, resolveu convidá-lo para fazer uma visita ao Sul do Brasil, duas colônias letas, uma no Rio Grande do Sul outra em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul seria Ijuí, que é uma das primeiras colônias letas no Brasil, e a segunda, Urubici, ali perto de São Joaquim, e, em terceiro lugar, vir ao litoral do Paraná onde já tinha um casal de obreiros letos, o pastor João Pupols e irmã Alida Pupols, então era pra ir primeiro para o Rio Grande do Sul, Ijuí, depois, Urubici, e vir por último para o Paraná, litoral do Paraná. Ele resolveu inverter a ordem, vir primeiro pro Paraná, depois iria para Urubici e depois Ijuí, só que nem chegou a ir para Urubici e nem chegou a conhecer Ijuí. Ficou aqui e, vendo a carência do local, vendo o pastor Pupols, a irmã Alida ali já com idade avançada e os desafios que eram, porque o litoral do Paraná, especialmente a região de Guaraqueçaba, é, hoje ainda é carente, mas em 1950 era muito mais carente.

E: Ah, isso década de 50...

R: Eu lembro um pouquinho, quando eu nasci, né, então eu lembro, não tinha estrada, não tinha luz elétrica, não tinha nada, era um outro mundo realmente, nós pegávamos o barco em Paranaguá, quatro horas subindo o Rio Tagaçaba, Baía das Laranjeiras, Rio Tagaçaba, até chegarmos em nossa casa, então não havia nada de modernismo, tudo muito precário, muito simples, muito, muito, assim antiquado mesmo. Lamparinas apenas, não havia nem lâmpião, nada, tudo muito primitivo, muito precário.

E: Eu li no relato, no livro a História dos Batistas Letos no Brasil, sobre um barco do pastor João.

R: Isto, ele teve na verdade três barcos, o primeiro então quando ele sentiu que Deus estava chamando pra cá mesmo, então ele foi pedir demissão lá da serraria, ele era gerente da serraria do irmão Werner, lá em Inúbia, o irmão Werner gostava muito dele, aí ficou triste quando o pastor João pediu demissão, mas deu uma boa indenização pra ele, aí então ele foi pra Santos, comprou um barquinho chamado cabritinho... de tão pequenino que era (risos).

E nas ondas pulava muito né, então ele veio de Santos até Paranaguá, no navio, ali desceram o barquinho e ele então começou a servir a Deus com esse barquinho. Depois ele comprou outro maior, porque a família já estava crescendo e por último, já no ano de 1969 ele teve um maior que foi vendido pra comprar a primeira Kombi que foi útil aqui no trabalho em Quatro Barras.

Daí eles saíram do litoral e vieram para Quatro Barras então a Kombi foi muito útil nos primeiros anos também.

E: Ele já era formado pastor quando veio?

R: Já, já era. Ele veio inclusive solteiro ainda, veio solteiro, aí ficou um ano aqui, se correspondendo com minha mãe, que também trabalhava pro irmão Werner, aí ele foi pra lá e casaram-se em Adamantina, interior de São Paulo, o tio dele, meu tio avô, que era pastor que fez o casamento. Aí vieram, a lua de mel foi aqui, no litoral e eles ficaram aqui por quinze anos no litoral.

E: Você é o irmão mais...

R: Eu sou o segundo, tem o mais velho, que é o Daniel, depois eu, depois o Junior, desculpe, desculpe, depois a Sandra e depois o Junior.

E: Todos nascidos aqui?

R: Todos nós nascemos em Curitiba, todos nós.

E: Certo.

R: Só que eu e o Daniel nascemos enquanto eles trabalhavam no litoral, já a Sandra e o Junior quando eles trabalhavam aqui já em Quatro Barras.

E: Eu vou pausar.

E: Algumas questões que eu levantei aqui você já respondeu, né, quais os outros trabalhos que ele exerceu, a sua formação, o que motivou a vinda da família pra cá, seria o trabalho missionário...

R: E também, porque o Daniel e eu chegamos na idade escolar, e lá até hoje é muito carente e naquela época então, era muito mais, não havia escola. Então o Daniel e eu fomos morar com nossos avós no interior de São Paulo. Só que daí ficou aquela situação, nós só víamos os nossos pais nas férias e eu tinha sete anos, então era uma situação bastante difícil, eu chorava muito, porque eu só via meus pais nas férias, mas, para estudar, e eles sempre tiveram muito cuidado em relação ao estudo, então começaram orar. Qual era a vontade de Deus? Que a família continuasse assim, separada? Os filhos lá no interior de São Paulo e eles ali no litoral, e naquela época era bem diferente do que é hoje, ir pro interior de São Paulo é questão de minutos de avião, mas naquela época, o Rio Tagaçaba ele sofre influencia da maré, então se tem maré às duas da madrugada tem que sair às duas da madrugada, quatro horas de barco até Paranaguá, deixar o barco em Paranaguá, pegar a, naquela época era a Viação Sul Americana que fazia a ligação litoral-Curitiba, não havia a 277, só a Graciosa, a Graciosa tinha hora pra subir, hora pra descer, ir até Curitiba, onde é o terminal Guadalupe hoje era a rodoviária, pegar o ônibus ali, que era raro também, não é como tem hoje, com frequência, ir até São Paulo, ir até a Estação da Luz, pegar o trem e ir para o interior de São Paulo, ou seja, no mínimo dois dias levava para fazer essa viagem, e outra, não tinha dinheiro não, não dava pra chegar em Registro tomar um lanche, tinha que levar comida junto também, então era bastante desgastante essa situação. Então eles orando, pedindo a direção de Deus e a minha mãe tinha problema de pressão também, então o calor do litoral era muito desgastante pra ela, então sentiram da direção de Deus que era pra um outro campo, começaram a procurar aqui na região de Curitiba, foram a Campo Largo, foram a vários lugares e Deus apontou que era aqui. Chegando aqui em Quatro Barras foram conversar com um senhor que já tinha uma casa para alugar, então tudo foi muito se encaixando corretamente assim. Então aí eles foram nos buscar em São Paulo, viemos pra cá e começamos então os estudos aqui, e aí foi que eles começaram o trabalho batista aqui, que foi o primeiro trabalho Evangélico aqui no município de Quatro Barras.

E: Isso em torno de que ano?

R: 1970.

E: O que eu preciso saber é quem sustentava a obra missionária?

R: Pois não, as Igrejas Batistas Letas. Elas faziam coletas, então mandavam aqui pra nós, pro litoral, para os missionários eles sustentavam lá, na Bolívia, e em outras partes no Brasil também. Eles, as igrejas letas, que sempre foram muito missionárias, com uma visão muito forte pra missões, e o leito ele é muito dedicado assim sabe, ele, pro trabalho missionário ele faz com amor, com zelo. Então eles eram muito de ofertar, davam com prazer. Então as igrejas letas sustentaram, eu não sei dizer exatamente quantos missionários, mas foi um bom grupo de missionários, no Brasil e na Bolívia.

E: Certo, a relação dessa Convenção de Igrejas Batistas Letas, tinha alguma relação com a Convenção Batista Brasileira?

R: Todas elas pertencem à Convenção Batista Brasileira, todas elas, mas era, assim, foi chamada inclusive de a terceira força missionária no Brasil. Primeiro a Convenção Batista Brasileira, a segunda, se não me engano, não quero agora afirmar qual era a segunda com segurança, mas se não me engano os americanos e ingleses e a terceira foi chamada justamente a Associação das Igrejas Letas ali, isso pelo próprio presidente da Convenção Batista Brasileira. Se dizendo assim, admirado, eram cinco igrejas apenas, mas que conseguiam sustentar vários missionários aqui no Brasil e na Bolívia também.

E: Certo, você tinha quantos anos quando vieram para Quatro Barras?

R: Eu tinha oito anos.

E: Consegue descrever mais ou menos como era a cidade?

R: Tinha cinco mil habitantes, era muito pequenininha, chama-se Quatro Barras justamente porque só tinha duas estradas que formavam então quatro braços, a esquina ali onde hoje tem o semáforo ali, então somente duas ruas, a que vinha de Piraquara pra Campina Grande do Sul e a que vinha de Paranaguá para Curitiba, D. Pedro II, porque justamente D. Pedro passou aqui em frente, tinha até o pinheiro onde ele descansou, aqui pra frente, um pouco mais, tem lá até hoje um memorial feito pela Universidade Federal, entalhado na pedra lá, lembrando então desse episódio, o que aconteceu. Então Quatro Barras era muito pequenininha, cinco mil habitantes em todo o município, não havia Igreja Evangélica aqui, então isso foi um fator que fez os meus pais pensarem em iniciar um trabalho aqui, eles queriam justamente ir para um local onde não tivessem igrejas evangélicas. Então ao vir pra cá, Deus abençoou com a, com essa casa então ali eles começaram um trabalho dominical, aos domingos Escola bíblica dominical, havia apenas duas classes, a das crianças que minha mãe cuidava e a dos jovens e adultos que meu pai lecionava, e, dali, então 1971, 1972, foi o primeiro grupo de batismos, eu que fiz parte desse primeiro grupo de batismos, eu, Daniel meu irmão mais velho e mais dois outros irmãos, os primeiros convertidos aqui, um de família polonesa e um ex-presidiário. Que havia também um trabalhosa colônia penal agrícola aqui pra frente, né. Então o pessoal que estava em liberdade condicional ia pra essa, pra essa colônia penal agrícola, então toda a semana nós íamos lá, a Associação Leta mandava oferta, nós comprávamos meias, cobertores, para as criancinhas dos presos, que era uma situação muito, muito precária, eles faziam casas de palha, naquele frio, na serra, naqueles anos que tinha muito mais frio do que tem hoje, então ali começou o trabalho, então toda terça feira a noite nós íamos lá. Então o seu João, um ex-segurança de uma empresa, pra defender a empresa ele matou um ladrão, e aí foi preso, o patrão se isentou da culpa e ele respondeu pelo processo, mas ele se converteu e aí então nós cinco fomos batizados no dia 25 de junho de 1972.

E: 72...

R: E aí começou a congregação que posteriormente tornou-se Igreja.

E: Certo, é, eu li também no relato, não sei se é pastor Ronis...

R: É pastor, professor e pastor.

E: É, de que o pastor João havia já fundado um colégio, uma escola no litoral.

R: Na verdade, não só escola, como um dispensário onde hoje é o Hospital de Tagaçaba.

E: Isso, dispensário também, verdade.

R: A escola é uma prima dele que foi cuidar em Potinga, ali a cico quilômetros de Tagaçaba, e ela continua lá até hoje. Ela foi pra lá em 1963 se não me engano e, havia um desafio das igrejas batistas letas, de que assim como os rapazes servem a pátria, davam um ano para a pátria, então especialmente o pastor André Ceruks ele dizia assim, que os jovens batistas letos deviam dar um ano campo missionário também, e essa irmã, irmã Ilga Muceniek, que é prima do meu pai, ela então sentiu que devia vir aqui, ajudar o primo também aqui no litoral. E ela ficou, nos seis primeiros meses ela achou que devia retornar, aí chegou pro meu pai e falou: "Há, eu acho que eu não vou ficar aqui, o trabalho é muito difícil, muito desafiador.", mas aí meu pai falou assim pra ela: "Ilga, não é bom deixar o trabalho no meio do ano, fique pelo menos até o final do ano". E nesses seis meses a mais que ela ficou ali ela sentiu que Deus a estava chamando para o litoral, está lá há mais de cinquenta anos servindo ao Senhor, ali no litoral.

E: E, a escola, ela ainda existe lá?

R: Mas não é mais agora sob os cuidados da Igreja, ela se tornou municipal.

E: Municipal, assim como o dispensário se tornou municipal?

R: Assim como o hospital, o hospital foi mantido pela Convenção Batista Paranaense por muitos anos, agora recentemente eu acho que foi municipalizado também, mas por muitos anos foi a CBP que manteve e pastores e igrejas levantavam ofertas, médicos mandavam medicamentos, amostras grátis eram levadas assim em grande quantidade, pra justamente para ser útil ali no dispensário, e hoje... E eu ainda lembro meu pai fazendo a placa do dispensário, lá na inauguração do dispensário, isso lá por 1968...

E: Você é nascido em...

R: 61.

E: Professor, por que uma escola e não um orfanato, um hospital ou um asilo?

R: Porque as salas da Escola Bíblica Dominical ficavam ociosas durante a semana, eram utilizadas apenas aos domingos para a EBD, e a diretora do Colégio Estadual, D. Ivone Kern ela chegou para o meu pai e falou: "Pastor, olha, nós temos uma necessidade, nós não temos um Jardim de Infância no município e vocês tem lá as salas ociosas aí, durante a semana. Por que o senhor não cogita a ideia, pensa, leva em consideração essa ideia de, considere a ideia de abrir uma escola". E ele então orando, pedindo a orientação de Deus, sentiu que deveria realmente começar um trabalho com escola. Então começou em 1981 com dezoito alunos e sem cobrar nada, graciosamente. Os dois primeiros anos sem cobrar nada e ele ainda tinha a Kombi, ia buscar as crianças, levar as crianças, e Deus abençoou nesses dois primeiros anos e então sentiram que realmente deveria prosseguir, não só no Jardim de Infância mas gradativamente ir implantando o Ensino Fundamental.

E: Então não havia trabalho, é, Jardim de Infância... Pré-escolar no município.

R: Não, tinha o Ensino Fundamental...

E: Que era estadual?

R: Municipal, e o a partir do sexto ano, o estadual, e depois o, naquela época chamado de segundo grau. (Interrupção do telefone celular)

(Risos)

R: Como então não tinha Jardim de Infância, então a diretora, Dona Ivone (Kenn?) perguntou se meu pai não gostaria de iniciar. E bem nessa época ele, dirigido por Deus tudo, veio um pastor, pastor Togami, que hoje é pastor na Primeira Igreja Batista de Tóquio, eles tinham vindo de Londrina para Curitiba, e ele assim, uma pessoa muito dada a educação, como normalmente são os japoneses, então foi um apoio muito grande para o meu pai naquela ocasião, para dar prosseguimento então aos planos ali de, início do Jardim de infância.

E: Além da tua família, vieram outros letos para ajudar no trabalho aqui em Quatro Barras?

R: Então veio uma outra prima do meu pai, Ana Mucenieks, que está aqui ainda hoje, não está mais na escola, que é aposentada, mas continua ajudando na Igreja. A família da Vanelli (diretora pedagógica atualmente), que é também de origem leta, ela foi professora, hoje diretora pedagógica; Alice Purim, prima também da Vanelli, aliás, a Alice que trouxe a Vanelli. O próprio pastor (João) Purim; o pastor Valters, que hoje está em Portugal, a Silmara, minha cunhada, então, um bom grupo de letos aí.

E: Pode-se dizer uma missão leta?

R: Uma missão, pode se dizer que sim, porque o início foi, sustentado por uma missão leta. O próprio Paulo Purim, ajudou aqui, então foi um grupinho bom de letos (risos).

E: Voltando a falar um pouquinho a respeito da cidade, você comentou que houve uma demanda da diretora da escola local, pela criação de um Jardim de Infância, mas da sociedade quatro barreense, vamos dizer, como foi a reação em relação à escola, à Igreja primeiramente? A escola foi bem aceita ou houveram dificuldades?

R: Foi muito bem aceita, porque quando se fala em Evangélico então eles tinham uma visão daqueles grupos assim mais barulhentos e que às vezes gostavam de impor a vontade deles né; então havia uma certa restrição por ser uma Igreja Evangélica, havia uma certa restrição, uma certa restrição em as pessoas virem até a Igreja justamente porque achavam que era tudo igual. Quando começaram a colocar os filhos na escola e começaram a perceber que era um grupo diferente, que é um grupo mais ordeiro,

mais silencioso, então começaram a gostar da escola e começaram a vir à Igreja também . O meu pai costumava dizer: “as pessoas não entravam na Igreja pela porta da frente, começaram a entrar pela porta dos fundos, que era a escola”.

E: A escola. A escola então foi uma porta.

R: A escola foi uma porta para a Igreja e continua sendo. Continua sendo. Domingo passado à noite, uma senhora, mãe de alunos nossos, converteu-se justamente através, é, do conhecimento que ela teve na escola, nas aulas bíblicas, gostou do ensinamento que os filhos levavam pra casa, começou a participar dos cultos e agora culminou com a conversão dela.

E: Então, ok. Você diria que o pastor João se realizou com esse trabalho aqui?

R: Ah sim, ele era muito grato a Deus e houve um reconhecimento muito grande da comunidade, ele foi, ele não queria, mas por sugestão de uma ex-prefeito ele recebeu o título de cidadão honorário da cidade, foi condecorado com este título honorífico justamente pelos bons serviços prestados à comunidade, e quando ele faleceu, a escola já estava né, num porte grande aí, tudo, e então muito reconhecido na cidade, quando ele faleceu, eu fui no carro fúnebre junto na frente, a polícia militar ia fechando as ruas da cidade pro cortejo passar, os lojistas, o comércio ia baixando as portas em sinal de respeito, então foi um reconhecimento muito grande. Ele, onde ele ia ele era muito bem recebido, muito bem recebido justamente pela maneira humilde, sincera, como ele levou o trabalho cristão tanto na igreja quanto na escola. Se realizou sim, ficou muito agradecido a Deus por tudo que ele pode ver.

E: Haviam outras metas, é, você sabe, ele compartilhava, além da escola, o que ele pretendia ou o que ele via pro futuro em relação à escola, ampliar...

R: A visão na verdade é, deixar que Deus agisse para que se fosse da vontade de Deus um dia chegasse à uma Universidade também, então essa era a visão de, de. Como Deus conduziu tudo do Jardim de Infância para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental. A Educação Infantil, o Ensino Fundamental, Ensino Médio, então se Deus permitisse então que chegasse também à Universidade. E um dos desejos dele, e ele chegou a ver, era a aquisição das propriedades aqui ao redor, né, então das propriedades pelas quais ele orava, algumas foram anexadas ao trabalho. E a Igreja continua orando até hoje pelas demais. Cremos que Deus há de responder.

E: Sobre as propriedades, no início do trabalho foram compradas com verbas da Igreja? Houveram ajudas externas?

R: A ajuda das Igrejas Batistas Letas. As Igrejas Batistas Letas que ajudaram na compra do terreno para a construção do templo, para a construção do templo também. O primeiro ônibus, quem doou foi o irmão Verner Grinberg, que é aquela pessoa com quem ele havia trabalhado anos antes e que a amizade deles continuou muito bonita até o final da vida. Então o irmão Verner tinha esse ônibus para transportar os filhos dos funcionários e tal pra escola e chegou um momento que ele não precisava mais, então ele resolveu vender, mas antes de vender pensou: “Meu amigo João precisa de um ônibus lá em Quatro Barras”, mandou um motorista trazer aqui o ônibus, não cobrou nada. E então, hoje temos a frota de veículos...

E: É o famoso Número 1...

R: Número 1 que está lá até hoje, e não será vendido (risos).

E: Vou bater uma foto dele.

R: Precisa bater. E muitos dos ex-alunos passaram por ele. Domingo eu estava, fui almoçar com a Larice, na Galeteria Caxias, eu gosto muito da Galeteria Caxias, chegamos lá aí entramos nos assentamos à mesa, veio uma aluna... Você chegou a dar aula pra Luanna Roberta Weber?

E: Sim.

R: Veio ela emocionada com a filhinha, sabe, a trazer, “na hora que eu vi vocês eu comecei chorar”, ela falou. Hoje ela é dentista, há dez anos já formada e não consegue esquecer a escola.

E: Eu queria conversar um pouco com você a respeito um pouco de você? Pode me falar um pouco quem é o professor Roberto?

R: Um servo inútil (risos). Um servo inútil que está aqui pra servir ao Senhor, é, eu tenho certeza que é a vontade de Deus, por vários motivos e servindo na escola e servindo na Igreja também. Pouco antes do

meu pai falecer ele pediu para eu cuidar de uma congregação lá em Balsa Nova, onde ele tinha iniciado também, ele ia todo sábado, cem quilômetro, até lá, voltava, eu ia com ele, e a congregação, por esta distância e ele não poder atender mais, então ele pediu para um pastor cuidar lá, mas aí, faltou, faltou aquele carinho, aquela atenção com as pessoas e a congregação foi diminuindo, estava para fechar as portas, então em junho de 2003 meu pai pediu para eu cuidar da congregação lá, e fiquei lá seis anos. Seis anos em Balsa Nova, ele me convidou em 2003, em junho, e em setembro ele faleceu. Então, depois de termos trabalhado lá e a congregação foi organizada em Igreja aí um pastor ficou lá cuidando, então voltamos pra cá e num sábado à tarde, eu estava em Curitiba no carro, a Larice estava fazendo compras, então um irmão da Igreja aqui, me convidou para eu estar liderando o trabalho da Igreja, e eu pedi uns dias pra pensar e orar. No domingo de manhã, minha leitura diária era Isaías 40, versículo 1, começando ali e Isaías 40 versículo 1 que diz: “Consolai, consolai o meu povo, diz o Senhor dos exércitos”. E eu perguntei: “Senhor, é esta a tua vontade? Que eu esteja de volta aqui na Igreja?”. Eu era membro em Balsa Nova então na ocasião. “Se é da tua vontade eu gostaria que o Senhor me confirmasse para que eu não faça algo sem que seja da tua vontade”. Então eu havia lido esse versículo lá Isaías 40:01; naquele domingo não fomos a Igreja alguma e ligamos na internet o culto da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, pastor João Soares da Fonseca, eu gosto muito dele, é uma pessoa muito consagrada, muito fiel, e até na aparência lembra muito meu pai. Não por coincidência, Deus orientou ele para pregar sobre Isaías 40:01 “Consolai, consolai o meu povo, diz o Senhor dos Exércitos”. E aquilo falou muito forte ao meu coração, não somente a minha leitura diária, mas Deus, Deus orientou aquele servo de Deus a oitocentos quilômetros de distância para pregar sobre o mesmo assunto, a mesma palavra, então eu senti que era da vontade de Deus. Todo domingo à tarde eu ligo, ainda converso com minha tia, é a única irmã do meu pai que é viva ainda, uma mulher de oração, uma pessoa de oração. Eu liguei pra ela e falei: “Tia Helena, a Igreja de Quatro Barras está me convidando pra voltar e assumir ali o pastorado da Igreja, o que a senhora acha?” Ela disse: “Se eles estão convidando é porque é a vontade de Deus, você não pode dizer não”. Então por estes motivos todos senti que era a vontade de Deus e Deus tem abençoado, Deus tem abençoado, pessoas estão vindo dominicalmente à Igreja, a Igreja tem crescido, não por mim, eu sou um servo inútil, mas pela graça de Deus, pela misericórdia de Deus, pelo poder de Deus. Então tenho certeza que é a vontade de Deus.

E: Esse é o presente, no passado você foi administrador do colégio, diretor...

R: Isso, ajudando meu pai desde o começo ali, não é? então com o desejo de ver a escola crescendo a construção então dos prédios, então pudemos servir ali juntamente com nosso pai e ver a edificação e orando pra que Deus orientasse como Ele queria que fosse feito. Então tudo que foi feito aqui foi feito com a orientação do nosso Deus.

E: No início da nossa entrevista você comentou que havia uma preocupação do pastor João em educá-los, por isso ficaram um tempo morando distantes. Como foi essa formação profissional dos irmãos? Que caminhos seguiram?

R: O Daniel, meu irmão mais velho, ele foi, ele serviu em Curitiba e depois ele foi para Brasília, ele ficou lá uns seis anos também, depois ele fez a faculdade de Direito, depois ele voltou para o Paraná, serviu como advogado aqui também e fez concurso pra juiz, hoje ele é juiz do trabalho. Eu, senti, quando eu orava por uma esposa, sem saber quem seria, no meu coração de adolescente seria uma professora, e Deus confirmou isso, e quando eu então me casei com a Larice e ela também, com coração missionário, era bem comecinho da escola aqui também, e ela vendo a necessidade, nós sentimos, estávamos morando no interior de São Paulo nessa época, então sentimos que deveríamos atender ao apelo missionário e fomos para Quatro Barras, então daí eu me preparei pra ser também professor, fiz também Geografia e História, licenciatura em Geografia e História, e servi como professor, agora também como pastor. Junior fez administração, continua como tesoureiro da escola, ali na parte administrativa, e a Sandra, ela fez fonoaudiologia, e atende aqui na escola também, atualmente como professora de Ensino Bíblico, ela já atendeu na Biblioteca, mas ficou muita coisa pra ela, sobrecarregada com ensino Bíblico e com a Biblioteca, então hoje, ela tem um dom muito grande para trabalhar com crianças, então tem sido muito útil, tanto na escola quanto na Igreja, lecionando para as crianças.

E: Podemos dizer que a família toda continua no serviço.

R: A família toda, mesmo o Daniel que é juiz, que não está diretamente aqui, mas ele faz parte da Junta de Educação, que administra a escola, então ele também está diretamente, não trabalhando, mas ligado ao trabalho.

E: Aproveitando a tua fala, você pode falar rapidamente como funciona a estrutura administrativa da escola?

R: Certo, então tem a Igreja que é a mantenedora da escola, então tem a junta de educação que é composta pelo pastor e pela diretoria da Igreja. Então, essa diretoria se reúne, essa Junta se reúne todos os meses para tratar dos assuntos da escola e aí tem a direção da escola. Tem a direção administrativa e tem a direção pedagógica, que são subordinadas então à Junta de Educação.

E: Que por sua vez é subordinada à Assembleia da Igreja.

R: Que é subordinada à Assembleia da igreja.

E: Então, mantém a mesma lógica das outras igrejas batistas.

R: Isso.

E: As demais igrejas batistas de alguma forma contribuíram, contribuem pro trabalho?

R: Atualmente não mais, financeiramente não, mas com pessoas né, porque nós temos aqui não só membros da Igreja de Quatro Barras, mas membros de outras igrejas também, a própria Vanelli não é membro da Igreja aqui, outras professoras, professores, e funcionários nem todos são da Igreja aqui. Então de uma certa forma as outras igreja contribuem com pessoal também né. Pessoal qualificado e que faz um bom trabalho.

E: A Igreja em Quatro Barras, Batista em Quatro Barras, ela ainda está subordinada à Convenção Batista Leta?

R: Ah sim, fazemos parte, fazemos parte da comunhão, da Associação Batista Leta. Hoje tem a Igreja Batista Leta em São Paulo, Primeira e Segunda Igrejas Batista em Nova Odessa, Igreja Batista em Varpa, Quatro Barras e Urubici. Então essas igrejas que fazem parte da Associação Batista Leta.

E: Associação Batista Leta, então esse é o nome? Tá certo. Você pode me dizer quais são, você já disse em tuas falas, mas vamos organizar melhor: os principais princípios da escola?

R: Levar a Palavra, o principal de todos, levar a melhor formação escolar, juntamente com a Palavra de Deus. A formação espiritual e a formação acadêmica também dos nossos educandos.

E: Perfeito, é, algum evento provocou alguma decepção pessoal?

R: Eu tenho por lema I Tessalonicenses 5:18, “ Em tudo dai graças” então nada eu vejo como decepção, tudo eu vejo como aprendizado, tudo a Mão de Deus contribuindo para o bem, tudo. Como diz a Palavra de Deus: “Todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus”. Então em tudo a mão de Deus está operando, então nada é decepção, tudo é formação (risos).

E: Eu vou fazer uma pergunta bem óbvia pra encerrar a nossa conversa. Qual o seu principal sentimento em relação à Escola Graciosa?

R: Somente gratidão. Maravilhado, surpreso, a cada dia eu e Larice oramos em casa, em nosso culto doméstico, e agradecemos: “Senhor, nós ficamos surpresos com o que tem feito aqui”. Somente sentimento de gratidão, agradecer a Deus pelas pessoas que aqui trabalham, pelos alunos que aqui estudam, pelos familiares, pelo impacto da escola na comunidade. Somente agradecer a Deus, é surpreendente.

E: Então, muito obrigado.

ENTREVISTA COM KAYRA BOARETO FARAH

28 de Abril de 2015

Entrevistador: Eduard Henry Lui (E)

Entrevistada: Kayrah Farah (K)

E: Vamos começar então, só para fazer um teste primeiro.

K: Vamos.

E: Vou conversar com a Kayra, a Kayra foi aluna da Escola Graciosa entre os anos...

K: Eu acho que foi entre 88 a 97, 96. Porque como eu saí né, eu entrei no terceiro daí saí no quarto e voltei no quinto daí fiquei quinto, sexto, sétimo, oitavo até o terceiro do médio, até o final.

E: Vamos dar sequência então. Como você foi parar na Escola Graciosa?

K: Então, eu me mudei, meu pai comprou um terreno lá em Campina Grande do Sul, no Jardim Paulista, era bem perto da casa do seu Oswaldo, da Viviane, da Veridiane ali. Daí a escola particular mais próxima era em Quatro Barras, que era a Graciosa, era bem pequenininha né, quando eu entrei. Ela não tinha, quando eu entrei era até o terceiro, bem pequenininha, as salas eu lembro eram de madeira eram bem poucas salas as salas, não tinha quadra. A gente, quando a gente ia fazer alguma coisa a gente ia ou pra praça ou a gente ia pra outra escola, não tinha nem o SESI, que hoje tem o SESI lá, não tinha nada disso na época, e daí meu pai achou a escola e me colocou lá, ele gostou da escola tal, no quarto ano eu saí, voltei pro Senhora de Fátima, lá no Xaxim.

E: O Nossa Senhora de Fátima, provavelmente foi a tua primeira escola.

K: Minha primeira escola.

E: Ele era da rede particular também?

K: Também, também.

E: Ah, tá. E você falou assim: “ele [pai] procurou uma escola particular” por quê?

K: É porque ele não queria me colocar em uma escola estadual. Não, eu estudei acho que um mês em escola estadual, daí foi uma greve que entrou. Foi bem nessa época que eu voltei pro Xaxim, no quarto ano, que a minha prima estudava na escola estadual e eu queria estudar. Aí meu pai me colocou, aí entrou em greve aí eu voltei pro Nossa Senhora de Fátima. Daí fiz o quarto ano daí voltei no quinto pro Graciosa, aí fiz até o terceiro lá.

E: Ok. Então vamos conversando sobre algumas lembranças mais, daquele princípio de quando você chegou na escola. Você chegou na escola numa boa, gostou da escola de primeira ou demorou para se adaptar?

K: Não, eu me adapto muito bem. Eu lembro de um fato, agora você falando, eu lembro de um fato que teve um eclipse, acho que foi não sei se foi no terceiro, como teve esse quarto ano que eu não fiz, não sei se foi no terceiro ou quinto ano. Que a gente foi tudo lá pra fora ver. Nossa eu lembro isso perfeitamente. Não lembro quem era a minha professora na época. Se era a Alice; eu acho que era a Alice e o Marlus na época. E a gente foi com aqueles negócios de raio x pra ver o eclipse, era de manhã até, isso foi uma coisa bem marcante. Isso eu lembro que eu era pequenininha, bem essa coisa da areia ali, aquele parquinho bem antigo; as coisas de madeira...

E: Isso. Você consegue me descrever a escola que você encontrou quando você chegou?

K: Ela era de areia, a entrada dela eu lembro que ela era de areia, tinha tipo um cercadinho, como se fosse cerquinha, aquelas cerquinhas normais. As salas eram bem poucas tinha acho que duas quando você entrava do lado esquerdo e umas três do lado direito, era o que tinha, não tinha mais nada assim. Daí tinha um depósito bem pequeno onde deixava bola, essas coisas, e gira-gira, aqueles brinquedos clássicos, mas não tinha muita coisa não, com o decorrer a escola foi crescendo né; cada ano foi aumentando uma classe, até porque cada ano aumentava uma série, então aumentava uma classe, aumentava uma série, aumentava uma classe aumentava uma série, e assim foi indo até o terceiro ano. Aí no terceiro ano já tinha, aí eles já tinham feito o prédio de dois andares, aí já tinha no terceiro ano, aí tinha feito a quadra, agente já não precisava se locomover, pra outros, ou pra pracinha ou pro SESI, a não ser quando a gente tinha treino à tarde, que a gente ia pro SESI, mas se não era tudo feito na escola daí.

E: E você lembra, é, das aulas, quais as aulas te chamavam atenção, professores, e...

K: Eu adorava a Jussara, a Jussara era de Matemática, eu odiava Matemática mas gostava dela, gostava da Alice, muito da professora Alice. Das aulas assim eu lembro que, me chamavam muito a atenção o tempo todo (risos) era o que mais me chamava atenção... Muitas vezes ficava de castigo à tarde, tendo de reescrever, sabe aquela coisa, escreva cem mil vezes a mesma coisa... Era eu à tarde, cem mil vezes a mesma coisa. Às vezes eu nem tava no rolo, mas se eu tava perto já servia pra mim, entendeu, porque eu era tão bagunceira que, assim, gostava, Arte eu nunca gostei, olha só que interessante, odiava Arte, eu gostava de Português...

E: Quem dava Arte? Você lembra?

K: Não, não lembro, porque foi, era música, era música na época. Não lembro quem que dava.

E: Eu lembro que quando eu, eu entrei pra dar aula, quem dava aula de Arte era o Rodrigo que era um pintor, um rapaz alto. Mas acho que não era da tua época.

K: Não.

E: E música eu lembro que tinha lá a Soraya, que ela acho que era prima do Roberto.

K: Eu lembro dessa Soraya...

E: Gilberto, era um rapaz que também tocava piano, não sei se chegava a dar aula.

K: Não, da Soraya eu lembro assim o nome, só não lembro da fisionomia dela.

E: Quais eram as disciplinas que você mais gostava?

K: Português eu gostava.

E: Com a Larice?

K: Não, nem tanto Português em si, mais a literatura, a literatura, eu sempre gostei muito de literatura; História eu gostava, por mais que algumas coisa, História do Brasil eu não ia bem de jeito nenhum, nem que eu tentasse entender, hoje eu já entendo mais, claro, mas na época não, mas eu gostava bastante de Educação Física era... Melhor, não tinha, nossa, Educação Física pra mim era a melhor matéria, adorava todas as aulas, e na época tinha cinco aulas de Educação Física, hoje mal tem duas por semana.

E: E tem lugar que não tem nenhuma..

K: Pois é, então, na época então tinha cinco, então eu adorava Educação Física, adorava Educação Física.

E: Era o Marlus que dava...

K: Era o Marlus que, depois foi o Elton.

E: Ah, depois o Elton.

K: Depois, depois porque o Marlus um período saiu, teve um rolo lá na escola, tudo.

E: Depois a gente fala mais sobre isso...

K: Foi bem na minha época, esse rolo.

E: Então tá, me diz uma coisa, então a sua família, deixa eu voltar um pouquinho aqui pra você e pra tua família. Então você e sua família saíram daqui de Curitiba, do Xaxim, né, porque construíram lá em Campina Grande, é, teus pais começaram a trabalhar por lá?

K: Não eles eram aposentados.

E: Ah, aposentados.

K: Eles queriam mesmo sair, eles queriam uma coisa mais...

E: Retirada...

K: É, exatamente, eles queriam uma coisa mais retirada, então eles compraram o terreno, fizeram uma casa bem boa e a gente foi pra lá.

E: Ah, certo.

K: Pra mim foi um baque, pra mim e pra minha mãe, porque na verdade a gente não queria né. Mas meu pai já tinha comprado, já tinha feito, então a gente meio que se obrigou a ir.

E: Tá, e me diz uma coisa, é, em algum momento a questão da religião, ela foi um fator, da religião da escola, ela foi um fator que aproximou ou melhor, facilitou a tomada de decisão pela escola ou em além algum momento houve algum conflito em relação a isso?

K: Não, nem uma coisa nem outra, até porque meu pai, acho que meu pai nem sabia direito da religião assim, sabe? Aí no decorrer que eu tava estudando, eu participei algumas vezes, eu ia na escola dominical, fui algumas vezes na escola dominical. Aí, teve uma época que eu não ia, eu ia assim, esporadicamente, quando a minha amiga ia eu ia, quando minha amiga não ia eu não ia, sabe, aquela coisa de amigas.

E: Qual amiga?

K: Era a Thaís, que ela era da Igreja, ela até hoje ela é da Batista. Ela casou...

E: Você não lembra o sobrenome dela?

K: Mueller.

E: Thaís Mueller, não conheci...

K: Ela era minha melhor amiga na época assim, a gente tinha muita coisa em comum, ela morava bem distante também, longe da escola. Então quando ela ia, ou a Viviane, quando a Viviane ia também, ia, então quando algumas amigas minhas iam eu geralmente ia também, eu era meio Maria vai com as outras assim.

E: E esse fator da religião em algum momento influenciou de maneira positiva ou negativa ao longo do período que você estudou lá?

K: Não sei se chegou a influenciar assim porque, então como eu estava tão próxima da escola, sempre estive tão próxima, eu não vejo como tenha influenciado ou não porque eu ia e se eu não ia também, tipo, não tinha problema, nem pra escola nem pra mim. Até porque como eu tava direto, a gente tava direto juntos eu ficava passando mais tempo na escola do que em casa. Dia de semana eu passava o dia inteiro na escola, sábado eu ficava em Quatro Barras porque a gente ia jogar no SESI, domingo eu ia lá na escola ou a gente ia brincar com as amigas, que a maioria era de Quatro Barras, então a gente tinha essa proximidade muito grande, então eu não tenho, eu não vejo como fator que tenha influenciado ou não alguma coisa porque era tão natural na época que não consigo separar.

E: A tua família era Católica?

K: Católica.

E: Mas, é...

K: Não, nunca teve problema, eu fiz catequese tudo, mas nunca teve problema, nunca, nunca, meu pai, minha mãe nunca falaram: não, você não vai. Nunca, nunca me proibiram de nada, até porque não adiantava, né? (Risos) Então não adiantava muita coisa.

E: Então você entende que esse elemento, esse fator, da escola, dela ser confessional, isso pouco influenciou, isso nada influenciou na decisão de você ir para a escola...

K: Não.

E: E, ao longo do tempo, pouco influenciou nas ações, nas atitudes...

K: Sim, porque era tudo muito natural, não consigo ver o que possa ter influenciado, porque foi tudo muito natural o que aconteceu.

E: Mas você percebia a presença do discurso religioso?

K: Sim, sempre, a gente tinha aula de Religião, né, a gente tinha aula de Religião no templo.

E: Você lembra como que era?

K: A gente ia, a gente rezava, rezava não, a gente lia a Bíblia, a gente discutia, geralmente Evangelho né que a gente lia mais, daí cantava os hinos da Igreja, batia um papo, conversava um pouco sobre isso e era basicamente isso as aulas, e era no templo as aulas não era na sala, era geralmente na Igreja mesmo, não era fora da Igreja. Lembro até que, não sei se ela continua, ela era bem pequenininha, não sei se continua.

E: Não, não.

K: Ela tá grande agora? Eu lembro que ela era muito pequenininha.

E: O prédio não sei se eles construíram mais um ou dois andares e aí o segundo andar é todo praticamente o templo.

K: eu preciso ir lá qualquer dia.

E: vai lá visitar, o tio Roberto vai ficar bem feliz.

K: Nossa, nem lembro dele. Lembro, lembro dele com aquele olho azul desse tamanho olhando pra gente dava até medo.

E: Como que era essa questão da disciplina na escola?

K: Era bem rigorosa, comigo pelo menos, vivia de castigo, mas eles eram muito tranquilos, muitas vezes a gente tinha acesso a capri que era a casa deles ali né, na escola a quadra, a gente tinha acesso de ir na casa deles não sei se hoje eles tem essa possibilidade de os alunos têm o que a gente teve na época. Né, de poder ir na casa dos diretores, de poder frequentar a casa dos professores.

E: É difícil né.

K: É, a gente teve tudo isso, de poder conversar, eu lembro que o professor Marlus fazia café pra gente na casa dele com a Alice, que ainda na época ele morava com a Alice. Então tinha essa proximidade com o professor, hoje é mais difícil, a gente não vai levar aluno pra casa da gente.

E: Até pela quantidade, até porque se você faz isso, eu vejo pela minha experiência, se você dá algum tipo de, não diria nem liberdade, mas algum tipo de privilégio pra um você tem tantos outros que você teria que fazer o mesmo tratamento que fica difícil e como era uma turma só ou era uma de cada a princípio né, era mais fácil.

K: Era bem mais tranquilo, a proximidade, a gente conversava, a gente nunca desrespeitou assim o Roberto, eu nunca desrespeitei, mesmo tendo a liberdade que a gente tinha, a gente tinha uma outra visão do que era o professor, hoje eles não tem isso, se você dá uma liberdade, meus alunos às vezes não me chamam nem de professora, é Kayra né, eu falo, vocês pensam que eu tenho a idade de vocês. Porque eles tem essa proximidade, a gente dá essa proximidade tão grande pra eles que eles ultrapassam todos os limites né, e a gente não tinha naquela época. A gente não ultrapassava esses limites, nem com professor, nem com o diretor, nem com ninguém, até porque a gente tinha medo do pai e da mãe.

E: Exatamente.

K: A gente tinha medo do professor.

K: Eles confundem as coisas, ao mesmo tempo que você dá liberdade, você já tem que puxar as rédeas porque eles não sabem mais, a gente não tinha isso naquela época, por mais que eles dessem liberdade da gente até entrar na casa deles, a gente tinha um respeito muito grande. Primeiro a gente tinha medo do pai e da mãe né?

E: Claro.

K: Porque se desrespeitasse, você chegava em casa, já levava em casa mesmo, hoje não, hoje Deus o livre, teu filho desrespeita professor, a gente fala com o pai, os pais ainda acocam os filhos, acham que os filhos estão certos, então o que que a gente tá criando, que tipo de gente, a nossa geração é muito diferente, eu vejo que os nossos pensamentos são muito diferentes, a gente teve coisas que eles nunca vão ter, nunca.

E: Nós tivemos privilégios.

K: Que eles não vão ter, a gente teve brincadeiras, eu lembro que a gente brincava tanto, ia a pé, andava de bicicleta, corria, hoje em dia é vídeo game e televisão é só.

E: A gente leva um pouco isso também né, ontem a gente tava vendo um desses videozinhos saudosistas, na minha época, eu ficava até tarde na rua e blablablá, mas só que hoje nem tem como você fazer isso, o meu filho fica brincando aqui, a gente fica de olho, tem cerca elétrica, tem o portão até em cima, o cachorro e a gente fica preocupado. Só sai junto né, na idade dele, eu saía por aqui sozinho de bicicleta, ia na padaria.

K: Eu também, brincava, só lembrava de ir pra casa, anoiteceu, vou embora. Esses dias eu tava falando com a minha prima, a gente tava na praia, justamente isso, eu e ela, ela tem um filho de seis e o meu pequeno de quatro, nós duas assim, nem piscava, enquanto uma fazia alguma coisa, a outra ficava

olhando as crianças. A gente falou assim, mas quem disse que a nossa mãe ficava olhando, quando via a gente tava lá na outra praia, vinha andando procurando o pai e a mãe da gente se morria afogada ia saber três horas depois, imagina, ficava de bunda pra cima tomando sol e a gente assim, nem piscava com medo de que podia acontecer.

E: É que a gente ouviu também muitas histórias né, de que aconteceu isso, que perdeu e aquilo, então isso acaba influenciando também. Como que era a rotina tua, como aluna em relação à escola, você chegava cedo ou saía de casa e a condução ia te buscar?

K: A condução me pegava, daí se eu não me engano a aula começava as 8, não era assim igual hoje que começa às 7:15 né, a condução me pegava, eu ia pra escola, tinha as aulas, eram cinco, hoje tem seis né? Hoje são seis aulas e mesmo assim não dá conta do currículo. Daí tinha o intervalo que era uma briga danada, nunca vou esquecer, pra pegar aquele pastel, aquele rissoles de pizza, gente como aquilo era bom.

E: eu senti o gosto agora.

K: Era bom não era?

E: Era.

K: Eu nunca mais comi um igual, aí era uma guerra, professora deixa a gente sair cinco minutos mais cedo, daí aquela briga lá dentro da sala.

E: Você me fez lembrar do gosto do pastel agora.

K: Não era aquela coisa deliciosa? E daí a gente ia, ficava no intervalo, brigava com os menores que queriam ficar com a quadra, quando tinha quadra né, porque eu tenho mais recordações da época que já tinha quadra, quando eu era pequena, não sei se por causa dessa transição de eu ter saído e voltado, agora quando tinha a quadra foi muito marcante porque eu jogava muito, eu participava de tudo, eu sempre tava em todos os campeonatos, eu gostava, brigava com os pequenos pra sair da quadra pra tomar conta da quadra né. Aí ficava, daí voltava, aula, ia pra casa, igual eu disse o ônibus me deixava, terminava porque era caminho, o ônibus me deixava, fazia o retorno e passava na frente da minha casa, pegava o ônibus de volta, voltava pra escola.

E: Todo dia?

K: Todo dia. Quando eu não tava ajudando as tias, que eu adorava ajudar as tias do Infantil, então quando eu não ia entregar agenda, ajudar a fazer carinho, carimbinho, escrever na agenda eu tava treinando.

E: Então pense como hoje mudou isso, se isso acontecesse hoje, já não daria pra acontecer por conta de trabalho, iam dizer que você estava sendo explorada né, e pelo contrário, né?

K: Não, foi muito bom eu gostava bastante. E era um pacto que a escola tinha feito com meu pai, só que eu tinha que tirar notas boas.

E: Ah, então você meio que agia como uma monitora?

K: É, eu tinha que tirar notas boas pra ficar, mas foi pouco tempo assim, eu lembro, era umas salinhas lá embaixo, não sei se é assim ainda, tinha o corredorzinho que tinha o prédio de dois andares daí tinha uma escadinha, é assim ainda?

E: Ainda.

K: E daí lá embaixo tinha as salas do Infantil.

E: Agora, agora não sei também porque já mudou bastante, mas na época que eu dei aula lá, ali eles têm o laboratório.

E: Ok, então você falou a respeito de alguns fatos né, de algumas saídas da escola que bem ou mal isso acaba marcando muito.

K: Sim.

E: Você falou assim que principalmente no recreio né, nos intervalos a tua atividade preferida, era o esporte né, pelo que deu pra entender, a escola muito isso.

K: Sim, sempre.

E: Eu sei que havia os torneios entre as escolas da região também, você chegou a participar?

K: Todos, todos eu participava.

E: E como era essa relação dos alunos do Graciosa em relação aos outros colégios, havia uma rivalidade?

K: Muito, principalmente contra o Dom Orione né, sempre, acho que até hoje deve ter essa rivalidade lá. Tinha bastante rivalidade, mas assim a gente era muito criança, hoje a rivalidade seria diferente do que a gente tinha na época né, a gente tinha de músicas, até porque a gente tinha medo, a gente não brigava na rua, mas a gente tinha bastante rivalidade contra o Dom Orione, era bastante. Aí a gente muitas vezes treinava com os estaduais, que tinha o estadual, não lembro o nome do estadual que tinha ali perto.

E: Eu já vou lembrar, eu lembro, ou não (risos).

K: Tinha a pracinha e era nessa rua aqui, como era o nome daquele colégio? Que eram quatro colégios que participavam, sempre eram os quatro, era o Graciosa, o Dom Orione e dois estaduais. E no começo a gente sempre ficava em quarto lugar, até porque a gente era muito pequeno, porque quando começou os jogos interescolares lá de Quatro Barras, a gente não tinha até o terceiro, muitas vezes a gente era até a oitava, sétima série, então a gente jogava com os grandões, tipo o pessoal muito grande, e a gente era tudo pequenininho, então claro que a gente perdia, óbvio, mas a gente não baixava a bola, no decorrer que a gente foi crescendo e se aperfeiçoando, primeiro a gente só levou bomba né, claro, no primeiro a gente só levou bomba, mas no decorrer dos anos, a gente foi crescendo, a gente treinava muito, então muitas vezes nem tinha treino, a gente ia pra escola pra ficar jogando na quadra, a gente combinava, a gente tinha muito esse acesso, não sei se hoje tem na escola esse acesso de poder ficar a tarde inteira jogando, então a gente tinha esse acesso na escola.

E: até porque hoje tem as turmas da tarde né, que também usam, daí fica difícil.

K: A gente ia pro SESI, a gente ia até na escola estadual que essa escola que eu não sei o nome, não to conseguindo lembrar o nome.

E: Também não lembro.

K: Que a gente ia jogar lá a tarde, até pulava o portão pra ir lá jogar na escola, verdade, a gente fazia tudo isso. Então a gente começou a se aperfeiçoar, até que a gente começou a participar de outros, daí a gente foi participar do de Curitiba, contra as escolas de Curitiba, na época Positivo, Terceiro Milênio, Expoente, aí no Handebol, a gente participou do Internacional Cup que teve aqui, esse a gente participou também, mas isso faz, nem lembro que ano que foi, faz muito tempo, porque daí a gente teve uma evolução e a rivalidade sempre né, contra todos, o estadual nem tanto, mas contra o Dom Orione acho que era o maior. Eu não sei se tem ainda esses jogos lá?

E: Os jogos eu acredito que ainda existem, mas, assim, o que eu soube né, que dado a alguns problemas dessa rivalidade, a escola optou por ter jogos internos então surgiram o que eles chamaram de Gracimpíadas. Eram jogos internos, pelo menos até o período que eu estava lá e um pouquinho depois, mas, eles não participaram mais dos jogos interescolares municipais.

K: Que pena, porque era uma delícia.

E: É, mas as Gracimpíadas se tornou também algo icônico.

K: É?

E: Aham, daí sempre tem a apresentação das turmas, eles vão caracterizados de um país ou algo parecido, ficou uma estrutura bacana.

K: Eu lembro também dos desfiles de 7 de setembro que a gente tinha que desfilar.

E: É, isso ainda tem.

K: Ainda tem? Ah, a gente tinha que desfilar, eu não lembro que uma vez a gente foi, não sei se foi o caminhão que a gente foi de bombeiro, não sei, não, não foi caminhão de bombeiro, eu lembro que a gente foi numa coisa alta, agora não lembro o que que foi, ah meu Deus, ficava a manhã inteira lá desfilando. Isso eu lembro que eu tive que fazer também. Então isso eles ainda fazem?

E: Ainda fazem. É que agora se tornou acho que um pouco mais facultativo né?

K: Não, na minha época era obrigatório mesmo.

E: É, então pelo menos no período que eu tava lá não tinha muito essa coisa de que era obrigado a ir, mas daí acabou diminuindo bastante né, mas a cidade ainda mantém e a escola eu sei que participa com algumas turmas, principalmente os pequeninhos.

K: até porque eles nem sabem direito porque que estão indo né.

E: Mas e o que mais você lembra que te marcou?

K: Os jogos, esse episódio do meu amigo que morreu que a gente era bem amigos, vivia de castigo, isso me marcou muito.

E: E o castigo como você disse era escrever?

K: É, ou era escrever, ou era ficar estudando, muito que eu ficava né, até parece, mais fugia, eu era terrível mesmo, vivia na sala do Roberto, de novo Kayra você aqui, de novo tio. Engraçado, a gente não chamava eles de professores, era tio, tanto que quando eu ver eles eu não vou saber chamar ele de outro nome que não seja tio Roberto, porque sempre foi assim. Hoje se teu aluno te chama de tio, você fala, não sou irmã da tua mãe, pra me chamar de tia.

E: Eles ainda conservam isso, eu quando encontro alguns ex-alunos, eles resolvem me chamar de tio também.

K: Engraçado eu chamo, a Tia Larice, tudo era Tia, a Alice, até hoje, oi Tia Alice, tudo bem? Olha o meu tamanho gente, olha a minha idade, não tem mais idade pra chamar, afinal de contas hoje nós somos até colegas de profissão, mas Deus o livre, é o respeito que até hoje, que a gente da minha época, não sei se a Rosimeri não chama ele de tio Roberto até hoje.

E: Chama.

K: Chama né? Eu tenho certeza que ela chama até hoje ele de tio Roberto, porque foi uma coisa tão respeitosa que como se fosse da família mesmo né, hoje já tem essa coisa de, eu não sou tua tia, não sou irmã da sua mãe pra você me chamar de tia, a gente fala pros alunos né? Até porque não tem como a gente ter o que a gente tinha naquela época. Ai eu acho que foi a melhor época assim, eu sinto muito pelos meus filhos não ter tido o que eu tive, porque era uma outra vivência, as amizades pareciam que eram mais verdadeiras né, quando você tinha amigos você tinha amigos que iam na sua casa, que quando acontecia alguma coisa tavam com você, te apoiavam, tua mãe ia na casa das mães dos teus amigos e conheciam, hoje meu filho fala mãe eu vou na casa de quem, quem é, eu deixo meu mais velho ir na casa dos amigos até porque eu conheço os pais, porque são os pais dos meus alunos, por exemplo, aqui da panificadora do William, o William já foi na minha casa, mas eu conheço o pessoal da panificadora e o William é meu aluno, do Guilherme que tem um menino que mora ali na Santo André mesmo, conheço a mãe dele, mas ele é meu aluno, conhecer é conhecer assim né, ah meu filho ta como na escola, diferente de como meus pais conheciam, de ir, sentar, fazer aquele café maravilhoso da tarde com aqueles pães feito em casa, não tem isso, eu sinto muito por eles porque eles nunca vão ter e só tende a se perder mais e mais e mais né, infelizmente é assim.

E: Então se você tivesse a oportunidade hoje e morasse perto, os teus filhos você colocaria no Graciosa sem problema?

K: Pensei em colocar, o mais velho eu já tinha visto, quando eu morava no Santa Cândida que não era, era longe mas não era assim tão longe né, eu pensei, eu fui até pra ver ele pra colocar, mas daí ia ficar, o deslocamento é muito complicado né.

E: Eles passam muito tempo no ônibus dai né?

K: Muito tempo no ônibus.

E: Minha filha eu tirei lá do, ela tava lá no Bom Jesus internacional e eu tirei de lá por causa disso. Ela acordava as 6 da manhã e a aula lá começava às 9, mas ela tinha que acordar as 6 pra pegar o ônibus às 7 e passava das 7 às 8:40 no ônibus que até pegar todo mundo e ir pra lá e a volta também, acabava à quatro a aula, mas.

K: Ah é, tipo...

E: High school é, mas chegava em casa as 6, 6:30, daí não, não compensa, mas muita gente eu sei da época que eu tava lá no Graciosa, e até hoje, mesmo sendo aqui de Curitiba, eles colocam lá, e o transporte faz muita propaganda né, então muita gente acabou conhecendo o colégio pelo ônibus né, que passava pegar o vizinho, aí acabou.

K: É, eu se eu pudesse eu colocaria, pra mim como eu disse, pra mim é viável até porque eu trabalho, uma quadra e meia da minha casa.

E: E trabalha numa escola.

K: E trabalho numa escola né, meu filho mais novo, tranquilo, adora ali, nem sei se ele se adaptaria em outra escola, o mais velho tirei, ele estudava aqui, tirei ele daqui, coloquei no Natalia ficou dois anos no Natalia daí eu trouxe de volta. Ainda bem que eu trouxe esse ano que só tem greve né. Aí ele voltou porque no Natalia também não tava dando, reprovou também, tava se envolvendo, não tem como né, nunca tem lição, nunca tem nada, eu falei você estudando ali meu filho você não vai ter como fugir de mim. Então o crescimento dele foi maior, enfim, mas se eu pudesse quando eu morava no Santa Cândida, não era bem Santa Cândida era ali no Ahú, eu cheguei a ver, até na época eu encontrei o Junior na rua, falei Junior, eu estava até passando por alguns problemas, falei ai Junior, queria tanto conversar com vocês, sinto tanta falta, queria tanto falar com vocês, daí ele me deu o telefone e falou então venha, vá na Igreja, vamos conversar, acabei nem indo. Mas eu sempre tive assim, na verdade eu sempre vi a escola como um porto seguro pra mim, as pessoas, não a escola em si, mas o tio Roberto, o Junior, a Tia Larice, a Alice, todos eles eu via ali um porto seguro, o tio Roberto meu Deus do céu quantas vezes eu sentei, conversei, chorei pra ele, sabe? Então eu via isso muito neles.

E: É, eles transmitem muita confiança.

K: Exatamente, muita confiança, então sempre eu vi isso como um porto seguro pra mim, então eu adorava estudar na escola, adorava, tanto que no terceiro ano minha mãe faleceu, eu tava com dezesseis anos, aí no terceiro ano eu vim embora pro Xaxim, e meu pai, me revoltei com meu pai, eu tive uma briga séria com meu pai, ele arranhou outra mulher, minha mãe mal tinha esfriado, ele arranhou outra mulher, eu falei, vou embora. E simplesmente peguei minhas coisas e fui embora pra casa da minha tia, e era no Xaxim, isso no terceiro ano, eu fiz o terceiro ano inteiro lá, eu acordava às 5 da manhã ia todo dia pra escola porque eu não queria deixar a escola, todo dia, fiz todo meu terceiro ano assim. Meu pai falou porque você paga pra ficar sofrendo, eu não vou sair, to no último ano eu não vou sair da minha escola, eu vou continuar lá, eu acordava as 5 da manhã todo dia e ia de ônibus até a escola. Lá e voltava de ônibus, às vezes chegava as 2, 3 horas da tarde em casa. Fiz o terceiro ano todo assim, por causa da escola, por causa das pessoas, por causa dos amigos, não deixei, poderia porque eu morava, tinha uma escola Nossa Senhora de Fátima que eu estudei também era três quadras da minha casa.

E: Se tornou uma família.

K: Exatamente, por isso que eu perguntei se hoje eles tem essa coisa que eu tinha, de ir na casa, de tomar café, de final de semana convidar às vezes, ah vamos fazer isso, sabe, a gente tinha muito isso, bastante, era bem bom, era bem diferente do que é a escola hoje eu acho. Acho que foi diferente, além de na época ser uma escola pequena, porque não era uma escola grande, era uma turma de cada e cada ano a turma ia, na verdade cada ano existia uma turma nova, esse ano era até a sexta, ano que vem até sétima, até oitava, então, eu cresci com a escola né, eu a Meri, todo mundo cresceu, todo mundo da minha geração cresceu com a escola. Hoje não, hoje você entra numa escola pronta, uma escola que já tem tudo, não existe mais assim.

E: Ainda é uma turma de cada.

K: Ainda é uma turma de cada?

E: Ainda é uma turma de cada com raras exceções, às vezes abrem duas oitavas, que agora seria nonos anos, ou dois primeiros, na época que eu estive lá até aconteceu isso, o que seria o nono né, teve dois, dois primeiros anos, mas então isso manteve de ter uma turma de cada, a escola é ainda de um porte pequeno né, pro município não, pro município é uma escola grande fazendo as devidas comparações né, e terceiro ano é que esfria um pouco.

E: Kayra, você falou de muitas coisas boas, algumas tristes né que aconteceram, você lembra de algum aspecto negativo ou algo que você não gostava na escola?

K: Não.

E: Ah... Tal coisa, isso me incomoda?

K: Não, eu não gostava de algumas atitudes às vezes de colegas, mas isso é extremamente normal né, mas assim, não tinha nada da escola que eu não gostasse, não tinha nada assim, ai não gosto de ir pra escola porque, não, não tinha. É as coisas normais de todo mundo, tem uma richa com aluno ali, com amigo aqui só né, não tinha nada fora isso.

[...]

E: (Risos) é possível. Então, mas é, digamos assim, foi um fato, uma ... Uma mancha, não dá pra negar, mas não tira tudo de especial...

K: Não, até porque não foi a escola. Foi ele, não foi a escola em si. Foi o professor, né, a mesma coisa se eu faço alguma coisa na escola, a culpa não é da escola, a culpa é minha, né, não é? Foi a atitude dele, até porque ele se dizia tão... E eu era atentada na época, eu bebia, eu ia nas festinha, eu bebia, eu fumava, eu era atentada, e daí ele dava lição de moral direto em mim, na frente de todo mundo, entendeu? Que eu era quase o capeta em forma de gente, eu era, naquela época, verdade. Eu era vista assim, porque eu não tinha nada a esconder, ninguém pagava minhas contas, quem pagava minha escola era meu pai, eu fumava escondido, tudo bem (risos), mas e daí? Bebia escondido, mas e daí? E ele falava um monte, nossa, porque não sei o quê... Daí quando estourou isso... Que moral esse cara tem pra falar de mim? Eu pelo menos não sou casada, eu não... Eu bebo, eu fumo não tô prejudicando ninguém, só tô prejudicando a mim, né, ele fez, podia ter sido pior pra escola, poderia ter sido, mas graças a Deus não foi, porque a escola, tanto que eu, se eu pudesse, colocaria meu filho lá novamen... Colocaria meu filho lá, eu só não coloco por essa coisa, eu trabalho numa escola, porque eu moro do lado da escola que eu trabalho, a distância, senão com certeza eu colocaria, não tenho dúvida nenhuma.

E: Então tá certo. É, resumindo então, podemos afirmar que a escola teve uma importância na tua vida de uma maneira muito positiva?

K: Sim, sempre. Ela teve, ela foi muito marcante pra mim. Foram os melhores anos da minha vida foi na escola né...

E: E você acha que muito do que você teve lá, não estou falando em termos de disciplina, de tarefas, mas, moralmente falando...

K: Sim.

E: Você carregou isso.

K: Sim, sim, carrego até hoje, carrego até hoje, umas coisas eu carrego, aquela coisa de orar, aquela coisa de "em nome de Jesus, amém" até hoje eu utilizo a mesma forma, e eu não sou Evangélica, não sou Batista, eu sou Espírita, e frequento, adoro uma missa... Uma, uma, como é que fala... Uma novena. Mas eu não rezo na forma que eles rezam, até hoje: "em nome de Jesus, amém", até hoje eu faço dessa forma, isso, até hoje isso eu carrego...

E: Influenciou...

K: Influenciou né, nisso influenciou, claro né, a escola, tenho saudades, muitas saudades da escola, muita saudades dos colegas, dos amigos, tenho, claro, quem não tem saudades da escola? Então eu adorava estudar, foi muito positivo na minha vida...

E: Hã, hã, tanto que foram cerca de uns... Nove ou dez anos que você passou lá.

K: Sim, é uma vida né?

E: Uma vida, e não se esquece.

K: Não.

E: Mas então, muito obrigado Kayra.

K: Imagina, se precisar de alguma coisa, pode me chamar.

ENTREVISTA COM ROSIMERI SPERANSETA

20 de Maio de 2015

Entrevistador: Eduard Henry Lui (E)

Entrevistada: Rosimeri Speranseta (M)

E: Então nós vamos iniciar aqui a nossa entrevista com a Rosimeri Speranseta, mais conhecida como Meri por todo mundo aqui da escola e a Meri vai nos contar um pouquinho da sua experiência aqui no Colégio Graciosa, uma experiência dupla, como aluna que foi, e também agora como professora, como funcionária da escola. Tudo bem Rose?

M: Tudo certo.

E: Melhor Meri né.

M: Melhor Meri, ninguém me conhece por Rose.

E: Quando que começou a tua história com o Graciosa.

M: Quando eu tinha cinco anos, em 79, 84.

E: Em 84 você foi matriculada.

M: Fui matriculada no Jardim 2 na época, mas era só Jardim 3, não existia Jardim 2, mas equivalia ao Jardim 2.

E: Tá, não foi a primeira turma da escola né.

M: Não, a minha turma não.

E: A primeira turma foi em 80 acredito, 82.

M: 82, 83, a minha deve ter sido a segunda ou a terceira.

E: Segunda ou a terceira turma, então já deveria ter a segunda série aqui ou não

M: Não.

E: Só tinha turma de jardim.

M: Só tinha turma, e a minha a partir desse ano passou a ser sempre a primeira turma.

E: Ah! certo, então vocês se tornaram a primeira turma.

M: É, as anteriores eram multiseriadas até.

E: Ah, interessante.

M: Eram multiseriadas e a partir desse ano a minha sempre foi a primeira.

E: Partiu de quem a ideia de te matricular aqui, qual a relação dos teus pais com a escola ou com a Igreja?

M: Com a Igreja nenhum, porque os meus pais são católicos, com a escola, porque eles buscavam uma escola de qualidade na época e era a única na região, tinha uma outra, um outro Jardim de Infância mas não agradou aos olhos da minha mãe.

E: Você morava e mora onde?

M: No mesmo lugar, em Campina Grande.

E: No mesmo lugar, em Campina Grande que é uma cidade aqui próxima a Quatro Barras.

M: Isso, cinco quilômetros.

E: Cinco quilômetros, como que você vinha pra escola?

M: Tinha uma Kombi da escola.

E: Ah, certo.

M: A Kombi azul.

E: A Kombi azul que é antes do Número 1.

M: Antes do Número 1.

E: Quem que dirigia?

M: Pastor João.

E: O pastor João ia buscar os alunos então.

M: Ia buscar e trazia.

E: E você com cinco aninhos?

M: Cinco.

E: Cinco aninhos entrou aqui e o que você lembra dessa época, desses primeiros? É muito difícil você com cinco anos lembrar de alguma coisa né, mas das tuas lembranças mais remotas o que que você lembra?

M: Ah eu lembro do espaço, como que era a escola, não era um prédio do jeito que é hoje, eu lembro de como que a gente fazia a formação da fila.

E: Como que era, voce pode descrever isso?

M: Eu lembro que tinha areia no chão, e daí o pessoal gostava de ficar batendo o pé, isso é uma coisa que ficou né, bater o pé no chão só pra levantar aquele poeirão. E na época era tenis azul porque o nosso uniforme era azul.

E: Ah, como que era o uniforme?

M: Azul.

E: Azul, com a listra do lado?

M: Isso, com a listra branca aqui do lado, e o tênis tinha que ser azul. Não se achava tênis azul na época, então minha mãe comprava aquelas conguinhas e pintava com tinta de tecido.

E: Que legal, então você lembra isso da fila, das aulas, quem foi tua primeira professora, você lembra?

M: minha primeira professora? Professora Ana.

E: Ana.

M: Ana Bruck. Não, foi a Larice, depois foi a Ana, no Jardim de Infância, as duas séries Jardim 2, ou dizem que eu fiz duas vezes o Jardim 3 né, porque na época não chamava Jardim 2, então foi com a Larice e depois no ano seguinte foi a professora Ana.

E: A professora Ana ainda está aqui?

M: Eu sei que ela frequenta a Igreja.

E: Ela frequenta a Igreja, não é mais professora?

M: Uma senhorinha, aham.

E: Ah então tá, e o que mais você consegue lembrar daquela época?

M: Daí, depois em seguida teve um ônibus, só que não era da escola, ele era terceirizado, ele ia buscar a gente, minha mãe comprou uma mala grande assim dessas bem quadradas eu fui entrar no ônibus enrosquei a dita cuja e não ia, nem pra frente e nem pra trás, nossa, essas coisas como fica né? Não ia nem pra trás, pra que né, o ônibus inteiro, porque ele pegava todas as crianças da região e eu era uma das últimas nessa época a entrar no ônibus, então o ônibus tava cheio, aí, nunca mais usei aquela mala.

E: E, você estudava em qual período?

M: Manhã, sempre de manhã.

E: Não tinha turma a tarde?

M: Tinha à tarde, mas a vida inteira eu estudei de manhã.

E: Ah tá, então tinha a turminha da tarde?

M: Tinha.

E: E aí muitas amizades foram aparecendo né, e provavelmente através de você vieram outras pessoas.

M: Minha família toda veio pra cá.

E: Tua família é grande?

M: Bastante, bem grande.

E: Ocupa toda a Campina Grande.

M: Não só a Campina, tem as ramificações.

E: Ah tá, então muita gente veio através.

M: Veio através.

E: Você foi a primeira então da família?

M: Da família sim e porque do lado da minha mãe eu sou a mais velha. Do lado do meu pai eu sou meio a do meio assim, mas os mais novos depois vieram todos pra cá.

E: E como foi, você falou no começo que os teus pais são Católicos né, como que ficou essa questão com a religião, porque tem Ensino Bíblico, como que foi?

M: Isso nunca interferiu, até hoje algumas pessoas perguntam pra minha mãe como que ela agia na época né, porque tem muita gente que tem assim um medo né, aí vai influenciar, mas ela sempre falou que se fosse pra influenciar pro bem, ela nunca teria nada a se opor.

E: E nunca aconteceu nada que...

M: Não, que viesse assim a bater de frente com os princípios que eles têm, até hoje eles são Católicos, mas eles respeitam a minha decisão. Eu vou casar na Igreja Evangélica, então assim, nunca isso foi um empecilho pra eu estar aqui.

E: A tua ida, a tua decisão pra ir pra uma Igreja Evangélica veio muito em função da escola?

M: Sim, influenciou.

E: Hoje você frequenta qual Igreja?

M: Evangelho Quadrangular. Porque senão, eu acho que se eu não estivesse aqui pela minha família que são todos Católicos, eu não teria contato com outra Igreja, talvez um amigo ou outro que levasse e eu fosse conhecer, alguma coisa assim, mas se não fosse por esse motivo, eu acho que não.

E: Então você acha que isso nunca interferiu. Mas e em relação aos seus colegas, esse tempo todo, vivência como aluna, você acha que em algum momento isso acabou influenciando ou pro bem no sentido de, ah, legal vou participar agora dessa, desse grupo, como você mesma falou, ah, agora vou, hoje você está numa Igreja também Evangélica, não da mesma denominação, mas você tá numa mesma linha, digamos assim, influenciada por ela, você tem outras experiências?

M: Tenho uma prima minha, uma prima que veio, antes ela veio frequentar a Igreja aqui porque na época eu também vinha de vez em quando aqui, na época assim, tinha assim, uma idade mais avançada uns 13, 14 anos.

E: Nossa, quem ouviu você é uma senhora né? Meri, quantos anos você tem hoje?

M: 35, já tenho 35.

E: Uma criança ainda. Então você tá falando ali pelos 16 anos?

M: Não, antes ainda, uns 14 anos. Acampamento né Edu, acampamento fazia diferença na vida. Hoje em dia eu acho que acampamento não tem a mesma, não sei.

E: A mesma pegada assim.

M: É, e mesmo porque tá complicadinho fazer né?

E: Muitos medos né?

M: Muitos, então. E na época, essa minha prima foi junto pro acampamento, começou a frequentar aqui e daí ela se formou tal saiu e hoje ela também está na Igreja só que lá no litoral, porque ela mora lá.

E: Ah, interessante, como é o nome da sua prima?

M: Andressa.

E: Andressa, ela é de que época aqui mais ou menos? Mais ou menos a tua?

M: Não, ela é uns 3, 4 anos mais nova do que eu, se não foi mais até. Mas a gente andava muito junto, assim por causa da...

E: E ela frequentou aqui até o terceiro ano?

M: Eu não sei se ela chegou a se formar aqui no Ensino Médio, ela deve ter saído.

E: Se tem uma diferença de 3 anos mais ou menos, quase quando eu tava chegando.

M: É, Andressa Dubinski Sbrissia.

E: Não, não, eu lembraria.

M: Não deve ser nessa época que você tá chegando e eu tô...

E: Você saiu acho que há dois anos de eu chegar.

M: A minha turma é a de 98.

E: 98, eu entrei em 99.

M: Minha turma é a primeira que se formou no Ensino Médio.

E: Então vamos lá, já foram nossos três primeiros minutos, nós falamos da tua prima que te influenciou bastante essa questão da religião, e, em relação à cidade, é, Quatro Barras, você mora aqui muito próxima, uma cidade muito próxima daqui, e a gente vê que hoje a escola é uma referência bem importante aqui em relação à educação em relação ao ensino, tem os prós, tem os contras, tem pessoas que... Muito em função da própria religião ficam meio assim, em relação à escola. Você lembra de alguma coisa que vocês faziam que de alguma maneira, faziam enquanto escola, é, impactava na cidade? Esporte, ou sei lá, alguma ação de solidariedade, eventos, marchas, sei lá, existia alguma coisa assim?

M: Ah, a gente não era bem visto quando tinha alguma coisa não, tinha jogos, nossa, o Colégio Graciosa era muitas vezes deixado de lado, ignorado...

E: E por que isso? Qual era o fator?

M: Acho que era a questão da cultura daqui mesmo.

E: A cultura do colégio?

M: Não, cultura da cidade. Sabe cidade pequena?

E: Sim.

M: Todo mundo inventa coisa, fala coisa. Porque eu lembro que quando eu estudava aqui, surgiu a história de que o pastor João colocava pozinho nas cadeiras e nos bancos e daí transformava as pessoas.

E: Meu Deus, isso era um mito urbano... Mito da cidade.

M: Mito urbano... Da cidade, e isso quando eles vieram pra cá, e mesmo depois, quando a gente estava estudando, quantos anos depois isso ainda tinha. E tinha a Igreja Católica, criou-se o Dom Orione que era o... Rival, e que professava uma fé totalmente diferente né.

E: Então você acha que essa questão religiosa era o elemento principal dessa...

M: Ah era... "os crentinhos tão vindo jogar, crentinho joga?".

E: Humm, então tinha essa...

M: Tinha, tinha sim, e fora que era os filhinhos de papai, não sei o que, né...

E: Com isso tinha a questão econômica.

M: Econômica também.

E: Porque a escola ela era particular, ainda é, né, privada, e só as pessoas com... E você lembra se tinha algum projeto... porque no início a escola era gratuita, tinha essa intenção de realmente, de ajudar a comunidade, né, daí com o passar do tempo, e pela necessidade né e porque o próprio estado, o município não tinha como dar essa estrutura, ela passou a cobrar né, óbvio, normal isso, é, mas existiam pessoas de todas as faixas econômicas, provavelmente conviviam, como era isso na dinâmica do dia a dia?

M: Ah, pra mim era tranquilo, mesmo porque lá em casa a gente sempre conviveu com todos né. Os meus pais traziam os empregados para almoçarem dentro de casa e até hoje meu irmão traz sem problema nenhum. Às vezes vem filho, vem todo mundo lá, acaba todo mundo almoçando junto na mesma mesa. Tanto uma vez que um rapaz foi trabalhar lá em casa ele ficou surpreso com isso. Que em outras casa que ele trabalhava ele era colocado lá fora, então isso aqui na escola, nessa situação, pra mim nunca interferiu, não.

E: Então era uma coisa mais de fora pra dentro, como as pessoas imaginavam que era...

M: Como que era visto aqui dentro.

E: E havia essa discriminação.

M: Tinha essa discriminação.

E: Hã, hã, e você falou dos jogos, os jogos municipais.

M: Jogos municipais que na época tinha muito né...E no começo a gente só perdia né, porque a gente não tinha muito treinamento, o pessoal lá de fora treinavam mais, eles tinham mais tempo pra isso, e aqui não né, aqui era tempo da Educação Física, aquele tempo contado e pronto...

E: Hum hum, e quando isso começou a mudar? Ou nunca mudou, sempre foi o... O lanterninha?

M: Não, depois mudou, a gente foi até pra Paranavaí, os meninos foram jogar handebol na final do paranaense, do estadual, olha, exatamente quando mudou eu não vou saber dizer, mas eu lembro que eu estudava ainda e nessa época entrou meu primo aqui, e ele era um dos jogadores que foi pra fora, junto, então deve ter sido, meu terceiro ano do Ensino Médio, ele devia estar na oitava série, sétima série.

E: Quem era teu primo?

M: Adilson Baron. Acho que você deu aula pra ele...

E: Acredito que sim, interessante, então tinha esse lado dos jogos, essa rivalidade, é, você chegaram a promover algum tipo de ação na cidade, assim...

M: Olha, eu não lembro, acho que não.

E: Da escola, e nos, por exemplo, 7 de setembro, tinha desfile...

M: Ah, tinha, não, era novembro, aniversário da cidade, 9 de novembro, daí sempre tinha... Eu era porta bandeira.

E: Que chique.

M: Chique né, sainha branca pagueadinha...

E: E ainda tem?

M: A saia?

E: Não, o desfile (risos).

M: Pior que tem, por isso que eu perguntei, a minha mãe guardou.

E: Devia fotografar isso aí.

M: Ah, eu vou trazer pra você.

E: Então fotografe.

M: Você vai lá em casa, tomar café e comer pinhão na chapa...

E: E...a, mas não, digo o desfile, ainda tem?

M: Tem.

E: Eu lembro na época que eu tava aqui era mais para os pequenos e era meio facultativo...

M: Meio facultativo, daí tem uns dois anos que nos não participamos mais, por que... Dois anos atrás, então foi na, 3 anos... É, desde 2012.

E: 2012.

M: Teve um desfile e era perto, acho, que, ano de... Eleitoral, ano seguinte seria eleitoral, e teve desfile que era marcado pras 9h, era 11h30 da manhã nós ainda não tínhamos desfilado. Só que nós estávamos dentro da escola, tinha lanchinho pros alunos, coisa e tal. E quem tava ali fora, das outras escolas, carentes, que vinham lá de baixo, lá de Palmital, que tinham saído 5, 6 horas da manhã, ali, passando fome, debaixo de um sol ardente, ardendo assim na cabecinha deles, idosos também porque daí tinha o pessoal da maior idade, pra desfilarem, aqui, jogados no chão, porque a politicagem tinha que tá falando naquele momento, então a partir daquele ano daí foi mandado uma declaração pra prefeitura, que se no ano seguinte acontecesse a mesma coisa, então foram quatro anos, no terceiro ano que a gente não participou mais, a gente não participaria, no ano seguinte aconteceu a mesma coisa, e daí a partir daquele momento a escola não participou mais.

E: A partir de que ano mais ou menos?

M: Eu posso confirmar depois pra você mas eu acho que tem uns três anos que nós não participamos, então foi um ano pra aviso, né... E o outro ano aconteceu a mesma coisa, então aí...

E: E o outro... Aí pararam de participar... Então de uma certa maneira existe um embate político, né, de não concordar com algumas atitudes da administração, e...

M: Sim, hum hum.

E: E isso é perceptível em algum outro momento?

M: Não, não, foi nesse ano que... Foi nessa situação que, hoje a escola é convidada pela prefeitura para outras atividades, sobrinhos, filhos do prefeito estudaram e estudam aqui ainda, então não tem nenhum problema com relação a isso, eles não ficaram... Brabos, de mal com o Colégio por causa disso.

E: De mal...

M: Até porque eu acho que eles devem entender a situação, talvez também fuja do controle deles, né, esse cuidado de ter com as pessoas que estão para desfilarem, alguma coisa sim, né.

E: Hã hã, majoritariamente os alunos, os teus colegas da época, faziam parte então dessa, da pra gente dizer assim, dessa elite de Quatro Barras, de Campina Grande. Que são empresários, comerciantes, né, você acabou de citar, políticos, né, e a busca então, você atribui isso que a busca pelo Colégio Graciosa é pela qualidade que ele...

M: Que eu acho que na região, ainda é, onde se concentra a referência, por ser longe da cidade, trânsito, acho que facilita a vida das famílias né.

E: E você tinha muitos colegas, agora pensando lá atrás, lá quando você era aluna, não pensando você como hoje coordenadora, coordenadora né? Da Educação Infantil.

M: Fundamental 1.

E: Fundamental 1, tá, é... Pensando você aluna, as pessoas com quem você convivia, né, os teus colegas, eles eram da região, mas tinha muita gente de fora, e por que as pessoas vinham pra cá? Quem era de Curitiba, por exemplo, porque vir tão longe?

M: Não sei, talvez porque era conceito de escola boa, uma escola que tratava os princípios, tinha isso também, porque perdeu-se né ao longo dos anos, na minha época ainda tinha uma estrutura assim.

E: Então você acha que por essas características a escola acabava atraindo.

M: Atraindo, meus primos vieram estudar aqui por causa disso.

E: Da onde eles eram?

M: De Curitiba, o Adilson morava, mora no Boa Vista ainda, ele vinha pra cá. Ele não era fácil, então minha tia: “vai pro Graciosa”.

E: Então, é, uma coisa que é comum das outras conversas que a gente teve, é, com outros entrevistados é a questão da disciplina.

M: Da disciplina, há, ham.

E: Como que isso acontecia no dia a dia, como que você sentia essa disciplina?

M: Pra mim era tranquilo, meu irmão sofria bastante.

E: Ah, eu lembro... (risos), tá mas vamos traduzir em ações, como que a gente enxerga a disciplina? Como que era disciplinado um aluno? Você não porque você já era disciplinada, mas como que teu irmão, por exemplo era disciplinado?

M: O meu irmão sofria muito.

E: Quer dizer, ele sofria as consequências, né...

M: Sofria as consequências do que, né... Aí como que eu vou te dizer, por exemplo: não fazer uma tarefa de casa, depois tem que fazer em algum momento, com certeza teria de fazer numa hora que gostava mais, recreio Educação Física, alguma coisa assim, né? Pra ele era o fim do mundo.

E: Punições...

M: Punições, e mesmo assim continuava fazendo, não resolvia.

E: E alguma, aconteceu algum fato assim característico assim dessa cobrança, alguma que ficou meio notória na turma, alguém que teve de ficar depois do horário...

M: Não, acho que depois do horário não porque todo mundo dependia do transporte né, da condução. Então daí isso, não... ah, não, tem sim.

E: Sempre tem umas histórias...

M: Sempre, sempre, então eu tava na terceira série, era aluna da Alice, e cada vez por bimestre os alunos com notas azuis tinham passeio, no primeiro bimestre da terceira série eu não fui nesse passeio que era na Coca-cola e até hoje eu não fui na Coca-cola, isso traumatizou, e até hoje eu nunca fui na Coca-Cola, sou traumatizada por isso, porque eu tinha tirado 6,3 em Matemática, e naquela semana seriam vários passeios fora da escola e eu não fui porque eu tive de ficar fazendo a revisão na escola.

E: A média da escola era 6,5.

M: 6,5.

E: Enquanto a maioria dos colégios era 6,0.

M: 5,0 alguns ou 5,5 né, eu lembro, D. Branca onde meu primo estudava era 5,0; 5,5; por aí.

E: Porque eu lembro quando eu, lógico fazia muito tempo, era 6,0; mas quando eu vim dar aula aqui, o colégio que eu trabalhava antes era 6,0; era do Estado e aí eu entrei aqui eu lembro que era 6,5 média. Então também essa característica de ser considerada uma escola puxada, por isso...

M: Sim, por causa da média ser um pouquinho maior.

E: Interessante, então tinha então isso...

M: E daí eu não fui passear...

E: ... não ia passear ...

M: Fiquei estudando, terceira série.

E: Sob um certo ponto de vista, hoje, você acha, hoje como pedagoga...

M: Eu aprendi, porque naquela semana eu ia pra casa, a divisão era meu problema e tabuada, até hoje, assim... (risos) ninguém me ouça aqui, até hoje, mas a minha mãe todo dia chegava em casa e passava dez continhas naquela semana, dez continhas, e eu achei que ia parar naquela semana, as tais, né, já fiz né, fiz a revisão né, na escola também... Não, ela continuou, sempre 10, sempre 10; eu sei que depois nunca mais eu tive problemas, agora, pelo fato da gente não ta praticando mais, acaba né...

E: Normal. Não me peça pra fazer nada não.

M: Mas na época eu fiquei craque na divisão e na tabuada.

E: Então você acha que foi positivo, uma formação positiva.

M: Num ponto foi positivo, fiquei muito triste, eu chorei... Marcou, mas minha mãe não voltava atrás.

E: Então os seus pais sempre agiam em parceria com a escola.

M: Minha mãe, porque meu pai, o que minha mãe decidisse tava decidido (risos).

E: (Risos) a tá, normal...

M: Até hoje... E se eu brigasse no ônibus, ou se meu irmão brigasse, ou nós dois brigássemos, porque a gente, três anos de diferença né, a gente sempre tinha aquelas né... Encrenquinhas, ela falou que ela viria com a gente pra escola, dá o que, uns seis quilômetros da escola até minha casa? Por aí, né? Ela viria de mão dada comigo e com ele e daí o ônibus iria passar pela gente e a gente ia ter que dar tchau pro ônibus (Risos) que ela não admitia que brigássemos na escola, por qualquer motivo que fosse, ou que faltasse com respeito com professor, com motorista, com aluno, com ninguém.

E: Aí são os valores de casa que iam coincidiam com os valores da escola.

M: Coincidiam com a escola... A, e as reuniões eram à noite, as reuniões de pais eram à noite, a, era todo mundo na cama rapidinho, e televisão lá em casa, aparelho de som, nunca tinha a tomada original, porque se a gente tirasse nota baixa a minha mãe arrancava a tomada, só dali um tempo que daí ia colocar de novo.

E: E com os colegas, como que era a sociabilidade?

M: Ah, a gente vivia um na casa do outro. Sempre, trabalho então, qualquer motivo era pra tá na casa do outro. Minha mãe não deixava tanto eu ir, mas ela recebia todo mundo lá em casa, até no sábado eu fui numa formatura encontrei a Daniele, que era do meu tempo de ensino médio, e daí minha mãe ficou olhando assim pra ela. "Dona Raquel, a senhora não lembra, eu vivia na sua casa almoçando lá porque de tarde a gente voltava pra escola fazer trabalho...", então a gente sempre tava, minha casa sempre era cheia.

E: Isso, uma coisa que a Kayra me falou bastante.

M: A Kayra também ia sempre lá em casa.

E: É, ela falou bastante na entrevista dela, era isso, que ela ficava na escola o dia inteiro.

M: Hã, hã... A gente ficava o dia inteiro, daí que começou essa ideia de eu trabalhar, Edu. (é pra entrar nessa parte já ou não?) Foi assim, eu vivia aqui na escola, fazendo trabalho e tal, e daí o Roberto me chamou pra ser auxiliar numa turma com a Sirlei, daí eu cheguei em casa contando, feliz da vida, já vivia aqui na escola, meu pai falou não, onde já se viu? Eu tinha 15 anos. "Filha minha não vai trabalhar com essa idade, não precisa." Nossa, aquilo foi um balde de água fria, eu tava tão animada, gostava da ideia. Daí minha mãe falou "Ué, continue indo pra escola...". Eu acho que ela deu a entender assim "Seu pai vai achar que você tá lá na escola...", mas ela também não quis ir contra o que ele falava né... Daí nessa época eu tive que fazer minha carteira de trabalho, fui fazer e tal, quando eu fui fazer, quando cheguei em casa com a carteira de trabalho ele achou o máximo, daí mudou a visão dele, questão de semanas sabe. E daí de lá fiquei.

E: Isso foi em... Você tinha quinze anos?

M: Quinze anos, eu tava no primeiro ano.

E: Somando todo o tempo que você está aqui na escola, é, da quanto tempo? Quantos anos? De aluna à...

M: 30 anos.

E: Sim, né, se você entrou com cinco, você está com trinta anos de escola.

M: Trinta anos de colégio. Vi tudo desmontar, quebrarem parede pra construir coisa nova...

E: Caramba, é muito tempo... Viu passar só todo mundo.

M: Todo mundo. Teve um ano que eu saí, no meu primeiro ano de faculdade passei de manhã, me arrependi até o último ter feito vestibular de manhã, bom, também que foi no susto, eu não esperava passar porque assim, eu tinha terminado o terceiro ano e daí eu achava que tinha que fazer mais um ano de cursinho porque eu não me sentia preparada, eu achava que eu não ia dar conta de uma faculdade já. Só que daí a gente fez o vestibular, eu e a Aline, que estudava comigo aqui, pra, em janeiro na Tuiuti, só pra ver como que era, eu lembro que eu fiz Pedagogia primeira chamada, segunda chamada Direito e terceira Nutrição. Todo mundo na praia e eu tive que voltar embora, meu pai trouxe...

E: Pra começar... Pra fazer, era em janeiro.

M: Pra fazer o vestibular, era janeiro e era de sábado e domingo, daí eu fiquei na casa dessa Aline, dos pais dela, que daí eles levavam a gente pra prestar o vestibular que era no período da tarde, daí passou, fiz o vestibular, achei o máximo, dali uns dias saiu o resultado, mas eu não sabia de uma outra conhecida, viu que meu nome tava lá e avisou que eu tinha passado no vestibular em vigésimo primeiro, na época de 160 alunos que tinha. Eu achei o máximo né, então eu falei, ah, então vamos lá, só que era de manhã e eu tava trabalhando aqui, também nesse ano porque não dava certo, trajeto, horário, nesse ano eu saí da escola, 98... 99.

E: Você tinha recém-saído...

M: Do Ensino Médio, terceiro ano.

E: Você saiu em 98, terminou se formou, daí, 99 você saiu pra estudar, e voltou em 2000.

M: 2000, então fiquei um ano fora.

E: É verdade, quando eu cheguei você não tava aqui.

M: É, um ano fora eu fiquei, então, conta-se vinte e nove anos.

E: Hã, hã, mas é... Trinta. E, voltando a falar dos seus colegas, é, o que são deles hoje? Assim, você tem, dessa turma que você mais acompanhou, desde lá do começo, e de uma certa maneira te acompanharam aqui, até o final do período aqui, do terceiro ano, você sabe você tem notícias? Como que é? O que esse pessoal tá fazendo?

M: Hã hã, o Marcio, é artista plástico, inclusive faz quadros maravilhosos já expôs no Museu do Louvre e tudo mais, olhe lá tem coisa bonita, tem muitos produtos como estilo da pintura dele em produtos, é, guarda-sol, capinha de celular, em protetor de computador, bem bacana, tem lá no meu face, você da uma olhadinha, o Marcio Prosdócimo, quem mais, deixa eu ver. Ah, daí tem médico, tem dentista, tem de todas as áreas tem, todas as áreas, cada um foi pra um caminho, mas...

E: A maioria tem formação superior e...

M: Ah, eu acho que sim, deve ser um ou outro assim que não tenha, é, mas a maioria.

E: E se você pudesse resumir assim em palavras o que foi esses anos de estudo no Graciosa?

M: Ah, tudo de bom, eu não sei viver longe daqui, às vezes vem ideia assim, minhas tias, Meri, tem lugar pra você trabalhar em tal lugar, aí, daí eu penso, eu penso em várias coisas, primeiro o convívio aqui, porque assim, tem coisa que a gente não concorda? Tem, mas em qualquer lugar vai ter, eu penso isso. Aqui, eu tenho ainda uma estabilidade, não posso falar assim, não, eu tenho uma estabilidade; precisando tirar alguns dias eu consigo tirar de boa, sem complicações, eu sei que lá fora eu não vou ter isso.

E: Então você acha que profissionalmente...

M: Vale a pena... Tá valendo a pena pra mim, perto da minha casa, se eu tivesse que pegar esse trânsito todos os dias, eu tinha um negócio, porque cada vez que eu tenho que ir pra Curitiba é um drama, ainda bem que o Josué tá vindo morar pra cá, que até então a gente pensou em comprar ali região do Boa Vista, ainda bem que não deu certo porque era tudo pequeno, tudo muito caro, e a gente construiu algo maior e valeu a pena, sabe, então é assim, e acaba sendo uma família, né?

E: Ah não, trinta anos...

M: Trinta anos, não tem como não ser, eu tenho primos que eu não tenho mais contato...

E: E como que fica aquelas pessoas que saem, que vão... Mantém o contato?

M: Sim, não é a mesma coisa porque cada um...

E: Vamos pegar como exemplo a tia Alice, ela foi tua professora desde o começo, foi te acompanhando, vocês chegaram a ser colegas no trabalho, aí de repente ela foi embora, assim, como que fica?

M: A gente mantém ainda o contato, a gente sempre conversa ainda, não é sempre porque cada um tem um rumo, uma correria, uma situação diferente, mas assim, podendo, a gente tá vendo como é que tá lá, o que que tá acontecendo...

E: Então você resumiria que a, a escola, na tua vida, foi fundamental, foi e é ainda.

M: Foi e é ainda.

E: Sem ela a história seria outra.

M: Sim, o Josué às vezes fala, né, porque ele com essas histórias de corrida a gente tá viajando muito, quase duas ou três vezes por mês e acaba sendo cansativo né... Daí ele fala assim: "Ah, daqui a pouco você vai ter que reduzir isso.", não, "Você vai sair do colégio, que você não vai dar conta...", não, sair eu não saio, reduzir eu reduzo, a carga horária, mas sair não, desligamento total não tem como, e mesmo porque é só os finais de semana, e daí durante a semana? Tudo bem, tem a correria e tal de organizar e, né... Mas a gente acaba dando um jeitinho, né? Sempre.

E: Até porque você gosta.

M: É, você dá um jeitinho.

E: Tem a questão da rotina de trabalho, rotina das atividades, né... Você acha que a escola deu um bom suporte, você falou que você nem esperava passar no vestibular, a que você atribui isso, de você não estar preparada, de você ter feito...

M: Eu achava que eu era muito nova, eu saí com 17 anos, eu achava, nossa, uma faculdade, os universitários, eles, né, tem que ter uma cabeça diferente, como é que eu vou fazer pra ir lá sempre, né, já é trabalho pra apresentar, alguma coisa, eu não sei se eu estaria preparada.

E: Então num certo ponto, você acha, vamos colocar assim que, teu confinamento aqui...

M: Hã, hã, isso, eu não tinha outra, é, a vida inteira aqui, eu não tinha assim uma visão muito... O que que acontecia lá fora?

E: Você não acha, é, você não sentiu falta, em nenhum momento dessa vivência, ah, como é muito comum acontecer, chega lá no terceiro ano, os alunos saem, pra frequentar cursinho lá no...

M: Sim, com certeza, tanto que quando saíram os estágios eu poderia fazer aqui, eu optei por fazer fora.

E: Ah, você optou por fazer fora.

M: Daí eu fiz no Caique, porque assim, era totalmente diferente, é uma parceria do estado com o município, então era outra visão, daí quando foi o de orientação poderia ter sido feito em empresa, também poderia ter feito aqui, ou alguma coisa né que perto da minha casa, que seria mais fácil né, até a locomoção, daí eu fiz na Penha.

E: Pra buscar fora.

M: Outra visão.

E: E essa, e a partir dessa outra visão que você teve, quais as comparações que você faz, o que de bom e o que de ruim tinha pra você?

M: Eu acho que talvez de bom, eu seria menos retraída, menos, como é que eu vou dizer, eu saberia como enfrentar as coisas de cara, não ficaria por de trás sabe, na faculdade eu sempre tinha um grupo, né, eu sempre ficava oh, "Me peçam tudo, mas não me coloquem lá na frente...".

E: Hum, hum.

M: Então eu acho que isso poderia ter sido diferente.

E: Poderia ter sido diferente...

M: Me ajudaria bastante né.

E: Então você acha que essa vivência, nesse sentido fez você retrair um pouquinho, né, não totalmente porque você é professora, né.

M: Hã, hã, mas faz uma diferença, na época, quando eu entrei no primeiro ano de Pedagogia eu senti falta de não ter feito o Magistério, porque era só eu e mais duas da turma que não tinha Magistério, nós sofríamos muito porque Pedagogia é totalmente diferente.

E: Você fez o ensino médio normal aqui, né. Os três anos.

M: E a vivência que elas tinham de Magistério, era outra, outra, em Pedagogia.

E: Mas por outro lado, por outro lado, você tinha a vivência de sala de aula.

M: Da escola, da sala de aula, que muitas não tinham.

E: Que algumas, muitas vezes, não tinham... Tinham a teoria ali né.

M: Mas eu acho que o Magistério, se eu tivesse tido teria outra visão também.

E: Hã, hã, isso é verdade, por outro lado, assim, nessa vivência, vale tomar como parâmetro então essas experiências que você teve no Caique e lá na Penha, é, o que que você viu lá que você dizia assim, hãmm, no Graciosa é melhor. Daqui a pouco você me responde.

E: Então me diga, o que você acha que lá você não encontrou que aqui você tinha?

M: O atendimento aos alunos.

E: Atendimento aos alunos.

M: Eu achava uma judiaria, a maneira como os alunos eram tratados, eu não tinha isso aqui.

E: Em termos práticos, me diz, me dá um exemplo.

M: Ah, a criança tinha uma dúvida, ah você não entendeu problema seu, se vira, ou vai lá pro castigo, só que não era assim um castigo, que depois, era, olha você ficou sentado aqui perdeu tempo, não era explicado, simplesmente era lá.

E: Mas você não atribui isso, digamos assim ao serviço público e o fato de que aqui...

M: Eu acho que não Edu, porque tem escolas boas assim do setor público eu fiz depois num município né Caique era não sei como que é a parceria.

E: Misto né.

M: Mista, mas depois eu fiz a Educação Infantil e tinha professores lá que tinham um atendimento especial com os alunos, não é especial, é o tratamento diferente né.

E: Então você...

M: Até mesmo na hora de olhar um caderno, ah não, não vou olhar isso não, se você quiser você olha, eu como ouvinte né, na sala de aula, uma estagiária, então daí eu procurava né, então eles acabavam vindo falar mais comigo se sentiam a vontade, mas eu também tinha que cuidar senão a professora descontava neles, o fato de eu estar lá ajudando, sabe? Era complicado, foi bem triste na época.

E: Então você atribuiria isso, esse relacionamento com alunos que aqui seria muito superior a outro, a outra, a outros lugares, a outras realidades que você conheceu.

M: É, aos lugares, aham.

E: Teria mais algum aspecto?

M: Olha, não que eu lembre assim de momento, isso foi uma coisa que marcou, nunca vou tratar meu aluno desse jeito. Eles já são tão carentes né, às vezes carentes de família, carente de alimentação, carente de oportunidade, daí chega na escola, querendo assim um pouquinho de atenção, ser mal tratado, deixado de lado, desprezado, isso sabe, sente...

E: Ah, isso dói.

M: Dói.

E: Pro educador principalmente.

M: Sim.

E: Voltando a questão, ainda você Meri, aluna, me fala do teu relacionamento com os professores, como que era, o teu pode pensar no coletivo também já que a gente tocou nesse assunto de atenção.

M: Eu acho que eu era tranquila, sempre tive um respaldo.

E: Quais foram os professores que mais te marcaram?

M: Larice, Marlus, Roberto, Alice, acho que são esses quatro.

E: Deixa só eu dar nome aos bois, Larice de Língua Portuguesa.

M: Não, quarta série pra mim.

E: Ah, quarta série.

M: Eu não peguei Língua Portuguesa com ela. Então foi Educação Infantil e quarta série.

E: Roberto?

M: Roberto foi na Geografia.

E: Geografia e diretor da escola.

M: Diretor da escola.

E: Marlus?

M: Marlus Língua portuguesa e Educação Física.

E: Educação Física.

M: Mas eu não gostava da Educação Física.

E: Ah, você não gostava da Educação Física?

M: Eu era a ancora do time. Esses dias eu tava falando, ai Gracimpíada por mim nem precisava existir.

E: É mesmo?

M: E a Alice, a Alice era pau pra toda obra né? Ela deu aula na terceira série pra mim, depois no Fundamental ela deu aula de Biologia, só sei Biologia hoje por causa dela, no Ensino Médio biologia né? Mas daí no fundamental foi História e no Ensino Médio foi História. Inglês também no Fundamental, daí depois que veio o Hélio. Mas a Alice, o que ela pegava, ela sabia dar, ela tinha didática, não tinha formação pra Biologia.

E: Isso que eu ia te perguntar.

M: Não tinha formação.

E: Pra vocês não era um problema isso?

M: Não.

E: Vocês como aluno né, porque ela dava conta.

M: Ela dava conta e dava, sabe, muito bem.

E: Hoje a gente sabe que isso não seria possível.

M: Não, não seria.

E: Né, por todas as questões legais e tudo mais.

M: Sim.

E: Mas você acha que foi assim...

M: Ela dava conta, porque eu tive professor aqui, que tinha a formação, mas que deixou a desejar.

E: Faltava domínio de turma, faltava...

M: E mesmo de conteúdo.

E: Conteúdo também.

M: O meu Fundamental 2 em Língua Portuguesa foi bem caótico, daí no Ensino Médio, daí a gente voltou muita coisa assim.

E: Quais as disciplinas que você mais se destacava, que você mais gostava, não pense agora em professor, mas eu sei que isso tá vinculado.

M: Tá ligado é Português, História e Geografia. Sempre.

E: Desde a tua época de vivência como aluna aqui você tinha essa ideia, ah eu vou trabalhar com isso...

M: Tinha, exatas nunca.

E: Sem chances.

M: Sem chances.

E: Então a Matemática, Física.

M: Biologia eu até gostava porque acho que da maneira como ela era trabalhada, mas não que fosse a menina dos olhos.

E: Entendi. Daí entra o caso da simpatia pela professora.

M: Entra daí da empatia pela professora, da forma como ela dava a matéria.

E: E as disciplinas exatas pra você sem chances.

M: É, e depois eu tive OSPB, Filosofia, Psicologia e Sociologia, tive tudo isso, passei por tudo isso.

E: Ah, teve né, verdade, pega o finalzinho do período da ditadura.

M: Isso. 84, aham.

E: Se formando ali.

M: OSPB.

E: 85 ainda tem OSPB, se eu não me engano 85 e 86 e só depois que vem a reforma da Constituição e da lei que vai alterar as disciplinas e era esse núcleo de professores que dava também essas disciplinas?

M: OSPB foi o Marlus.

E: O Marlus.

M: Daí foi no Ensino Médio né, mudou-se a grade né, daí pra Ensino Médio tinha que ter Psicologia, Filosofia e Sociologia. Filosofia e Sociologia era o pastor Purim, agora Psicologia eu sei que ele começou mas ele não conseguiu, porque daí eram muitas aulas né, daí tinha o Ensino Médio, as outras turmas né, também, daí eu não lembro, de verdade.

E: Eu acho que saiu Psicologia.

M: Daí saiu né, eu acho que teve um ano só né.

E: Eu creio que sim.

M: Porque eu não lembro sabe como que foi, não marcou pra mim.

E: Eu acredito que algo assim, teve um ano ou dois no máximo.

M: No máximo.

E: Quando eu entrei já não tinha mais.

M: É. Então foi isso que aconteceu.

E: Bom, em conversa com sua outra colega, ela lembrou de um fato assim bem triste que aconteceu enquanto alunos né, que foi aquele menino que veio a falecer.

M: Ah, o Elizandro.

E: No passeio, isso.

M: Ele era de uma turma anterior a nossa.

E: Você estava nesse passeio?

M: Tava. Tava sim.

E: E como é que foi isso? Lógico que a gente faz ideia que deve ter sido uma experiência terrível pra quem estava.

M: Eu não lembro como que a gente veio parar aqui de volta, que a gente foi, tava todo mundo brincando, acho que devia ser depois do almoço que aconteceu isso dele mergulhar e não voltar e daí deram falta dele, daí todo mundo, que sabia nadar, tentava procurar, não achava, depois de um tempo acharam ele, tava preso, depois veio um laudo que tinha sido um problema cardíaco, por isso que daí ele tinha ficado e ficou preso nessa, com a correnteza que levou pra esse lugar. Eu lembro de nós saindo de lá, mas chegando aqui, porque é longe, em Quatro Barras, ou eu chegando na minha casa, eu não lembro, não lembro como foi, não sei que quem veio me buscar, não lembro Edu.

E: Isso apagou da tua memória.

M: Apagou. Eu não sei, como é que, eu lembro depois assim que o pessoal falava que foi difícil da gente sair de lá e sair com o corpo ainda né.

E: Pois é.

M: Daí nisso já tava o bombeiro esperando, pra trazer. Mas eu não lembro assim como que foi, eu sei que a gente ficou um tempão sem vir pra escola deve ter dado uma semana ou 10 dias.

E: Ah é?

M: Aham, daí foi suspensa as aulas. Ele era de uma turma anterior a minha, então eu devia tar na oitava série ele tava na sétima, por aí, eu não lembro também o ano, mas era uma turma anterior, toda a escola mudou de sala por causa dessa turma, que ele estudava ali embaixo.

E: Ah, então houve esse remanejamento?

M: Houve esse remanejamento.

E: Por conta das lembranças.

M: Das lembranças.

E: Interessante isso.

M: Agora assim, como que foi depois assim, porque os irmãos continuaram estudando aqui, sabe? Ele tinha mais dois irmãos.

E: A família não atribuiu culpa a escola ou a professores, né.

M: Não, não. Eu sei que eles terminaram aqui também, tinha mais dois irmãos, um irmão e uma irmã, mas assim como que foi assim pra chegar até aqui como que eu fui pra casa, eu só sei que eu fiquei um período em casa.

E: E isso era que época do ano? Primeiro semestre ou segundo semestre?

M: Não, era segundo semestre porque era feriado aqui em Quatro Barras então deve ter sido em novembro.

E: Nossa, finalzinho do ano.

M: Final do ano, foi, foi num feriado.

E: E isso ia acabar traumatizando de uma maneira né, coletiva.

M: Às vezes hoje quando passa no noticiário principalmente aos sábados naquele programa do Bem Paraná, É Paraná, alguma coisa assim, às vezes passa né.

E: A região...

M: A região ali, eu lembro da casinha que a gente passou, mas assim, a cachoeira e tal.

E: Então você nunca mais voltou lá.

M: Não, nunca mais eu fui lá, nunca mais.

E: E era um passeio ou tinha uma atividade.

M: Era um passeio, era um passeio, que a gente sempre fazia passeio.

E: Você falou que era feriado né?

M: Sempre... Feriado, ou sempre se reunia tinha a noite da pizza, daí a gente ia comer pizza com o pessoal, a escola sempre tava junto levando, passeando.

E: Hum hum, e das festas de final de ano? Como que eram? O que que você lembra?

M: Ai, pode falar mesmo? Da comida da tia Larice lá no clube (risos), porque eu metida como sempre né, eu já ia ajudar né, arrumar o salão, um clube né, que tinha ali em baixo.

E: Não tem mais esse clube?

M: Pelo que eu soube tá abandonado, um dó, que era grande e bonito né. Então eu vinha pra ajudar, eu e as outras meninas dessa turma. Tinham uns meninos que vinham também e tal. Então no final da tarde tinha o lanche, que era o bolo maravilhoso da tia Larice, a torta de frango e o bolo de coco da tia Alice, então era só pra isso que a gente vinha (risos).

E: E aí vocês ajudavam também em relação aos pequenos.

M: Não, não, só na decoração, porque a gente participava né, então sempre a gente tava envolvido em um teatro,

E: Entendi.

M: De participação de final de ano.

E: Das atividades mais marcantes da escola, pelo que você ta me falando eram, os jogos, que depois se tornaram a Gracimpíada, né que eram internos.

M: Não era nem o jogo em si, era a convivência, que na hora do almoço a gente ia pro Marinho, pro Marquinho, que antes, agora é em outro lugar, né, a gente pegava uma sala lá só pro pessoal da escola, pra ficar comendo, dando risada essas coisas, então era a convivência, porque eu mesma, o pessoal mesmo até podia jogar, mas eu.

E: Ficava longe da história...

M: Eu era reserva da reserva.

E: Bom, mas tinham os jogos, né?

M: Os acampamentos.

E: O que chamava atenção nesses acampamentos, o que que tinha nesses acampamentos?

M: Ah, tudo que sempre tem em acampamento, gincana, dormir tarde, bagunça, os meninos indo cantar para as meninas, serenata, ah, ter que limpar depois a cozinha, que cada dia tinha uma escala, quem não tinha se dado bem durante o dia nas gincanas ficava com a cozinha à noite, essas coisas assim,

E: Que mais... Marcou da época de você como aluna, que depois você começou a trabalhar na escola, e aí é diferente...

M: É, outra visão, né, daí o cuidado é diferente.

E: Claro, bem lembrado, os acampamentos, é, havia a questão do ensino religioso, sempre teve em todas as, você não mencionou ele como disciplina que chamavam atenção.

M: Porque eu acho que tava pra mim assim, tão normal na minha vida, que não era assim algo que, é, assim, que eu tivesse, é...

E: Você consegue descrever como que era o cotidiano de uma aula, de um dia de aula? Pense, sei lá, no primeiro ano do ensino médio, ou oitava série... Vocês chegavam na escola, e o que acontecia?

M: Tinha devocional...

E: O que que é a devocional?

M: Na época a gente não tinha o livrinho ainda...

E: Que livrinho?

M: O livrinho de devocional, com vários versículos e pensamentos, histórias, sobre o tema do dia, daí cada professor fazia mesmo sem isso, depois de um tempo a gente passou a ter o Mensageiro, na época né, e agora já não é mais.

E: E, o professor da primeira aula fazia, depois fazia oração.

M: Isso, na intenção de pedidos... Se alongava na primeira aula, sempre o professor da primeira aula, daí depois, nas aulas seguintes tinha sempre a oração, não tinha a necessidade de fazer a devocional, mas sempre surgia um pedido de oração que causava alguma fala, uma conversas, porque eu via que a gente tinha necessidade de conversar, porque muitas coisas a gente não conversava em casa, era uma outra época, outros tempos né, outra época. Então ali, nessa hora acabava se conversando, se envolvendo...

E: Mas havia resistência, não havia? Relação assim, resistência que eu digo, não, há o cara rebelde vai jogar um coquetel molotov por causa disso, mas assim, aquele que não levava a sério, aquele que é, ironizava...

M: Sim... A minha melhor turma, que não tinha assim, eu não lembro de alguma situação complicada era a oitava série.

E: Essa foi a melhor...

M: A turma amiga, integrada, que não tinha problema, não tinha disputa, sabe, encrenca...

E: As demais havia sempre alguma espécie de resistência.

M: Sempre tinha, sempre tinha, Ensino Médio então, não lembro muito do meu Ensino Médio.

E: É mesmo? Interessante, bem interessante isso.

M: Lembro de quem sempre eram as encrenca da turma.

E: E as encrencas eram geralmente por quê?

M: Ah, porque nunca concordavam com a aula, ou com a matéria que tava sendo dada, sabe, era assim, ou até concordava, mas pra chamar a atenção queria dar uma cutucadinha pra ver explodir a... A discussão.

E: É, isso é perceptível, porque hoje, ao entrar na própria comunidade do colégio [no facebook] e que tem alunos antigos, a gente vê que essa discussão ainda tá presente e, inclusive isso foi um dos fatores que me despertou o interesse pra fazer essa pesquisa, né, e era os pontos de discordância, que existe um discurso...

M: E às vezes nem tinha motivo, uma situação, mas era assim, qualquer coisinha tinha uma encrenca lá na sala que ela... Que acho que nasceu pra isso, aquela pessoa nasceu pra aquilo.

E: (Risos) pra fazer a discórdia...

M: Pra fazer a discórdia e mesmo entre os alunos, porque na oitava série alguns saíram, foram embora, mas ficou ainda um grupinho, e aquele grupinho era muito unido, porque já vinha né, de anos, e entrou esse ser, e esse ser veio assim pra tentar afastar um do outro, pra criar...

E: Você então tá falando de uma pessoa específica.

M: Específica agora.

E: Não precisamos falar de nomes, mas então você identifica...

M: Até hoje, no sábado lá que eu encontrei essa minha amiga, ela, "E daí? Fulana de tal como é que tá?"... "Ah, nunca mais vi."... "Ah, ainda bem".

E: Era alguém aqui da região.

M: Era da região, só que não estudou a vida inteira com a gente, inclusive, essa que eu encontrei no sábado ela também não estudou a vida inteira aqui, ela estudou só no Ensino Médio, ela entrou na mesma época que esse ser, vamos dizer assim, então pra ver o quanto, que não era, porque era um

grupo fechado, era alguém de fora vindo, uma outra pessoa também vindo e senti que ali esse ser, era o foco da discórdia da turma.

E: E a, essa discórdia geralmente ela tava pautada nas questões morais da escola?

M: Não, às vezes era de conteúdo, matéria...

E: Devia ter dado Primeira Guerra antes da Segunda, daí acabou o mundo...

M: É, umas coisas sem sentido, sem motivo.

E: Me conta rapidamente a tua atuação como profissional aqui na escola: o que você fazia, o que você fez e o que você faz atualmente?

M: Eu comecei como professora auxiliar do Pré-2...

E: Hoje seria equivalente a...

M: Pré-2 mesmo, ... Cinco anos, daí eu fui promovida, fui pro Pré-3, junto com a Tati (professora), auxiliar também, depois...

E: Vocês eram muito amigas?

M: Muito... Questão até de família, meu pai serviu o exército com o pai dela, então a gente já se conhecia desde lá de trás.

E: Ah, legal... A Tati é daqui também?

M: É, de Campina [Grande do Sul], mesmo município. Daí, acho que eu devo ter ficado o quê, uns três anos como auxiliar, eu não queria assumir turma, nunca, final de ano era uma dor de barriga, porque eu não queria ano seguinte, porque tava tão bom. Eu já tava né...

E: Você já tava na faculdade?

M: Primeiro ano de faculdade, primeiro, segundo, então eu devia ter ficado uns três anos. Então daí a Tati engravidou, só que foi gravidez de risco e eu tive de pegar no susto, nessa época eu só trabalha no período da tarde, acabei dobrando o período, peguei as duas turmas de Jardim 3 e daí lá eu fiquei. Fiquei, uns dois anos? Três? Daí no ano seguinte fui promovida renovo pra primeira série, daí casei com essa turma, que hoje é o segundo ano.

E: Que vai se formar ano que vem...

M: Não, eles se formam no primeiro, então, antigo Jardim 3, que não tem mais Jardim 3 agora, casei com o segundo ano que é a nossa primeira série, quando estudávamos, fiquei onze anos. Desses onze anos de primeira série Vaneli precisou de ajuda pra coordenação, então além das minhas aulas da primeira série eu ficava na coordenação, só que eu auxiliava ela, ajudava, nada assim muito, específico que eu tinha que resolver, fazer, tava lá assim, daí ela não deu mais conta, passou pra mim o Fundamental 1, de primeiro ao quinto ano, daí, cá estou. Nesse tempo, a Ana (professora) saiu e eu fiquei com educação infantil, depois de um tempinho, agora não vou lembrar quantidade de anos, assim, saiu a professora de Redação e Literatura que não deu certo, foi em abril de... Acho que é o terceiro ano que eu...

E: Redação e Literatura do Fundamental 2?

M: Redação e Literatura do Fundamental 2, a Áurea (professora) não podia assumir as turmas, Gilmara (professora) também não, por causa da carga horária delas em outros colégios, daí a Vaneli falou assim: "Oh Meri, porque você não pega Redação e Literatura, é finalzinho de abril até julho, só até a gente ver o que que faz né, vai atrás de professor e tal...". Tá bom, a Áurea me auxiliando, que tinha as mesmas turmas de manhã, então ela me passava o conteúdo da tarde, eu estudava, fazia, e to até hoje... Não largo as turmas de Literatura e Redação...

E: Gostou?

M: Gostei, pra quem não gostava de ler Edu (risos), assim, não é que eu não gostava, eu não... Os livros de literatura não me chamavam atenção como outros que a gente lê, que, de escola é diferente né, e nossa, se hoje, que nem eu falei né, eu reduzo minha carga horária, eu deixo a coordenação mas não deixo Redação e Literatura.

E: É mesmo? Ah, interessante...

M: Daí eu fui fazer uma metodologia um curso porque... Não existe, é, algum curso específico para Redação e Literatura, você tem de fazer Letras, né.

E: Sim.

M: E Letras Português e Inglês, alguma coisa assim, só que daí eu não fiz nenhuma graduação em cima disso aí ainda. Só ano que vem que eu penso

E: Você pensa em fazer.

M: Eu quero... Quero fazer...

E: Faça mesmo.

M: Quero fazer, só que voltando, voltado para Redação e Literatura.

E: Não existem cursos específicos? Pós-graduação...

M: Eu fiz uma Metodologia, não, não tem Edu, tem Metodologia da Língua Portuguesa, daí, você vai estudar a língua...

E: A língua...

M: Não específico pra Redação e Literatura...

E: Daí acaba caindo gramática...

M: É, mas não pra Redação e Literatura...

E: Então... Pelo que você está falando você passou por tudo, todas fases e áreas...

M: Tudo... Fases, etapas.

E: Você trabalhou como professora, auxiliar, dos diferentes segmentos, Educação Infantil, Fundamental 1, Fundamental 2, Médio entrou?

M: Só quando precisa, mas não, é o meu...

E: E a própria coordenação da escola, então você tem uma visão bastante ampla de escola, especificamente pensando a questão do Graciosa, né, agora, é, que diferencial você acha que tem o Graciosa em relação a qualquer outro colégio?

M: (segundos pensando)

E: Ou não tem nenhum?

M: Não, tem, acho que tem, tem, assim Edu. Eu tenho alguns membros da minha família que eles são também da área de educação, e às vezes elas vem com umas conversas assim do que elas passam no trabalho delas que eu não passo aqui.

E: Entendi.

M: De um querer, por exemplo, puxar o tapete do outro, um querer prejudicar o outro por causa "daquele cargo". E colégio conceituado, que eu considero conceituado aqui em Curitiba e região. Então isso eu não sinto aqui, então acho que isso...

E: Até porque aqui você teve muitas oportunidades.

M: Sim, e mesmo os outros...

E: Outras pessoas...

M: As outras pessoas eu não sinto isso.

E: E, então você como profissional falando, você acha que essa questão de tratamento igualitário... E é interessante o teu caso, que você, não é, não veio... De uma família...

M: Evangélica.

E: Batista, e também não é Leta, né, isso...

M: Não, bem... Uma mistura de italiano com bugre do meu pai, com polonês da minha mãe, que deu uma salada assim, que não é o sangue azul, nem a nata (risos).

E: Mas legal, você teve oportunidades. Está tendo ainda, porque o discurso poderia estar sendo diferente, porque: ah, eu não faço parte, de um determinado segmento... Não tenho determinadas características, não vou crescer... Não pelo contrário, você teve oportunidades, legal. É... Alguma coisa, pra gente caminhar pro fim, é, alguma coisa te decepcionou, que você gostaria de falar, que você lembra, não precisa ser necessariamente com a escola, mas é, alguma coisa no sentido assim, lógico, relacionando com a escola, pode ser de fora pra dentro, não necessariamente de dentro pra fora, vou te dar um exemplo, queria que a cidade reconhecesse mais o trabalho que é feito aqui, sabe, alguma coisa assim...

M: Sim. Edu, eu sou tão de bem com a vida, com tudo com, sabe, então se aconteceu alguma coisa pode ter chateado no momento mas assim, não que tenha marcado, nada.

E: Hum hum, hoje, você como coordenadora também, é... Vocês tem algum projeto social, algum projeto que, de impacto na sociedade, uma pretensão relação a isso?

M: Não que eu saiba, não acho que tenha alguma pretensão pela frente.

E: Então a gente pode afirmar que a escola, ela está voltada para a sua comunidade.

M: Nada pra fora, não.

E: Não há grandes pretensões fora, a não ser essa prestação de serviço, que está com a porta aberta pra quem quiser entrar.

M: Que é o normal, né.

E: Essa abertura ali... Então tá, o que mais você queria falar, o que mais você gosta da escola? Você já falou isso picadinho em várias outras falas tuas, mas resumindo, o que é o Colégio Graciosa pra você?

M: Ah, é amizade, é ambiente escolar, é minha vida hoje, né.

E: Sustento...

M: Meu sustento, chega, eu não pensei que ia ser assim, aqui eu conheci muita gente, mantive o contato com muita gente, mesmo depois que saíram daqui, a gente tem contato, ah, não sei.

E: Deixa eu te fazer uma pergunta. Você vai casar, daqui pouquinho e, vai ter filhos, não sei, pretende? (afirmação com a cabeça) com certeza colocaria eles pra estudar aqui? Sem sombra de dúvida?

M: Hum hum, o meu irmão brinca às vezes né, que ele casou antes que eu, só que não tem nada ainda (risos) sete anos já, casado, e ele fala: "Olha, eu sofri lá, mas o meu filho vai pra lá, que lá que ele vai precisar" que a família da minha cunha da é... Pedrinha no mundo.

E: Legal, bacana... Mas então ta bom, muito obrigado Meri.

M: Espero tê-lo ajudado.

E: Ajudou, e bastante.

ENTREVISTA COM ELISEU FERREIRA DE LIMA

09 de Setembro de 2015

Entrevistador: Eduard Henry Lui (E)

Entrevistado: Eliseu Ferreira de Lima (L)

E: Então, hoje é dia 9 de setembro de 2015 e eu vou conversar com Eliseu Ferreira, é isso Eliseu?

L: Isso.

E: Então, como nós tínhamos conversado, a gente vai falar um pouquinho a respeito das tuas memórias, a respeito daquilo que você vivenciou aqui no Colégio Graciosa tá? Me diz uma coisa, de que ano até que ano você estudou aqui? Vamos pensar no Eliseu aluno agora.

L: Puxa, essa data que eu não vou lembrar direitinho. Era isso que eu queria conversar com o Roberto pra...

E: Pra lembrar...

L: Eu não lembro mesmo... Eu sei que eu fiz parte da primeira turma da escola.

E: Da primeira turma, exatamente.

L: Primeira turma do colégio, eu e a minha irmã fomos os primeiros aí a estudar aqui na escola. Até então na época nem era cobrada mensalidade ainda, essa era a ideia do pastor João inicialmente, era de se fundar uma escola e até então para pessoas carentes era de não usar o recurso de pagar mensalidade. E como meus pais faziam parte da Igreja, então também, mesmo que houvesse cobrança de mensalidade, no caso, seria como hoje, nós não iríamos pagar mensalidade...

E: É como uma bolsa...

L: É, seria como uma bolsa...

E: Ah, então, isso é importante, então os teus pais já faziam parte da igreja...

L: Sim, já faziam parte...

E: Os teus pais, só pra eu entender, eles sempre foram Evangélicos ou eles se converteram na época que o pastor João veio pra cá?

L: Não, na época que o pastor João veio pra cá.

E: Ah, eles eram católicos e... Se converteram.

L: Católicos totalmente, com o trabalho de Evangelização do pastor João eles vieram aceitar a Cristo daí.

E: Como que era nome do seu pai e sua mãe?

L: Braulio Ferreira de Lima e minha mãe Donancia Martins de Lima.

E: Ah sim, tá certo. Então eles já eram membros da Igreja e por consequência os filhos já participavam das atividades. Você lembra quem foi a tua primeira professora?

L: Primeira professora foi a Sueli.

E: Ah, professora Sueli, tá certo. E, mas você, eu sei que você não lembra totalmente, mas você consegue lembrar assim mais ou menos, mais um ano ou mais dois anos você ficou estudando, e daí, onde que você continuou seus estudos?

L: Eu acredito que estudei por três anos aqui na escola...

E: Mais ou menos três anos...

L: Mais ou menos três anos...

E: O primeiro era Pré né?

L: Pré, eu acho que foi na verdade os três prés, né.

E: Os três prés, ou Jardim 1, 2 e 3...

L: Ah, Jardim na verdade Jardim 1, 2 e 3.

E: E aí você saiu da escola porque não tinha mais ou porque...

L: Na verdade não tinha mais mesmo, a escola tinha essas três turmas e continuava essas, repunha as mesmas turmas. E daí eu fui pra um colégio público no caso.

E: Daí você foi continuar teus estudos na escola, aqui. Perfeito. Me diz uma coisa, vamos pensar nessa primeira turma, nossa, você tinha o que, seis anos...

L: Por aí, cinco pra seis, começava um pouquinho antes antigamente.

E: É começava um pouquinho antes. A turma ela não era todo mundo na mesma idade...

L: Não, ela variava bastante. Tinha gente que tinha cinco, seis, sete anos, porque não se levava muito a sério a idade naquela época.

E: É, não tinha esse compromisso legal. E, o que que você lembra daquela primeira turma? Você chegou, você nunca tinha ido pra uma escola, você tinha cinco pra seis anos, né... O que que você lembra? Como era o espaço em que você foi estudar.

L: O espaço em termos de área construída era muito pequeno antigamente, tinha só o templo, e um espaço bem reduzido, acredito que na época talvez umas duas ou três salas de aula, talvez. E ali se fazia tudo, tudo era ali. Mas lembrando de algum diferencial, é de que o colégio desde que iniciou aqui, nas

primeiras turmas, o grande diferencial sempre foi, é, o ensino bíblico no caso, sempre foi essa. Essa é a memória que mais me marca lá do começo e quando alguém vem me perguntar como era o estudo, a primeira coisa que eu lembro eram das aulas bíblicas. Era das primeiras... Da iniciação à Bíblia no caso, eu aprendi muito...

E: Quem dava essa aula era alguém específica ou era professora mesma?

L: Era a própria professora mesmo, e de vez em quando o pastor João também, ele cuidava muito dessa parte, mesmo com as professoras que trabalhavam na época, a preocupação dele era saber se as professoras estavam ensinando a Bíblia adequadamente. Então, volta e meia ele também dava algumas aulas e...

E: Tava ali supervisionando e dando aula eventualmente quando fosse preciso. Você pode afirmar que a tua conversão, digamos assim, foi na escola, ou foi na Igreja, foi, em casa.

L: É, a primeira, digamos assim, ensinamento bíblico vieram com meus pais, a princípio, em casa. Mas, já conhecendo a escola aqui o ensino da Bíblia aqui pela professora; na verdade eu vim a me converter com um ensino aqui do pastor João mesmo, uma pregação dele. Mas, eu já conhecia a palavra de Deus através da escola.

E: Mas foi fundamental a escola, mais a Igreja, em casa...

L: Mais a escola, digamos assim, mais a escola, em casa alguma coisa, mas firmava mesmo na escola, aí depois a conversão mesmo veio a ser na Igreja mesmo.

E: E, você falou né que você estudou uns três, dois ou três anos né e depois continuou seus estudos na rede pública, e quando que você volta pra cá pra trabalhar?

L: Então, eu a princípio eu lembro tão bem como se fosse hoje, em 1998, minha mãe já trabalhava aqui já por oito anos já ou mais que isso, e eu sem trabalho, já tinha trabalhado numa empresa por três anos, mas a dificuldade de arrumar trabalho, minha mãe conversou com o Roberto até então o diretor da escola, e ele falou que não podia pegar pessoa pra pagar salário, porque a escola não tinha condições naquela época porque já tinha alguns funcionários então... Mas mesmo assim ele falou: "por causa da tua mãe trabalhando aqui e fazendo parte da Igreja nós vamos te dar uma oportunidade" e eu lembro tão bem, no ano de 98 eu comecei a trabalhar e de lá até então interruptos anos, até agora, 17 anos, [...] 17 anos fez agora esse ano em março de 2015, 17 anos trabalhando na escola.

E: E aqui você tem desempenhado várias funções, né. Você tem, uma das principais é como motorista, e o que mais você faz aqui?

L: Então, hoje eu trabalho como motorista e na cantina, no caixa... Da cantina mas quando eu entrei mesmo, na verdade eu fui contratado como monitor de ônibus. [...] E também como serviços gerais, daí depois passou alguns anos serviços gerais, aí eu fazia de tudo, mas como aqui na escola ninguém tem...

E: Ninguém faz uma coisa só... Né.

L: ... Ninguém faz uma coisa só... Então o que preciso, desde de ajudar em construção... Até...

E: Ótimo, vamos falar um pouquinho então da construção... Bom, sempre foi bem marcante aqui a construção, como você disse, começou a Igreja, era pequena, poucas salas, eram as salas da Igreja, né... E aos poucos foi se tornando a escola, como é que, o que foi construído primeiro, quem estava envolvido nas construções?

L: Na verdade, como o colégio não tinha condições de pagar pedreiros por fora, na verdade, sempre a Igreja esteve envolvida, na verdade professores, eu lembro tão bem, que professores e membros da igreja eram os pedreiros que construíram a escola, boa parte dela né, é lógico que depois que ela foi crescendo aí faltava ali a, pedreiros capacidades para dar tal continuidade aí foi contratado pedreiros, mas no começo eram funcionários mesmo que faziam tudo...

E: Em final de semana...

L: Ah, final de semana, mutirão direto. Em dias de aula mesmo.

E: Quanto tempo mais ou menos levou para construir o prédio que serviria apenas a escola

L: Puxa vida olha, é que ele não foi começado e concluído já assim.

E: Numa vez só, né... Foi bem...

L: Levou-se anos... Pra precisar direitinho não sei... Mas eu acredito que esse prédio aqui talvez uns cinco anos mais ou menos.

E: Esse principal aqui, onde hoje é a administração e tá o templo hoje aqui...

L: Aí contando salas e templo e outras coisas aí, acho que cinco anos por aí. Até mesmo por causa dos recursos né, [...] não se tinha recursos pra começar e terminar então dependia muito de obra missionária e ajudas vindas de fora também.

E: Quem ajudava essas construções, esse financiamento... Você lembra?

L: Então, financeiramente eu lembro muito bem que vinha bastante ajuda do Japão, o pastor João era muito amigo do missionário japoneses.

E: Pastor Togamy, né...

L: Pastor Togamy, isso, então vinha muita ajuda de lá e também quem sustentou muito aqui foi a missão leta, devido ao pastor João fazer parte da Igreja Leta, então, muita ajuda veio das Igrejas Letas também.

E: Vocês acabaram convivendo com pessoa de etnias diferentes, você falou dos japoneses, dos letos. Algumas, o que você pode dizer que você aprendeu com essa comunidade leta?

L: A princípio, quando a gente começou a conviver é uma, é uma... Como eu posso dizer, um...

E: Um choque?

L: É um choque, porque a gente não ta acostumado né, com essa convivência e em termos se for levar para o lado de cristianismo, aí a gente via que era uma questão bem mais rigorosa do que a gente está acostumado. Ou seja, a gente conhecia o trabalho cristão mas não tão rigoroso como os letos apresentavam, até mesmo com relação a Bíblia, então, o próprio pastor João mesmo, era... Não existia nada além do certo. Era o certo e ponto final. Então, o que eu aprendi, isso, com os letos que, por exemplo em relação a Bíblia e a relação ao espaço. por exemplo, tudo que era empregado aqui, era pra ser usado unicamente, exclusivamente no trabalho cristão mesmo, vinha uma oferta de missões mas que era pra ser usada unicamente em nível de evangelização, outras, para ajudar irmãos da igreja e outras coisas assim. Mas o que eu aprendi mesmo, que eu posso dizer assim, com eles, que aprendi com eles é a parte rigorosa da Bíblia, a questão Evangélica mesmo.

E: Vamos voltar um pouquinho lá na época que você era aluno, você falou que você lembra bem das aulas bíblicas que tinha, é, vamos pensar na parte da sociabilidade assim, você tem algum contato, além da tua irmã né que você falou que também estudou aqui, mas além dela que tem essa ligação de família, você lembra de mais alguém que de alguma forma acabou se encontrando aqui novamente?

L: Olha, a nossa turma era grande, tinha o que, abrangia muitas crianças carentes na época, que não se cobrava mensalidade. Na verdade, eu lembro que o pastor João tinha que ficar restringindo as matrículas, porque senão vinha muita, muitas crianças. Mas a maioria das crianças que estudaram comigo, praticamente, tirando a minha irmã, nenhuma, não lembro de nenhuma que seguiu, tirando as que já eram aqui da igreja, Sandrinha, Junior, mesmo que também estudaram um pouquinho pra frente ali, não lembro de nenhum que seguiu assim, que esteja em alguma igreja hoje, ou que tenha aceitado a Cristo, eu não lembro de nenhuma, nesse sentido não.

E: E também nenhum que veio colocar os filhos aqui?

L: Não também não lembro, mas acredito que não. Acredito que não. Porque pouco tempo depois, ja começou a, o colégio cresceu, foi se cobrando uma mensalidade, até mesmo pra manter aí, aquela ideia de, que o Pastor João tinha inicial de abranger pessoas, crianças carentes aí ja diminuiu um pouco. [...] Não tinha mais condições, aí quem queria trazer os filhos aqui já não conseguia pagar, então. Quatro Barras na época era muito precária aqui a situação em geral, era uma cidadezinha muito pobre, dependia muito de ajudas vindas de fora até, então...

E: E as escolas da região né, tavam começando também, né.

L: Exatamente, exatamente.

E: Então mesmo a escola estadual ou municipal elas também não eram fortes ainda, né?

L: Exatamente, na realidade existiam escolas municipais, nem estaduais ainda.

E: Ah, não tinha nem estadual.

L: Não existia, eram mais municipais mesmo.

E: Isso foi 80, 1980, né?

L: Acredito que por aí, 80, 82...por aí.

E: Você é de que ano?

L: 1975.

E: Você é de 75, então 83, não, desculpa.

L: 80, 81, 82, por aí, mais ou menos.

E: É o município sendo relativamente novo, estava começando aí toda essa questão. E você lembra, por exemplo, é, quais eram as atividades que vocês tinham como alunos, o que vocês faziam? Tinha esporte, tinha, tinha uniforme?

L: É, nosso uniforme era azul e branco na época, a gente usava becas né, não era que nem hoje, camiseta, calça. Calça normal mas a gente usava uma beca, uma beca branca, tipo uma camiseta branca só que com uma gravatinha azulzinha assim.

E: Todo dia?

L: Todo dia. Esse era nosso uniforme, sempre, o colégio desde que foi fundado ele tem, teve um uniforme, então era nosso uniforme. Era azul e branco na época. Se não me engano, as meninas usavam uma saia, uma saínia, azul, azul marinho e nós também, usava calça, ou calção azul e becas brancas, brancas com laços azuis.

E: Tinha algum tipo de brincadeira que...

L: É, na verdade muitas brincadeiras, agora a questão de esporte, não se tinha muito até mesmo porque o pastor João nunca gostou de esportes né, ele nunca... pra ele futebol era errado, assim, tudo isso veio com os letos, os letos não tinham essa ideia de que o esporte poderia ser colocado dentro de uma igreja por exemplo, ou usado em missões, alguma coisa assim. Então naquela época não se tinha muitos esportes assim.

E: Mas também foi algo que depois mudou, né?

L: É, mudou, mudou completamente. Até mesmo porque é necessário né, em escola daí é obrigatório ter, então mesmo que não gostasse...

E: Mas bem no comecinho isso não existia.

L: Isso não existia, questão de esportes assim não, brincadeiras sim, brincadeiras como... De crianças mesmo assim, mas esporte mesmo, futebol, nem uma iniciação assim, nada.

E: E até porque vocês eram bem pequenos.

L: Também nem entendia muito.

E: Era uma turminha bem pequena.

L: E essa letrinha aqui?

E: Olha essa letra se não for da tua mãe é da professora mesmo.

L: É da professora... Bem provável.

E: Estou mostrando para o Eliseu a ficha de matrícula dele quando ele entrou na escola.

L: Olha, a data aqui, acho que não tem né...

E: Não, só tem a tua data de nascimento, mas isso...

L: Seis anos mesmo, então 75.

E: 81, 1981.

L: Então acredito que estudei até 83, por aí, talvez.

E: Qual, os teus irmãos, o Eurico trabalhou aqui, o Osiris trabalhou aqui, quem mais?

L: A Sandra também, a Joceli também.

E: Ah, a Sandra também. É?

L: A Joceli saiu ano passado.

E: Ah, e quem que estudava com você também, qual das tuas irmãs? A Sandra ou a Joceli?

L: A Joce, a Joceli, era um ano mais nova que eu.

E: E era da mesma turma.

L: Mesma turma, que jóia. Essa fotos ainda tenho em casa.

E: Tem essa foto em casa? Olha, tudo certinho, [...] cabelo repartidinho...

L: A mesma foto até inclusive. A maioria dos alunos usava cabelo assim.

E: A tua casa era aqui próxima?

L: A minha casa era aqui onde é o colégio Dom Orione hoje, bem onde fica a quadra do Dom Orione. A quadra antiga, né, não hoje onde é o ginásio ali. Onde tem a quadra ainda hoje.

E: Então você morava bem perto da escola.

L: Bem pertinho da escola.

E: E o Dom Orione? Eles compraram ali, como é que foi?

L: Ali sempre foi o seminário, há muitos anos já, quando meus pais vieram para Quatro Barras, já era já da... Do, na verdade inclusive o Dom Orione foi proprietário ali. Esse padre mesmo foi um dos proprietários ali, por isso veio nome Dom Orione do colégio...

E: Mas você disse que você morou bem onde é a quadra deles. Eles compraram isso de vocês ou era deles?

L: Não, na verdade, era do... Onde a gente morava era alugado, né.

E: A tá, era alugado...

L: Então aqui, ali onde é o colégio hoje pertencia ao Hugo, Hugo Creplive, já é falecido hoje, um dos moradores antigos de Quatro Barras. Então aí, na verdade a gente saiu dali por causa disso. Porque ele vendeu o terreno pra eles ali, então foi vendido tudo.

E: E você disse que a tua família era da igreja, Quatro Barras aqui, pensando em 1980, a maioria era Católico...

L: Sim, nossa, muito.

E: Como que era a essa relação de vocês serem Evangélicos, serem da Igreja Batista, com vizinhos, com comerciantes? Era tranquilo ou alguns não viam com bons olhos...?

L: É, na verdade, como Quatro Barras era muito católica na época, então quem aceitava a Cristo era motivo de até mesmo de perseguições aqui, assim como o pastor João foi perseguido na época, meu pai mesmo quando ele aceitou a Cristo até a própria empresa onde ele trabalhava queria mandar embora por causa disso.

E: É mesmo?

L: Porque os donos eram Católicos e tal, então quem não se encaixasse ali na...

E: Ele trabalhava aqui em Quatro Barras?

L: Quatro Barras, ele trabalhava bem ali onde é aquele hotel na entrada de Quatro Barras do lado do posto ali. Ali era uma empresa de de telhas né, uma...

E: Uma olaria.

L: Uma olaria, então ele trabalhou muitos anos ali.

E: E ele queria, queria, chegou a ameaçar, dizer alguma coisa assim ou só ficou no ar aquela coisa de que...

L: É, ficou no ar, até mesmo que ele não, meu pai, antes de aceitar a Cristo ele era um homem muito ruim, né, nossa, ele andava armado direto, ixi, ele não aceitava provocação...

E: Deixa eu te perguntar, teu pai é falecido?

L: Sim, é falecido, tem 15 anos já.

E: Tem 15 anos. Tá, e você falou, o próprio pastor João foi perseguido você lembra de alguma coisa que ele contava?

L: Ah, várias vezes, chegamos a presenciar até, em horário de culto aqui os católicos, a mando do papa, do padre, inclusive o padre mesmo comandando, eles vinham jogar pedra na hora do culto.

E: É mesmo?

L: Ixi, muitas vezes.

E: Vocês estavam aqui e...

L: Estávamos presentes no culto aqui e o pessoal passavam jogando pedra, várias coisas, ixi.

E: E vocês chegavam a dar parte ou não adiantava...

L: É, naquela época era complicado dar parte porque o próprio delegado era contra também, então...

E: E a Sandra comentou né, e a própria professora Larice já tinha falado que o pastor João chegou a ser até preso, você lembra por quê? É da tua época isso?

L: É, na verdade, ele foi preso mesmo porque, por causa de pregar a palavra de Deus só, tão somente por isso. Coisa errada não fazia...

E: Não, com certeza. Mas por perseguição mesmo.

L: Perseguição, totalmente, totalmente perseguição. É, o padre mesmo falou que, quando o pastor João veio pra cá, de que não havia necessidade de fundar Igreja Evangélica aqui porque já tinha Igreja Católica, então houve perseguição total mesmo. Lembro muito bem do padre, o padre Jaci ainda é vivo, ainda é vivo ele aí. Foi um dos que perseguiram bastante também, na época né.

E: Daí quando você foi pra outra escola, fazer o primeiro e segundo ano também havia essa pressão?

L: Também, também, os professores a maioria católicos também, naquela época ainda não tinha ensino bíblico nas escolas, então era só aquilo, era só catolicismo e pronto. Nada que... Eu mesmo ainda fui perseguido aí quinta, sexta e sétima série muito pelos amigos ainda.

E: É, de tirar sarro, e...

L: Tirar sarro, muitas coisas, muita. Até questão assim de filho mandar o pai bater no meu pai, coisas assim, perseguir mesmo.

E: É mesmo?

L: Hã, hã. Só que como meu pai era ruim, os Ferreira tem fama de ruim em Quatro Barras, então. (Risos)

E: Vocês são daqui desde quando?

L: Eu nasci, eu não nasci em Quatro Barras, eu nasci em Curitiba, mas eu vivi só aqui em Quatro Barras, mas meus pais são de Bocaiuva do Sul.

E: Ah, eles são de Bocaiuva?

L: São de Bocaiuva, não são daqui, então, mas também viveram a maior parte aqui. Meu pai casou em Bocaiuva e vieram morar pra cá.

E: Essa questão é sempre muito polêmica né, essa questão de aceitação. Quando que você sentiu que isso daí mudou assim, que ja não era mais tão forte essa perseguição.

L: É, na verdade quando começaram a chegar outras Igrejas Evangélicas aqui. Daí quando a Igreja Católica viu que começou a crescer muito e aí eles já não tinham muito poder de... de perseguição, ou de controle mesmo, então. Mas a Igreja Batista mesmo aqui foi muitos anos só né...

E: Só tinha a Batista e a Católica.

L: Só, só a Batista e... Na verdade a gente nem conhecia outras denominações ali também. Então, como foi crescendo, foi, aí as outras igrejas viram que foi, que a Igreja crescia e tal e a Católica não conseguia derrubar, aí foram chegando outras né, daí foi fortalecendo. Tanto é que Quatro Barras hoje eu acredito que é mais, digamos entre aspas, Evangélica do que propriamente Católica. Devido a tantas igrejas que tem aí.

E: Acredito que sim. E, e a criação, nós estávamos falando la do Colégio Dom Orione, foi mais ou menos pra fazer frente ao colégio aqui.

L: Ah, com certeza. Porque lá também, acredito, que la começou também, sempre foi um colégio de seminaristas. E eu convivi muito com os seminaristas dali, da minha idade mesmo. Crianças e alunos que vinham estudar pra ser padre mesmo ali. Começavam ali depois iam pra outros, outros colégios também aí. Então eu presenciei muito ali eles. Também foi um colégio para seminaristas também pobres, digamos assim.

E: Ah, certo.

L: Mas depois também começou se cobrar uma mensalidade. Mas o colégio Dom Orione mesmo foi pra bater de frente com o Colégio Graciosa, até hoje há aí essa rivalidade, totalmente. Até mesmo baixar mensalidade pra tirar alunos daqui e outras coisas mais... Mas.

E: É, eu lembro no começo, quando eu entrei pra dar aula aqui... é, de que as Gracimpíadas foram criadas exatamente por causa das confusões que acabavam dando nos jogos inter...

L: Isso, é, e escola sempre participou dos jogos, né, quando começou na verdade os jogos aqui na escola eu fazia parte do Colégio Arlinda, jogava contra o Colégio Graciosa na época. Não sei se você chegou a conhecer o professor Marlus, conheceu?

E: Sim.

L: Então ele que, na época que ele comandava a escola eu jogava contra o colégio. Na verdade o colégio Graciosa era o que era mal visto dentre todos os colégios, não só pelo Dom Orione né. Então todos vinham em cima do colégio. Então como era muita, muita briga e tal.

E: Mas era mal visto por conta de...

L: Financeiro.

E: Né, porque achavam que o pessoal daqui tinha poder aquisitivo mais alto.

L: Isso, bem mais alto. Eles achavam que o pessoal era filhinho de papai e tal, os alunos eram mais, mais metidos, e tal, então eles queriam de alguma forma ou outra dar o troco no esporte. E era o que eles conseguiam, digamos assim, entre aspas, ganhar do colégio.

E: E conseguiam?

L: Ah, o colégio nunca ganhou nada. O Graciosa, nunca, até mesmo porque os alunos não, não era que nem eu, por exemplo, eu quando estudava no Colégio Arlinda, chegava em casa, jogava a mala e ia jogar bola a tarde toda, então a gente não tinha medo né, e o pessoal, os alunos aqui até hoje... Eu até comento com o Hugo às vezes, os alunos nunca ganham nada, não porque não sabem jogar, é porque tem medo. Pegam um Arlinda pela frente, ou pegam outro colégio estadual, aí eles não conseguem jogar de igual pra igual, por causa do medo dos alunos, não tanto por não saberem jogar.

E: É, e tem o fator também de que os outros colégios tem mais pessoas, tem um público maior, então seleciona os mais habilidosos, né, tem essa questão...

L: Eu acho que teve uma época, na época do pastor, do professor Marlus, que era o handebol que ele incentivava muito, que aí o colégio foi representar até a nível de estado a escola. Mas essa foi a única época que o colégio se dava bem em termos de esporte.

E: E, quando, quando havia, também quando eu cheguei, eu lembro que o pessoal comentava muito que quando as conduções passavam também tinha lugar que o pessoal jogava pedra no ônibus...

L: Sim, eu presenciei muito quando trabalhava de monitor com o Hugo, vidros quebrados, pneu furado por colocarem coisas pra furar pneu...

E: E isso até recentemente.

L: Sim, recente. Hum hum.

E: Então da pra dizer que começou lá, tendo essa, era difícil, porque era perseguido desde antes da formação do colégio, e até recentemente essas questões são... E me diz uma coisa, o que mais te agrada, hoje você está trabalhando aqui, foi num momento, foi por uma necessidade você falou, você tinha saído do emprego, mas você está aqui há 17, 18 anos.

L: Quase 18.

E: Então, certamente outras oportunidades apareceram para você, o que que te faz ficar aqui?

L: A princípio, eu sempre, sempre que estou na Igreja todos esses anos aí, eu mesmo nasci dentro da Igreja, entre aspas né, então eu nasci aprendendo que quem, até mesmo a ideia do pastor João inicial, era que todos que trabalhassem na escola fossem membros da própria Igreja, como não se tinha pessoas capacitadas para isso aí não tinha como, então foi aberto para outros professores outras pessoas de fora entrarem, outras denominações até, mas a ideia inicial dele era que todos os funcionários da escola, fossem membros da igreja, ou seja, todos batistas na verdade...

E: Você é membro da Igreja?

L: Eu sou membro.

E: A Igreja hoje conta mais ou menos com quantos membros?

L: eu acredito que uns 120, 130 membros... Eu acho.

E: Uns 120, a Igreja tem quantos anos?

L: Uns 30, 34 se não me engano foi o último aniversário, por aí mais ou menos, de fundação mesmo né, como Igreja.

E: É, porque teve trabalho como congregação.

L: É, isso, teve trabalho como congregação como ponto de pregação...

E: Hã, hã. E...

L: Mas hoje eu vejo assim, que um fator principal pra mim, claro que se for pensar em termos de salário também, porque, você precisa sobreviver, mas eu digo que o trabalho missionário pra mim hoje é o que vale. Eu tenho o coração na obra missionária...

E: Você entende o colégio como uma obra missionária?

L: Eu entendo ainda...apesar do colégio foi crescendo e aquela ideia que o Pastor João tinha de obra missionária, não que tenha acabado, mas é que pessoas que entraram aqui trabalhar, não só professores, como funcionários em geral não tem essa ideia mais de que aqui é uma obra missionária ainda. Que o objetivo do pastor João até mesmo quando ele iniciou, com crianças carentes era essa, de pregar a Palavra de Deus, tão somente, não era nem tanto o ensino, mais pregar a Palavra de Deus. Então eu digo que hoje me mantém aqui é o amor pela obra missionaria mesmo, é claro que o salário também tudo, mas eu acredito, ainda tenho em mente de que eu ainda tenho esse colégio como uma obra missionária. Pregação da Palavra de Deus, muitos alunos se convertendo, muitos pais hoje, pais de alunos que estão aqui hoje, fazem, são membros da igreja, hoje ainda. Então o que me prende aqui mesmo é isso. Até mesmo com relação a salário, até como motorista mesmo, eu lembro que em 2013 eu mandei um currículo só de, por mandar para outros colégios particulares e fui chamado para ganhar mais do que aqui, bem mais do que aqui. E só como motorista, sem precisar fazer outra coisa. Então, mas é o que me prende aqui é isso, a obra missionária mesmo.

E: E você pode dizer que isso foi semeado lá no começo...

L: Ah, com certeza...

E: ...quando você era criança, em casa, igreja e escola...

L: Exatamente.

E: Esse tripé...

L: Essa é a nossa vida na verdade né, continua sendo hoje: Igreja, trabalho e casa. Claro, outras coisas também, mas... Em essência...Basicamente isso.

E: Você acabou de dizer que a ênfase maior sempre foi o ensino, a pregação da Palavra, o ensino vinha como uma consequência digamos assim, e aí lógico para a escola se manter como escola precisa seguir as regras la do do Ministério da Educação, por isso vieram outros profissionais, outros professores, outros funcionários pra poder dar esse suporte pra poder dar essa estrutura que a escola tem hoje, né, que é uma escola bem conceituada, e é uma escola bem formada já, ela não está em processo, talvez, um crescimento sempre é esperado, mas agora em relação a você, a tua perspectiva profissional, você estudou até que série?

L: Eu tenho o segundo grau completo.

E: Você terminou o segundo grau. Não pensou em seguir em frente?

L: É, na verdade eu até fiz um, fiz faculdade um ano de Educação Física, mas não...

E: Não continuou... A área que você gosta é essa... Ligada ao esporte.

L: É essa, ligada a esporte, mas não concluí.

E: Não concluiu porque se decepcionou com o curso... Porque...

L: Na verdade, como trabalhando na escola não tinha condições de chegar a tempo na faculdade e também por questão financeira também né, quando comecei a fazer era muito caro pra mim também, na parte financeira...

E: Mas você pretende ainda...

L: Eu pretendo, minha intenção é concluir o curso de Educação Física ainda.

E: E uma vez com o curso uma expectativa é trabalhar na própria escola?

L: Na verdade, eu sempre tive uma ideia assim, claro que talvez mude, mas caso me formasse mesmo era de não trabalhar aqui, mesmo tendo opção, de trabalhar aqui, talvez sim, mas a minha ideia de como eu entrei aqui como uma criança carente, essa era a minha ideia, de trabalhar com crianças ainda não, mesmo sem condições assim, talvez em colégios estaduais, com pessoas, alunos menos, menos... Questão aí...

E: Favorecidas.

L: É, menos favorecidos.

E: Então essa ainda é a tua ideia que você cultiva, e quem sabe ainda...

L: Com certeza, não abandonar a Igreja nada, mas, essa era a ideia que eu tinha, de trabalhar com criança até mesmo porque eu vi como era o trabalho.

E: Você teve uma grande decepção? Nesse período desde como aluno, depois filho de funcionário, teve alguma coisa que te decepcionou?

L: É, na verdade assim, decepção mesmo assim não. Algumas coisas que deixaram chateadas né, porque como você conhece a Palavra de Deus, aprendeu ela de um jeito, e daí de repente algumas pessoas ensinando aquilo, aí mudam um pouco, como posso dizer, passam por cima da própria Palavra, então essa questão que eu vejo que no passado aí decepcionou um pouco.

E: Decepção com algumas pessoas... Com comportamento.

L: É, algumas pessoas, é, isso comportamento, principalmente na área cristã mesmo, mas em termos de colégio assim não. Ah, e uma coisa que eu via antigamente que dou graças a Deus hoje é normal a questão, o colégio não via assim a questão da como eu posso dizer... De leis assim, hoje posso dizer que a escola, o colégio segue a lei como deve ser.

E: Ah, isso é importante...

L: Não que isso seja uma decepção, mas, hoje eu vejo com bons olhos isso, como é um colégio cristão então, procurar fazer as coisas tudo dentro dos conformes aí como Deus quer, então essa, eu vejo que melhorou bastante hoje. Até mesmo com relação ao próprio pastor Roberto mesmo, acho que você

lembra, ele era um antes, ele foi um quando eu conheci, mudou um pouco, e agora é uma outra pessoa, totalmente diferente... Assim, do meu ponto de vista...

E: Melhorou?

L: Ah, com certeza, muito. Melhorou muito. Dessa questão assim, mas decepção assim não. De abandonar tudo, largar o cristianismo ou largar o colégio assim não.

E: Então o colégio faz parte da tua vida de uma maneira praticamente total.

L: Sim, com certeza.

E: Que é teu trabalho, parte do teu passado...

L: Sim, com certeza.

E: E assim, até mesmo teus momentos de lazer estão hoje relacionados. Participa das atividades, da igreja, no final de semana você está envolvido aqui, dá até pra dizer que é tua segunda casa.

L: É, com certeza, e agora mais diretamente também, envolvido. Antes era só participante, agora também dar em aula em classe, professor de escola bíblica.

E: O que você faz na Igreja, então hoje em dia?

L: Eu hoje ajudo os jovens no caso, não um líder, mas a gente ta ajudando os jovens, e até pouco tempo atrás tinha cargos na diretoria da Igreja né, e fazia parte da Junta de Educação da Escola, um ano atrás mais ou menos aí. O ano que vem aí o próprio pastor mesmo quer que eu me envolva mais ainda com essa questão.

E: E é o que você quer, você gosta... Você...

L: Gosto desse, gosto, me sinto bem,

E: Se sente realizado...

L: Talvez não me sinto uma pessoa capacitada ainda, mas eu gosto de trabalhar assim.

E: Eliseu, muito obrigado.

L: Imagina, eu que agradeço.

E: Valeu mesmo...

L: Não sei se ajudei muito...

E: Ajudou bastante...

L: O que eu pude, lembranças assim a gente tem, mas não exatamente...

E: Mas, a ideia é essa. Tá, obrigado, valeu Eliseu.

L: É isso aí.

ENTREVISTA COM JOÃO ARTHUR WEIDMAN JUNIOR

12 de Setembro de 2015

Entrevistador: Eduard Henry Lui (E)

Entrevistado: João Arthur Weidman Junior (JR)

E: Boa tarde Júnior, tudo bem? Vamos iniciar nossa entrevista sobre algumas lembranças e percepções suas a respeito da Escola Graciosa. Quantos anos você tinha quando a escola foi inaugurada? Como ela se chamava?

JR: Bom, eu tinha entre 9 e 10 anos quando a escola foi inaugurada e o nome dela foi Clube Infantil Graciosa

E: A partir das suas lembranças de infância, o que motivou seus pais a abrirem a escola?

JR: Eu creio que um dos principais motivos que levaram a abertura da Escola Graciosa foi primeiro a resistência inicial da população de Quatro Barras à Igreja Batista, e como existiam salas de aula disponíveis, pelo menos três ou quatro salas de aula e uma professora também, recém-formada, houve a

ideia de começar um trabalho com crianças da cidade pra que de uma certa forma passar o Evangelho para essas crianças e pra demonstrar que a Igreja Batista não era nenhuma seita ou alguma religião que viesse a influenciar negativamente a cidade. Então acho que o principal motivo foi isso, quebrar aquela resistência que existia, tanto que minha mãe comentava, depois de um tempo, que as pessoas não entravam pelas portas da frente, mas entravam pela portas do fundo que era o colégio que ficava nos fundos do templo, da Igreja.

E: Além do seu pai e sua mãe, quem mais ajudou na abertura da escola?

JR: Então, tinha um casal de missionário japoneses que trabalharam por um bom tempo em Londrina no Paraná, depois vieram para Curitiba, eu não sei como é que meus pais chegaram até eles, não lembro disso. Mas pastor Togamy e a irmã Kimico e eles ajudaram bastante, eu lembro de várias reuniões que eram feitas na casa desse casal em Curitiba, em casa, na nossa própria casa eles vinham também, conversavam, conheciam outras pessoas também que trabalhavam na Secretaria de Educação do Estado, no Núcleo Regional e aí através deles então foi montado todo o plano educacional da Escola, o Regimento, tudo que precisava ser feito legalmente para a abertura do colégio. Então esse casal ajudou bastante e com certeza houveram outras pessoas também que agora não consigo lembrar.

E: Quais as maiores dificuldades que seus pais encontraram para abrir, primeiramente a Igreja e depois a escola? Recebiam ajuda externa? De quem?

JR: Então as dificuldades eu já narrei, numa pergunta anterior ali, é aquela resistência, por ser uma cidade muito Católica a Igreja Católica era a principal da cidade e as poucas famílias existiam na cidade e essas famílias lideravam toda a comunidade todo o trabalho da cidade vamos dizer assim.

E: Era muito intensa a perseguição por parte dos Católicos ao seu pai e conseqüentemente à Igreja?

JR: A maior dificuldade foi essa resistência inicial, tanto que ninguém queria vender terreno pro meu pai, quando ele começou procurar terrenos na cidade e se identificando como pastor, ninguém o recebia, fechavam as portas, até que um senhor, bem no centro da cidade, acabou concordando em vender o terreno, tanto para o meu pai, construir a casa dele, um terreno pra ele e um terreno pra Igreja também, que era do lado, eram dois terrenos juntos, então meu pai comprou um pra nossa residência e um pra Igreja então a maior dificuldade foi essa resistência.

E: Havia alguma ajuda externa para essas compras, para a formação da Igreja e da escola?

JR: Com relação essa ajuda, meu pai era missionário, então recebia da Missão Batista Leta o seu sustento, que era bem, vamos dizer assim, bem pouco na época, o Brasil nunca teve uma estabilidade financeira muito boa mas há 40 anos atrás muito menos, e então vinha o sustento dele vinha da Junta Leta, depois com o passar do tempo tinha ali os próprios recursos da Igreja, dos dízimos que iam entrando, mas era pouquíssimo também. A Igreja Batista do Parolin, ajudou bastante, era um pastor leito também que liderava essa Igreja, ele de alguma forma ajudava, vinham pessoas dali, de Curitiba inclusive, algumas famílias vinham, que eram amigos do meu pai, pra ajudar no trabalho e também um outro pastor leito que morou no Brasil depois foi pros Estados Unidos conheceu também um empresário lá, do ramo petrolífero, ele enviava recursos também pra ajudar no trabalho; então o trabalho da Igreja teve bastante ajuda de outras pessoas e irmãos que se dispunham no coração em contribuir em colaborar com o trabalho, nós somos gratos a Deus por essas vidas também.

E: De acordo com alguns relatos, no início do trabalho do seu pai na cidade, ele chegou até a ser preso por pregar o Evangelho. Como isso aconteceu? O que levou o delegado de polícia tomar tal atitude?

JR: Meu pai chegou a ser levado para a delegacia e mesmo foi detido por uma noite por estar transportando pessoas, ele tinha uma Kombi e ele trazia pessoas que moravam em locais mais distantes para o culto, para os trabalhos na Igreja. E uma das pessoas que ouviu o Evangelho era a esposa do delegado, se não estou enganado, e então meu pai foi chamado à delegacia pra prestar depoimento, porque estava agindo assim, e lógico, isso foi orientado por parte da Igreja Católica que não concordava com o trabalho que estava sendo realizado na cidade.

E: Então a perseguição foi bastante intensa

JR: Com relação à perseguição, realmente ela foi intensa nos primeiros anos, eu lembro que eu era ainda pequenininho, devi ter o que, uns seis, sete anos, algumas vezes aconteciam procissões que saíam da Igreja Católica e vinham caminhando com velas acesas até em frente a Igreja e faziam as rezas, as cantigas deles e aí voltavam pra Igreja Católica, nessas ocasiões eles apagavam as luzes da cidade,

entravam em contato com a Copel lá e apagavam todas as luzes, meu pai, em dias de culto, geralmente quarta-feira à noite ou domingo à noite, meu pai sempre tinha os lampiões, e acendia então os lampiões na Igreja e o culto acontecia normalmente, enquanto lá fora a procissão seguiu o curso dela.

E: Em que momento que vocês percebem que a comunidade local passa a respeitar e a aceitar a presença dos batistas na cidade?

JR: Eu não posso precisar assim em que momento aconteceu essa nova visão da própria comunidade em si, mas eu lembro que logo no começo do trabalho, nos anos iniciais, lá nos seus dez ou onze anos iniciais, a escola já estava funcionando, vinham missionários também dos Estados Unidos fazer trabalhos aqui no Brasil e passavam por aqui e em uma ocasião meu pai levou um dos missionários até a Igreja Católica, eles foram lá conversar com o padre, tentar fazer um bom relacionamento, inclusive, com a Igreja dominante na cidade, mostrando que os batistas não estavam ali pra atingir ninguém ou ir contra a comunidade em si, nem contra a Igreja em si, a Igreja Católica em si, mas sim, estar levando o Evangelho, estar falando do Evangelho, pregando o Evangelho às pessoas para que eles possam conhecer Cristo e pela fé serem salvos e terem a convicção, a certeza da salvação que nós podemos ter conhecendo o Evangelho; e eu trabalhava, já trabalhava na prefeitura, tinha os meus dezoito, dezenove anos, ou um pouco mais, e trabalhando com o contador da cidade que teve dois filhos na Escola Graciosa, foi numa época em que várias empresas estavam vindo se instalar em Quatro Barras. Quatro Barras foi criado ali um Plano Diretor e instalação de indústrias, e então uma dessas indústrias vindo pra cá, a reunião foi na sala que eu trabalhava, e o contador aí me apresentou pros diretores daquela empresa como João, filho do pastor Weidman, da Igreja Batista, porque em Quatro Barras havia três grupos distintos de pessoas: os católicos, os batistas e os crentes; então, uma pessoa que teve os filhos na escola, foi influenciado também pelo testemunho que foi dado e pode testemunhar isso, eu vejo que não só dele mas de várias outras pessoas de que os batistas eram um povo diferente.

E: Quais os principais pilares da Escola Graciosa?

JR: Bom, eu vejo que os pilares que sustentam a Escola Graciosa acima de tudo é o Evangelho, é a fé em Cristo Jesus, a confiança de que ele é o Senhor desta obra e também a questão disciplinar porque a Palavra de Deus nos dá isso de que a Escritura é útil para o ensino, para a correção, para a instrução a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda a boa obra. Então, vejo que esses dois né, tanto a pregação do Evangelho, o Evangelho verdadeiro, a morte e ressurreição de Cristo como a disciplina nos padrões morais, éticos, civis para os alunos, então uma formação completa pra eles.

E: Por que você acha que a escola ainda é uma referência no município e região?

JR: Bom, como a escola sendo referência no município, justamente, eu vejo por causa dos pilares dela, a base na Palavra de Deus e a disciplina de estudo, de comportamento em si, então eu vejo que isso é o diferencial que a escola tem. E muitas pessoas criticam isso, a gente ouve de alunos que vem os pais falam: "Ah, mas ele fala que aqui, as pessoas falam que aqui é muito rígido, muito rigoroso, aqui é um sistema militar", aqui é assim, então, geralmente tem essa visão errada do que é disciplina, do que é educação do que é correção e quando vêm, aí não querem sair, quando vêm pra escola, daí quando a família toda se envolve e busca isso, o resultado é diferente, porque tem aqueles que só os pais querem os filhos não, não vou dizer que todas as crianças aceitam, muitas crianças acabam não aceitando, não querem e provocam até situações para que os pais acabem tirando ou a escola acabe convidando a retirada também. São poucos os casos, mas pra toda regra há também a sua exceção.

E: Agora vou perguntar ao administrador da escola: quantos alunos a escola tem atualmente? Este é o maior número de alunos na história da escola? Ela é considerada uma escola cara? Qual o público que vocês recebem na escola em sua maioria?

JR: Bem, a escola hoje conta com 554 e se não me falha a memória, é um dos maiores números de alunos que a escola teve até hoje, nossa média é geralmente são 500 alunos, é difícil fugir muito disso. Começamos geralmente com 520 terminamos com 490, mas esse ano e ano passado temos começado com mais de 540 alunos e tem se mantido esse número. Poucas desistências, poucas saídas, então é um bom, é um número considerável que temos tido nesses últimos anos. A escola é considerada cara, geralmente ela é considerada, ela tem um padrão maior do que as outras escolas da região, o preço é um pouco mais caro, os professores não são da cidade como as outras todas são daqui, nossos geralmente vem de fora, com capacitação melhor e maior, isso encarece também a questão da hora/aula, dos salários que são pagos, então tem realmente um custo maior, isso é falado na matrícula, os pais pedem e

conversam, falam que as outras escolas fazem um valor menor, eu dificilmente chego no mesmo valor que eles pagariam na outra escola, tento aproximar o máximo possível mas não tanto porque eu falo isso, é o diferencial que nós temos, é a qualidade que eles vão ver depois, o resultado vem depois, você não faz investimento incerto, você não vai investir num negócio que você sabe que não tem o seu retorno, a educação é a mesma coisa; você não vai colocar teu filho numa educação que não, que você vai ter de investir um valor e não vai ter retorno pra aquilo ali. Nós fazemos o máximo possível para ajudar, mas nem todos conseguem estar no padrão que a escola demanda hoje. O público, a maioria da escola, a maioria são de Quatro Barras, tem uma, a maioria é de classe média pra cima, nós atendemos também, atendemos também alunos de classes menores, com condição de renda menor, esses tem um desconto um pouco maior, um auxílio maior para que permaneçam na escola mas procuramos atender a todos os níveis sem distinção sem discriminação de forma alguma com relação a renda da família.

E: Quais as atividades que você já desempenhou na escola

JR: Bem, na escola eu já fui monitor do transporte escolar, fui motorista, fui secretário, vendi na cantina, trabalhei de caixa na cantina, fui professor de Informática um tempo, fui diretor da escola por nove anos e hoje atualmente estou na parte financeira e de recursos humanos da escola.

E: Quais as maiores críticas e elogios que a escola recebe?

JR: As maiores críticas eu vejo nesse sentido a questão da rigidez da disciplina, do que é exigido de padrão para os alunos, as maiores críticas são nesse sentido. E os elogios são pela formação que os alunos têm, pelo aprendizado que eles recebem, pelo bom, pela segurança que eles sentem nos professores, na escola e no geral, no transporte, então isso são elogios também.

E: Você entende que a escola contribui para a comunidade local? De que forma?

JR: Sim, a escola tem contribuído muito para a comunidade local no sentido de formar cidadãos de Quatro Barras capacitados para o mercado capacitados para desenvolver várias atividades e nós temos ouvido histórias de alunos formados em todas as áreas, desde engenheiros, médicos, advogado e aí vai uma infinidade de profissões que tem seguido, isso tem o reflexo realmente no começo da formação educacional deles ali.

E: Quais os maiores concorrentes da escola? A escola faz o que pra vencer essas crises econômicas que o país, volta e meia passa?

JR: Os maiores concorrentes nossos são o Dom Orione, na cidade, uma escola Católica que foi criada justamente pra combater a Escola Graciosa, isso foi anunciado no começo, a ideia era de que fosse um concorrente acirrado mesmo contra o Colégio Graciosa. Hoje nós temos em Campina Grande do Sul, no bairro do Jardim Paulista, Colégio Beraldo, que é um grande concorrente também, tem investido muito em publicidade, em estrutura, em outras metodologias de ensino e o colégio, Escola Superativa que já assim, não é tão bem vista, mas também é um concorrente. Então nós temos três grandes concorrentes na cidade e o SESI, que na verdade atende o Ensino Médio é um outro público-alvo, capacitando para a indústria, não tem afetado tanto ao colégio mas como esses outros Dom Orione e Beraldo são os maiores concorrentes hoje.

E: Quais as atividades mais marcantes do início dos trabalhos na escola?

JR: As atividades marcantes do trabalho do colégio, eu lembro das, dos acampamentos que a escola fazia com os alunos, eram bem marcantes, vários alunos relembram isso hoje, a Gracimpíada ou os jogos internos do colégio que foi criado devido a grande, como posso dizer, as brigas que aconteciam das outras escolas nos ameaçando por causa da não aceitação do colégio, até por parte de ex, de alunos de outras pessoas também, havia agressões inclusive físicas nos jogos municipais, o colégio acabou criando então os jogos internos devido a esta, essa ameaça de que os alunos sentiam, que os professores também sentiam ali. Acampamentos com os alunos, com os pais, com as mães na verdade, atividade com os pais como o dia do pesque e pague, um dia de futebol, as festas de fim de ano, de Páscoa onde o Evangelho era pregado onde era dado o testemunho do Evangelho, os alunos participavam com peças, com cantatas, então eram atividades bem marcantes então quem participou, até hoje guarda isso na sua memória que foi bem interessante mesmo, pena que hoje em dia não tem muito mais feito isto.

E: Quais os critérios para a escolha dos professores? Todos são cristãos batistas (no passado e atualmente)?

JR: Os professores desde o começo a ideia era que fossem batistas, dentro do meio batista é mais difícil de encontrar também professores de todas as áreas então abriu-se também para outras denominações mas que tem que entender que o colégio pertence à Igreja Batista e tem sua doutrina, tem sua forma de gerenciar o ensino educacional e religioso então eles tem que concordar e não, como o colégio não impõe a doutrina Batista nem outra doutrina no ensino mas a Palavra de Deus, é direcionado justamente para ensinar a Palavra de Deus, e não doutrina de alguma Igreja ou outra, os professores geralmente são contratadas no meio Evangélico. Hoje nem todos, nós temos pelo menos uma professora que não é Evangélica, mas a ideia é que se mantenha isso por um bom tempo.

E: Você acredita que os sonhos do seu pai foram realizados com a escola? Faltou alguma coisa? Alguma coisa saiu diferente daquilo que ele esperava?

JR: Sim, os sonhos dos meus pais foram realizados, no sentido de que a comunidade de Quatro Barras vê a Igreja Batista de forma diferente, o Ensino Fundamentado na Palavra de Deus foi, está sendo ainda feito, o Evangelho está sendo pregado, difundido, vidas estão sendo alcançadas para Cristo, estão se arrependendo de seus pecados entregando a vida a Cristo, então isso realmente posso afirmar, os sonhos eles foram realizados plenamente.

E: Para encerrarmos a entrevista: que tipo de sentimento você sente ao falar e relembrar de acontecimentos da escola?

JR: Eu fiquei bem contente em ter o convite seu, Edu, para esta entrevista e lembrar, poder relembrar aí alguns fatos, alguns acontecimentos desde o começo da escola. É gostoso quando a gente pensa para um pouquinho pensa no que aconteceu, no que a gente viveu, no que foi experimentado e é gostoso lembrar de que fiz parte, ou faço parte ainda deste trabalho e que Deus possa continuar abençoando, possa continuar a abençoar a vida de cada um dos que trabalham ali para que o nome de Deus seja glorificado. Obrigado Edu, um abraço.

ENTREVISTA COM LEANDRO BOSSARDI

15 de Setembro de 2015

Entrevistador: Eduard Henry Lui (E)

Entrevistado: Leandro Bossardi (L)

E: Vamos começar a entrevista com Leandro Bossardi, hoje é dia 15 de setembro de 2015, Leandro foi aluno do Graciosa; você lembra mais ou menos que época que você estudou lá?

L: Na época de 90.

E: Década e 90.

L: 90, final 80 pra 90.

E: Você entrou em que série?

L: Eu entrei na 7ª.

E: 7ª série.

L: Hã, hã.

E: Ok, vamos continuar então. Leandro, me diz uma coisa, então você estudou no final de 80 início de 90 na escola Graciosa; qual a tua lembrança mais antiga da escola?

L: Mais antiga? O esporte da escola na época era muito bom. Jogos, as amizades que a gente tinha lá.

E: Qual, o que você gostava de jogar?

L: Handebol.

E: Handebol. A tua praia era o handball.

L: É que na época o futebol, o professor na época era o Marlus, e ele era, tipo ele não gostava do futebol, ela falava que o futebol era esporte de índio. Então ele ensinava muito, passava muito handebol, basquete, vôlei e atletismo. Então as duas coisas que eu mais me adaptei e gostava era o handebol e o atletismo. A gente saía fazer competição fora né, que ele levava a gente e dali ficou marcada a época do Graciosa no handebol.

E: No handebol. Você estudou aqui, que ano, qual o ano, qual série que você fez lá?

L: Eu fiz, entrei na sétima, e eu repeti eu cheguei de outro colégio né, daí eu repeti a sétima, oitava e fiz o nono lá também, daí eu saí no primeiro ano.

E: Ah certo, daí você foi estudar em Curitiba?

L: Não, depois eu fui estudar no Arlinda em Quatro Barras.

E: Ah, em Quatro Barras. Ah, então tá. E, bom, então dá pra gente pegar ali período do Fundamental 2; além do esporte, o que que mais chamava atenção no colégio?

L: Acho que a educação né? Que eles sempre pregaram o respeito, os métodos deles cobrar dos alunos a parte também da educação, não só, aquela que vem de casa também. Eles pregavam também isso no colégio, até hoje, né respeito...não podia jogar papel no chão, uma coisa assim mais...

E: Os cuidados né... Ah, bacana, uma coisa que a maior parte das pessoas com quem eu converso lembram bastante que a disciplina era bem rígida...

L: É, até hoje a disciplina é rígida, eu sei pelos meus filhos que estão lá, tem horas eu acho que é até demais pela...

E: Pela rigidez...

L: É, pela rigidez, uma coisa assim.

E: Na época, quando você era aluno, você sofreu alguma punição, alguma...

L: Ah, tipo, alguma advertência, essas coisas nada de mais, eu também não era muito...

E: ...Flor que se cheire...

L: Eu não gostava muito de estudar, não era muito meu... mas eu não atrapalhava também, é, eu não gostava mas aquilo ali ficou mais prejudicial a mim mesmo, eu não passava isso pra outros alunos, não atrapalhava em sala, ficava quieto na minha cadeira, minha carteira. Não atrapalhava...

E: Tua personalidade sempre foi assim, você era mais quieto, não era da bagunça...

L: Não era muito, quando acontecia alguma coisa era: tava conversando, assim, mas era uma coisa leve, nunca foi de suspender, suspensão, essas coisas, sabe.

E: Mas você percebia pelos seus colegas, que a disciplina era...

L: Eu acho que na nossa época era uma coisa mais divertida, e não tinha tanta maldade, tanta malícia assim, as coisas eram diferentes, ao contrário de hoje que eu acho que hoje as coisas estão mais avançadas. Os alunos estão assim, mais, não respeitam mais tanto, a parte, que nem a parte de celular, que chegou, invés de influenciar pro bem, ta atrapalhando os alunos.

E: É verdade, acontece isso mesmo; estou falando como professor. Então, você comentou sobre os esportes... na época que você estudava lá eram as Gracimpíadas já ou eram os Jogos Intermunicipais?

L: Eram os Jogos Intermunicipais. Existia muita rivalidade entre as escolas, o Arlinda, o Dom Orione, o André Andreatta e praticamente a gente ficava o ano inteiro se preparando, treinando, que tinha uma rivalidade com um menino, tipo do Dom Orione: "Ah, porque eu vou ganhar de você esse ano..." Então era gostoso aquela competição que existia. No nível bacana...sem...

E: No respeito...

L: É, no esporte mesmo, na vontade de um ganhar do outro mas sem... e existia um trabalho dentro do esporte no Colégio Graciosa. Treinamento, saía pra treinar, fora do período de aula, né. Hoje eu acho que o ponto fraco do Graciosa seria isso, o esporte dele que teve as Gracimpíadas, teve jogo de handebol que tinha 3 jogando, sendo que são 6 na linha, tinha 3 só.

E: Perdeu essa...

L: Perdeu, é muita bagunça, não tem mais respeito, pessoal não presta atenção em quem tá jogando, não sabem jogar, não tem noção nenhuma de handebol, não tem de vôlei, não tem de nada. Tem alguns que se destacam porque treinam fora, né...

E: Então você acha que perdeu muito daquela característica que tinha na época que você estudava, que era bem puxado, bem treinado, digamos assim.

L: Perdeu

E: Você pegou a época do Marlus, chegou a pegar o Elton?

L: Não, o Elton participou e comigo na parte do handebol, daí alguns ensinamentos que ele passava pra gente, alguns treinamento assim ele deu...

E: Ah tá, mas não como professor...

L: Mas não como professor, eu não lembro se ele chegou a me dar, eu ter aula com ele...

E: Provavelmente não porque ele dava aula pro Ensino Médio, como você não foi... Deixa eu te perguntar uma coisa: Você falou a respeito do, das pessoas mesmo de outro colégio que se respeitavam, tinha competitividade mas vocês se respeitavam. Tem um outro fator, daí falar um pouquinho de suas questões tuas pessoais, você faz parte de uma família, digamos assim, tradicional aqui na região.

L: Sim

E: São bastante conhecidos, há muito tempo vocês estão aqui? A família de vocês?

L: Eu sei que o pai abriu restaurante aqui em 1975, e eu acho que ele veio, ele saiu do Rio Grande, ficou aqui um tempo daí foi pro Rio de Janeiro, e voltou, daí voltou, abriram, assumiram o restaurante, mais ou menos nessa época, um pouquinho antes então, mas isso já com conhecimento, já tinha aqui né.

E: Ah, então vocês já estão há muito tempo aqui... tua família, todos eles participaram...

L: É, isso a família do pai, né, a família da minha mãe já são daqui.

E: Ah, são daqui...

L: São de famílias tradicionais daqui, por parte de vó é Ferrarini, por parte de vô Ferreira,

E: Ah, certo, então são famílias que estão aqui na região há muito tempo. você sabe, você ouviu falar, quando você era menor, antes de você entrar no colégio, você tinha notícias do colégio? Porque provavelmente... Você é o irmão mais velho?

L: Sim.

E: Sim? Você foi o primeiro a entrar na escola...

L: Sim.

E: É, você ouvia falar da escola antes de você entrar? O que você ouvia falar dela? O que se comentava?

L: Então, o Graciosa eu cheguei a ir no pré eu acho, alguma coisa assim, eu cheguei a ir algumas vezes, diz a minha vó, eu me comunico mais com minha vó, que eu convivi mais com minha vó que minha mãe trabalhava e estudava em Curitiba, que eu fugia pra não ir pra aula.

(Risos). Por causa, que diz que a Larissa (sic), eu tinha medo da professora Larissa (Larice), e, eu não sei, na minha lembrança eu tenho umas castanhas lá que espinhava antigamente, mas eles contam que era por causa da Larissa (sic) que era muito brava.

E: Ela era brava daí você não ficou...

L: Não, não cheguei a ficar, eu saí pra outra escola e só voltei mais tarde.

E: Hã, hã. E a questão da, da, escola tá vinculada à igreja, essa questão da religião ali, é, de alguma forma interferia?

L: Não, porque a gente é evangélico também, né.

E: Ah, certo.

L: Então, uma das coisas que eu coloquei meus filhos lá também é pra dar continuidade né, nos ensinamentos, porque eu sei que é um colégio que... então a gente, como eu estudei lá, pra mim nunca interferiu nada, eles tinham ensino bíblico na época, mas nunca assim nunca interferiu...

E: Na época quando você estudava, vocês também eram evangélicos?

L: Não, a gente não era evangélico, na época não.

E: Leandro, então nós estávamos falando ali a respeito da questão da religião, você falou que hoje você colocou os teus filhos na escola, em parte também por serem evangélicos, mas na época em que você estudava lá você não era, a tua família não era evangélica, existia algum problema em relação a algum questionamento em torno da religião ou não, isso nunca foi um problema?

L: Não, que eu saiba pra eles, nem pra mim, nunca foi um problema. Tanto que meus outros 3 irmãos sempre estudaram lá também.

E: Tá. Quais são seus outros irmãos que estudaram lá?

L: A Isabela Bossardi, a Gabriela Bossardi e Alencar Bossardi Filho.

E: Ok, então vocês foram 4 irmãos que estudaram lá no Graciosa.

L: Sim.

E: Perfeito, dos 4 você é o mais velho e, hoje está com os filhos lá. Quantos filhos você tem?

L: 3

E: 3 filhos. Qual o nome deles?

L: Leonardo Bossardi, tá no segundo ano; a Milena tá no 1º e a Camile Bossardi tá no 7º ano.

E: 7º? Eles estão lá desde o início?

L: Desde o início,

E: Os 3 sempre estudaram ali...

L: Sempre estudaram ali no Graciosa.

E: Qual o motivo principal que vocês escolheu; pra colocar eles lá no Graciosa foi...

L: Uma porque eu fui aluno lá, conhecia os professores, né, outra por eu achar que dentro da região é uma, é a melhor escola que tem, e outra também pelo, por a gente ir em uma igreja evangélica também e aceitar mais ou menos a, mesma linha...

E: Qual igreja especificamente você vai?

L: A gente vai na Quadrangular...

E: Ah, na Quadrangular. A igreja lá é Batista, tem uma certa... familiaridade. Você acha então, você julga importante esse ensino religioso que a escola também passa.

L: Ah, eu acho que o ensinamento bíblico é sempre bom né. Nunca é demais né.

E: Certo, voltando a falar um pouquinho. Lá na época em que você era aluno, é, você comentou que havia certa rivalidade entre o Graciosa e outras escolas...

L: Sim,

E: Era uma rivalidade apenas esportiva? Ou você sentia que havia algum outro tipo de "pegação no pé", por exemplo

L: Não, eu acho que havia assim uma rivalidade esportiva, aquela vontade de ganhar do outro né. Mas eu acho que em termo assim de, rivalidade, de pegar no pé eu acho que não, essas coisas...

E: O Graciosa não era considerado a escola dos "riquinhos"?

L: Ah, eu acho que quando é uma escola particular, sempre vai ser chamado de uma escola um pouquinho de, de...

E: Da elite, né...

L: É, da elite né... por ela ser uma escola particular, né

E: Hum hum

L: Acho que parecia mais vantagens, qualidade

E: Você, acha que isso é normal?

L: Ah, eu acho que é, é, até hoje eu acho que, se a gente tirar por, olhar, a vantagem da escola particular também é, que nem, com essas greves que tiveram...

E: Hum hum

L: Escola particular não teve, seguiu o barco, e as outras não, ta tendo esse calendário apertado, essas coisas. Tanto, mudando de assunto, minha irmã quando foi fazer faculdade, é, por parte de mãe, né, tenho uma irmã por parte de mãe, e ela ia tentar direito, o meu padrasto, não quis que ela fizesse federal, como ela sempre estudou no Bom Jesus, sempre pagou mensalidade dela, então ele preferiu que ela fizesse na Faculdades Curitiba, que é lá na Água Verde, né?

E: Isso.

L: E é perto da casa dela e ele falou assim, que já que ele pagou ali, até aquele tempo, então ele preferiu que ela fizesse ali porque ele ia ter certeza quando ela ia terminar e uma Federal ele não sabia por conta das greves, essas coisas né, então assim, foi uma ideia de pai que ele passou pra ela né, com medo de que ela não terminasse na época dela.

E: É um direcionamento, isso meio que você concorda e por isso você também tem essa ideia

L: Eu concordo, que nem eu conheço também pessoas que estudam em escola, que são amigos dos meus filhos, eu acho que a cobrança na escola particular é maior também, né, e na escola pública é, não tem muita cobrança, os alunos não levam muito a sério, desrespeitam muito o professor, não tem limite né,

E: É, a gente percebe isso na conversa com outros pais que, não só da comunidade ali da escola, mas que esse é um dos fatores, né, eles gostam, né dessa cobrança, gostam da disciplina, gostam do ensino que a gente fala assim, mais puxado, mais puxado,

L: É, e a segurança também, eu acho que, que nem no Graciosa eu sinto que meu filhos estão seguros lá dentro, pela essa forma de rigidez, de cobrança, de um monte de coisa, a gente sabe que não tem, pode até ocorrer mas é muito raro uma briga, alguma coisa; e um colégio municipal, fora, público, você sabe que tem muita briga, e é, num sei ali, o medo também é um pouco, a segurança...

E: ... pesa bastante...

L: Isso

E: Bacana, é, bom você teve contato com várias pessoas que estudaram lá no Graciosa na tua época, é, as amizades se mantiveram?

L: Algumas sim, né, alguns amigos que moram próximo a gente manteve a amizade e depois de quase 20 anos dia 12 agora de setembro a gente fez uma reunião dos alunos que faziam parte daquela época no Graciosa, o pessoal que jogava handebol, fizemos um jogo de handebol e depois fizemos uma comemoração, foi muito bom lembrar e rever os amigos depois de tanto tempo.

E: Bacana, e você sabe os rumos assim que a maioria tomou? O pessoal assim, a maioria seguiu pra fazer um curso superior? A maioria abriu o seu negócio?

L: é tenho muitos amigos, alguns amigos que seguiram a área do pai, que nem eu, tem alguns amigos que nem o Oscar, o pai dele era dono de recapadora ele seguiu, Daniel Busnardo, químico, seguiu o pai dele, então alguns seguiram o..., o Daniel Creplive, o pai dele tinha caminhão ele também trabalha de caminhoneiro, e alguns professores, fizeram faculdade, né,

E: Então seguiram seus caminhos...

L: Cada um seguiu o seu caminho,

E: Hã, hã, bacana, e...desses amigos tem algum aí que é constante a conversa que vocês tão juntos, sempre se falam ou não?

L: O Oscar que geralmente ele passa aqui tomar um café, no restaurante, a gente sempre tá se vendo...

E: É amigo lá da escola...

L: é amigo da escola que a gente se conheceu na escola e permanece até hoje, agora, tem o Daniel Busnardo que é um menino que sempre morou meio próximo, a gente sempre se vê,

E: Hã hã, isso é importante né, manter os laços,

L: é, não são muitos mas ...

E: Mas os poucos que tem sempre...

L: É, os poucos... É que muitos vinham de fora também né, de fora de, pra estudar em Quatro Barras, tinha Curitiba, Colombo, Pinhais, então muitos também foram seguindo... casaram,

E: Foram para lugares mais distantes daí fica mais difícil...

L: Cassiana Cecon, que morava na Colônia Maria José, Colônia Faria, ta morando em São José dos Pinhais, tipo a Kayra, mora em Curitiba, Thays...

E: Falei com a Kayra...

L: Então o pessoal,... a Kayra é professora de artes.

E: É, a Kayra eu fiz entrevista com ela... Leandro, vamos falar um pouco mais de você como pai. Pelo que você tem falado, você tem gostado da escola, tem gostado dos rumos aí que a escola tem tomado, por isso você está com teus filhos lá, né, então você falou que tua filha tá no segundo ano?

L: O meu filho tá no segundo...

E: Ah, o teu filho ta no segundo? Ano que vem ele ta no terceiro ano, você vai manter ele na escola ou vai por ele num cursinho?

L: Eu to querendo manter ele na escola...

E: Hã hã, porque você sabe que é meio comum, acaba acontecendo ali na escola, o aluno estuda até o segundo ano, daí chega no terceiro ano e coloca num Positivo, ou Dom Bosco, num lugar com preparatório para o vestibular, o teu filho, já sabe o que ele vai fazer? Ele já tem ideia...

L: Não, meu filho puxou o pai, ele gosta muito de esporte e ele treina futebol de salão, ele gosta muito de jogar bola e ele começou a me ajudar aqui no restaurante também, dá uma mãozinha também pra... só que eu acho que ele, olhando por ele, o caminho dele seria voltado na área de educação física que é o que ele gosta de fazer. Ele gosta de academia, ele gosta de esportes, então eu acho que seria, o que se adapta pra ele seria mais uma educação física

E: Você faz questão que ele faça um curso superior...

L: Eu faço.

E: Acha que isso é importante...

L: Ah, eu acho que é importante para a carreira dele, pro futuro dele, alguma coisa assim, né.

E: Hã, hã, e, daí, no primeiro ano é uma filha que você tem?

L: No primeiro é uma filha,

E: Ela também já tem, ...

L: Ela pra mim ela...

E: Ela também é mais nova né..

L: Ela ainda não falou...Ela pra mim não falou o que pretende, a mais nova, com 17 chegou a comentar que quer ser pediatra, ah, desculpa, a que tá na 7ª série, ela ta com 12 anos, mas ela já é mais, assim ela ...

E: ...mais estudiosa...

L: É já comentou que tem interesse em ser pediatra

E: Ah, bacana e, aí a ideia a intenção é manter os filhos todos na escola...

L: É, manter também, uma porque eu sou, a gente, eu tenho um pouco de medo ainda, que nem ele sempre junto com a gente, apesar do Leonardo já tar com 16 anos eu tenho meio receio assim de soltar ele...

E: É, dá medo...

L: É, que nem, a gente não tem muitas condições de ficar levando pra Curitiba e trazendo, então, essa dele ir sozinho assim...ainda a gente tá, que ele é um menino assim, que ele ainda é, 16 anos mas ele é

bem criança ainda né, ele é um menino que ainda não pegou a maldade ainda, as malícias da rua...essas coisas assim.

E: Aí realmente a gente fica apreensivo..

L: Né, então por isso a gente fica meio apreensivo. A gente deixa ele no colégio que é pertinho...

E: Aqui eles vão com a condução da escola, ou não, vocês levam?

L: Eles vão com a condução da escola

E: Hã, hã, então nós estamos aqui no Jardim Paulista...Campina Grande

L: É, eu moro em Quatro Barras,

E: Ah, você mora lá, ah tá. Pertinho lá da escola?

L: É, pertinho lá da escola. Mas assim mesmo eles vão com o transporte escolar do colégio.

E: E os teus filhos hoje, nunca sentiram nenhum tipo de discriminação por estudarem lá? Por parte de amigos, de colegas, tanto no sentido assim... — Ah, estão lá no Graciosa vocês...

L: Não, porque os amigos deles assim se criaram sempre meio junto, então nunca teve discriminação assim, de quem estuda no Arlinda, de quem estuda no Dom Orione, é uma opção mesmo que cada um tem, né, claro que tem uns que não tem condições de... pagar. E eu falo assim, é um esforço que eu faço para eles, não vou dizer assim: ai, eu teria assim...

E: Que é fácil...

L: Que é fácil de pagar pros 3, não é, mas a gente faz um esforço, é, que nem só que a gente nunca tratou os amigos deles que estão no Arlinda, ... dessa forma, a gente sempre tratou deles igual e eles sempre foram lá em casa, como meu filho joga bola, ele, não é porque estuda no Graciosa, ele joga pela prefeitura de Quatro Barras também. Então ele sempre teve envolvido no meio dos meninos que estudam na escola pública, também né, e nunca tratou os meninos de outra for... sempre tratou por igual, então isso foi crescendo e o respeito veio...

E: Como consequência,

L: Consequência.

E: Legal, e, me diz uma coisa Leandro, o, da época que você estudava ou mesmo posteriormente teve algum fato, teve alguma coisa que marcou de maneira negativa assim que você acha que isso não foi legal, não foi bom...

L: No Graciosa você diz?

E: No Graciosa, na escola...

L: Ah, eu acho...

E: ... isso decepcionou... esperava uma coisa, foi outra...

L: É, na minha época, como eu estudei quase três anos, três anos e pouquinho ali, não sei se naquela época a gente era inocente também, alguma coisa assim, né, mas depois, passado o tempo que a gente escuta, de alguns comentários assim sobre professores, assim né, que levavam o negócio mais pra um lado, meio pessoal assim de, de, não sei, mas... De relacionamento, alguma coisa assim...

E: Então, nesse sentido, que isso acaba sendo comum em todas as escolas,

L: Sim,

E: Mas ali acaba chamando a atenção,

L: É, o que chamou atenção isso, né, mas, que nem até comentei esses dias, fora isso, que nem eu, como menino, pra mim era muito bom, é, porque, eu gostava de esportes, então era um incentivo, como eu não gostava muito de estudar, era um incentivo porque o professor insistia que eu tirasse notas boas pra poder jogar né...

E: Ah, tá. Tinha isso...

L: Pra mim então era um incentivo... eu tinha que estudar porque senão eu não ia participar...

E: ...tava fora do time

L: Então de uma maneira ou outra aquilo me incentivava a eu ter de tirar nota azul pra poder participar dos jogos, que nem a gente sabia, pra jogar fora...

E: Você chegou a ficar de fora de algum por conta de nota?

L: Não, eu não cheguei a ficar...

E: Mas, perto... (risos)

L: Mas eu sempre tava levando puxão de orelha, como o primeiro ano eu vim de outro colégio, e já vim mal, então, até eu me adaptar ali e tudo, mas daí nos outros anos eu passei, e também eu deixei, eu fiquei um pouco triste também, e eu deixei de sair de lá, que eu saí de lá, que já deu minha idade pra eu participar também da equipe, né, e daí eu saí do Graciosa também, uma porque já era, tava sendo muito puxado pra mim, eu não era muito de... e outra que aquele incentivo que eu tinha que era de participar da equipe e do esporte, eu, pela idade...

E: ...já não tinha mais.

L: Não tinha mais,

E: Você falou que o sétimo ano você repetiu, né?

L: É, só que eu repeti em outro, no Arlinda, a 5ª...

E: Ah, entendi.

L: Então eu perdi 2 anos, né.

E: Mas essa, essa reprovação, digamos assim, na sétima série, pra você, você meio que tava esperando?

L: Não, é tanto que eu nem quis fazer a recuperação. Que eu tive a oportunidade de fazer a recuperação, mas como eu tava muito mal em muitas matérias, eu preferi não fazer mesmo...

E: Quais eram as matérias que mais pegavam?

L: Ah, eu nunca fui muito bom em português.

E: Português, a Larice...

L: É, mas eu gostava da Larice, aquele trauma foi de criança, mas eu sempre achei ela uma excelente professora. E eu falo até hoje pros meus filhos: se você tiver a Larice como amiga e respeitar ela como professora e, prestar atenção na aula dela, o que ela quer né, e que nem, eles tão indo pra lá, na escola pra isso né, aprender, não é pra fazer conversar e bagunça, se você conversar e atrapalhar a aula dela você vai ter uma inimiga, em termo de, mas se você mostrar que você tá com interesse de aprender a matéria dela, ela se trona assim um, é uma excelente professora.

E: Verdade, e além de jogos que você falou, houveram assim, saídas, acampamentos, alguma coisa que você participou...

L: Sim, os acampamentos do Graciosa eram muito bons, a gente ia pra Lapa...

E: O Palavra da Vida,...

L: Isso, são coisas assim que ficam na lembrança até hoje assim...

E: E o que que tinha nos acampamentos?

L: A gente fazia teatro, jogava, tinha brincadeira, momentos de orações lá dentro do templo, assim né, da palavra, o teatro tratando sobre isso, né, ensinamento assim sobre família, essas coisas...

E: Você acha que isso ajudou bastante na sua formação...

L: Nossa, eu tenho muita saudade de isso daí assim, só que nem eu falo, a gente ir, ia no acampamento na nossa época, claro que tinha assim uma, uma paquerinha, um interesse assim, aaa, mas aquela época pra você ter essa intimidade pra você poder ficar com ela, não era assim do dia pra noite, você tinha que ir...construindo, você tinha que conquistar, se tornava uma coisa gostosa porque daí você tinha que correr atrás daquele teu objetivo, se você achasse que tal era uma menina bonita você ia ter que conquistar ela, pra poder ficar com, ou ter uma paquerinha com ela, eu sinto que hoje já não tem mais isso daí,

E: É muito mais rápido né,

L: É muito mais rápido, e o telefone, esses meios de comunicação, eu acho que cortaram muito isso...

E: Aquele relacionamento direto, né,

L: É porque naquele tempo ou você tinha de conversar direto ou por carta, ou por telefone, você tinha que ligar e conversar, hoje, é só digitando, e eu acho que se torna mais fácil de você falar coisas impróprias ali pelo telefone, você joga ali, se a outra pessoa não te cortar, não responder começa uma coisa mais, ah, mais avançada... assim pra idade deles, eu acho que vai atijando mais a mente deles pra um lado... lado negativo.

E: Então você acha assim, que por exemplo, esses eventos que a escola promovia como acampamentos, tudo mais, ajudava nesse sentido,

L: Na minha época eu gostava, porque não tinha maldade e era uma coisa assim divertida que era uma coisa de descontração mesmo e fortalecia as amizades assim.

E: Hum hum

L: E sempre os professores juntos né, e fazendo brincadeiras né, sempre tendo recreações e a gente na época tinha teatro a gente fazia os teatro também né,

E: Então isso foi marcante...

L: É marcante, foi legal. Porque eu sempre fui uma pessoa, muito enver, tipo assim, não me expressar na frente das pessoas, sempre tive muita vergonha assim, né, e na frente da sala, lê e....

E: pois é, e isso, você me falou de teatro, me chamou atenção.

L: É, e coisa assim que você...

E: Ajuda né,

L: Eu não conseguia, se eu fosse apresentar algum trabalho, eu sabia tudo tava tudo na minha cabeça mas se eu fosse lá na frente e tivesse que levantar pra ter que explicar, travava tudo. E no teatro foi uma forma que eu aprendi de, se concentrar, não prestar muito atenção no...

E: Em volta,

L: Em volta, né e focar naquilo ali e decorar no tema ali e no personagem e ir embora.

E: Quem é que liderava o teatro, quem é que ensaiava o teatro com vocês?

L: O Marlus também.

E: O Marlus também? O Marlus então dá pra dizer que foi um professor que esteve bem presente ali...

L: É, eu acho, como ele dava aula só no Graciosa na época e, era de manhã e à tarde, eu não sei se à tarde ele tinha, então, o horário dele "compatia" pra fazer essas coisas, treinava a noite, a gente sempre saía pra treinar à noite, hoje nem sei se pode também e, a carga horária, não sei se o professor pode ter também, que mudou muito eu acho né.

E: É, que eu acho que uma característica ali do Graciosa é o fato de, a direção e alguns professores serem, ser mais ou menos uma escola familiar, na época acho que permitia isso né. Então, é possível, não sei né, que talvez ele nem ganhasse pra isso, mas era uma coisa que ele gostava...

L: Ele gostava e tinha tempo pra fazer né, então ele se dedicava a isso também.

E: Hã hã, bacana, e, assim, de uma maneira, além das, dos acampamentos, dos esportes, competições, tinham as festas de fim de ano, formatura,

L: Tinham as formaturas né, de fim de ano...

E: Como que era a formatura? Você fez a formatura do 9º Ano?

L: Fiz, fiz a formatura, acho que era o 8º, né?

E: Era 8º, exatamente,

L: Fiz a formatura da 8ª.

E: E como é que foi? Como é que era?

L: Ah, foi legal, foi num clube em Quatro Barras...

E: Ah, foi num clube, não foi na Igreja,

L: Não, tinha o clube né, era grande lá foi uma coisa bem bacana,

E: Ah legal, e, acontecia também de pessoas que acabavam reprovando, bem nessa época, você teve algum colega que passou por isso?

L: Tive, tive colegas que reprovaram.

E: Bem no 8º Ano? Bem no ano da formatura?

L: É, teve gente que reprovou no 8º ano, se não to...

E: E você lembra de algum caso, se alguém ficou muito chateado...

L: Não lembro, não lembro, é que quem reprovou sabia..

E: ... já sabia.

L: E que foi no ano inteiro né, que aquilo foi ele mesmo que deixou acontecer, então, chegou no final também não era tanta surpresa pra ele né, pra quem reprovou.

E: Vocês tinham, usavam uniforme?

L: Sim.

E: O uniforme era o mesmo de hoje?

L: Era parecido, verde

(Toca celular)

E: Estávamos falando do uniforme né, vocês tinham um uniforme bem parecido né...

L: É, era verde, com listras vermelhas, já não era tão, era mais simples...

E: Mais simples do que agora, hã hã. Eu to falando assim, to lembrando dos símbolos da escola, o uniforme, tinha o hino, que o pessoal gostava, isso identificava, né...

L: A identificação do colégio né,

E: E acaba de uma certa maneira, remetendo às memórias da época...

L: Sim,

E: Quando você vai hoje né, por exemplo, assistir uma, apresentação lá da escola ou vê os jogos e eles tocam o hino por exemplo, isso te emociona?

L: Emociona que lembra do meu tempo, né...

E: Época em que você estava lá...

L: Se eu não to enganado quem fez o hino foi o professor Paulo, irmão da professora Alice...

E: Alice, isso, e ela fez a letra. Então foi bem na época que você estava por lá então, ...

L: Tanto que que nem eu falo né, a quadra do colégio Graciosa ali, quando eu tava lá fui eu que ajudei a pintar, junto com o Marlus, então a gente ia lá à tarde, ajudava ele, a gente que, meio que preparou, que fez as linhas, que ajudou pintar, que nem eu acho que aquela época a gente podia ter esse contato mais fora do período, pra você ajudar, acho que hoje você já não pode mais...

E: Hoje acaba se tornando mais difícil...

L: É mais arriscado para a escola

E: E você acha que isso foi importante,...

L: Pra mim foi, tanto que eu sou contra suspender né, é, dar suspensão, eu acho que o aluno devia fazer trabalho social dentro da escola, se tem que cumprir alguma pena, se ele fez algo de errado dentro da

escola, na minha opinião ele deveria ter de cumprir dentro da escola mesmo, fazendo um trabalho voltado à escola, não ficar 3 dias em casa.

E: Sim.

L: Porque que o que ele vai fazer? Geralmente pai e mãe trabalham, o que que ele vai ficar fazendo em casa? Vai ficar dormindo, ou ficar em frente a televisão, tipo, é uma penalidade porque, porque ele vai perder a matéria, então pro aluno vai ser... vantagem. E outra, se ele já não tá bem na escola ele vai ficar pior ainda porque ele vai ta perdendo matéria, ta perdendo... e ele fazendo um trabalho dentro da escola, então dá um trabalho pra ele fazer nos intervalo, ou uma coisa assim. É a minha opinião, mas só que eu não sei como é que segue as leis hoje...

E: É, tem esse lado do que pode e do que não pode pedir. Mas quando você fala que você ajudou ali a pintar a quadra, isso não foi por punição, você foi porque você quis...

L: Eu fui porque eu quis

E: Porque você se sentia parte daquilo...

L: E me sinto até hoje porque, pra mim é gratificante chegar e ver a quadra e dizer: oh, eu ajudei a construir aí, a pintar a quadra. Claro que já foi pintada muitas vezes depois, mas aquilo de ficar depois, a primeira pintura, a primeira vez que a gente jogou junto...

E: Então, isso é bacana...

L: Isso é bacana e guardo...

E: Então, eu ia fazer uma pergunta mas é bem óbvia né, você tem muito mais boas recordações da escola do que aspectos negativos...

L: Não tem nem que, como eu já tenho três filhos lá também, desde o começo eu coloquei, as minhas lembranças são muito boas da escola.

E: E não é por falta de opção na cidade, né, porque existem outras escolas.

L: É, existem outras escolas mas particular só uma, que seria o Dom Orione, né.

E: Não tem uma outra escola aqui (Campina Grande do Sul) ...

L: Acho que tem o Beraldo,

E: Isso,

L: Mas eu...

E: É novo...

L: É, mas eu não sei o, como que é,

E: Há há; ah, e tem o SESI também...

L: Tem o SESI, é...

E: Então a gente pode dizer que não é por falta de opção...

L: É, não é por falta de opção,

E: Mas, é porque você quis...

L: É porque eu quis.

E: Porque lá remete à tua infância, adolescência,

L: Isso,

E: E porque foi positivo...

L: Porque eu conheço professores também, tenho confiança, né, apesar de tá mudando muito professor, ta trocando, eu acho, eu acho, que esses últimos anos do Graciosa um dos pontos negativos eu posso dizer que é isso, a troca de professor e os alunos tão sofrendo pra se adaptar na forma de cada um que tá chegando, professor de inglês, inglês, do colégio os alunos estão sofrendo muito, ele pode ser um bom professor, mas, tipo ele entende da matéria mas, a forma que ele tá aplicando é mais, pessoal que tivesse

mais avançado, e eu acho que eles não tiveram esse preparo pra pegar um professor que tá cobrando meio demais deles...

E: Avançado né, e, pensar que no passado os professores né, posso falar de experiência própria, eu passei 10 anos lá, né, então antes os professores praticamente acompanhavam da 5ª série até 8ª,...

L: É, tinha professora Larice, que tá até hoje, o Roberto... Jussara, a Yara, que era irmã dela na minha época que trabalhou lá, então tinha bastante

E: Vamos tentar lembrar...

L: Alice, Marlus,

E: Professora Alice deu...

L: História,

E: História, o Marlus Língua portuguesa, e...

L: E Educação Física,...

E: Quem dava biologia? Era, é, Ciências...

L: Eu não lembro se foi, se era a Yara,

E: A Yara, irmã da Jussara. Matemática já era a Jussara...

L: Era a Jussara,

E: Hã hã, português era a Larice também,

L: É,

E: E ensino bíblico?

L: Ensino Bíblico eu acho que era a Larice que...

E: Que dava Ensino Bíblico...

L: É.

E: É, basicamente é isso, daí tinha Arte,

L: Agora eu não to lembrando, os outros professores...

E: Mas basicamente são esses,

L: É, era

E: É, o núcleo e alguns deles davam mais de uma matéria, o Roberto chegava a dar aula?

L: Geografia...

E: Dava Geografia...

L: Isso

E: É, então praticamente fechou. Você lembra do Pr. João?

L: Sim lembro,

E: Qual o papel dele ali na escola... o que que você lembra?

L: Oh, da escola mesmo eu lembro muito pouco, tipo assim, eu acho que ele não se envolvia muito, ele andava pela escola conversando mas a gente não tinha muito contato com o Pr. João, era mais os trabalhos dele mesmo...

E: Com a Igreja.

L: É, com a igreja.

E: Hum hum,

L: Daí o Roberto que era mais o responsável dessa parte do colégio né.

E: Vocês nunca chegaram a frequentar a igreja lá de Quatro Barras?

L: Não. Se a gente ia ia em algumas ocasiões, mas nunca assim frequentar mesmo não.

E: Então tá certo. Leandro, tem mais alguma lembrança tua que você queira...

L: Não tenho assim, lembrança.

E: Acho que a gente falou muita, lembrou de bastante coisa,

L: Lembranças boas assim daquela época, das amizades, das festinhas que a gente fazia, alunos,

E: Porque tem esse lado também né, tem o lado que a escola promovia e tinha o lado que vocês...

L: ...que a gente fazia. A gente sempre fazia as festinhas, então era muito boas as festas, assim, não tinha maldade nenhuma,...

E: Jogo também,

L: Não tinha bebida, não tinha droga, era uma musiquinha, comida, churrasco, fazia uma carne, ou cada um levava um prato, a gente sempre se reunia, era uma coisa bem bacana mesmo assim.

E: E jogavam também? Se organizavam pra jogar?

L: E sempre jogando, porque antes né, o pessoal se reunia, fazia joguinho a noite, a gente se reunia com o pessoal, antigamente também tinha muito, da gente se reunir ali em Quatro Barras ali, famílias assim, que nem a Cíntia e a Cinara, né, que estudavam lá, a mãe delas sabia jogar vôlei, as duas gostavam de jogar vôlei, então a gente se reunia na pracinha de Quatro Barras, duas vezes por semana pra gente fazer esse, não só apenas com pessoas do colégio, com pessoas do colégio e pessoas da sociedade ali...

E: De fora,

L: Dali, de outros colégios também...

E: Mas essa amizade nascia ali...

L: Dentro do Graciosa,

E: Dentro da escola.

L: Isso.

E: Bacana, Leandro, muito obrigado, valeu mesmo, desejo a você bastante sucesso.

**ANEXO 1- ATA DA SESSÃO ASSEMBLEIA EXTRAORDINÁRIA DA
CONGREGAÇÃO BATISTA EM QUATRO BARRAS PARA CRIAÇÃO DO
GRACIOSA CLUBE INFANTIL - 08 DE FEVEREIRO DE 1981**

Ata da sessão extraordinária da Congregação Batista em Quatro Barras, realizada aos oito dias do mês de fevereiro de um mil novecentos e oitenta e um. Após breve discursão foi dada abertura a sessão pelo moderador Sr. João Arthur Weidman, para tratar do seguinte assunto: Abertura de um Jardim de Infância. Sabendo da necessidade de um lugar para que as crianças possam obter os primeiros ensinamentos tanto acadêmicos, morais como espirituais, a professora Sueli Nairne Kuklis propôs fundar um Jardim de Infância. A idéia foi aceita por unanimidade pela Congregação, a qual propôs escrever uma carta à Igreja Batista de Quatro Barras comunicando o fato, e solicitar o auxílio moral, espiritual e financeiro, por tratar de uma instituição social, não serão cobradas taxas pela matrícula. A Congregação cedeu a sala anexa ao Templo para o funcionamento do mesmo, sendo que serão efetuadas algumas mudanças como: Uma porta independente para não serem usados as dependências do templo, uma cerca para separar a casa da glória e o local das crianças buscarem e confeccionar brinquedos próprios para as crianças, ficando responsáveis pelos serviços alguns irmãos que se propuseram a executá-los. Encerramento: Não havendo mais assuntos a serem tratados foi proposta o encerramento.

to com uma oração. É para constar larei a presente ata que após lida e aprovada será assinada pelo moderador e por mim secretário.

moderador: ~~João~~ A. Weidman. Secretário: Albino

Ata da sessão deliberativa da Congregação Batista em Quatro Sessões, realizada por quinze dias do mês de fevereiro de hum mil novecentos e oitenta e um. Após breve devocional foi declarada aberta a sessão pelo moderador Sr. João Arthur Weidman. Os atos anteriores foram lidos e aprovados sem emendas. O relatório financeiro foi igualmente aprovado apresentando os seguintes dados: Entradas cr\$ 18.788,73; saídas 12.849,49 sald. para fevereiro cr\$ 5.939,25. A congregação resolveu unanimemente escrever cartas aos irmãos membros da congregação que não contribuem com o dízimo, para que os mesmos possam ficar cientes das obrigações da congregação. A congregação votou que se realize um culto de abertura ao "Graciosa Fluxo Infantil", no dia 24 de fevereiro de 1981, (como) propôs ainda convidar a Igreja Batista de Parelum, a congregação de Jardim Comaralda, Pr. Agner, Pr. Altair Pinedello, Pr. Hering. e a irmã Madlene Mit. Encerramento não havendo mais assuntos a serem tratados foi proposto o encerramento com uma oração. É para constar larei a presente ata que após lida e aprovada será assinada pelo moderador e por mim secretário.

moderador: ~~João~~ A. Weidman. Secretário: Albino

ANEXO 2- RECORTE DO JORNAL BATISTA PARANAENSE EXALTANDO A CRIAÇÃO DA JARDIM DE INFÂNCIA EM QUATRO BARRAS

Curitiba **BATISTA PARANAENSE** Página 3

JARDIM DE INFÂNCIA EM QUATRO BARRAS



A Congregação Batista em Quatro Barras que tem como pastor João Weidemann iniciou em março deste ano um Jardim de Infância. Usando as dependências de Educação Religiosa, está com 70 matriculados. É a dirigente a irmã Sueli Krukli, formada pelo IBER. Todo o trabalho está sendo mantido pela Congregação. Nenhuma criança paga qualquer mensalidade. No final de junho, por ocasião do encerramento do primeiro período estiveram presentes quase todos os pais dos alunos no ato de encerramento do período. É uma porta

quase 3 alqueires. Tem uma vista muito bonita, é calmo o lugar, com dois lagos já formados. Esperamos em breve termos condições de usá-lo, se possível, semanalmente, dentro de uma programação bem elaborada.

BETEL - CURITIBA

A igreja na liderança do pr. Samuel Lagos Mallo tem vivido experiências marcantes. Em janeiro levantamos para as Missões Locais Cr\$ 106.000,00. Foi levantada a oferta de Missões Nacionais de Cr\$ 37.600,00. No carnaval deste ano foi realizado um retiro com a Igreja Memorial, com muitas bênçãos adquiridas. Damos graças à Deus pelas vitórias alcançadas.

a) Arlete Tenaca da Paçôlo

MANDAGUARI

A igreja Batista de Mandaguari em sessão de 17/5 resolveu dar um prazo de 60 dias a contar da data da publicação do Batista Paranaense, para que os membros assentes, quer por mudança em lugar onde haja igreja, quer onde não haja igreja, para que se comuniquem com a mesma, pois caso contrário serão eliminados automaticamente. A lista consta de 39 pessoas. Assim as que estão assentes da Igreja, em outras igrejas, comuniquem-se de imediato com a igreja de Mandaguari, Caixa Postal, 109.

a) Rodolphe Hising - evangelista

COLORADO

Colorado é fruto de Missões Estaduais. Lá está trabalhando o casal pr. Adalberto e Lucina Brasi em convênio de 3 partes, Missões Estaduais, Nacionais e com a Associação do Norte. Recobremos notícias do pr. Adalberto dizendo que foram batizados 5 novos crentes, sendo que 2 desses estão mostrando o desejo de se prepararem para servirem melhor o Mestre. Também tem sido atendido o trabalho em Alto Alegre, onde os primeiros frutos estão sendo colhidos. Colorado conta agora com 12 membros.

NOVA ESPERANÇA COM NOVO PASTOR



Na noite de 9 de maio tivemos posse o Pastor Irineu Gomes da Silva filho da 1ª Igreja Batista de Baraguá, Igreja que o apodou no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, onde concluiu o seu curso de bacharel em Teologia. Casado com dona Rose Mary, tem o casal 2 filhos. Foi o pregador na posse o pr. Altair Prevedello. Vários pastores da Associação estiveram presentes ao ato da posse. Na oração de posse pr. Adelfino Antônio Pires, que por muitos anos foi pastor da Igreja, agradeceu a Deus e solicita as bênçãos no novo ministério. A Igreja em Nova Esperança tem grande penetração na sociedade. Um dos jornais da cidade consentiu em publicar um artigo de meia página. Outro jornal também fez menção da posse do pastor da Igreja.

aberta que a igreja está pensando por ela. Parabéns pr. João Weidemann, irmã Sueli Krukli e Congregação de Quatro Barras. Temos propriedades tão boas para usarmos tão pouco tempo. Uma das experiências que muito gostei no Júpiter é que quase todas as Igrejas Batistas tem Jardim de Infância e com muito boa aceitação por parte dos moradores próximos da igreja. E Creche são duas grandes necessidades que nossas Igrejas poderiam fazer, além de muitas outras atividades usando nossas propriedades tão boas.

ACAMPAMENTO BATISTA



Uma das decisões da última Assembleia Convencional realizada em Campo Mourão, ficou decidido que se tenha um Acampamento próximo de Campo Largo, atendendo assim a parte do Bioral sul,

GIDEOS INTERNACIONAIS

O trabalho dos Gideões Internacionais é conhecido de muitos pelo excelente trabalho que vem sendo desenvolvido. São homens de negócios e de profissões liberais que fazem parte dessa agremiação que visa especialmente a distribuição de Bíblias, Novos Testamentos em escolas, quartéis, hospitais e hotéis. No mundo eles têm 3.502 campos e são 65.670 membros. Através deles foi distribuído um total de 241.946.030 Bíblias e Novos Testamentos. Trabalham em 126 países e no mundo distribuem em média por dia 4.003 Bíblias e Novos Testamentos. Para fazer parte dos Gideões é necessário ser membro de

**ANEXO 3- RELAÇÃO DE DOCUMENTOS NECESSÁRIOS AO PROCESSO
DE AUTORIZAÇÃO DE FUNCIONAMENTO DE CLASSES PRÉ-
ESCOLARES**


SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE ENSINO DE PRIMEIRO GRAU
GRUPO DE ORIENTAÇÃO TÉCNICO - PEDAGÓGICA
COORDENAÇÃO DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

RELAÇÃO DE DOCUMENTOS NECESSÁRIOS AO PROCESSO DE AUTORIZAÇÃO DE FUNCIO-
NAMENTO DE CLASSES PRÉ-ESCOLARES

- 1-Ofício de Encaminhamento do Plano de Implantação do Ensino Pré-Escolar.
 - 2-Declaração (conforme Modelo).
 - 3-Prova de direito de uso do prédio(escritura ou contrato de locação).
 - 4-Alvará de licença (Prefeitura).
 - 5-Prova de existência do Ato de Criação do Estabelecimento. ATA
 - 6-Planta baixa do edifício.
 - 7-Fotografias:fachada,salas de aula, instalações sanitárias,cantina,biblio-
teca,área coberta,área de recreação infantil,material didático.
 - 8-Estatuto da entidade mantenedora,devidamente inscrito no Registro Civil
das Pessoas Jurídicas,se for o caso.
 - 9-Firma individual ou Contrato Social,devidamente inscritos no Registro
Público.
 - 10-Prova de mandato da diretoria em exercício. ATA
 - 11-Projeto de Regimento Escolar.
 - 12-Plano Curricular(seguir roteiro do artigo 16 da Deliberação 020/78).
 - 13-Termo de Compromisso quanto a responsabilidade financeira e garantia de
remuneração aos professores.
 - 14-Termo de compromisso da Direção:providenciar Corpo Docente com Especia-
lização em Educação Pré-Escolar de acordo com a Deliberação 020/78.
 - 15-Documentação do Corpo Docente (inclusiva da Direção):
-Diploma de Curso Normal e Certificado de Especialização em Educação Pré-
Escolar. 2044
-Número da Cédula de Identidade
-Número da Cédula eleitoral
 - 16-Declaração individual dos professores aceitando o contrato para lecio-
nar no Estabelecimento.
 - 17-Comprovante de Imposto Sindical,no caso de Escola Particular(Sindicato
de Escolas Particulares de 1ª e 2ª Grau-Av.Getúlio Vargas,3333).
- Obs.:Os documentos deverão ser numerados de acordo com o índice,rubricados
pela IRE e colocados em pasta que evite extravio.O Estabelecimento deve con-
servar cópia da Documentação.

ANEXO 4- AGENDA DO ALUNO - INFORMAÇÕES GERAIS



Colégio Graciosa
a melhor educação para um futuro melhor

Av. Dom Pedro II, 142 - Centro
Quatro Barras - Paraná
Fone: (41) 3672-1988
www.colegiogradosa.com.br

MANTENEDORA

Igreja Batista em Quatro Barras

VISÃO DO COLÉGIO

O Colégio Graciosa tem por missão formar cidadãos conscientes de suas responsabilidades e preparados para serem um diferencial na sociedade. Através do projeto educacional baseado na Palavra de Deus, o Colégio busca o desenvolvimento integral do aluno em seus aspectos intelectual, físico, emocional, social e espiritual.

A instituição tem por finalidade, atendendo aos dispositivos legais, ministrar o ensino de Educação Infantil, o Ensino Fundamental e Médio, observadas a legislação e as normas especificamente aplicáveis.

De acordo com os princípios psicopedagógicos e filosóficos que norteiam a ação educativa, o Colégio Graciosa se propõe às seguintes metas:

- ✦ Instituir um sistema de vida escola em que haja interação e participação democrática de todos os seus componentes;
- ✦ Efetivar a ação educacional valorizando a ética, a formação de atitudes, a solidariedade, o sentido de liberdade com responsabilidade;
- ✦ Criar um clima de vivência cristã na Escola, de amor e respeito a Deus e ao próximo;
- ✦ Fornecer ao educando uma estrutura sólida de aprendizagem visando desenvolver suas aptidões intelectuais e criativas;
- ✦ Levar o educando a reconhecer os seus direitos e deveres criando um ambiente favorável ao desenvolvimento físico e mental, assim como ao ajustamento social;
- ✦ Criar condições para que haja a interação social junto aos demais colegas;
- ✦ Oportunizar o acesso ao saber elaborado a partir da realidade e das experiências necessárias ao desenvolvimento de suas potencialidades.

INFORMAÇÕES GERAIS

Colégio
Graciosa
a melhor educação para um futuro melhor

Av. Dom Pedro I, 142 - Centro
Quatro Barras - Paraná
Fone: (41) 3672-1888
www.colegiogradosa.com.br

INFORMAÇÕES GERAIS

Horários das Aulas

Segmento	Início	Término	Dias
Ed. Infantil e Ensino Fundamental	13h30	17h45	2ª a 6ª feira
Ens. Fundamental	7h30	12h	2ª a 6ª feira
Ensino Médio	7h15	12h	2ª a 6ª feira

A frequência às aulas é obrigatória. A falta, quando ocorrer, deve ser justificada pelos pais.

Os alunos deverão estar presentes 5 minutos antes do início das aulas. Quem chegar após o 1º sinal, só entrará na 2ª aula.

Após o início da 2ª aula não será permitida a entrada de alunos, a não ser que os mesmos apresentem justificativas escritas pelo pai, mãe ou responsável e/ou atestado médico.

Ajude seu filho a formar o hábito da pontualidade. Não permita que ele chegue atrasado, a não ser em casos extremos.

É importante lembrar que os pais tragam e venham buscar o aluno no horário estipulado.

Entrada das Aulas

As crianças, mesmo as menores, deverão ser deixadas no portão de entrada. Não será permitida a permanência dos pais nos corredores ou salas de aula. Sua ajuda em muito contribuirá para o bom funcionamento do Colégio.

Saída do Aluno

O aluno que tiver permissão do responsável para sair do Colégio sozinho deverá entregar uma autorização por escrito dos pais para que a mesma seja arquivada.

Colégio
Graciosa
 a melhor educação para um futuro melhor

Av. Dom Pedro II, 142 - Centro
 Quatro Barras - Paraná
 Fone: (41) 3672-1988
www.colegiogradosa.com.br

Agenda Escolar

Este material é de uso obrigatório e solicita-se que os pais acompanhem o desempenho do diário de seu filho, observando as folhas de ocorrência diariamente. O responsável deverá assinar a folha de ocorrências nas datas estabelecidas.

Mapa de Classe

Cada aluno terá seu lugar determinado pelo professor responsável pela turma da sua série e este deve ser obedecido para melhor andamento das atividades em sala de aula.

O aluno não deverá, em hipótese alguma, mudar de lugar sem autorização.

Pagamentos

Os pagamentos efetuados após o vencimento sofrerão acréscimo de acordo com a legislação em vigor. Por isso pedimos aos pais que mantenham os pagamentos em dia, para que os juros sejam evitados.

Os pagamentos serão efetuados em qualquer banco e no Colégio.

Sugerimos aos pais que guardem os recibos quitados pelo prazo de 1 ano, pois é o documento que comprova o pagamento dos mesmos.

Documentação Escolar

Os alunos que ficaram devendo o Histórico Escolar deverão entregá-lo até 30 dias depois da matrícula, pois deste documento depende a regularização da vida escolar junto à Secretaria.

Salientamos que não fazemos trocas de turmas e turnos, pois os alunos são devidamente distribuídos, já no período da matrícula.

Bimestralmente a Secretaria divulga os resultados do aproveitamento e frequência através do boletim escolar no módulo online, através do site do Colégio e nas reuniões bimestrais de pais e professores.

Colégio
Graciosa
 a melhor educação para um futuro melhor

Av. Dom Pedro I, 142 - Centro
 Quatro Barras - Paraná
 Fone: (41) 3672-1988
 www.colegiogradosa.com.br

Atendimento aos Pais

Qualquer necessidade de contato com o Colégio precisa de agendamento prévio, seja com a Direção, Coordenação, Professores ou Departamento Financeiro, pelo telefone: **3672-1988**.

Centro de Cópias

É disponibilizado pelo Colégio. Se o aluno necessitar reproduzir algum trabalho ou textos deverá pagar uma taxa por cópia.

Biblioteca Escolar

Os alunos que usam a biblioteca devem estar devidamente uniformizados e com autorização específica para esta atividade, que é fornecida pelo bibliotecário ou o auxiliar de biblioteca até 1 (um) dia antes da pesquisa e deverá ser requerida pelo aluno e assinada pelo responsável.

Avaliação

A avaliação do aluno é feita bimestralmente, com notas resultantes do rendimento do aluno. O aluno é avaliado qualitativa e quantitativa.

A expressão dos resultados é feita através de notas que variam de 0 (zero) a 10,0 (dez vírgula zero).

Crêterios de Promoção

Considera-se promovido ao final do ano letivo, o aluno que obtém:

- a) Média anual mínima de 6,5 (seis vírgula cinco) e frequência mínima de 75%;
- b) Média anual superior a 6,5 (seis vírgula cinco) e frequência igual ou superior a 75%.

A média anual é obtida pela média aritmética das médias bimestrais.

Colégio
Graciosa

a melhor educação para um futuro melhor

Av. Dom Pedro II, 142 - Centro
Quatro Barras - Paraná
Fone: (41) 3672-1988
www.colegiogradosa.com.br

Síntese do Sistema de Avaliação

Frequência	Rendimento	Resultado
75% a 100%	6,5 a 10,0	Aprovado
75% a 100%	Abaixo de 6,5	Exame Final
- 75%	Qualquer média	Reprovado

Recuperação

Submete-se a Exame Semestral o aluno que obtém média semestral inferior a 6,5.

Submete-se a Exame Final o aluno que obtém média anual inferior a 6,5.

Reprovação

Considera-se retido o aluno que obtém:

- Frequência inferior a 75% durante o ano letivo;
- Média final inferior a 6,5 após o Exame final.

Educação Física

Sua prática é obrigatória por lei.

- ✦ O aluno só poderá ser dispensado das aulas se apresentar problemas de saúde, comprovado mediante atestado médico.
- ✦ Os atestados e justificativas de faltas deverão ser entregues diretamente na Secretaria.
- ✦ O aluno com dispensa ou justificativa deverá assistir à aula a fim de ser avaliado no final do bimestre, quanto aos conteúdos ministrados durante as aulas.

Colégio
Graciosa
a melhor educação para um futuro melhor

Av. Dom Pedro I, 142 - Centro
Quatro Barras - Paraná
Fone: (41) 3672-1988
www.colegiogradosa.com.br

INFORMAÇÕES GERAIS

Intervalo

Cada turma tem seu horário para o recreio. Ao sinal para finalizar o recreio, o aluno deverá dirigir-se à sua sala.

Saúde do aluno

Se o aluno estiver doente, os pais poderão mandar o remédio de casa. Se ele adoecer no Colégio, os pais serão avisados.

Sugerimos que o aluno não venha ao Colégio enquanto não estiver com saúde razoável.

Em caso de haver avaliação no dia da falta, o aluno deverá fazer a solicitação da prova repositiva junto à Secretaria.

Provas Repositivas

A partir do 6º ano os alunos que perderem provas em 1ª chamada poderão fazer provas repositivas, mediante apresentação de Atestado Médico ou solicitação por escrito do responsável, explicando o motivo da falta, e pagando R\$25,00 (vinte e cinco reais) por prova, até 72 horas após a aplicação da prova. A data e o horário da prova repositiva estarão no comprovante de pagamento.

Uniforme

O uso do uniforme é obrigatório. A camiseta do Colégio é obrigatória, mesmo sob o agasalho.

Não faz parte do uniforme uso de chinelos, botas, toucas, bonés, moletons coloridos e sandálias.

No inverno, deve-se procurar adquirir o uniforme do Colégio pois blusas, agasalhos, juponas estranhas ao mesmo não serão aceitos.

É importante identificar todo o uniforme com o nome completo do aluno.

Colégio
Graciosa
a melhor educação para um futuro melhor

Av. Dom Pedro II, 142 - Centro
Quatro Barras - Paraná
Fone: (41) 3672-1988
www.coleglograciosa.com.br

Ervie seu filho devidamente uniformizado, pois isto faz parte do seu compromisso junto ao Colégio.

Acessórios

O uso de piercing (interno e externo) e alargadores é proibido no ambiente escolar, tanto para meninos como para meninas. Somente para as meninas será aceitável o uso de bijuterias discretas.

Transferências (Histórico Escolar)

Serão entregues em até 30 dias, somente para os pais ou responsáveis.
Na emissão da 2ª via será cobrada uma taxa de R\$20,00 (vinte reais).

Taxas

São expostas no edital da Secretaria as taxas cobradas pela emissão de documentos, provas repositivas, cópias, anuidade escolar e do transporte escolar, entre outras, para o ano letivo em curso.

Objetos de valor

Não é permitido portar brinquedos ou qualquer objeto de valor e outros objetos estranhos às aulas (câmera fotográfica, MP3, celulares, tablets, entre outros) evitando prejudicar os estudos e causar acidentes. O Colégio não se responsabilizará por objetos extraviados ou danificados.

Disposições Finais

O Código Disciplinar, documento que regula os direitos e deveres dos alunos e seus responsáveis está em edital na Secretaria do Colégio e disponível no módulo online.

Os casos omissos nas Informações Gerais e no Código Disciplinar serão analisados pela Direção, baseando-se no Regimento Escolar e, se necessário, encaminhados aos órgãos superiores competentes.

ANEXO 5- CÓDIGO DISCIPLINAR

Capítulo I

DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Artigo 1º - A Escola Graciosa em Quatro Barras com sede à Av. Dom Pedro II, 142 – Quatro Barras/PR. CNPJ 00.156.071/0001-88, adota o presente Código Disciplinar para reger a conduta disciplinar dos alunos do Colégio Graciosa.

Artigo 2º - São considerados alunos todos aqueles que, através de ato assinado, por si ou por seus responsáveis formalizaram sua matrícula em quaisquer um dos cursos mantidos na respectiva unidade escolar.

Artigo 3º - Cessa a condição de aluno a conclusão de curso, solicitação de transferência para outro estabelecimento, abandono imotivado de frequência por prazo superior a 30 dias ininterruptos e transferência compulsória.

Artigo 4º - Para os efeitos deste Código Disciplinar é considerado responsável pelo aluno menor de 18 anos, o pai, mãe ou o tutor designado na forma de legislação vigente.

Capítulo II

DOS DIREITOS

Artigo 5º - São direitos dos alunos:

1. receber educação inspirada nos princípios de liberdade e dos ideais de solidariedade humana;
2. receber equidade de tratamento, sem distinções de credo religioso, político, raça, sexo ou quaisquer outras;
3. ser respeitado como pessoa humana;
4. ser ouvido em suas queixas e reclamações;
5. ser atendido em suas dificuldades de aprendizagem;
6. utilizar-se das instalações, dependências e recursos materiais do Colégio, mediante autorização prévia de quem de direito;
7. ser informado sobre o Sistema de Avaliação do Colégio;
8. requerer transferência ou cancelamento de matrícula através do pai ou responsável.

Artigo 6º - São assegurados aos responsáveis pelo aluno, a reunião de pais, quando convocada pela direção, para esclarecimentos dos planos educacionais e demais assuntos pertinentes à atividade escolar.

Capítulo III

DAS OBRIGAÇÕES

Artigo 7º - Cabe ao aluno:

1. acatar autoridade do Diretor, dos professores e dos funcionários do Colégio e tratá-los com respeito;
2. tratar com respeito os colegas;
3. apresentar-se devidamente uniformizado e com asseio;
4. cumprir o horário e o calendário escolar;
5. entrar para as aulas logo após o respectivo sinal;
6. ocupar na classe o lugar que lhe for designado;
7. estar de posse de todo o material escolar exigido, conservando-o em ordem e asseio;
8. ocupar-se em classe com o objetivo próprio de estudo;
9. Manter o celular desligado e guardado durante o período de aulas;
10. portar-se nos recreios, dependências e adjacências do edifício escolar com moderação, segundo os preceitos da boa educação;
11. participar de comemorações cívicas e solenidades escolares;
12. colaborar com a direção do Colégio na conservação do prédio, do mobiliário e de todo o material de uso coletivo;
13. devolver em tempo hábil os livros emprestados da biblioteca para consulta;
14. apresentar-se à Coordenação Pedagógica, sempre que chegar ao edifício escolar depois de iniciados os trabalhos de sua classe ou se dela pretende sair antes de encerradas as aulas;
15. zelar pela aparência pessoal. O aluno deverá cultivar bons hábitos de higiene como: tomar banho diariamente, a boa apresentação dos cabelos e conservar o uniforme em bom estado;
16. comunicar ao estabelecimento qualquer problema que impeça a frequência às aulas;
17. ser honesto na apresentação das tarefas e demais atos escolares;
18. colaborar com todos na tarefa de promover a ordem e a disciplina;
19. cumprir outras determinações emanadas da Direção do estabelecimento.

Artigo 8º- Cabe ao responsável pelo aluno:

1. prestar informações sobre o aluno por ocasião de sua matrícula;
2. observar e acompanhar o desenvolvimento do aluno no ambiente doméstico, comunicando à direção da unidade escolar qualquer anomalia detectada;
3. apoiar e reforçar, no ambiente doméstico, a filosofia educacional seguida pela unidade escolar;
4. apoiar as medidas disciplinares tomadas pela unidade escolar;
5. não realizar e impedir que outros façam as tarefas que cabem ao aluno.

Capítulo IV

DAS PROIBIÇÕES

Artigo 9º- É vedado ao aluno:

1. namorar nas dependências do Colégio, no transporte escolar ou em qualquer evento promovido pela escola;
2. o uso do aparelho celular e câmera digital na escola e no transporte escolar;
3. entrar ou sair da classe sem permissão do professor;
4. entrar ou sair do Colégio sem permissão da direção/coordenação;
5. ocupar-se durante as aulas, em qualquer trabalho estranho a elas;
6. formar grupos e promover algazarras ou distúrbios nos corredores e pátio bem como nas imediações do Colégio, durante o período das aulas e no seu início ou término;
7. impedir a entrada de colegas nas aulas ou incitá-los à ausência coletiva;
8. trazer literatura estranha às aulas, gravuras ou escritos imorais ou aparelhos eletrônicos não autorizados;
9. perturbar por qualquer modo o sossego das aulas ou a ordem do Colégio;
10. tratar com desrespeito qualquer funcionário do Colégio, autoridades ou visitantes;
11. danificar qualquer parte do edifício ou ainda danificar ou desviar qualquer peça de seu material e instalações;
12. promover manifestações coletivas ou nelas tomar parte, salvo quando convidado pela direção do Colégio ou por ele autorizado;
13. fumar, beber ou praticar qualquer ação viciosa dentro ou nas imediações do Colégio ou adentrar nele sob efeito das mesmas;
14. trazer consigo armas ou qualquer objeto perigoso;
15. tomar parte dentro ou fora do Colégio, em manifestações ofensivas à moral da pessoa e de instituições;
16. praticar, dentro ou fora do Colégio, ato ofensivo à moral e aos bons costumes;
17. promover jogos, rifas, coletas ou campanhas de qualquer natureza sem a devida autorização da Direção;
18. distribuir boletins no recinto e nas imediações do Colégio e publicar jornais em que haja envolvimento do nome do Colégio, de professores ou de funcionários, sem autorização do Diretor;
19. Divulgar por qualquer meio de publicidade (inclusive internet, redes sociais e outros recursos), assuntos que envolvam a escola, colegas, professores e funcionários.
20. utilizar-se de livros, cadernos ou outros materiais de colegas sem seu consentimento;
21. distrair atenção dos companheiros em aula;
22. escrever, nas paredes, no assoalho ou em qualquer parte do edifício ou móveis, palavras, desenhos ou quaisquer sinais;
23. entrar acompanhado de pessoas estranhas ao estabelecimento;
24. manter atitudes inadequadas fora da unidade escolar trajando o uniforme do Colégio;
- 25.a) usar tatuagens, símbolos pagãos, bonés e cortes de cabelo extravagantes;

b) meninos – usar brincos, correntes, pulseiras, anéis, cabelos compridos ou pintados e piercing;

c) meninas (todas) – cabelos com tintura de cores extravagantes (fora do padrão Graciosa) e piercing;

26. usar mochilas ou peças do uniforme rabiscadas, sujas ou em mau estado de conservação. Quando isso ocorrer, estas devem ser substituídas.

27. mexer com pessoas na rua, mesmo que sejam conhecidas, quando estiver fazendo uso das conduções do colégio.

28. mascar chicletes nas dependências do Colégio;

29. jogar baralho e outros jogos de azar nas dependências do Colégio;

30. portar e/ou usar qualquer aparelho sonoro e eletrônico em sala de aula sem autorização da Direção (Não nos responsabilizaremos por danos ou perdas destes objetos).

31. comercializar qualquer produto no Colégio;

Artigo 10º - São consideradas faltas graves:

1. o desrespeito às autoridades escolares,
2. a produção de dano à propriedade alheia;
3. a inscrição de desenhos ou palavras que ofendam a moral e os bons costumes;
4. o incitamento de atos de rebeldia ou a participação neles;
5. qualquer ato de violência às pessoas;
6. prática de ação viciosa.

Capítulo V

DAS PENALIDADES E DOS RECURSOS

Artigo 11º - O aluno, pelo não cumprimento dos seus deveres e pelas faltas cometidas, é passível das seguintes penalidades, graduadas à gravidade da falta cometida:

1. admoestações e repreensão verbal, em aula, pelo professor e, fora dela por qualquer professor

ou funcionário que tomar conhecimento de falta;

2. retirada da sala de aula pelo professor, sendo então encaminhado à direção da unidade escolar;

3. repreensão particular, oral ou escrita, pela direção;

4. suspensão de algumas ou de todas as atividades a escolares, pelo prazo máximo de 8 (oito) dias, pela direção;

Parágrafo único - Na hipótese de retirada do aluno da sala durante a realização da prova ou avaliação

esta será julgada até o momento da interrupção, não cabendo a aplicação de nova avaliação.

Artigo 12º - São ainda passíveis das seguintes penalidades:

1. anulação, pelo professor, de provas ou avaliações que o aluno recorrer a meios fraudulentos na realização do respectivo ato escolar;

2. indenização dos prejuízos dos danos causados de qualquer natureza, seja à unidade escolar

ou propriedades de colegas ou funcionários;

3. ação da Justiça Pública, quando for cabível.

Artigo 13º - O aluno, por si ou por seu responsável, pode recorrer das penalidades aplicadas:

1. à direção, por escrito, quando aplicada pelo professor ou pelo responsável da ordem;

2. ao Conselho de Classe, por escrito, quando aplicada pela direção.

Artigo 14º - Cabe recurso à Direção Pedagógica, dos resultados das avaliações aplicadas pelo professor, por escrito, por si ou pelo responsável do aluno, dentro do prazo de 48 horas, a partir de sua divulgação.

Capítulo VI

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Artigo 15º - O ato de matrícula implica em aceitação das normas contidas neste Código Disciplinar, bem como outras que vierem a ser adotadas para o bom funcionamento da unidade escolar.

Artigo 16º - Responde solidariamente o responsável legal pelos atos praticados pelo aluno menor, matriculado em um dos cursos da unidade escolar.

Artigo 17º - Além do documento formal de matrícula o aluno e/ou seu responsável deve assinar termo, no qual declara ter recebido cópia e tomado ciência dos termos do presente Código Disciplinar.

Artigo 18º - Incorporam-se a este Código Disciplinar, as determinações oriundas de disposições legais supervenientes ou que vierem a ser baixadas pelas autoridades competentes.

Artigo 19º - Este Código Disciplinar entrou em vigor a partir do ano letivo de 1996 e foi atualizado em 2014.

ANEXO 6- ESTATUTO DA ESCOLA GRACIOSA EM QUATRO BARRAS

Com a redação aprovada pela Ata da Assembléia Regular da Igreja Batista em Quatro Barras de 05/08/2001, que alterou as redações dos artigos 6º, 7º e 16.

ESTATUTO DA ESCOLA GRACIOSA EM QUATRO BARRAS

CAPÍTULO I

DA DENOMINAÇÃO, SEDE, OBJETO E DURAÇÃO

Artigo 1º - A "ESCOLA GRACIOSA EM QUATRO BARRAS" é uma instituição educacional, pertencente a IGREJA BATISTA EM QUATRO BARRAS, organizada sob princípios rigorosamente cristãos, de direito privado, sem fins lucrativos, que se regerá pelo presente Estatuto e legislação que lhe for aplicável.

Artigo 2º - A ESCOLA GRACIOSA EM QUATRO BARRAS tem sua sede e foro na cidade de Quatro Barras, sito à Avenida Dom Pedro II, 142, podendo abrir e encerrar filiais em qualquer localidade do território nacional, a juízo e por deliberação administrativa.

Artigo 3º - A ESCOLA GRACIOSA EM QUATRO BARRAS, doravante denominada ESCOLA, tem por objetivo ministrar o Ensino de Creche, Pré-Escolar, Fundamental, Médio, Profissionalizantes, Treinamentos e Práticas de Escritório e educação em bases cristãs e patrióticas, e promover a difusão da cultura física, moral e cívica.

Artigo 4º - O prazo de duração é por tempo indeterminado.

CAPÍTULO II

DA ADMINISTRAÇÃO, DIREÇÃO E REPRESENTAÇÃO.

Artigo 5º - Por delegação da IGREJA BATISTA EM QUATRO BARRAS, a ESCOLA será administrada pela Junta de Educação da Igreja Batista em Quatro Barras, doravante denominada simplesmente JUNTA, cujos membros não recebem remuneração pelos seus mandatos.

Artigo 6º - A ESCOLA terá duas diretorias para atuação em áreas distintas: Diretoria Pedagógica e Diretoria Financeira.

§ 1º - Cada área de direção da ESCOLA será exercida por um Diretor eleito pela JUNTA que fixará o seu tempo de mandato, salário e responsabilidades.

§ 2º - Em caso de falta ou impedimento dos Diretores, o Presidente da JUNTA assumirá integralmente as funções administrativas e financeiras da ESCOLA, exercendo todos os poderes expressos no Artigo Sétimo, podendo, para tanto, delegar competência e dar procuração.

Artigo 7º - Cada Diretoria da Escola terá competência restrita, além das responsabilidades comuns a ambos os cargos.

§ 1º - São responsabilidades comuns a ambos os Diretores:

- a) Dirigir os departamentos, cursos, unidades e instituições da ESCOLA vinculadas às suas áreas de atuação;
- b) Cumprir e fazer cumprir este Estatuto e o Regimento Interno;
- c) Contratar e destituir pessoal técnico e auxiliares de sua administração, mediante prévia aprovação da Junta de Educação;

- d) Manter o bom nome e a dignidade evangélica da instituição;
- e) Autorizar a compra de equipamentos indispensáveis ao bom funcionamento da instituição, observadas as previsões orçamentárias e após aprovação da Junta de Educação;
- f) Cumprir as exigências legais e administrativas referentes à ESCOLA;
- g) Submeter à apreciação e aprovação da JUNTA os regulamentos internos necessários;
- h) Comparecer como assessor às reuniões da JUNTA;
- i) Apresentar à JUNTA relatório geral de sua área de atuação na ESCOLA nas reuniões regulares ou quando solicitado.

§ 2º - Ao Diretor Pedagógico da ESCOLA compete:

- a) Orientar e fiscalizar todas as atividades de ensino, observando os objetivos da ESCOLA, a legislação pátria e as normas emitidas pelos Órgãos fiscalizadores;
- b) Velar pela disciplina funcional dos professores e funcionários da ESCOLA, impondo as sanções cabíveis após deliberação pela JUNTA, e adotando medidas imediatas quando o caso exigir e comunicando imediatamente à JUNTA;
- c) Velar pela disciplina escolar dos alunos, impondo as sanções cabíveis após deliberação pela JUNTA, e adotando medidas imediatas quando o caso exigir e comunicando imediatamente à JUNTA;
- d) Atender aos pais ou responsáveis pelos alunos nos assuntos relacionados com as questões pedagógicas;
- e) Representar a ESCOLA ativa, passiva, judicial e extrajudicialmente.

§ 3º - Ao Diretor Financeiro da ESCOLA compete:

- a) Responder perante a JUNTA por toda a área financeira da ESCOLA;
- b) Somente realizar operações financeiras e de crédito decorrentes de contratos expressamente firmados com a aprovação da JUNTA;
- c) Assinar recibos, dar quitação e receber ordens de pagamentos, desde que decorrentes de expressa previsão contratual, podendo compartilhar tais atribuições mediante delegação ao Tesoureiro da Escola através de termo específico prevendo-se as responsabilidades;
- d) Submeter os balancetes mensais e o balanço anual à aprovação da JUNTA;
- e) Movimentar conta em estabelecimento financeiro ou credício sempre em conjunto com mais um integrante designado pela JUNTA;

§ 4º - A abertura e o encerramento de conta corrente em nome da ESCOLA dependem de prévia análise e autorização da JUNTA com a designação de no mínimo três representantes, sempre se fazendo necessária a assinatura de dois dos titulares sendo uma a do Diretor Financeiro.

§ 5º - As compras de equipamentos para a ESCOLA deverão ter o parecer aprovado pela JUNTA.

CAPÍTULO III
DO PATRIMÔNIO E DAS RECEITAS.

Artigo 8º - O patrimônio da ESCOLA é constituído de móveis e utensílios, imóveis, equipamentos, veículos, etc.

Artigo 9º - A ESCOLA ocupa, a título de concessão, que poderá ser gratuito ou oneroso, em forma de aluguel, desde a sua fundação, as dependências da IGREJA BATISTA EM QUATRO BARRAS, na Avenida Dom Pedro II, 142, Fundos, Quatro Barras - Paraná .

Parágrafo único - No caso da IGREJA BATISTA EM QUATRO BARRAS, soberanamente, decidir cobrar aluguel da ESCOLA, em razão da ocupação das suas dependências, isto será decidido em Assembléia desta entidade religiosa e comunicado oficialmente ao Presidente da JUNTA.

Artigo 10 - O patrimônio será usado integralmente na consecução do objetivo da ESCOLA, conforme Artigo Terceiro do Capítulo I deste Estatuto.

Artigo 11 - Os membros da Direção da ESCOLA não respondem, nem mesmo subsidiariamente, pelas obrigações da instituição.

Artigo 12 - As receitas da ESCOLA são constituídas de:

- a) Taxas e anuidades cobradas de seus alunos;
- b) Contribuições das Igrejas Evangélicas;
- c) Donativos de instituições ou pessoas, desde que sua origem seja considerada compatível com a natureza da instituição.

Artigo 13 - A receita da ESCOLA será aplicada sempre dentro do País, nas finalidades próprias da instituição.

Artigo 14 - Somente a JUNTA poderá decidir sobre a concessão de Bolsas de Estudo.

CAPÍTULO IV
DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS.

Artigo 15 - No caso de extinção da ESCOLA, automaticamente seus bens, direitos e obrigações, integrarão a totalidade dos bens pertencentes à IGREJA BATISTA EM QUATRO BARRAS, que os receberá independentemente de qualquer dispêndio ou ônus.

Artigo 16 - Os Diretores da ESCOLA prestarão relatórios e pareceres mensais das atividades de sua área de atuação à JUNTA que os submeterá mensalmente às Assembléias da IGREJA BATISTA EM QUATRO BARRAS.

Artigo 17 - Os casos omissos serão resolvidos pela JUNTA, e se necessário, levados à Assembléia da IGREJA BATISTA EM QUATRO BARRAS.

Artigo 18 - Este estatuto passa a vigorar a partir da sua aprovação pela Assembléia Geral da IGREJA BATISTA EM QUATRO BARRAS, mas só gerará direitos a eventuais terceiros após o seu registro e publicação.

Artigo 19 - Fica eleito o foro da cidade de QUATRO BARRAS para dirimir quais quer pendências referentes a este Estatuto e que requeiram a manifestação da justiça, renunciando-se a qualquer outro por mais privilegiado que seja.

Parágrafo único - O prazo para eventual reforma do presente Estatuto será de seis meses a contar do prazo de vigência.

Dionardo Lopes
Presidente da Igreja Batista em Quatro Barras
Presidente de Honra da Junta de Educação
da Igreja Batista em Quatro Barras

Daniel Rodney Weidman
Presidente da Junta de Educação da Igreja
Batista em Quatro Barras

Estatuto Registrado em 15/03/2006 no Cartório de Registro Civil, Títulos e Documentos e Pessoas Jurídicas, na Comarca de Campina Grande do Sul sob nº. 227 m3.

ANEXO 7- MANUAL DO PROFESSOR



1 - CORPO DOCENTE

1.1. ATRIBUIÇÕES

- ter senso de responsabilidade e dever: assiduidade, pontualidade, dedicação, organização, disciplina e cumprimento de normas;
- participar das devocionais realizadas na Sala dos Professores;
- participar do planejamento da proposta pedagógica do Colégio Graciosa, visando a qualidade de ensino e propondo alternativas para soluções de eventuais problemas;
- zelar pela aprendizagem dos alunos;
- buscar o aperfeiçoamento pessoal;
- planejar e executar as tarefas realizadas nas horas/atividades semanais;
- colaborar com as atividades do Colégio;
- detectar casos de alunos com problemas específicos e proceder o encaminhamento à Direção Pedagógica;
- manter a equipe escolar informada de problemas que possam interferir no trabalho de sala de aula;
- zelar pelo patrimônio escolar;
- contatar, quando solicitado pela equipe escolar, com os pais e/ou responsáveis pelos alunos;
- participar das Reuniões de Pais e dos Conselhos de Classe;
- seguir as diretrizes definidas no plano curricular do Colégio;
- manter e "fazer manter" o respeito e ambiente favorável ao processo pedagógico-educativo;
- cumprir e fazer cumprir os horários e calendários escolares.

- comparecer pontualmente ao Colégio nas horas de trabalho ordinário, e quando convocado, no trabalho extraordinário;
- manter assiduidade, comunicando com antecedência os atrasos e faltas eventuais;
- cooperar com os outros e manter relacionamentos positivos e produtivos. Sempre atender com cordialidade a todos;
- demonstrar sensibilidade em relação aos problemas e necessidades dos pais, alunos e colegas de trabalho, preocupar-se e mostrar respeito.

1.2. PROIBIÇÕES

- tomar decisões individuais que venham prejudicar o processo pedagógico-educativo;
- ministrar, sob qualquer pretexto, aulas particulares a alunos matriculados no Colégio;
- aplicar penalidades físicas aos alunos;
- expor alunos e colegas de trabalho a situações vexatórias;
- retirar e utilizar, sem a devida permissão da Direção, qualquer documento ou material pertencente ao Estabelecimento;
- ocupar-se, durante o período de trabalho, com atividades estranhas ao saber pedagógico;
- receber, sem a prévia autorização da Direção, pessoas estranhas no Colégio;
- ausentar-se do Colégio sem a prévia autorização da Direção;
- transferir para outras pessoas, sem justificativa plausível, o encargo que lhe foi confiado.



- praticar atos libidinosos ou atentatórios aos bons costumes nas dependências do Colégio. Evite aproximações e situações de intimidade com os alunos.

"Abstende-vos de toda a aparência do mal"

I Tessalonicenses 5:22

1.3. SANÇÕES

Os elementos do Corpo Docente que deixarem de cumprir as disposições e transgredirem as proibições presentes neste Manual, serão advertidos verbalmente e, se necessário, por carta de advertência.

2 - CONSIDERAÇÕES GERAIS

A Equipe Graciosa, visando o bom desempenho das atividades escolares, solicita aos professores que observem e sigam as seguintes instruções:

- usar o uniforme durante todo o período que permanecer no estabelecimento:
 - Social: calça preta social, camisa branca, casaco preto e sapato preto.
 - Esportivo: agasalho verde padrão Graciosa Professor, camiseta branca, tênis preto ou branco.



- apresentar-se bem, o que inclui uma boa aparência na forma de se vestir. Os homens deverão estar barbeados todos os dias.
- ser assíduo e pontual, cumprindo o horário de entrada e saída de cada aula.
- ao tocar o sinal de entrada para a primeira aula e após o recreio, o professor deverá dirigir-se à sala de aula, colaborando na disciplina.
- não permitir a entrada de alunos após o 1º sinal, devendo o mesmo esperar no pátio o início da 2ª aula.
- não permitir a saída de alunos durante as aulas. Permitir somente em casos estritamente necessários.
- Só sair da sala depois que todos os alunos tiverem saído. Ao sair da sala de aula estar atento para que as luzes sejam apagadas e os ventiladores desligados.
- a troca de professores, entre uma aula e outra, deve ser a mais rápida possível, evitando que os alunos permaneçam sozinhos ou saiam da sala de aula.
- caso tenha feito trabalho em grupo, volte a sala à arrumação inicial para não prejudicar o próximo professor.
- não dispersar a classe antes do horário de término das aulas.
- manter um acompanhamento intensivo sobre seus alunos, observando o aproveitamento e atendendo as dificuldades, evitando dar aulas sentado.
- no desenvolvimento de suas aulas, não gritar, mas falar de modo a ser ouvido por todos. **Cabe a você manter a disciplina de sua turma.**



13. é necessário que sejam passadas tarefas de casa, devendo haver uma cobrança rigorosa das mesmas.
14. comunicar ao aluno que o mesmo está sendo constantemente avaliado com o registro de: falta de tarefa, falta de material, problemas disciplinares.
15. cada aluno terá seu lugar fixo em sala e o mesmo só poderá trocá-lo com autorização do professor responsável pela turma.
16. providenciar antecipadamente o material a ser utilizado em suas aulas, giz, mapas, livros, bolas, etc., evitando que os alunos fiquem sozinhos em sala.
17. entregar todo o material para xerox com **1 (um) dia** de antecedência para a pessoa encarregada.
18. planejar e solicitar com antecedência à Direção Pedagógica, qualquer atividade extra, como passeios, entrevistas, e outras atividades extra-classe.
19. agendar o uso do vídeo, retroprojetor, DVD e Projetor Multimídia no mural da sala dos professores.
20. entregar dentro do prazo estipulado o material solicitado: planejamento, provas, notas, registros de classe, etc.
21. **não fornecer** médias bimestrais ou exames semestrais aos alunos e/ou responsáveis. As mesmas serão comunicadas na Reunião de pais.
22. A partir do Jardim 1: organizar a fila.
23. Iniciar as atividades às 7h30min / 13h15min.
24. Primeiro momento: devocional. Depois verificar e assinar as agendas.
25. estar atento ao horário estabelecido para o recreio;
26. Saída: 11h25min / 17h10min



27. liberar os alunos ao soar o 1º sinal. Os alunos que não usam as conduções do Colégio, deverão se dirigir à cantina.
28. após o 2º sinal as conduções sairão do Colégio;
29. não é permitido liberar alunos antes do horário estabelecido sem a autorização do responsável.
30. permanecer no pátio após a saída das conduções, auxiliando na fiscalização do comportamento dos alunos;
31. Manter a escrituração do Registro de Classe, controle de notas e fichas de anotações em dia.
32. As informações do acompanhamento educacional (tarefas, material, agenda, notas, rendimento) e disciplinar (atitudes, comportamento, problemas) são a base para o devido trabalho de controle escolar. Sendo assim, evite utilizá-las como ameaça ao aluno e turma.
33. Alunos faltosos há mais de 3 (três) dias, comunicar à Direção Pedagógica.
34. Observações da turma e/ou aluno, comunicar diretamente à Direção Pedagógica. Nada deverá ser acumulado quanto ao andamento do aluno.
35. A correção dos cadernos e livros deverá estar em dia, sob a supervisão do professor.
36. Toda informação, esclarecimento sobre o aluno - família / família - aluno, deverá ser recebida e/ou repassada pela Direção Pedagógica.
37. Lembre-se que filho de funcionário é aluno. Não pode ter tratamento diferenciado.
38. Qualquer dúvida de pais quanto à parte pedagógica e/ou infra-estrutura, encaminhar ao setor responsável.
39. Procedimentos em sala de aula:



- manter as janelas e portas bem abertas, melhorando a ventilação;
 - cortinas: sempre que possível, abertas. Não enrolá-las.
 - ventiladores ligados em dias quentes;
 - não deixar as luzes apagadas em atividades do dia-a-dia, com os alunos. Somente escurecer o ambiente em momentos programados: Hora do Conto, vídeo...
 - não deixar material espalhado em cima do armário, principalmente caixa de giz, apagador, caneta de quadro e sobras de testes e provas. Quando necessário, guardar os materiais em caixas encapadas e etiquetadas;
 - manter os armários, estantes e gavetas organizados;
40. trabalhar em sala de diversas formas: duplas, trio, grupo, meia lua, fileira e outras. Ficar atento à visualização das crianças ao quadro;
 41. os bilhetes deverão ser revisados pela Direção Pedagógica antes da digitação;
 42. todo bilhete deve ter o cabeçalho oficial do Colégio.
 43. todos os comunicados, bilhetes e informativos dos diversos setores, estarão arquivados na Pasta de Comunicação.
 44. Pesquisas:
 - anotar no caderno;
 - anotar na agenda o dia da entrega, que deverá ser marcada com 1 (uma) semana de antecedência;
 - direcionar muito bem em sala de aula (será no caderno, com ilustração, em papel pautado, cartaz, maquete e outros);
 - repassar bibliografia;



- comunicar sempre por escrito à bibliotecária sobre o conteúdo e desenvolvimento da mesma, facilitando o auxílio de pesquisa na Biblioteca.
 - Para alunos a partir da 5ª série seguir os padrões preestabelecidos na apostila.
45. Todos os comunicados de interesse geral serão anexados no mural da Sala dos Professores.
 46. Evitar comentários sobre sua turma e/ou de determinado aluno com funcionários ou demais professores para não rotular os alunos.
 47. Não permitir chicletes em qualquer ambiente escolar.
 48. Zelar pela ordem da sala: limpeza, alinhamento das carteiras e outras.
 49. Incentivar o aluno quanto à organização de seu material sob a carteira, durante a aula.
 50. Qualquer atividade extra realizada com os alunos durante ou após o período de aula, poderá ser realizada somente com a prévia autorização da Direção.
 51. Manter limpa e organizada a sala dos professores, durante todo o período.
 52. Todo e qualquer material (canetas, lápis, tesouras, colas, fita adesiva e outros) emprestado deverá ser devolvido ao setor.
 53. Quando utilizar som ou vídeo, lembre-se que as demais turmas também estarão em aula. Procure não atropalhar o andamento das mesmas, com possível dispersão dos alunos das outras salas decorrentes do volume excessivo utilizado.
 54. Respeitar o dia da entrega de notas à Secretaria, evitando transtornos e aborrecimentos.



55. Entregar o Cronograma Bimestral, na 1ª semana de aula de cada bimestre.
56. As provas, atividades avaliativas, testes repositivos devem ser entregues na secretaria até 3 (três) dias úteis antes da realização.
57. Anotar na folha específica na sala dos professores os alunos ausentes em dia de avaliação.
58. Agendar avaliações nas pastas específicas na sala dos professores. Serão permitidas duas avaliações por dia.

3 - AVALIAÇÃO

3.1. CONCEITO

Avaliação é o conjunto de pré-requisitos emitidos pela escola em relação ao desempenho do aluno.

A qualidade de avaliação é a qualidade da escola.

3.2. TIPOS DE AVALIAÇÃO

3.2.1. Diagnóstica

Se aplica, em princípio, no início do ano escolar. Através dessa avaliação é possível traçar um perfil inicial da turma. Nessa avaliação, também denominada "teste de sondagem", verificamos se os alunos já dominam os pré-requisitos para iniciar uma unidade, uma disciplina ou um curso ou, ainda, para constatar interesses, possibilidades, necessidades ou até mesmo, insuficiências, problemas específicos de aprendizagem, etc.

3.2.2. Formativa



Também denominada "contínua", é aplicada praticamente de forma diária. Após o desenvolvimento de um conteúdo, faz-se necessário verificar o alcance do objetivo desejado. É formativa no sentido de que indica como os alunos estão se modificando em direção aos objetivos desejados.

3.2.3. Somativa

É um processo de descrição e julgamento para classificar os alunos ao final de uma unidade, um semestre, um ano, segundo níveis de aproveitamento expressos em notas ou conceitos. Essa atribuição de notas serve a três objetivos: classificar o grau de notas; informar ao aluno e aos pais o rendimento desse aluno; e, finalmente, promovê-lo, ou não, para a série seguinte.

3.3. TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

As técnicas e instrumentos de avaliação adotados pela escola são:

- a) provas escritas e orais;
- b) trabalhos individuais;
- c) trabalhos em equipe (sempre realizados em sala de aula);
- d) experiências práticas individuais ou em grupo;
- e) debates individuais ou em grupo;
- f) participação e interesse (inclusive na avaliação individual);
- g) tarefas de casa.

A prova é o instrumento de maior relevância adotado pela escola.

3.4. TIPOS DE PROVA

3.4.1. Prova objetiva



São as provas que exigem resposta única do aluno:

- a) Vantagens:
 - 3 fáceis de corrigir;
 - 3 pouco tempo para correção;
 - 3 avalia (em extensão) maior quantidade de conteúdo.

- b) Desvantagens:
 - 3 mais difíceis de elaborar;
 - 3 mecanizam o aluno;
 - 3 facilitam a "cola";
 - 3 lotéricas (permitem que o aluno jogue com o fator sorte);
 - 3 desestimulam o estudo aprofundado.

3.4.2. Prova discursiva

São as que se dividem em delimitadas (respostas curtas) e dissertativas (exposição articulada).

- a) Vantagens:
 - 3 fáceis de elaborar;
 - 3 propiciam a aquisição de conhecimento estruturado;
 - 3 exigem o raciocínio;
 - 3 impedem o "chute" e o "azar";
 - 3 avaliam conteúdo (em extensão e profundidade).

- b) Desvantagens:
 - 3 dificultam a correção;
 - 3 interferem nos fatores subjetivos da correção;
 - 3 tomam mais tempo na correção.



As questões discursivas (tanto as delimitadas como as dissertativas) poderão ser corrigidas com maior objetividade quando a correção for efetuada "em cima" das respostas de todos os alunos a uma questão, em vez da resposta de um só aluno a todas as questões.

Muito cuidado e atenção para não bitolar a correção "em cima" de um gabarito, assumindo a posição do tipo "se não estiver com as mesmas palavras do livro ou gabarito, o aluno perde nota".

Esta prática reflete imediatamente no aluno, desmotivando-o para a criatividade e originalidade.

- Obs.: Colocar a pontuação (valor) em cada questão da prova.

4 - CRITÉRIOS DE ELABORAÇÃO

Os critérios para a elaboração das provas escritas levam em conta não só o conteúdo, como também, a redação da questão proposta.

4.1. QUANTO AO CONTEÚDO

- a) as questões devem cobrir toda e apenas a matéria programada;
- b) não repetir, mesmo que seja com técnicas diferentes, a cobrança do mesmo assunto no mesmo instrumento de avaliação.

4.2. QUANTO À REDAÇÃO

- a) todo o enunciado deve ser simples, claro e conciso, sem qualquer dupla interpretação ou ambigüidade;



- b) o significado dos termos usados no enunciado deve ser de domínio do aluno. Sem entender a pergunta, é impossível dar uma resposta;
- c) as proposições devem ser sintéticas e claras, evitando frases extensas e complexas;
- d) todo instrumento de avaliação deve recorrer à maior diversidade possível de técnicas;
- e) o dimensionamento da prova deve ser proporcional ao conteúdo e ao tempo destinado para sua aplicação;
- f) as questões devem ser gabaritadas para facilitar a análise e garantir a sua coerência e viabilidade;
- g) devem ser evitadas questões com o mesmo grau de dificuldade e com valores diferentes.

4.3. QUANTO AO TEMPO

- a) recomenda-se o cuidado na dosagem de dificuldade dos itens da prova bimestral, de modo a apresentar uma avaliação equilibrada, tendo um tempo necessário para a sua realização em torno de 45 minutos;
- b) o professor deverá colocar o valor de cada questão entre parênteses. A somaária desses valores deverá ser igual a 10,0 (dez);

5 - APLICAÇÃO DAS PROVAS

Na aplicação das provas, convém lembrar alguns princípios:

- a) Nas turmas a partir de 5ª série os alunos devem sentar por ordem de chamada;



- j) estando o aluno com "cola" no papel, régua, borracha, carteira, o professor deverá retirar a prova imediatamente, fazendo as devidas observações e/ou anexando o material utilizado para a "cola";
- k) se houver necessidade o professor poderá recorrer à Direção;
- l) dos alunos que terminam a prova muito rápido, verificar se está tudo respondido e, se faltar algo, mandar completar. Ocupar os alunos que já terminaram a prova com alguma leitura, não podendo ser atividade relacionada com o conteúdo da prova ou algo que forneça a comunicação entre os mesmos. Os alunos deverão colocar a prova embaixo da carteira e permanecer em silêncio até o término da mesma;
- m) evitar ficar corrigindo trabalhos ou provas e/ou permanecer sentado durante a aplicação da prova;
- n) recolhimento das provas: após o sinal, os alunos das últimas carteiras passarão as provas para a frente, e o professor deve ficar muito atento (não permitir que nenhum se levante).

6 - CORREÇÃO DAS PROVAS

- a) A correção das provas deve ser feita com caneta vermelha e de forma discreta, evitando-se rasura. **NÃO CORRIGIR PROVAS EM SALA.**
- b) as avaliações feitas durante o bimestre devem ser corrigidas e entregues aos alunos no mínimo uma semana antes das provas bimestrais;
- c) Deve-se preencher com um traço vermelho as questões em branco ou incompletas, a fim de evitar que o aluno as complete



- b) acalmar a turma, isto é, descontrair ou distensionar os alunos, criando um ambiente de serenidade, concertar razão e confiança;
- c) uma vez alcançado esse clima, manter o silêncio absoluto a partir do qual se dão as recomendações e orientações necessárias: o quadro deve estar apagado e sobre a carteira deve ficar apenas o material de uso pessoal do aluno (caneta, lápis, borracha);
- d) observar para que os alunos não façam uso de seus materiais (livro, caderno, folhas). Se for o caso, recolher o material;
- e) distribuição da prova: por fila, colocando na primeira carteira e passar para trás somente quando autorizado;
- f) estar atento ao comportamento dos alunos e atender qualquer solicitação dos mesmos, feita apenas levantando o braço e aguardando, sem falar. Em caso de dúvida, pedir a presença do professor da disciplina;
- g) fazer com os alunos uma leitura de todas as questões da prova. Atenção para não permitir que os alunos tentem responder em voz alta, e nem o professor fazer qualquer comentário e esclarecimento sobre qualquer item. A leitura é para verificar se há erro ou falta de questões ou páginas em alguma prova;
- h) durante a execução da prova, circular pela sala, observando a letra dos alunos e tentativas de qualquer tipo de comunicação ou "cola";
- i) na tentativa de "cola" (olhar para o lado, sussurrar, gestos ou qualquer outra forma de comunicação), o professor deve advertir o aluno verbalmente e, na insistência, retirar a prova relatando o ocorrido por escrito na mesma, retirando o aluno de sala;

após a entrega da prova corrigida. Deve-se, também, obedecer os seguintes critérios para proceder aos descontos por erros:

- → Descontar 0,01 (Português)
- O mesmo erro deve ser descontado uma só vez;
- Ex: total -9,5
- Erros - 4 X 0,01= 0,04
- Notas - 9,46
- d) as questões objetivas que apresentarem rasuras devem ser anuladas. Até a 4ª série, quando o aluno justificar o ato da rasura, o professor deverá considerar;
- e) no caso do aluno responder a uma questão de forma errada, perdendo com isso toda a questão, os erros ortográficos eventualmente cometidos nessa questão não serão computados, mas sempre corrigidos;
- f) ao escrever um bilhete para o aluno, na prova, ter o máximo cuidado com a redação, a ortografia e a mensagem;
- g) em razão da possibilidade de o aluno rasurar uma questão após a entrega da prova corrigida, cuidar ao reconsiderar as questões reclamadas pelos alunos;
- h) o professor deve, ao corrigir as provas, verificar as questões em que houver maior incidência de erros para, posteriormente, proceder à retroalimentação do conteúdo;
- i) evitar fazer observação na prova do aluno, lembrando-o de indisciplina e falta de atenção. Esse quesito deverá ser registrado na Ficha de Anotações no dia da incidência e encaminhado à Direção. Lembre-se: **CONTEÚDO E INDISCIPLINA NÃO ESTÃO NO MESMO PATAMAR DE AVALIAÇÃO;**



- j) não corrigir em cima da escrita do aluno; passar um traço abaixo do erro e escrever corretamente a palavra, acima/abaixo ou lado;
- k) não é permitido o uso de corretivo em provas;
- l) após a correção, o professor deverá colocar as provas bimestrais em ordem numérica e entregá-las à Direção Pedagógica.

7 - ENTREGA DAS ATIVIDADES AVALIATIVAS

Após a correção, o professor entregará as atividades avaliativas aos alunos, devendo:

- a) comentá-las de maneira geral, fazendo o aluno perceber a importância da avaliação/estudo/atenção/autocorreção;
- b) comentar as questões em que houve incidência de erros;
- c) esclarecer dúvidas quanto à correção;
- d) evitar comentários do tipo "todo mundo foi mal", "a prova estava difícil", etc.;
- e) solicitar dos alunos, quando julgar conveniente para fixação, que refaçam apenas as questões que erraram na prova e não a prova toda;
- f) após a correção das atividades avaliativas, solicitar aos alunos que, na aula seguinte, tragam-nas assinadas pelo responsável. As atividades avaliativas assinadas serão devolvidas para os alunos. Apenas as provas bimestrais serão guardadas nas pastas.



Quatro Barras, ____ de _____ de 2000.
(pular uma linha)

Versículo

- b) fazer uso do parágrafo quando necessário;
- c) espaçar bem as atividades no quadro, cuidando da caligrafia e ortografia;
- d) ficar atento ao traçado da letra do aluno;
- e) observar o uso do lápis nos livros;
- f) utilizar lápis colorido somente para numerar exercícios, sublinhar séries e acentuar palavras. Não é permitido o uso de canetinhas;
- g) sempre ao término da tarefa passar um traço colorido com o uso da régua;
- h) respeitar a margem esquerda do caderno. Não escrever nada além da margem à esquerda.

Ex.:

1) Escreva → correto
1) Efeetue → incorreto (a margem direita é livre até acabar a folha)

10 - PLANEJAMENTO SEMANAL

Direcionamento:

- a) selecionar os conteúdos pertinentes à sua semana;
- b) enriquecer o planejamento com atividades diferenciadas e significativas, tornando sua execução mais agradável;



8 - TAREFAS DE CASA

O professor de cada disciplina deverá passar tarefa de casa para os alunos, por menor que seja, diariamente. A tarefa de casa deverá sempre ser passada por escrito no quadro e insistir que os alunos a transcrevam imediatamente para a agenda. Lembrar os alunos da importância da tarefa como instrumento de fixação e aquisição de hábitos de estudo.

Ao passar a tarefa, o professor deverá considerar:

- a) o grau de dificuldade dos exercícios;
- b) a qualidade, e não a quantidade dos mesmos;
- c) a relevância desses na fixação da aprendizagem.

O professor, obrigatoriamente, no início de cada aula verifica se o aluno fez ou não a tarefa e, principalmente, deverá corrigi-la para não desvalorizá-la. Use o BOM SENSO ao considerar a tarefa como incompleta, ao anotar na ficha de ocorrência.

9 - USO DO CADERNO

Direcionamento:

- a) começar a lição do dia sempre com o seguinte cabeçalho:
Colégio Graciosa - Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio



- c) lembrar-se de não repetir exercícios dos próprios livros;
- d) já incluir no planejamento os feriados, provas, festas, datas ou recessos para não haver falta ou excesso de conteúdo em determinadas semanas;
- e) utilizar recursos variados: vídeo, música, passeios, paradidáticos, cartazes e outros.

11 - CRITÉRIOS DE NOTAS

- a) atividades avaliativas: ao final de 1 ou 2 conteúdos. A atividade avaliativa poderá ser em forma de pequenos "testes", pesquisas, trabalho em grupo, apresentação oral, relatório ou outro instrumento de avaliação. A pontuação delas deverá ter um total que seja múltiplo de 10,0 (dez) pontos;
- b) conceito: avaliação de desempenho. Observar os seguintes critérios: tarefas, organização, participação e interesse;
- c) prova bimestral: ao final de cada bimestre. Nessa prova deverá ser cobrada a matéria de todo o bimestre.

12 - CRITÉRIOS DE PROMOÇÃO

A promoção ou não se fará mediante o resultado que o aluno apresentar no final do ano, tendo como base a Síntese do Sistema de Avaliação do Colégio:



a) Média Parcial:

MP = soma das notas obtidas dividida pelo número de avaliações.

b) Média Bimestral:

MB = $\frac{\text{média parcial} + \text{prova bimestral}}{2}$

c) Média Semestral:

MS = $\frac{1^\circ \text{ B.} + 2^\circ \text{ B.}}{2}$

d) Média Semestral após exame:

MS = $\frac{(MS \times 2) + \text{Exame}}{3}$

e) Exame Semestral: para saber quanto o aluno precisa tirar no Exame Semestral:

$(\text{Média semestral} \times 2) + \text{EF} = 19,5$
 $19,5 - (\text{Média semestral} \times 2) =$



Ex.: Média Semestral = 6,2
 $(6,2 \times 2) = 12,4$
 $19,5 - 12,4 = 7,1$ (precisa no Exame Semestral)

f) Média Anual:

MA = $\frac{1^\circ \text{ semest re} + 2^\circ \text{ semest re}}{2}$

14 - PARA REFLETIR

Professor(a):

- a) seja o mais justo possível. Lembre-se de que você é professor de todos. Compreenda cada aluno individualmente, mas dentro de um mesmo critério. Evite privilégios e jamais cultive ressentimentos, intuições de perseguição e de vingança contra eles;
- b) seja firme nas suas decisões e empregue energia necessária no momento certo. Certo não significa, de modo algum, ser autoritário, arrogante e prepotente;
- c) corte imediata e incisivamente, qualquer movimento de indisciplina ou desordem coletiva que começa a se formar;



- d) evite gritar e distribuir gratuitamente ordens e punições o tempo todo. Sua autoridade, certamente, irá desgastar-se;
- e) não faça ameaças ou promessas que sabe, de antemão, não poder cumprir. Inicie com uma advertência e não tolere novas reincidências. Seja, porém, comedido e impessoal;
- f) procure identificar os agentes de indisciplina. Caso isso não seja possível, não permita nem exija que os outros o denunciem, pois você estará cultivando delatores. Conscientize a turma dos problemas e convide os infratores a se apresentar, voluntariamente, para um acordo e explicações após a aula;
- g) você não tem direito de ofender pessoalmente qualquer aluno com apelidos pejorativos ou indiretas sarcásticas, alusões a defeitos físicos ou insultos pessoais;
- h) procure distribuir responsabilidades. Dê a seus alunos encargos tanto dentro como fora da classe. O aluno se sentirá automaticamente responsável e passará a agir como tal;
- i) conserve a turma em constante atividade (física e mental). Se os alunos estiverem inativos, não estará havendo aula. Se perceber qualquer dispersão ou sinal de desinteresse de seus alunos pela aula, mude imediatamente de técnica;
- j) nunca entre na sala de aula sem ter planejado o trabalho do dia. O planejamento evitará improvisações improdutivas, indecisão por parte do professor, desperdício de tempo e não acarretará em indisciplina. Planejar é ser previdente e racional;
- k) seja um exemplo vivo daquilo que você quer de seus alunos: assiduidade, pontualidade, correção no trajar e agir, boas maneiras, delicadeza para com os outros, etc.;




- l) procure saber muito bem a matéria que vai transmitir e sobretudo acredite nela. Tenha claro os objetivos a atingir e não exija que seus alunos façam algo que nem você sabe o que é.

ANEXO 8- FICHAS DE MATRÍCULA DE ALUNOS (1981)

1981

FICHA DE MATRÍCULA

CINTE INFANTIL - JARDIM DE INFÂNCIA




NOME DA CRIANÇA Luciana Aparecida Kusch
 ENDEREÇO R. Alfredo Sardenha, 2
 CIDADE Itaboraí ESTADO Rio de Janeiro FONE 442 1552
 DATA DE NASCIMENTO 20/12/74 IDADE 4
 NOME DO PAI Carvalho Oliveira Kusch PROFISSÃO Soldado
 NOME DA MÃE Marina Lima Kusch PROFISSÃO de casa
 A MÃE TRABALHA FORA? nao EM QUE HORÁRIOS _____
 NOME DOS IRMÃOS Carolina Kusch Kusch DATA DE NAS 31/11/74
Kelly Christiane Kusch 21/3/72
Carolina Kusch Junior 19/12/73

EM QUE A CRIANÇA OCUPA A MAIOR PARTE DO SEU TEMPO EM CASA? _____
Residência da família
 A CRIANÇA TEM ALGUM PROBLEMA DE SAÚDE? nao
 OBSERVAÇÕES: _____
Aluna com a mãe Maria Clara Oliveira

a)

FICHA DE MATRÍCULA

CINTE INFANTIL - JARDIM DE INFÂNCIA



F O T O


NOME DA CRIANÇA Adriano Silva Moraes
 ENDEREÇO Rua C. Gomes Calmon, 120
 CIDADE Itaboraí ESTADO Rio de Janeiro FONE _____
 DATA DE NASCIMENTO 14/11/75 IDADE 5 anos
 NOME DO PAI Adriano de Oliveira Moraes PROFISSÃO Jornalista
 NOME DA MÃE Leandra de Moura Moraes PROFISSÃO de casa
 A MÃE TRABALHA FORA? _____ EM QUE HORÁRIOS _____
 NOME DOS IRMÃOS _____ DATA DE NAS _____

EM QUE A CRIANÇA OCUPA A MAIOR PARTE DO SEU TEMPO EM CASA? _____
Jornalístico e jornalismo
 A CRIANÇA TEM ALGUM PROBLEMA DE SAÚDE? nenhuma
 OBSERVAÇÕES: _____

b)

FICHA DE MATRÍCULA

CINTE INFANTIL - JARDIM DE INFÂNCIA




NOME DA CRIANÇA Adriana de Jesus Mendes
 ENDEREÇO Rua do Operário, 51
 CIDADE Itaboraí ESTADO Rio de Janeiro FONE _____
 DATA DE NASCIMENTO 10/12/74 IDADE 3
 NOME DO PAI Roberto Aparecido Mendes PROFISSÃO Indústria
 NOME DA MÃE Luci de Jesus PROFISSÃO de casa
 A MÃE TRABALHA FORA? nao EM QUE HORÁRIOS _____
 NOME DOS IRMÃOS Renata DATA DE NAS 6/10/74

EM QUE A CRIANÇA OCUPA A MAIOR PARTE DO SEU TEMPO EM CASA? _____
residência da família
 A CRIANÇA TEM ALGUM PROBLEMA DE SAÚDE? _____
 OBSERVAÇÕES: _____

c)

FICHA DE MATRÍCULA

CINTE INFANTIL - JARDIM DE INFÂNCIA




NOME DA CRIANÇA David Anderson Gonçalves
 ENDEREÇO Rua 25 de Janeiro, 95
 CIDADE Itaboraí ESTADO Rio de Janeiro FONE 442 4140
 DATA DE NASCIMENTO 30/12/74 IDADE 4
 NOME DO PAI Roberto Gonçalves PROFISSÃO Comércio
 NOME DA MÃE Adriana Anderson Gonçalves PROFISSÃO de casa
 A MÃE TRABALHA FORA? nao EM QUE HORÁRIOS _____
 NOME DOS IRMÃOS David DATA DE NAS 03/12/72

EM QUE A CRIANÇA OCUPA A MAIOR PARTE DO SEU TEMPO EM CASA? _____
Jornalístico e jornalismo
 A CRIANÇA TEM ALGUM PROBLEMA DE SAÚDE? nao
 OBSERVAÇÕES: _____

d)

FICHA DE MATRÍCULA

CINTE INFANTIL - JARDIM DE INFÂNCIA



NOME DA CRIANÇA Jedá Carolina de Lima
 ENDEREÇO Rua Manoel de Aguiar, 54
 CIDADE Monte Carmo ESTADO Paraná FONE _____
 DATA DE NASCIMENTO 4/11/1966 IDADE 4
 NOME DO PAI Yvo da Cunha de Lima PROFISSÃO empresário
 NOME DA MÃE Rosângela Martins de Lima PROFISSÃO de lar
 A MÃE TRABALHA FORA? nao EM QUE HORÁRIOS _____
 NOME DOS IRMÃOS _____ DATA DE NAS _____

EM QUE A CRIANÇA OCUPA A MAIOR PARTE DO SEU TEMPO EM CASA?
Brincando de boneca


A CRIANÇA TEM ALGUM PROBLEMA DE SAÚDE _____

OBSERVAÇÕES: _____

e)

FICHA DE MATRÍCULA

CINTE INFANTIL - JARDIM DE INFÂNCIA



NOME DA CRIANÇA Felipe Luciano de Lima
 ENDEREÇO Rua Manoel de Aguiar, 54
 CIDADE Monte Carmo ESTADO Paraná FONE _____
 DATA DE NASCIMENTO 20/10/1975 IDADE 6
 NOME DO PAI Ronaldo Ferreira de Lima PROFISSÃO empresário
 NOME DA MÃE Rosângela Martins de Lima PROFISSÃO de lar
 A MÃE TRABALHA FORA? nao EM QUE HORÁRIOS _____
 NOME DOS IRMÃOS Franco DATA DE NAS _____
Guilherme _____
Lucas _____
Jedá _____

EM QUE A CRIANÇA OCUPA A MAIOR PARTE DO SEU TEMPO EM CASA?
Brincando com o computador

A CRIANÇA TEM ALGUM PROBLEMA DE SAÚDE _____

OBSERVAÇÕES: _____

f)

FICHA DE MATRÍCULA

CINTE INFANTIL - JARDIM DE INFÂNCIA

FOTO

NOME DA CRIANÇA Adriana Corcio
 ENDEREÇO Rua Yvelin Aguiar (Barrochava)
 CIDADE Monte Carmo ESTADO Paraná FONE 7421445
 DATA DE NASCIMENTO 6/5/1966 IDADE 4
 NOME DO PAI Osvaldo Corcio PROFISSÃO Medico
 NOME DA MÃE Elvira Corcio PROFISSÃO de lar
 A MÃE TRABALHA FORA? nao EM QUE HORÁRIOS _____
 NOME DOS IRMÃOS Suzanna DATA DE NAS 5/12/1960

EM QUE A CRIANÇA OCUPA A MAIOR PARTE DO SEU TEMPO EM CASA?
Brincando e lendo

A CRIANÇA TEM ALGUM PROBLEMA DE SAÚDE _____

OBSERVAÇÕES: _____

g)

FICHA DE MATRÍCULA

CINTE INFANTIL - JARDIM DE INFÂNCIA

FOTO

NOME DA CRIANÇA Fabiano Wilson de Lima
 ENDEREÇO _____
 CIDADE Monte Carmo ESTADO Pa FONE _____
 DATA DE NASCIMENTO 2/10/1975 IDADE 6
 NOME DO PAI Samuel Adriano de Lima PROFISSÃO _____
 NOME DA MÃE Rosângela PROFISSÃO _____
 A MÃE TRABALHA FORA? _____ EM QUE HORÁRIOS _____
 NOME DOS IRMÃOS _____ DATA DE NAS _____

EM QUE A CRIANÇA OCUPA A MAIOR PARTE DO SEU TEMPO EM CASA?

A CRIANÇA TEM ALGUM PROBLEMA DE SAÚDE _____

OBSERVAÇÕES: _____

h)

FICHA DE MATRÍCULA

CIDADE INFANTIL - JARDIM DE INFÂNCIA

FOTO

NOME DA CRIANÇA Wanda de Oliveira Machado

ENDEREÇO _____

CIDADE Quilombo ESTADO Rio de Janeiro FONE _____

DATA DE NASCIMENTO 24/10/75 IDADE 5

NOME DO PAI Manoel de Oliveira Capela PROFISSÃO Assessor

NOME DA MÃE Antonieta de Oliveira Machado PROFISSÃO Empregada

A MÃE TRABALHA FORA? _____ EM QUE HORÁRIOS _____

NOME DOS IRMÃOS Juliana de Oliveira DATA DE NAS _____

EM QUE A CRIANÇA OCUPA A MAIOR PARTE DO SEU TEMPO EM CASA? _____

A CRIANÇA TEM ALGUM PROBLEMA DE SAÚDE nenhuma com orelha

OBSERVAÇÕES: _____

i)

j)

FICHA DE MATRÍCULA

CIDADE INFANTIL - JARDIM DE INFÂNCIA

FOTO

NOME DA CRIANÇA Yara Baldo Caduco

ENDEREÇO Rua Orla do Sudoeste Duque de Caxias, 43

CIDADE Ilhabela ESTADO SP FONE _____

DATA DE NASCIMENTO 10/10/78 IDADE 3

NOME DO PAI João Osório Baldo Caduco PROFISSÃO Indústria

NOME DA MÃE Cláudia Baldo Caduco PROFISSÃO Professora

A MÃE TRABALHA FORA? Sim EM QUE HORÁRIOS de manhã

NOME DOS IRMÃOS Yara Baldo Caduco DATA DE NAS 10/2/81


EM QUE A CRIANÇA OCUPA A MAIOR PARTE DO SEU TEMPO EM CASA? _____

A CRIANÇA TEM ALGUM PROBLEMA DE SAÚDE Resaca com orelha, febre, sarampo

OBSERVAÇÕES: _____

FICHA DE MATRÍCULA

CIDADE INFANTIL - JARDIM DE INFÂNCIA



NOME DA CRIANÇA Wanda de Oliveira Machado

ENDEREÇO R. Dona Sílvia de Oliveira, 100

CIDADE Quilombo ESTADO Rio de Janeiro FONE 777-1473

DATA DE NASCIMENTO 20/11/74 IDADE 4

NOME DO PAI Osvaldo de Oliveira PROFISSÃO Indústria

NOME DA MÃE Maria de Oliveira PROFISSÃO Assessor

A MÃE TRABALHA FORA? Sim EM QUE HORÁRIOS _____

NOME DOS IRMÃOS Wanda de Oliveira DATA DE NAS 10/10/74

EM QUE A CRIANÇA OCUPA A MAIOR PARTE DO SEU TEMPO EM CASA? _____

A CRIANÇA TEM ALGUM PROBLEMA DE SAÚDE nenhuma com orelha


OBSERVAÇÕES: _____

k)

l)

FICHA DE MATRÍCULA

CIDADE INFANTIL - JARDIM DE INFÂNCIA



NOME DA CRIANÇA Wanda de Oliveira Machado

ENDEREÇO Rua D. Pedro II, 350

CIDADE Ilhabela ESTADO Rio de Janeiro FONE _____

DATA DE NASCIMENTO 28/10/76 IDADE 5

NOME DO PAI Osvaldo de Oliveira PROFISSÃO Assessor

NOME DA MÃE Maria de Oliveira PROFISSÃO Assessor

A MÃE TRABALHA FORA? Sim EM QUE HORÁRIOS manhã

NOME DOS IRMÃOS _____ DATA DE NAS _____

EM QUE A CRIANÇA OCUPA A MAIOR PARTE DO SEU TEMPO EM CASA? _____

A CRIANÇA TEM ALGUM PROBLEMA DE SAÚDE _____

OBSERVAÇÕES: _____

FICHA DE MATRICULA

25/11/84

CIDRIS INFANTIL - JARDIM DE INFANCIA

FOTO

NOME DA CRIANÇA Miranda V. Guapil de Nascimento

ENDERECO Rua P. Pedro II, 111

CIDADE Aracaju ESTADO Bras. FONE _____

DATA DE NASCIMENTO 18/12/78 IDADE 3

NOME DO PAI José Manoel de Nascimento PROFISSÃO Industria

A MÃE TRABALHA FORA? _____ EM QUE HORÁRIOS _____

NOME DOS IRMÃOS Kati DATA DE NAS. 10/4/74
Kati 7/4/75

EM QUE A CRIANÇA OCUPA A MAIOR PARTE DO SEU TEMPO EM CASA? _____

A CRIANÇA TEM ALGUM PROBLEMA DE SAÚDE Não

OBSERVAÇÕES: _____

m)

FICHA DE MATRICULA

CIDRIS INFANTIL - JARDIM DE INFANCIA

FOTO

NOME DA CRIANÇA Maria Cristina

ENDERECO Rua Tupy, 22, Blo. H, 0

CIDADE Aracaju ESTADO Bras. FONE _____

DATA DE NASCIMENTO 29/11/77 IDADE 4

NOME DO PAI Idalberto Santos (mae. B.) PROFISSÃO Industria

NOME DA MÃE Francisca Cândida Magalhães PROFISSÃO do lar

A MÃE TRABALHA FORA? sim EM QUE HORÁRIOS _____

NOME DOS IRMÃOS Roberto DATA DE NAS. 11/10/78

EM QUE A CRIANÇA OCUPA A MAIOR PARTE DO SEU TEMPO EM CASA? _____

A CRIANÇA TEM ALGUM PROBLEMA DE SAÚDE nao

OBSERVAÇÕES: _____

n)

ANEXO 9- COMUNICADO SOBRE VISITA BENEFICIENTE DOS ALUNOS DE ENSINO MÉDIO

**Colégio Graciosa***Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio**"Ensina a criança no caminho em que deve andar..." Pv 22:6a*

COMUNICADO**18/09/2009**

Srs. Pais:

No dia 23/09 (quarta-feira), os alunos da 3ª série do Ensino Médio farão uma visita ao lar de idosos "Associação Lar Evangélico de Assistência ao Idoso" no bairro Santa Cândida, em Curitiba.

Como este lar é uma entidade assistencial, os alunos estarão arrecadando doações. Para isto, pedimos sua colaboração de contribuir com 1kg de alimento "não perecível" ou 1 (uma) caixa de leite.

Desde já agradecemos sua participação!

Atenciosamente,

A Direção